



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

ROSANA CARVALHO DA SILVA GHIGNATTI

**EÇA DE QUEIRÓS E A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM NO
MÉDIO ORIENTE**

Salvador

2023

ROSANA CARVALHO DA SILVA GHIGNATTI

**EÇA DE QUEIRÓS E A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM NO
MÉDIO ORIENTE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção do título de Doutora em Literatura e Cultura.

Área de Concentração: Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz

Salvador

2023

ROSANA CARVALHO DA SILVA GHIGNATTI

**EÇA DE QUEIRÓS E A PERCEÇÃO DA PAISAGEM NO
MÉDIO ORIENTE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção do título de Doutora em Literatura e Cultura.

Área de Concentração: Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz

Salvador, 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

Prof. Dr. José Roberto de Andrade (IFBA)

Prof.^a Dr.^a Mirella Márcia Longo Vieira Lima (UFBA)

Prof.^a Dr.^a Nancy Rita Ferreira Vieira (UFBA)

A meus filhos, Diego e Clarissa, recursos terapêuticos para tempos difíceis;

A meus mestres, Márcio Muniz, Márcia Manir e José Roberto de Andrade,
condutores seguros pela História, Geografia e Literatura.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder, nesta existência, a oportunidade de estudar;

À CAPES, que, por meio do permanente apoio aos programas de pós-graduação brasileiros, possibilitou-me cursar e concluir minha dupla formação, com alta qualidade e gratuitamente;

Ao professor Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz, por me aceitar como sua orientanda tanto no Mestrado quanto no Doutorado, com Eça de Queirós sempre presente;

À professora Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa, por me fazer conhecer o diálogo profícuo entre Literatura e Geografia Humanista Cultural, e por apresentar-se sempre solícita em indicações de referências sobre a parte teórica desta tese;

Ao professor Dr. José Roberto de Andrade, pelas referências valiosas durante a banca de qualificação;

Aos meus pais, Renato e Lêda, por me darem condições afetivas, espirituais e materiais para a consolidação dos meus sonhos acadêmicos;

Ao meu esposo Rodrigo, por sempre entender as minhas ausências e renúncias ao “mundo lá fora”;

As minhas irmãs Renata e Roberta, por também compreenderem que os livros são alimentos para a minha alma;

A Edinage Carneiro da Silva (Naná), minha irmã de caminhada acadêmica, amiga de todas as horas e revisora desta tese, minha gratidão a você não tem limites;

A Sílvia Reis, meu ex-orientando e hoje amigo sincero e prestativo, que formata com muito prazer os meus trabalhos acadêmicos;

A Rone, minha querida amiga, que cuidou de Clarissa nesses últimos três anos para que eu me dedicasse a esta pesquisa;

A Valmir Carvalho, presidente do Centro Espírita Jesus Nosso Mestre, por ceder o espaço acolhedor e repleto de energias positivas, para que eu estudasse tranquilamente;

A meu inesquecível amigo João da Anunciação Barbosa (*in memoriam*), pela possibilidade de vivenciar o Espiritismo, base espiritual, filosófica e moral que mantém o meu equilíbrio.

RESUMO

A presente tese tem por objetivo estudar as Narrativas de viagem (*O Egito, A Palestina e Alta Síria*) e o romance *A relíquia*, do escritor português José Maria Eça de Queirós (1845-1900), a partir da perspectiva da Geografia Humanista Cultural. Através da revisão bibliográfica e do método comparado, o trabalho interage com diversas disciplinas como Literatura, Geografia e História, demonstrando que a interdisciplinaridade constitui um dos muitos pilares da escrita queirosiana. A nossa questão volta-se para o olhar do escritor sobre o Médio Oriente e como aquela experiência de viagem trouxe impactos para as suas futuras obras, tanto para os artigos jornalísticos (“Os ingleses no Egito” e “De Port-Said a Suez: carta sobre a inauguração do Canal de Suez”), quanto ficcionais, como os contos (“Suave Milagre” e “A morte de Jesus”) e o romance *A relíquia*. Investiga-se ainda como o gênero narrativa de viagem abarca interesses específicos de acordo com o contexto histórico e como Eça de Queirós interpretou o estrangeiro a partir de suas leituras orientalistas e de sua própria experiência *in loco*.

PALAVRAS-CHAVE: Eça de Queirós; Narrativas de viagem; *A relíquia*; Paisagem; Geografia Humanista Cultural.

ABSTRACT

This thesis aims to study the Travel Narratives (Egypt, Palestine and Upper Syria) and the novel *A relíquia*, by the Portuguese writer José Maria Eça de Queirós (1845-1900), from the perspective of Cultural Humanist Geography. Through the bibliographic review and the comparative method, the work interacts with several disciplines such as Literature, Geography and History, demonstrating that interdisciplinarity is one of the many pillars of Queirós' writing. Our question turns to the writer's view of the Middle East and how that travel experience brought impacts to his future works, both for journalistic articles ("*Os ingleses no Egito*" and "*De Port-Said a Suez: carta sobre a inauguração do Canal de Suez*"), as well as fiction, such as the short stories ("*Suave Milagre*" and "*A morte de Jesus*") and the novel *A relíquia*. It also investigates how the travel narrative genre encompasses specific interests according to the historical context and how Eça de Queirós interpreted the foreigner based on his orientalist readings and his own experience *in loco*.

KEYWORDS: Eça de Queirós; Travel narratives; *A relíquia*; Landscape; Portuguese Literature; Cultural Humanist Geography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 LITERATURA E GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL: DIÁLOGOS E ENTRELAÇAMENTOS	17
1.1 IMAGENS POÉTICAS EM TORNO DO ESPAÇO	28
1.2 DESDOBRAMENTOS SOBRE ESPAÇO, LUGAR E PAISAGEM.....	34
2 O ORIENTALISMO E AS NARRATIVAS DE VIAGEM NO SÉCULO XIX	41
2.1 O EGITO NAS NARRATIVAS DE VIAGEM DE EÇA DE QUEIRÓS.....	50
2.2 O EGITO EM ARTIGOS JORNALÍSTICOS: PRENÚNCIOS DE UM ESCRITOR REALISTA	56
3 PERCEPÇÕES ACERCA DA PAISAGEM NAS NARRATIVAS DE VIAGEM QUEIROSIANAS	67
3.1 EGITO: “ <i>UM IMENSO CELEIRO E UM IMENSO SEPULCRO</i> ”, PAISAGENS DE VIDA E MORTE	68
3.1.1 “ <i>Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bizantina, onde estás tu?</i> ”: em busca das paisagens simbólicas	76
3.1.2 “ <i>É Paris, é Londres, é Nápoles, invadindo o velho Cairo</i> ”: paisagens ocidentalizadas.....	82
3.1.3. “ <i>A vida do Egito é o Nilo</i> ”: relação afetiva e simbólica em torno da paisagem	90
4 E A VIAGEM CONTINUA: DIÁLOGOS PAISAGÍSTICOS EM A <i>RELÍQUIA</i>	99
4.1 A PAISAGEM DA PALESTINA E DA ALTA SÍRIA A PARTIR DO EÇA VIAJANTE	104
4.2 A PAISAGEM ORIENTAL SOB O OLHAR DE TEODORICO RAPOSO.....	123
4.2.1 “ <i>Bruteza, segura, sordidez e entulho</i> ”: o (des)encanto com a paisagem	127
4.2.2 “ <i>Fica-te pocilga de Sião</i> ”: o desencanto com a viagem	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	154

INTRODUÇÃO

A pesquisa “Eça de Queirós e a percepção da paisagem no Médio Oriente” é um desdobramento e ampliação de minha dissertação de Mestrado, defendida na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em 2008. Orientada também pelo Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz, sob o título “Visões do Oriente em Eça de Queirós: uma análise comparatista entre os Relatos de viagem e *A relíquia*”, a dissertação abordou a viagem que Eça fez ao Egito, em meados de 1869, tendo como motivação principal a inauguração do Canal de Suez. Daquela viagem, o romancista colheu diversas informações sobre a cultura de algumas cidades orientais, como Alexandria e Cairo, além de abordar muitos assuntos voltados para a política imperialista que atingiu aqueles lugares, compondo um rico painel sobre a vida dos seus habitantes, como os felás, os mercadores, as mulheres, os paxás e toda uma sociedade densamente multicultural. A paisagem, por sua vez, não ficou alheia aos olhos de Eça, compondo assim um quadro vivo sobre a Geografia daquele lugar. *A relíquia* configura-se, em clave paródica, na viagem que Eça fez ao Egito, mas sob o viés da ironia, do riso e da desconstrução das idealizações míticas sobre o Oriente que o escritor alimentou na sua juventude. A partir da experiência da viagem, Eça publicou muitos textos que trouxeram o Médio Oriente como referência, podendo ser didaticamente classificados em artigos jornalísticos, ficcionais, hagiográficos, correspondências para amigos e familiares, contudo, suas Narrativas de viagem não foram publicadas:

Eça nunca publicou as notas de viagem, mas serviu-se dos apontamentos e das imagens que reteve de tão movimentados dias no Médio Oriente para construir os percursos de Teodorico Raposo (em *A relíquia*) e de Fradique Mendes, com uma nítida diferença: o primeiro retoma a par e passo os caminhos de Eça na sua viagem oriental, o segundo vai até os sítios onde o escritor não chegou (o Alto Egito). Reflexos da viagem queirosiana ficaram também nas *Lendas de Santos* (o eremita egípcio Santo Onofre), em *O Mandarin* Teodoro viaja de Alexandria a Tebas, Carlos da Maia irá até o “sagrado Nilo” (em *Os Maias*), e enfim, referências ao Egito pairam nas *Cartas de Inglaterra* e *Crônicas de Londres*. Acrescentemos que o mesmo percurso mediterrânico, a caminho de Alexandria, lhe oferece algumas linhas de *O mistério da estrada de Sintra*, graças à sua passagem pela ilha de Malta (ARAÚJO, 2000, p. 74).

As Narrativas de viagem¹, objeto de pesquisa desta tese, conforme assinalou Araújo, não foram publicadas pelo autor, cabendo a seus filhos a tarefa de compilar as anotações do

¹ Na presente pesquisa irei me referir às Narrativas de viagem com letra maiúscula toda vez que fizer alusão às três obras de Eça de Queirós: *O Egito*, *A Palestina* e *Alta Síria*.

escritor sobre o Egito. Mas algumas de suas obras ficcionais como *A relíquia* e alguns contos foram publicadas quando o autor estava vivo e fizeram referências à experiência de viagem do escritor, servindo-lhe de fiel fonte de inspiração e pesquisa para a confecção de escritos posteriores. Nossa primeira pesquisa sobre as Narrativas de viagem de Eça de Queirós deu-se durante o Mestrado, quando problematizamos algumas questões inerentes ao Oriente Médio, como as complexas relações dos países europeus com o Egito. Eça, ainda um incipiente jornalista com apenas 23 anos de idade em 1869, observando todo aquele sistema de exploração, desmandos políticos e abusos de toda a sorte contra a classe marginalizada do país, pôde captar e colocar em suas pequenas anotações de bolso tudo o que assimilava. Além de apontarmos que a escrita queirosiana já sinalizava o pendor crítico, irônico e realista do escritor (REIS, 2005; SIMÕES, 1973), mesmo na condição de textos inacabados, pudemos ainda fazer uma análise comparada entre suas Narrativas de viagem e o romance *A relíquia*, visto que o personagem principal desta obra refez os passos de Eça de Queirós pelo Egito, Alta Síria e Palestina.

Uma década após a defesa da dissertação de Mestrado, amadurecemos a nossa percepção crítica sobre as Narrativas de viagem queirosianas, com outra perspectiva teórica e analítica: a relação da Literatura com a Geografia Humanista Cultural. Assim, as relações interdisciplinares entre estes dois campos de conhecimentos sustentam esta pesquisa que tem como objetivo apresentar algumas abordagens conceituais e teóricas, contextualizando o florescimento da Geografia e sua relação com o Humanismo. A virada nos estudos geográficos, a partir da década de 1970, fez florescer novas possibilidades de interpretação e análise em torno da paisagem, categoria geográfica que nos interessa, apresentando pesquisadores que a ressignificaram frente a novas linhas de conhecimento.

Nesse sentido, a disciplina Geografia abre espaço para análises mais subjetivas em torno da paisagem, privilegiando seus aspectos simbólicos, míticos e memorialísticos. É através deste avanço que podemos observar a relação entre os estudos geográficos e literários, na medida em que ambos podem ser estudados a partir de uma perspectiva mais aberta, levando em conta a construção da subjetividade em suas conexões com a identidade, a memória e o imaginário. Para embasar essa relação, analisamos brevemente a contribuição de alguns precursores da Geografia Humanista. Assim, a seção intitulada “Literatura e Geografia Humanista Cultural: diálogos e entrelaçamentos” procurou enfatizar que, além da descrição física da paisagem, coexiste a presença da emoção vivenciada pelo sujeito que a observa, refletida ainda numa linguagem subjetiva a depender do ponto de vista do observador em torno do que analisa. Nesse sentido, a contribuição de geógrafos humanistas foi importante para a abordagem da Fenomenologia, da Geograficidade e da Geosofia, campos conceituais que se complementam

na medida em que pensam o mundo a partir do homem e suas complexas experiências. É no entrelaçamento de visões de mundo que a Literatura mantém profícua relação com os estudos geográficos humanistas:

Todas as ciências devem ser sábias, mas nem toda sabedoria pode ser rigorosamente científica. Além disso, a sabedoria envolve não apenas as ciências naturais e os estudos sociais, mas também as humanidades – as artes e as letras – investiga não menos do mundo da experiência subjetiva e expressão imaginativa do que sobre a realidade externa. As terrae incognitae da periferia contém campo fértil esperando cultivo com as ferramentas e com o espírito das humanidades (WRIGHT, 2014, p. 17).

John K. Wright propôs um amplo diálogo entre a Geografia e outros campos de conhecimento, tendo como apoio a consolidação de uma ciência que não ficasse restrita apenas à análise e descrição física do ambiente, buscando como principal objetivo “[...] um projeto de ciência que abarcasse os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático.” (HOLZER, 2012, p. 166). É através deste amplo diálogo com várias disciplinas e meios de observação que podemos estudar as Narrativas de viagem e o romance *A relíquia* de Eça de Queirós a partir da proposta da Geografia Humanista Cultural.

Nas subseções “Imagens poéticas em torno do espaço” e “Desdobramentos sobre espaço, lugar e paisagem” discutimos como as Narrativas de viagem queirosianas se relacionam com conceitos geográficos - ressignificados e atualizados por Eric Dardel (2015), Gaston Bachelard (2008), Edward Relph (2014), Yi-Fu Tuan (2012; 2013) e Anne Buttimer (2021). Acreditamos que a contribuição destes cinco pesquisadores foi “peça chave” para observarmos a análise que Eça de Queirós fez da paisagem oriental, em seus múltiplos aspectos: análise de costumes, presença humana, diversidade cultural, étnica e religiosa, clima, arquitetura e uma multiplicidade de temas políticos e sociais que não ficaram esquecidos pela verve satírica do escritor português. Recorremos também aos geógrafos humanistas brasileiros Wherter Holzer, Livia de Oliveira e Eduardo Marandola Jr., por acreditarmos que, sem o apoio analítico destes pesquisadores em torno de conceitos geográficos essenciais não seria possível esta pesquisa. Ainda nestas subseções referimos duas estudiosas do campo da Literatura e sua relação com os estudos geográficos, especificamente em torno da paisagem: Ida Alves e Márcia Feitosa, que, a partir da organização e publicação da obra *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos* (2010), deram um impulso decisivo para que novas pesquisas sobre a Geografia Humanista Cultural nos cursos de Letras avançassem. Nesse sentido a presente tese busca inovar ao trazer

Narrativas de viagem do século XIX para o cerne das discussões geográficas atuais, tendo a cultura, a política, a religião e outros temas problematizados por Eça de Queirós, como reflexões para o nosso amadurecimento crítico.

A segunda seção, “O Orientalismo e as narrativas de viagem no século XIX”, apresenta um breve panorama da relação que os europeus, notadamente ingleses e franceses, mantiveram com o Egito no século XIX. Para embasar teoricamente a nossa visão sobre a questão do Orientalismo, utilizamos a pesquisa de alguns estudiosos que se voltaram para essa temática, como Edward Said (1990; 2007); Eric Hobsbawm (1998) e Homi Bhabha (1998). Eça de Queirós, não desconhecendo aquele intrincado jogo de poder, também fez constantes alusões aos interesses políticos e econômicos do Ocidente para com o Oriente e as obras publicadas pelos autores acima referidos tornaram-se importantes para se pensar questões como alteridade, representação e cultura.

Como o escopo desta pesquisa é tratar das Narrativas de viagem queirosianas, também enveredamos por alguns conceitos deste gênero textual, considerado extremamente híbrido, ao tempo que remonta ao século XVI, quando os primeiros cronistas e viajantes, durante a expansão marítima ibérica, valeram-se deste tipo de escrita para registrar e propagar suas experiências em novos continentes. Enfatizamos ainda que foi no s. XIX que a publicação de narrativas de viagem se tornou muito comum, haja vista que, com o grande impulso dos meios de comunicação e transporte, como a expansão das linhas férreas e o surgimento das embarcações a vapor, muitas viagens foram facilitadas, inclusive para lugares ainda considerados distantes e “exóticos”, a exemplo do Egito. Desta forma, quem possuía condições para se deslocar e enveredar para outras culturas, sentia também a necessidade de relatar, contar seus feitos de viagem, propagar suas aventuras.

Na subseção “O Egito nas Narrativas de viagem de Eça de Queirós” esclarecemos os motivos da presença de Eça no Egito, além de destacarmos algumas peculiaridades das suas Narrativas de viagem: anotações “descobertas” por seus filhos, após a morte do escritor, que trouxeram algumas dificuldades em sua compilação, a exemplo da letra pequena, um tanto ilegível e períodos truncados e incompletos. Mas, diante de um quadro vivo sobre a cultura e a paisagem orientais, seus filhos não hesitaram em publicar aquelas Narrativas, oferecendo ao leitor as “curiosidades clássicas²” de um país que sempre preencheu o imaginário de muitos escritores do s. XIX. Neste momento da tese, fez-se necessária a compreensão das condições de publicação das Narrativas de viagem de Eça de Queirós, primeiro por seu filho José Maria

² Eça fazia referências a “curiosidades clássicas a examinar” no Egito elementos como: mesquitas, pirâmides, museus, universidades, danças, rituais, o rio Nilo, bazares, dromedários, a vida do felá, etc.

d'Eça de Queiroz com o título *O Egypto. Notas de viagem* (1926). Posteriormente foram recolhidas outras narrativas de Eça, referentes a suas anotações na Palestina e Alta Síria, recebendo assim o título de *Folhas soltas*, publicadas por sua filha Maria Eça de Queiroz de Castro, em 1966. Os problemas na publicação apressada desses escritos de viagem foram apontados pelo professor Carlos Reis e complementados por Ceila Martins, responsável pela Edição Crítica desses escritos, prevista para 2023. Ambos reafirmam a necessidade de se fazer um longo e minucioso trabalho voltado para a crítica genética, no sentido de dirimir “intromissões” de terceiros nos manuscritos ecianos, comprometendo assim o conteúdo da obra.

Ainda nesta subseção, analisamos, mesmo que brevemente, um texto hagiográfico do escritor, intitulado “Santo Onofre”, e dois contos que fazem referência direta ao Médio Oriente: “Suave milagre” e “A morte de Jesus”. A escolha destes três textos justifica-se pela presença da paisagem oriental, principalmente dos lugares em que Eça esteve em 1869, além da temática religiosa, que se fará presente na maior parte do romance *A relíquia*. Duas obras ficcionais que fizeram alusão ao Oriente também se tornaram alvo de breves comentários. Trata-se de *A correspondência de Fradique Mendes* e *O mandarim*, nos quais seus respectivos personagens fazem alusão a alguns lugares em que Eça de Queirós esteve, como Alexandria, Jerusalém e o Cairo, e problematizam questões de ordem social, econômica e geográfica, especificamente tendo o tema da paisagem como reflexão.

Na última subseção “O Egito em artigos jornalísticos: prenúncios de um escritor realista”, fizemos um estudo analítico de dois artigos de Eça de Queirós, publicados no *Diário de Notícias* de Lisboa e na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Desta forma, ao analisar “Os ingleses no Egito” e “De Port-Said a Suez: carta sobre a inauguração do canal de Suez”, demonstramos como estes dois extensos artigos foram frutos da experiência de viagem do escritor naquele país. Também compartilhamos da ideia de que a viagem de Eça ao Egito constituiu uma experiência fundamental para que ele se tornasse o famoso escritor realista, pois as observações que fez sobre alguns segmentos sociais, como a sofrida vida do felá, por exemplo, o impulsionaram para um amadurecimento analítico sobre a sociedade do seu tempo. A linguagem permeada de alusões críticas, a ironia, a escrita objetiva, pontual, já estavam em vias de maturação naqueles escritos jornalísticos. Aliado a isso, observamos que a presença humana, juntamente com a análise da paisagem -, fizeram parte tanto dos artigos jornalísticos sobre o Egito, quanto de suas próprias Narrativas de viagem. E, para fundamentar nossa hipótese de que Eça de Queirós já estava desenvolvendo uma escrita realista durante sua estada no Egito, apoiamo-nos em dois renomados queirosianos: Carlos Reis (1999) e João Gaspar Simões (1973). Para a análise dos artigos jornalísticos embasamos as interpretações nos estudos

de Elza Miné (1986; 2000) e Beatriz Berrini (1997), que já sinalizavam o pendor jornalístico de Eça através da utilização de técnicas que aliavam objetividade, na escolha de assuntos do cotidiano, como também imaginação, ao tratar de temas mais subjetivos de sua esfera de observação.

É a partir da terceira seção que enveredamos pela análise que Eça de Queirós fez em torno da paisagem no Médio Oriente e suas conexões com a Geografia Humanista Cultural. Intitulada “Percepções acerca da paisagem nas Narrativas de viagem queirosianas”, partimos da ideia de que a perspectiva da experiência em torno da paisagem apresentada para o viajante pode desencadear várias interpretações e sensações, considerando-se, às vezes, como um verdadeiro “evento”, “mais do que um objeto colocado diante do sujeito” (BESSE, 2006, p. 88). Na sua rica experiência de viagem ao Egito, Eça de Queirós se deparou com várias situações que acionaram sua bagagem de homem burguês e ocidental. O olhar sobre o Outro, na sua complexidade sociocultural, fez com que nosso autor emitisse opiniões várias a respeito da arquitetura, dos costumes, dos templos religiosos e também sobre a paisagem, tema que ocupa grande parte de suas Narrativas de viagem, como também do romance *A relíquia*.

Na subseção “Egito: ‘um imenso celeiro e um imenso sepulcro’³, paisagens de vida e morte”, analisamos detalhadamente a impressão que Eça de Queirós revelou ao entrar em contato com a paisagem oriental. Para tanto, fizemos um recorte em suas Narrativas de viagem, privilegiando três lugares em que, a nosso ver, o escritor se deteve mais demoradamente: Alexandria, porta de entrada para o Egito; Cairo, a cidade multicultural que encheu os olhos do romancista, e por fim, o Rio Nilo, com a sua paisagem exuberante e inesquecível. Esses três lugares compõem um rico painel de imagens sociais, culturais e políticas nos quais Eça de Queirós, com sua inconfundível linguagem, consegue captar. Ao discorrer sobre o Cairo, por exemplo, o romancista português problematiza questões voltadas para a intervenção humana na paisagem, respondendo muitas vezes por sua degradação. Os estudos de Collot (2012) como também os de Dardel (2015) foram importantes durante essa análise, na medida em que ambos compartilham a ideia de que o desenvolvimento da paisagem acompanha a história da civilização. Assim, é perceptível que Eça problematiza a decadência da cidade do Cairo, com suas casas em ruínas e sua gente passando por muitas privações, apontando-as como consequência do egoísmo de seus antigos governantes, ou, em outro contexto, denunciando a construção do Canal de Suez, que ceifou muitas vidas e trouxe consequências funestas para o meio ambiente local.

³ Aproprio-me, nas segunda e terceira seções, de algumas frases de Eça de Queirós presentes no livro *O Egito* para nomeá-las.

Abordamos, ainda nesta seção, algumas especificidades da visão orientalista de Eça pois, imbuído de leituras míticas em torno do Egito, nosso escritor transita entre duas realidades: uma idealizada, alimentada por imagens de um passado resplandecente, e outra mais real, embasada na desconstrução mítica, quando se depara com arquiteturas devastadas, pobreza nas ruas e desolação. Escritores que também fizeram o mesmo percurso de Eça de Queirós ao Oriente, como Gustave Flaubert (1821-1880) e Gerard de Nerval (1808-1855), foram fontes de inspiração para que Eça interpretasse aquela realidade, ao tempo em que emitiram e publicaram críticas sobre o meio social daquele lugar. Beatriz Berrini (1993/94) enfatiza que Eça de Queirós, assim como seus contemporâneos que viajaram para o Oriente, notadamente escritores franceses, levaram em sua bagagem cultural imagens de uma região repleta de conotações simbólicas, com resquícios de um passado glorioso e milenar. No entanto, ao se depararem com a triste realidade de algumas cidades históricas, parecem desconstruir o “*déjà vu*” que absorveram daquelas leituras orientalistas. Nesse sentido, as subseções “*Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bizantina, onde estás tu?*”: em busca das paisagens simbólicas” e “*É Paris, é Londres, é Nápoles, invadindo o velho Cairo*”: paisagens ocidentalizadas”; buscaram problematizar essa desconstrução que acometeu vários artistas daquela época. Nesse sentido, quando Eça procura pelas paisagens simbólicas em Alexandria, vai encontrar entulho e desolação; no Cairo, ciente que encontraria a riqueza da arquitetura milenar, decepciona-se com a ocidentalização que ocupou antigos espaços da cultura oriental. No entanto, é na referência que faz ao rio Nilo que observamos uma relação mais afetiva do escritor em torno da paisagem. Mesmo denunciando as péssimas condições de vida de seus moradores, a exemplo dos felás, o que prevalece na escrita sobre aquele lugar é uma linguagem mais terna, romantizada e ainda idealizada, fruto de suas constantes leituras em torno do passado egípcio, tema proposto na subseção “*A vida do Egito é o Nilo*”: relação afetiva e simbólica em torno da paisagem”.

Enfatizamos, assim, que as Narrativas de viagem queirosianas vão muito além de meras descrições sobre mesquitas, túmulos e pirâmides. A percepção do olhar queirosiano recai sobre a complexidade social do Egito, em segmentos múltiplos que variam desde a implantação do canal de Suez, com implicações nitidamente capitalistas, até a relação simbólica e afetiva que os felás mantinham com o Rio Nilo. Eça ainda denuncia a ocidentalização de paisagens consideradas milenares, enfatizando a perda gradual da essência mulçumana na arquitetura e nos hábitos daquelas pessoas, em detrimento de construções mais modernas e mercantis.

Por fim, na quarta e última seção, intitulada “E a viagem continua: diálogos paisagísticos com o romance *A relíquia*”, retomamos a nossa análise sobre a paisagem no Egito através de

outro olhar. Iremos percorrer, juntamente com o polêmico Teodorico Raposo, personagem do romance *A relíquia*, as paisagens desoladoras do Egito, da Palestina e da Alta Síria. Tendo em vista que o personagem tem um longo e minucioso sonho sobre a Paixão de Cristo, e que o cenário se passa na Palestina, resolvemos também ler e refletir sobre outros escritos de viagem deixados por Eça de Queirós: trata-se das *Folhas soltas*⁴, publicadas em 1966, que Beatriz Berrini resgata e publica em 1997 na edição da Nova Aguilar. A opção de leitura por estas Narrativas de viagem foi averiguar, em processo comparado, a análise que Eça de Queirós e Teodorico Raposo fizeram em torno da paisagem no Médio Oriente. Acreditamos, por fim, que no romance *A relíquia* existe um nítido diálogo intratextual entre as obras *O Egito*, *Alta Síria* e *Palestina*, dando enfoque a esta última para a composição da trajetória de Teodorico Raposo pela Terra Santa.

Avançando na pesquisa, esclarecemos o entrelaçamento das Narrativas de viagem de Eça de Queirós com o seu romance *A relíquia*, publicado pelo autor em 1887. Chamamos a atenção para o fato de que, de todos os romances, textos hagiográficos, contos e artigos jornalísticos escritos pelo autor d’*Os Maias*, a obra que mais densamente fez alusão ao Oriente foi *A Relíquia*, por isso a nossa opção em tratar desta obra em uma seção à parte. No início procuramos apresentar os motivos que levaram Teodorico Raposo ao Oriente, enfatizando que a religião constituiu um dos temas predominantes na narrativa. Desta forma, os lugares também selecionados pela sua tia, a D. Patrocínio das Neves (que financiou a viagem), deveria obviamente se relacionar aos lugares cristãos, simbolizados pelo catolicismo, como o Santo Sepulcro, o Gólgota, o Monte das Oliveiras, o Rio Jordão, dentre outros. Para fundamentar as nossas reflexões em torno de questões geográficas e religiosas, apoiamos-nos nos estudos de Zeny Rosendhal (1995), que problematiza questões em torno de lugares simbólicos e práticas religiosas, Yi-Fu Tuan (2013) e James Ducan (2004), que afirmam ser a paisagem permeada de complexidades simbólicas.

A subseção “A paisagem oriental sob olhar de Teodorico Raposo” apresenta análise do comportamento do personagem diante de alguns lugares do Egito e da Palestina. Ao fazer um contraponto com as análises do seu criador, Eça de Queirós, atentamos para algumas diferenças, como o comportamento totalmente debochado e indiferente de Teodorico em detrimento ao de

⁴ Assim como n’*O Egito*, as obras *Palestina* e *Alta Síria* também estão em condições de textos inacabados, necessitando também de uma cuidadosa revisão e posterior edição crítica. Neste momento da tese aprofundamos a questão ao tratar das condições de publicação destas obras coordenadas pelos professores Carlos Reis e Ceila Martins. Necessário frisar que Beatriz Berrini já havia feito algumas correções e transcrições, publicando-as nos volumes da *Obra completa de Eça de Queirós*, pela editora Nova Aguilar. Enquanto as edições críticas não ficaram prontas, resolvemos assim, durante a nossa pesquisa, utilizar da edição de Berrini em detrimento daquela publicação de 1966.

Eça, principalmente quando aquele refere-se à temática religiosa. A duplicidade do personagem, com o seu comportamento ambíguo, a ironia e o sarcasmo ao descrever lugares os quais ele deveria reverenciar, seguindo o conselho da sua tia, demonstram perspectivas diferentes entre o escritor e seu personagem. Todavia, em outros pontos da obra ficcional e das Narrativas de viagem, observamos uma certa cumplicidade entre ambos, principalmente quando nos é apontada a crítica social e a exposição da degradação da paisagem. Esta é analisada geralmente por Teodorico como árida, triste, desolada; em outros momentos como abundante, alegre, bela. Por isso as próximas subseções⁵ seguintes serem intituladas, respectivamente como “*Bruteza, segura, sordidez e entulho*”: o (des)encanto com a paisagem” e “*Fica-te, pocilga de Sião: o desencanto com a viagem*”. Esclarecemos que Teodorico Raposo, ao fazer a viagem ao Oriente com fins claramente religiosos, obedecendo à sua tia, não é considerado como um simples viajante em busca de novidades, mas como um peregrino imbuído de responsabilidades e tendo como promessa levar uma interessante relíquia para a senhora Patrocínio. Para embasar nossas hipóteses, apoiamo-nos em ensaios que tematizaram a questão acerca de viagem e peregrinação em seu sentido mais geral, com os estudos de Francisco Ferreira de Lima (2018), e, de uma forma mais específica voltada para o personagem Teodorico Raposo, recorremos às pesquisas de Beatriz Berrini (1993/94), que, além de afirmar que o personagem queirosiano foi um peregrino, também o considera como um memorialista.

Desta forma, a viagem pelas terras do Evangelho continuará nessa seção, mas através do olhar profundamente debochado do personagem Teodorico, amadurecido pelo escritor décadas após a sua viagem ao Oriente. Ao acompanhar o percurso de Teodorico Raposo, iremos perceber que a paisagem irá passar por uma intensa transformação. Cenas de lugares luminosos, canais exuberantes do Nilo, intensos adjetivos para captar tamanha beleza, expostos em *O Egito*, cederão espaço para uma escrita pautada na indiferença, constituindo assim objetivos opostos entre Eça, ainda jovem deslumbrado por algumas paisagens egípcias, e sua criatura Teodorico, indiferente à cultura e às paisagens orientais. A viagem de fato continuará, mas através da trama ficcional de um dos romances mais polêmicos da literatura portuguesa oitocentista

Sendo Eça de Queirós sujeito desta pesquisa, com sua obra atemporal e constantemente renovada por estudos interdisciplinares, acreditamos que estudar suas Narrativas de viagem em perspectiva comparada com o romance *A relíquia* e inserir esta análise no campo da Geografia Humanista Cultural, possa contribuir para novos contornos em sua já numerosa fortuna crítica.

⁵ Resgatei expressões do romance *A relíquia* para os títulos das subseções.

1 LITERATURA E GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL: DIÁLOGOS E ENTRELAÇAMENTOS

Por sua natureza plurissignificativa, a Literatura permite diálogo com várias áreas do conhecimento. A partir da década de 1970, presenciamos segundo Michel Collot, uma virada nos estudos da Geografia, que somaram a seus saberes mais propriamente científicos aspectos simbólicos, míticos e memorialísticos, despontando assim uma vertente dos estudos geográficos que analisa também a percepção do homem sobre o espaço habitado. É o que nos atesta Michel Collot ao sinalizar que:

O fortalecimento de uma geografia literária é inseparável da evolução das ciências humanas e sociais, as quais se mostram há cerca de cinquenta anos cada vez mais atentas à inscrição dos fatos que tocam ao homem e a sociedade no espaço. Pode-se falar a esse propósito de uma “virada espacial” ou “virada geográfica” (COLLOT, 2012, p. 18).

Em séculos anteriores o estudo da Geografia centrava-se em seu aspecto físico e estrutural em torno da espacialidade, com poucos vínculos em relação ao homem e à sociedade que habita. Seu fundamento básico era o Positivismo, ciência desenvolvida no século XIX que creditava ao método da observação a única ferramenta capaz de levar o conhecimento. Contudo, com o avanço sistemático das Ciências Humanas e Sociais, a disciplina passou a rever conceitos, voltando seu olhar também para aspectos antropológicos, priorizando as relações arquitetadas pelo homem sobre o espaço em que habita.

Inicialmente surgida no final da Segunda Guerra Mundial, a Geografia Humanista buscou extrapolar conceitos estritamente positivistas, alertando para a necessidade de se compreender a experiência humana em torno do espaço de forma mais sensível, envolvendo valores do cotidiano a partir da perspectiva da vivência e da experiência⁶.

Carl Sauer, John K. Wright, David Lowenthal, precursores do movimento, no anseio de buscar uma Geografia mais abrangente e humanista, que incluísse outros campos científicos,

⁶ No Brasil, o professor Werther Holzer, arquiteto e urbanista, com formação em Comunicação Social (cinema), professor da UFF (Niterói), mestre e doutor em Geografia (UFRJ, 1992 e USP, 1998) defendeu a sua dissertação de mestrado intitulada “A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990”. Décadas depois a pesquisa ganha publicação em livro, facilitando desta maneira o trabalho de outros geógrafos e profissionais de áreas afins no entendimento da história e do pensamento geográficos, acompanhando assim os seus postulados epistemológicos e “suas relações com as ciências sociais e a filosofia” (MARANDOLA JR. 2016, p. 10). O livro de Holzer, abrange uma vasta contextualização histórica de como se iniciou o movimento humanista na Geografia, priorizando aspectos necessários a sua concretização, na medida em que cita seus precursores com suas evidentes preocupações de ordem humanista, a exemplo da inserção da filosofia de base fenomenológica e existencialista.

preocuparam-se em respeitar a diversidade de temas e interesses que já estava sendo projetada naquela sociedade pós Segunda Guerra, enfatizando a importância da interdisciplinaridade, ao permitir que geógrafos também transitassem por outros campos do conhecimento, possibilitando assim novos diálogos e releituras para a área geográfica.

Holzer esclarece a existência de duas categorias distintas na Geografia: “uma área nuclear reduzida em que estão os estudos formais, e uma área periférica muito mais ampla. Essa área periférica inclui a geografia informal de trabalhos não científicos (livros de viagem, ficção, pinturas)” (HOLZER, 2016, p. 53). É nesta área periférica⁷ que se insere nosso trabalho com as Narrativas de viagem de Eça de Queirós, visto que, ao lançar seu olhar para a paisagem oriental, o romancista português imprime suas “concepções geograficamente subjetivas do mundo” (WRIGHT *apud* HOLZER, 2016, p. 53). Nesse sentido a filosofia existencialista e fenomenológica⁸ tornam-se a base do método epistemológico da Geografia Humanista Cultural, na medida em que cada indivíduo, a partir de suas experiências com o espaço que o cerca, imprime suas próprias percepções e sensações no objeto observado, acrescentando elementos artísticos e poéticos.

Em 1960 a obra de David Lowenthal⁹ acompanhou a consolidação da Geografia Humanista. Seguindo os passos do seu antecessor, John K. Wright, Lowenthal acrescenta novas leituras ao conceito de “geosofia”, enfatizando a conexão entre ciência e senso comum, afinal -, “qualquer um que examine o mundo em torno de si, de algum modo é um geógrafo” (LOWENTHAL *apud* HOLZER, 2016, p. 58). A busca constante pelo diálogo interdisciplinar também permeou a trajetória acadêmica do estudioso, que procurou na literatura, na antropologia e na psicologia referências basilares para o desenvolvimento de sua tese. Segundo Lowenthal, a experiência pessoal, bem como a imaginação e a memória, aliados ao conhecimento de mundo, aos trabalhos artísticos e poéticos, corroboram também para criação de nossas percepções acerca da paisagem, independente se a pessoa tem formação acadêmica na área geográfica ou não, pois, “[...] somos todos artistas e arquitetos paisagistas, criando

⁷ Ao preconizar a relação entre Geografia e Humanidades e o valor da subjetividade e do senso geográfico do homem comum, Holzer considerou o norte-americano John K. Wright como um dos principais precursores da Geografia Humanista. A criação da sua “geosofia” permitiu que outras pessoas não especificamente de formações geográficas adentrassem pelo conhecimento geográfico e, por meio de suas experiências cotidianas, enriquecessem dessa forma a Geografia.

⁸ Foi na década de 1970 que o geógrafo Edward Relph salientou a importância da fenomenologia como suporte filosófico para o estudo de aspectos subjetivos em torno da paisagem. Em outro momento desta seção iremos no deter melhor nos estudos deste pesquisador.

⁹ Nasceu em 1923, fez graduação em Harvard e pós-graduação nas universidades de Berkeley e Wisconsin (HOLZER, 2016).

ordem e organizando o espaço, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções” (LOWENTHAL *apud* HOLZER, 2016, p. 61).

Outra contribuição importante do Humanismo para os novos estudos geográficos está na inclusão de uma visão que se abre para novos postulados metodológicos e teóricos, mais preocupados com a experiência através dos sentimentos, da reflexão e da imaginação. Nesse sentido, ao fazer análise de obras literárias, observaremos um amplo leque de possibilidades temáticas e simbólicas que podem se relacionar com a vivência geográfica dos personagens com os espaços vividos, contribuindo assim para um diálogo rico entre a Arte e a Geografia.

E qual seria a relação do Humanismo com os estudos geográficos e literários? O último livro escrito por Edward Said, intitulado *Humanismo e crítica democrática*, procura demonstrar o papel do humanista, do intelectual e do escritor na contemporaneidade. Segundo Said, o verdadeiro intelectual deve apoiar os estudos e pesquisas em uma crítica aberta e democrática sobre política, cultura e sociedade além de manter o olhar voltado para culturas mais distantes e que sofreram de alguma forma períodos de exclusão e discriminação. O autor, nesse sentido, faz uma ampla defesa do multiculturalismo, fugindo assim de padrões excludentes e predominantemente ocidentais e eurocêntricos, pois “muito mais do que lutar, as culturas coexistem e interagem proveitosamente umas com as outras. É para essa ideia da cultura humanista como coexistência e partilha que estas páginas têm a contribuir” (SAID, 2007, p. 16).

Relacionando o Humanismo moderno de Said à Geografia Cultural, é perceptível a necessidade de nos debruçarmos sobre culturas diferentes, abarcando o estudo da paisagem oriental com o olhar dos escritores. Torna-se oportuno, desta maneira, alinhar a produção bibliográfica de Eça de Queirós, especificamente voltada para o Oriente, aos estudos de Said e de tantos outros teóricos da linha pós-colonial, pois, “segundo a perspectiva dos Estudos Culturais, tanto *O Egito* quanto as *Folhas soltas* são obras de valor autônomo que dialogam com outras e com a cultura, sendo importante para o entendimento do orientalismo no século XIX” (OLIVEIRA, 2001, p. 244).

No século XX, observou-se um crescente interesse dos geógrafos pela produção literária, em suas mais diversas vertentes, seja através de romances, contos, crônicas ou poesia. É no texto literário que o estudioso pode se debruçar sobre o espaço, especificamente sobre a paisagem, considerando que esta não se fecha, mas se amplia através da história, da cultura e da memória por meio de seus múltiplos sentidos.

Antes da denominada “virada geográfica”, Eric Dardel¹⁰ publicou um estudo em 1952, *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*, em que já preconizava a relação do homem com o espaço geográfico e, conseqüentemente, com suas implicações. Tratou-se de uma “reflexão filosófica voltada para a área interdisciplinar dos campos do conhecimento preocupados com a existência, o espaço e a relação Homem-Terra (sociedade-natureza)” (MARANDOLA JR, 2015, p. 13).

Dardel concebe uma categoria denominada geograficidade¹¹ que ultrapassa os limites da espacialidade física e contempla também as experiências que o indivíduo mantém com o ambiente em que mora. Outros pesquisadores desenvolveram importantes estudos sobre a relação do homem com o espaço geográfico, como Yi-Fu Tuan, Edward Relph e Anne Buttner. Esses pensadores do humanismo modernos, desenvolveram conceitos que estabelecem ligações com o “ser e estar” no mundo, tais como topofilia, topofobia, espacialidade, apinhamento, percepção e experiência e os clássicos conceitos geográficos como paisagem, espaço e lugar, como veremos à frente, no momento revistos e reatualizados.

Ocupando-se com o estudo das subjetividades, dos sentimentos e das experiências vivenciadas pelo homem, a Geografia Humanista Cultural, apresenta fronteiras teóricas e metodológicas que envolvem meio ambiente, paisagem, lugar e território, não implicando, necessariamente “somente no reconhecimento da realidade na sua materialidade, mas como técnica de *irrealização*, sobre a própria realidade” (DARDEL, 2015, p. 5, grifo do autor). O estudo interdisciplinar entre Geografia e Literatura contempla todo esse arcabouço epistemológico. Pelo seu grau de subjetividade, esse diálogo deve valorizar a percepção de mundo que cada sujeito possui diante do espaço habitado ou visitado, pois “a literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornece informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos” (TUAN, 2012, p. 78).

Exemplo desse diálogo interdisciplinar pode ser construído a partir da obra de Eça de Queirós, particularmente em suas Narrativas de viagem, e com reflexos em parte importante de seus romances e contos, nos quais encontramos um escritor dotado de grande cultura livresca sobre o Oriente e que teve um contato concreto com um lugar que o atraiu desde a juventude,

¹⁰ Geógrafo e professor francês, muitos estudiosos o consideram como um precursor da Geografia Humanista, na medida em que “ele conseguiu melhor do que ninguém associar a filosofia com a geografia, antecipando-se a muitas questões epistemológicas levantadas pelos humanistas” (BESSE *apud* HOLZER, 2016, p. 69). Devido à importância das pesquisas desenvolvidas por Eric Dardel no campo da fenomenologia geográfica, produziremos uma subseção específica neste trabalho, problematizando alguns conceitos sobre espaço, paisagem e lugar desenvolvidos pelo autor.

¹¹ Vínculos intrínsecos, afetivos e simbólicos entre a Terra e o Homem ao longo da existência humana (DARDEL, 2015).

o Egito. Advogamos que Eça de Queirós não fez somente descrições físicas e geométricas sobre os espaços visitados, mas, acima de tudo, imprimiu opiniões sobre as diversas experiências vivenciadas no Egito, na Síria e na Palestina. A percepção da paisagem, aliada à presença humana ecoam através de relatos ricos e substanciosos em muitos capítulos de *O Egito*. A população, composta pelas mais variadas culturas, também chama a atenção do viajante, já que “quase um milhão de homens se move naquelas ruas estreitas, apertadas e confusas” (QUEIRÓS, 1946, p. 90). Ao adentrar em uma movimentada avenida do Cairo, depara-se com um vendedor ambulante. Olhar atento, Eça de Queirós descreve minuciosamente as vestimentas, o tipo de turbante usado e os objetos que o homem carrega nas mãos para vender:

Um homem adianta-se gravemente, cantando uma melopeia lenta e penetrante: é um velho vendedor ambulante. O seu largo turbante é branco, o seu longo *caftan* é de seda amarela listrada de verde, e as grossas *babuches* escarlates que calça são reviradas como a proa dum saveiro: os seus dentes brancos reluzem entre a barba negra. Sobre o ombro, traz os ricos tapetes de Carmânia, de desenhos resplandecentes e cores vivas como as flores dos trópicos; numa das mãos, sustenta uma espingarda do tempo dos Califas, encrustada de madreperola, com grossas letras árabes douradas ao longo do cano; na outra mão, leva espelhos persas, que são pequenas lâminas de aço polido, incrustadas numa larga bordadura de madreperola, onde luzem ametistas. Das portas, saúdam-no e ele passa gravemente, cantando a sua melopeia arrastada e trêmula (QUEIRÓS, 1946, p. 101, grifos do autor).

Necessário enfatizar que a referência a termos como “caftan¹²” e “babuches¹³” imprimem um ar de realismo espacial ao relato, tornando sua escrita envolvente e ao mesmo tempo repleta de imagens vivas, animando a imaginação do leitor. Mais adiante veremos que a descrição de tipos físicos soma-se à análise de seus costumes, das habitações, dos transportes (camelos, burros, dromedários) utilizados para o deslocamento entre o Cairo e as regiões mais afastadas, não esquecendo ainda que a natureza penetra a narrativa, com seus pequenos lagos, suas árvores frondosas e folhagens verdes. É a poética conexão entre o elemento natural e o humano, pois,

Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres, marinhos ou atmosféricos, também, espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. É naturalmente que falamos de rios

¹² Cafetã ou Cafetão é uma túnica longa utilizada pelos árabes e turcos, bem como por muçulmanos e judeus.

¹³ A babuche tradicional vem do Oriente Médio, sendo um calçado utilizado tanto pelos beduínos quanto pelos monarcas desde tempos remotos.

majestosos ou *caprichosos*, de torrentes *fogosas*, de planícies *risonhas*, de relevo *tormentoso*. Mesmo desgastado pelo uso, o vocabulário afetivo afirma que a Terra é apelo ou confiança, que a experiência do rio, da montanha ou da planície é *qualificadora*, que a apreensão intelectual e científica não pode extinguir o valor que se encontra sob a noção (DARDEL, 2015, p. 6, grifos do autor).

Eric Dardel enfatiza que a experiência do homem nas mais diversas regiões do planeta permite o desenvolvimento de uma sensibilidade em torno do que foi visto e vivenciado, alargando a imaginação e imprimindo tons poéticos aos lugares visitados. Aquela experiência “qualificadora”, referida pelo estudioso, fruto da “experiência geográfica”, permite que além da descrição física de uma paisagem, a presença da emoção vivenciada pelo sujeito seja refletida numa linguagem mais sensível e afetiva.

Acostumado com a cinzenta Lisboa de seu tempo, não foi difícil para o jovem escritor se deslumbrar com as ruas multicoloridas do Cairo, pois tudo lhe parecia no mínimo empolgante e novo. A problematização que o escritor fez em torno do Rio Nilo e dos destinos de toda uma comunidade – os felás à frente - ligada a esse espaço antecipa para o leitor questões políticas pertinentes à época, a exemplo da degradação do meio ambiente, da política predatória e dos interesses de potências capitalistas na exploração de mão de obra barata e dos acordos políticos de autoridades locais com outras nações. Soma-se a isso a visão sensível do romancista sobre a paisagem egípcia e como esta influenciou sua maneira de olhar e problematizar a experiência de viagem e o Outro. Escritor sensível, mas ao mesmo tempo crítico e conectado aos problemas sociais do seu tempo, Eça de Queirós se voltou para a análise de problemas que ele vivenciou no Egito, como a falta de políticas públicas para os mais excluídos, a violência de gênero, a degradação da natureza protagonizada pelas nações europeias com fins exclusivamente capitalistas, apenas para citar alguns exemplos. A questão da alteridade, nesse sentido, insere-se nas discussões propostas pela Geografia Humanista Cultural, na medida em que:

[...] O horizonte define a paisagem como meu território perceptivo, tomado pelo círculo de meu olhar e de meus atos, feito em função do meu ponto de vista, mas ele articula também este meu espaço a uma irreduzível alteridade: limite próprio, é verdade, mas que, por outro lado, me desapropria de uma área estranha, proibida à minha visão. Nas fronteiras do que acredito ser meu domínio reservado, o Outro vem inscrever-se. Só posso identificar-me à paisagem se aceitar alterar-me; o Mesmo não vai sem o Outro (COLLOT, 2013, p. 211-212)

A Fenomenologia¹⁴ é cara aos estudos da Geografia Humanista Cultural, na medida em que atenta para a experiência individual e humana, em seus aspectos subjetivos, em torno da paisagem. O sujeito, portador de inúmeras e complexas experiências, aciona os mecanismos da memória para imprimir sensações, sonhos, percepções e atitudes no lugar a que pertence ou visitou. Tratando-se especificamente de narrativas literárias, observamos esses aspectos de forma ainda mais intensa, já que o componente da imaginação amplia a visão de mundo, constituindo-se o espaço geográfico através das lentes de observador. Não ao acaso o diálogo entre Literatura e Geografia tornou-se área de conhecimento no campo das Ciências Humanas, desvelando as afinidades possíveis entre dois saberes distintos:

Não é de hoje que os geógrafos apontam o valor da literatura para o conhecimento geográfico. Este interesse original se dá pelo que os romances tinham da realidade, de conhecimento sobre os lugares e regiões. Tanto na descrição da paisagem e dos costumes, dos lugares quanto de processos físicos (como a desertificação, os ritmos climáticos, os eventos extremos, o solo e o relevo). Fascinava os geógrafos do século XIX e da primeira metade do século XX, a capacidade de muitos escritores de descrever as regiões e lugares que os próprios geógrafos, muitas vezes, ainda não tinham estudado (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009, p. 490, grifos nossos).

A Literatura revelou, ao longo dos séculos, lugares ainda pouco explorados pela Geografia e desconhecidos pelo grande público leitor, que ainda não tinha condições para realizar viagens por outros continentes. A imaginação, aliada a uma escrita sensível, característica da arte literária e da experiência vivenciada por muitos escritores, enriqueceu essa relação entre Literatura e Geografia, possibilitando um rico diálogo entre ambas as disciplinas. O século XIX, como bem sinalizou Marandola Jr. e Oliveira, foi fértil na publicação de narrativas em que a Geografia cumpria importante papel, permitindo ao leitor passear pela pacata Rouen ou pela movimentada Paris, apresentada por Gustave Flaubert em *Madame Bovary*; visitar o Rio de Janeiro da época imperial, descrito pela pena de Machado de Assis, em obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Helena* e *Dom Casmurro*; e lugares como Lisboa, Coimbra, Leiria e a romântica Sintra, ricamente descritos por Eça de Queirós em romances como *O primo Basílio*, *Os Maias*, *O crime do padre Amaro* e *A Ilustre casa de*

¹⁴ Além da Fenomenologia, a Geografia Humanista Cultural oferece o Existencialismo como base teórica. Os filósofos Sartre, Merleau-Ponty e Husserl compartilham destes estudos. Essa vertente conceitua-se por “bases teóricas nas quais são ressaltadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos” (ROCHA, 2007, p. 21).

Ramires. Dessa maneira, essas narrativas literárias podem ser referenciais importantes para o estudo no campo geográfico a partir de uma ótica humanista, na medida em que bairros, avenidas, ruas, casas, lugares campestres, meios de transporte e costumes de uma determinada época, região e população, reverberam na linguagem literária, compondo assim uma Geografia cartográfica de determinado local ou comunidade.

Na Geografia literária, constituída aproximadamente entre os anos de 1980 e 1990, o espaço é estudado e compreendido como uma construção social e simbólica, abrange várias significações e estabelece com o espaço vivido as inquietudes do sujeito e suas relações com a memória, a identidade, os costumes e as ideologias do espaço retratado pelo escritor. A literatura transforma-se em documento vivo, manifestação autêntica de determinada cultura, capaz de refletir a relação intrínseca entre o sujeito e o espaço em sua diversidade. Segundo Eduardo Marandola Jr. e Livia de Oliveira, é necessária a relação entre as disciplinas, pois “podemos pensar que é impossível investigar Paris sem ler Zola, as tormentas do Índico e do Pacífico sem ler Conrad, ou mesmo investigar o sertão sem ler Euclides da Cunha¹⁵ ou Guimarães Rosa” (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2010, p. 124).

A obra queirosiana amalgamada em romances, contos, narrativas de viagem, hagiografias, textos jornalísticos e correspondências é também perpassada por saberes vários, como os provenientes da Filosofia, da Sociologia, da História e da Geografia. Desde seus primeiros textos ficcionais, a exemplo do *Mistério da estrada de Sintra*, em parceria com Ramalho Ortigão, até aos romances que o consagraram observamos a Geografia literária de Portugal, seja em seus ambientes urbanos, em especial a Lisboa oitocentista, seja em seus ambientes campestres. Ruas, alamedas, bairros, casas e monumentos históricos são observados pela lente de um escritor que não apenas descreveu esses lugares em seus aspectos físicos, mas reinventou paisagens através de sua ótica profundamente subjetiva. A casa¹⁶, por exemplo,

¹⁵ Em estudo pioneiro, Mauro Mota, ao enfatizar a importância das relações geográficas e literárias, cita obras da Literatura Brasileira que trouxeram interessantes contribuições para os estudos geográficos, sinalizando que o diálogo entre as duas disciplinas já existia desde finais do século XIX, alcançando uma maior projeção nos romances de 1930: “Para certas pessoas um amador de literatura não pode ter veleidades de geógrafo. Engano led e cego. Em vez de empecilho, a literatura é caminho, e dos mais sedutores, para a Geografia. É a linguagem literária o instrumento essencial para comunicá-la. [...] Geográfico é o indianismo de José de Alencar e Gonçalves Dias. Euclides da Cunha faz de Canudos reportagens para o Estado de São Paulo e das reportagens *Os Sertões*. É hoje considerado o mais legítimo precursor da Antropogeografia brasileira. Temos a obra de Gilberto Freyre de importância em toda a história literária do Brasil. Não sendo declaradamente geográfica, é uma grande realização da nossa Geografia [...] O conhecimento das secas nordestinas não está somente nos relatórios técnicos. Toda a extensão da tragédia, a desgraça viva do homem e dos bichos, a desgraça da terra morta, está nos romances de Domingos Olímpio, de José Américo de Almeida e Raquel de Queirós; o ciclo do açúcar nos romances de José Lins do Rego; o do cacau, nos romances de Jorge Amado” (MOTA, 1961, p.93; 97-98).

¹⁶ Refiro-me aqui especificamente à casa do Ramallete, presente na obra *Os Maias*. Em *A poética do espaço* Bachelard explica que a casa “[...] é corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos

configura-se como um lugar de intimidade, troca de experiências entre suas personagens, onde se entrecruzam discussões em torno da política, dos costumes e das relações pessoais que o próprio Eça vivenciou em seu tempo. Soma-se a isso, o aspecto cultural, a ideologia, a identidade do lugar e as paisagens que, problematizadas na obra queirosiana, ampliam os horizontes de seu leitor, na medida em que fatores culturais e históricos misturam-se a aspectos paisagísticos. Em suas experiências de viagem, por exemplo, junto à descrição física de um harém, de um bazar ou de uma mesquita ou, ainda, à descrição da topografia do Egito em seus aspectos naturais e artificiais, discussões da ordem da ideologia são acionadas por esses lugares.

Michel Collot, através de uma perspectiva mais filosófica da paisagem, defende a ideia de que “a paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço” (COLLOT, 2013, p. 26). Registros de costumes e dados culturais de lugares, descrições vivas de aspectos naturais são filtradas pelo observador que as problematiza e as descreve, gerando assim uma cadeia de interpretações subjetivas a partir da experiência vivenciada pelo sujeito:

Os estudos que, no cruzamento do literário com o geográfico, encaram o espaço como uma construção humana, dotado, pois de significação social, simbólica, cultural e patrimonial, têm vindo a fazer um seguro caminho e têm permitido, no âmbito dos estudos literários, perceber como a representação do espaço raramente (ou nunca) é apenas um cenário impassível e imutável da ação humana, um quadro fixo para o agenciamento das ações e do que apenas “acontece”. Pelo contrário, nele se encaixam e ganham sentido os eventos da história, a casualidade dos acontecimentos, as instâncias e manipulações de poder, as ansiedades e desejos individuais. Numa palavra, o espaço é uma categoria atravessada por todas as formações e figurações do humano (FEITOSA¹⁷, 2018, p. 17).

devaneios, ela é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que ele é um valor, um grande valor ao qual voltamos nos nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa” (BACHELARD, 2008, p. 26). Nas próximas subseções iremos analisar a relação que o filósofo francês fez entre literatura e espaço.

¹⁷ Márcia Manir Miguel Feitosa e Ida Ferreira Alves coordenam o grupo de pesquisa Estudos da Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa. Ambas fazem estudos constantes sobre a dimensão geográfica e literária em obras ficcionais, além de já terem orientado diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado na UFMA e UFF, instituições em que atuam como docentes. Além disso, possuem livros e artigos publicados nesta linha de pesquisa e lideram, em conjunto com outros pesquisadores portugueses e brasileiros, o projeto Páginas Luso-Brasileiras em Movimento (www.paginasmovimentos.com.br). Em texto que possui como título “Literatura e Geografia: relato de experiência, reflexão teórico-metodológica, aproximação entre arte e ciência”, Feitosa (2021) reconhece que a publicação do livro *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos* (2010), organizado por ela e Ida Alves, foi um divisor de águas na implantação de projetos de pesquisa nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras, na medida em que não havia ainda uma aceitação plausível dos seus pares com relação ao estudo interdisciplinar entre Geografia e Literatura. A partir de então, vários projetos de pesquisa foram implantados e desenvolvidos no Curso de Letras da UFMA, tanto a nível de graduação quanto na pós-graduação, a exemplo do curso de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, o PGCult, sempre abrangendo a investigação geográfica pelo viés fenomenológico.

Da citação acima depreende-se que o espaço deve ser estudado no âmbito dos mais diversos assuntos, sejam eles voltados para a paisagem em perspectiva geográfica, que já por si é rica de significados simbólicos, sejam voltados para as relações da Cultura com a Literatura. Mesmo que os estudos da paisagem com outras teorias geográficas mais atualizadas tenham ganhado projeção a partir do século XX, é possível que narrativas de séculos anteriores estejam no cerne destas pesquisas, haja vista que contextualizações históricas, geográficas e filosóficas permearam a imaginação dos escritores de diversos períodos, especificamente aqueles voltados para o século XIX, época repleta de inovações científicas e de viagens enriquecedoras.

Anne Cauquelin fez uma releitura precisa sobre o conceito de paisagem na contemporaneidade. Ela desconstruiu a antiga ideia da paisagem vista como algo inerte e pictórica, pautada em conceitos rígidos e representadas através da pintura no século XVI, para mostrar-nos que existem fronteiras mais fluidas e categorias cognitivas mais interessantes, afinal, “tomada exclusivamente no contexto da pintura, a paisagem se reduziria, pois, a uma representação figurada, destinada a seduzir o olhar do espectador, por meio da ilusão de perspectiva” (CAUQUELIN, 2007, p. 37). Além de ampliar as perspectivas em torno da paisagem, a autora nos chama a atenção para o seu aspecto democrático no sentido de sua interpretação, pois “seria preciso fiar-se apenas nos críticos de arte para perceber a natureza? Concepção elitista que favoreceria por demais os eruditos e privaria cada qual de sua relação com a natureza. Em tais condições, não haveria paisagem para o diletante em arte? Absurdo” (CAUQUELIN, 2007, p. 40). Essa observação volta-se para nossos estudos em torno das narrativas de viagem, uma vez que, desde o século XV, com o advento das grandes navegações, pudemos observar que diversos homens, das mais diferentes formações culturais, descreveram e interpretaram paisagens seguindo seus próprios pontos de vista e ideologias contextuais. A estudiosa utiliza-se também da amplidão de territórios para embasar suas ideias, ratificando que “a mescla dos territórios e a ausência de fronteiras entre os domínios são uma marca bem própria do contemporâneo; a paisagem não foge a essa regra” (CAUQUELIN, 2007, p. 8). Essa abrangência de territórios já vinha sendo observada:

[...] as explorações tão brilhantemente realizadas no século XVI e a seguir, transformaram a imagem que os homens tinham da Terra, alargando o espaço geográfico, enriquecendo o repertório de imagens da Terra e das civilizações humanas, pela dissipação progressiva dos temas lendários em benefício de uma consciência geográfica mais segura. Do “sobrenatural”, do maravilhamento, para a natureza geográfica (DARDEL, 2015, p. 28-29).

Eric Dardel traz para o centro das discussões em torno da paisagem as narrativas de viagem empreendidas pelos europeus desde o s. XVI. Essas narrativas repletas de curiosidade, de espírito aventureiro, de novidades sobre culturas, climas e costumes, puderam ocupar a imaginação de leitores ávidos por também conhecer outros mundos, “num ardente desejo de confrontar prazerosamente o estranho” (LIMA, 2018, p. 234). Na medida em que novos territórios eram descobertos, a imaginação literária, aliada ao espírito investigativo ganhava envergadura, e uma profusão de textos científicos, tratados geográficos e narrativas literárias era publicada e analisada pelo público, tendo sempre a paisagem como objeto de análise e reflexão para os viajantes.

A paisagem, analisada sob novas perspectivas, não fica restrita apenas à descrição de pinturas, mas também se volta para “esculturas, fotografias, vídeos e trilhas sonoras que compõem paisagens mestiças, híbridas, nas quais o espectador se sente imerso” (CAUQUELIN, 2007, p. 15). Ratificando essa mescla de sensações e novas interpretações em torno da paisagem, Ida Alves estudou a paisagem através da análise dos fados portugueses em letras de diversos fadistas e percebeu que as composições sinalizam para representações múltiplas e simbólicas da “cidade, com seus bairros, ruas, tipos populares, experiências de memórias” (ALVES, 2019, p. 168), compondo assim uma geografia daquele lugar.

Em *Por uma geografia dos espaços vividos*, Ângelo Serpa atribui o caráter de intersubjetividade à paisagem, utilizando-se de bases fenomenológicas e ontológicas para embasar suas ideias. Serpa problematiza conceitos e situações em torno das múltiplas interpretações que o homem pode fazer sobre a paisagem, citando filósofos como Husserl, Heidegger e Sartre. Mas a relação direta entre paisagem e literatura se dá com os estudos de Gaston Bachelard em que, segundo Serpa “o espaço [...] se revela em cada situação, o que explicita a paisagem como conjuntos de objetos, coisas, dotado de múltiplas qualidades sensíveis e infinitas possibilidades de aparição/constituição” (SERPA, 2019, p. 28). Isso vem contribuir para a nossa interpretação sobre a experiência vivenciada por Eça de Queirós no Egito, pois a paisagem, para o autor português, estava longe de ser algo abstrato, imaginário ou pictórico, mas uma presença marcante que se desdobrou por diversas perspectivas, tanto no plano simbólico, quanto nos aspectos políticos, ambientais, sociais e culturais.

Michel Collot, por sua vez, evidencia o intenso interesse da perspectiva geográfica pelo espaço literário, atentando para o fato de que, desde os idos da década de 1990, uma profusão de dissertações e teses francesas já publicavam textos sobre essa relação. Outro dado interessante é o surgimento de vários colóquios, programas de pós-graduação, grupos de pesquisas e eventos voltados para esses estudos. O pesquisador ainda salienta que “as pesquisas

se multiplicam sobre um gênero como a narrativa de viagem, fenômeno que leva a reavaliar as relações entre literatura e geografia” (COLLOT, 2012, p. 18). Ainda com relação à definição de paisagem, Collot afirma que ela “não é só um recanto do mundo, mas uma certa imagem dele, elaborada a partir do ponto de vista do sujeito, seja um artista ou um simples observador” (COLLOT, 2012, p. 24), permitindo-nos inferir que, além da simples descrição da paisagem, há uma relação filosófica, ontológica e visceral dela com aquele que a observa. Michel Collot foi muito além da definição de paisagem e sua implicação com o texto literário, pois, ao analisar obras do escritor francês Chateaubriand, por exemplo, ele afirma que não se reduz nem aos desertos da América nem às charnecas de Combourg: “[...] trata-se de uma imagem mais complexa e compósita, que toma emprestado alguns traços a certos lugares que Chateaubriand pôde frequentar na sua vida [...] que resulta de sua reelaboração pelo imaginário e pela escritura” (COLLOT, 2012, p. 25).

1.1 IMAGENS POÉTICAS EM TORNO DO ESPAÇO

A investigação do espaço nas narrativas literárias recebeu durante muito tempo pouca atenção, em detrimento de outras categorias presentes na narrativa, como o tempo, o foco narrativo e as personagens. Em texto intitulado “Em busca do espaço perdido”, Oziris Borges Filho pontua que o estudo do tempo nas obras literárias, filosóficas e científicas foi profícuo, gerando obras clássicas que se perpetuaram por gerações, a exemplo do estudo de Martin Heidegger, intitulado *O ser e o tempo* ou até mesmo dos três volumes da obra de Paul Ricoeur, conhecida como *O tempo na narrativa* (BORGES FILHO, 2007). Márcia Manir Feitosa salienta as ausências com relação ao estudo do espaço na literatura, considerado por muitos críticos como uma categoria “menor” em detrimento de outras análises (FEITOSA, 2020). Ambos vislumbraram algumas obras que buscavam analisar o espaço na literatura, especificamente *La production de l'espace*, de Henri Lefebvre (2000) e as obras *Espaço e romance*, de Antônio Dimas (1985) e *Teorias do espaço literário*, de Luís Brandão (2013).

Em uma perspectiva humanista e poética, Gaston Bachelard¹⁸, em *A poética do espaço* (2008), expandiu as discussões a outros pesquisadores¹⁹, inclusive da disciplina/ciência

¹⁸ Epistemólogo, crítico, cientista e poeta. Dentre sua vasta produção, *A poética do espaço* desenvolve em perspectiva fenomenológica o estudo de diversos espaços recorrentes na literatura, a exemplo da casa, do porão, do sótão, da cabana, das gavetas, dos cofres e armários.

¹⁹ Leitor e entusiasta da obra de Gaston Bachelard, o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan discute o sentimento de pertença entre as pessoas e os lugares, retomando o conceito de Topofilia, já empregado por Gaston Bachelard na obra *A poética do espaço*. Outro geógrafo que seguiu na esteira filosófica bachelardiana foi, como já vimos, Eric Dardel.

Geografia, para repensar e atualizar conceitos e categorias do campo da Geografia para a Cultura e as Artes. As reflexões propostas pelo filósofo foram inovadoras à época, na medida em que procurou investigar as relações do homem com o espaço a seu redor, por meio da análise de sonhos e devaneios, memória e imaginação, a partir da vivência de cada um. Ao analisar o espaço físico, Bachelard expande o sentido geométrico do mesmo, ao apoiar-se na fenomenologia para estudar as influências sociais, psicológicas e filosóficas no ser humano, de onde seu interesse por vários campos artísticos, como a Literatura, por exemplo.

A partir da análise da casa como o primeiro espaço que prende o homem a suas lembranças, experiências e conflitos, Bachelard desenvolve suas análises em um campo profundamente humanizado. Para isso, utiliza aporte epistemológico interdisciplinar para fundamentar seus estudos, pois “psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos pelo nome de topoanálise²⁰” (BACHELARD, 2008, p. 20). A poesia, por sua vez, é o que complementa e dá sentido à análise bachelardiana, pois é por meio da imaginação que o ser humano consegue alcançar níveis subjetivos muito acima da realidade meramente física:

A palavra de um poeta, tocando o ponto exato, abala as camadas profundas do nosso ser. [...] A casa primordial e oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra. Ela pertence à literatura em profundidade, isto é, à poesia, e não à literatura eloquente, que tem necessidade do romance dos outros para analisar a intimidade” (BACHELARD, 2008, p. 32).

O filósofo francês apoiou-se na Literatura, mais especificamente no campo poético, para sedimentar sua pesquisa em torno do espaço, pois “pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético da casa” (BACHELARD, 2008, p. 201). “Devaneio”, “imaginação” e “memórias” são expressões recorrentes em Gaston Bachelard por meio das quais ele propõe a mediação da experiência humana com o espaço habitado. Em Bachelard, os cômodos da casa mantêm intrínseca relação com a existência humana. O sótão e o porão, por exemplo, são espaços das lembranças mais recônditas dos habitantes da casa, bem como de seus traumas de infância, das perspectivas frustradas ou até mesmo das memórias temporalmente alimentadas, pois “[...] é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem um porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais caracterizados” (BACHELARD, 2008, p. 208).

²⁰ “Estudo psicológico sistemático dos lugares físicos da nossa vida íntima” (BACHELARD, 2018, p. 202).

Ao adotar uma perspectiva fenomenológica para a análise do espaço, Bachelard rompe com o estudo sistematizado e científico elaborado pelos primeiros geógrafos da vertente positivista, na medida em que extrapola a quantificação e caracterização física do ambiente para valorizar aspectos subjetivos dos indivíduos que ocupam determinados espaços. De onde a escolha de uma perspectiva interdisciplinar com a inserção da Literatura e da Filosofia para sedimentar suas análises, pois ambas disciplinas permitem que a imaginação, os devaneios e a poesia se façam presentes na percepção do espaço, afinal sua análise “não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 2008, p. 19).

Bachelard nos conduz a uma profunda interpretação que vai além dos aspectos físicos da casa, pois “as verdadeiras casas da lembrança, as casas aonde os nossos sonhos nos levam, as casas ricas de um onirismo fiel, são avessas a qualquer descrição” (BACHELARD, 2008, p. 205). A perspectiva interdisciplinar adotada por Bachelard ratifica a importância de outras disciplinas para as suas análises do campo geográfico, na medida em que o estudioso:

Tem, antes de tudo, uma filosofia que é transdisciplinar por excelência pela forma como a abordagem atravessa campos de saberes tão distintos como a poesia, as artes, a antropologia, a história, a geografia, a literatura, a educação e até mesmo a meteorologia, como a possibilidade da meteorologia poética [...] ou a geologia poética na fenomenologia da imaginação presente nas obras dedicadas à terra [...] (SILVA; CARRETO, 2020, p. 225).

Em perspectiva semelhante a de Bachelard encontra-se o geógrafo francês Eric Dardel, renovando conceitos e contextos geográficos repletos de sensibilidade e significação. Embora a obra *O homem e a terra* tenha sido publicada em 1952, permaneceu desconhecida para o grande público durante anos, sendo revista e explorada a partir da década de 1970, quando estudiosos²¹ a resgataram para fins epistemológicos. Priscila Marchiori Dal Gallo e Eduardo Marandola apontam algumas possíveis respostas ao silenciamento da obra de Dardel, dentre elas estariam a linguagem poética, a conjuntura histórica e a renovação da ciência geográfica, pois,

[...] a linguagem que Dardel emprega em sua obra não é uma linguagem usual da ciência moderna. Mesmo nas ciências humanas os cientistas não estão

²¹ Em capítulo dedicado a Dardel, Werther Holzer cita os primeiros responsáveis pelo resgate da obra do eminente geógrafo francês a exemplo de André-Louis Sanguin, Ferrier e Lévy (HOLZER, 2016). Nos anos de 1970 os geógrafos da vertente humanista como Edward Relph, Anne Buttimer e Yi-Fu Tuan reavaliam e colocam a obra de Dardel no centro de suas discussões epistemológicas. No entanto, é Relph que resgata amplamente a obra do geógrafo francês ao fundamentar teoricamente a fenomenologia como um método para a geografia.

acostumados com o prazer do texto; o rigor científico parece ter uma face adversa a uma escrita poética e literária [...]A linguagem poética, hoje apontada como possibilidade de dizer aquilo que não é dizível de outra forma (reafirmada pela tradição fenomenológica desde Heidegger, passando por Bachelard, e em sintonia também com o pós-estruturalismo), na época não encontrou eco entre uma ciência geográfica mergulhada no pragmatismo do pós-guerra e a necessidade de direcionar a geografia para contribuir com a reconstrução, recuperação econômica e o planejamento (DALL GALLO; MARANDOLA JR. , 2015, p. 178).

Poetas como Hölderlin e Shelley²² são citados e estudados por Dardel logo no primeiro capítulo da sua obra, trazendo para as suas análises o apoio da Literatura para embasar os seus estudos fenomenológicos sobre a Terra²³. Ao analisar textos literários, o estudioso capta a linguagem plurissignificativa própria da Literatura e se apodera da sensibilidade intrínseca a poetas e romancistas para dar vazão a suas análises no campo geográfico, pois “alcançamos uma fronteira que a ciência do laboratório nos proibirá de atravessar, mas que ultrapassaremos, em direção a um mundo irreal onde uma geografia permanece subjacente” (DARDEL, 2015, p. 4). Desta maneira, Dardel extrapola o limite científico de sua época ao compor um retrato sensível da Terra e de seus encantos, durante muito tempo incompreendido por seus pares.

Ao citar grandes exploradores do século XIX como Stanely, Livingstone, René Caillié e os primeiros viajantes da Idade Média, a exemplo de Marco Polo, Dardel defende que a aquela Geografia se opõe à de gabinete²⁴ ou de laboratório, em que se imaginam estudiosos se debruçando sobre cartas, relatórios e estatísticas em um ambiente fechado, sem contato com a natureza e o próprio objeto de estudo deles: a Terra. Dardel esclarece os objetivos daqueles aventureiros europeus: conhecer pela primeira vez paisagens e espaços ainda mal explorados, muitos perdendo suas próprias vidas por estradas ou mares desconhecidos, outros se tornando célebres pela coragem e insistência em perseguir um objetivo até o fim:

²² Outros poetas, romancistas e filósofos são citados por Dardel, a exemplo de: Ortega Y Gasset, Goethe, Michelet, Victor Hugo, Rainer Maria Rilke, Baudelaire, Rimbaud, Hegel, Merleau-Ponty, Bachelard, Nietzsche, dentre outros. Além de literatos e filósofos, Dardel também cita músicos famosos para comprovar a ressonância da natureza na sensibilidade artística dos mesmos, pois, “foi dado a Beethoven, a Weber, a Debussy o dom de perceber e de transmitir a harmonia musical vibrada pelo espaço campestre, silvestre ou marinho” (DARDEL, 2015, p. 39).

²³ A palavra grafada com maiúscula remete à escolha do próprio Dardel pois a Terra para o geógrafo representa muito mais do que o solo, tendo em vista todos os espaços geográficos que ele trabalha no livro.

²⁴ Avançando na leitura do livro *O homem e a terra*, seu autor informa sobre outro tipo de geografia ligada às grandes viagens de descobrimentos. Trata-se de “uma geografia do *inventário*, uma geografia trabalhando no laboratório, registrando seus conhecimentos nas estatísticas, nos gráficos, ou nas cartas cientificamente precisas” (DARDEL, 2015, p. 84, grifo do autor).

As preocupações políticas e mercantis não são a única explicação desse frenesi por descobrir, ainda que sua ação tenha sido decisiva para a pesquisa e descoberta. Pode se falar aqui de uma *poética* do descobrimento geográfico, no sentido de que foi a realização de uma visão que abarcava a totalidade do mundo e de que foi uma criação, criação de espaço, abertura para o mundo de uma extensão do homem, ímpeto por um porvir e fundação de uma nova relação entre homem e Terra (DARDEL, 2015, p. 79, grifo do autor).

Para Dardel o homem que melhor encarna essa coragem de desbravar mundos novos é Cristóvão Colombo, o típico “poeta do espaço”, que soube aliar muito bem a riqueza de sua imaginação ao descrever terras, costumes e gentes profundamente diferentes do “velho mundo” com o discurso humanista em voga. Desta forma, “a exploração de Cristóvão Colombo está no limiar da lenda e da história; da lenda como exaltação do heroísmo dos seres de exceção contra uma natureza ainda impregnada de magia, e da história como compreensão humanista do homem realizando seu destino frente a uma natureza” (DARDEL, 2015, p. 80). Essa poética de que nos fala Dardel é a capacidade que os viajantes antigos tiveram de mesclar uma produção textual rica em detalhes, fértil em observações em torno do espaço, com o compromisso de mostrar a seus contemporâneos, principalmente os “financiadores” daquelas viagens, que as terras “descobertas” eram realmente valiosas e passíveis de futuras explorações, contribuindo assim para a formação de uma “geografia lendária” (DARDEL, 2015, p. 80).

Nessa explanação sobre as viagens marítimas, o professor francês esclarece que todas elas serviram para um alargamento das concepções em torno do espaço geográfico na medida em que um repertório de imagens, divagações e histórias que aquelas explorações favoreceram no imaginário europeu foram decisivas para a obtenção de uma “consciência geográfica mais segura” (DARDEL, 2015, p. 81). Ao tecer comentários das obras destes primeiros viajantes, Dardel ainda pontua que no século XVIII, época provável do surgimento de uma geografia científica, já se nota uma geografia afetiva, “sentimental e emotiva, que amplificada pela imaginação, tende para a imaginação literária” (DARDEL, 2015, p. 80). E esclarece:

A geografia como experiência afetiva e desfrute estético torna-se uma expressão do homem, com Bernadin de Saint-Pierre, com Rousseau, precedendo Chateaubriand. Ferido pela sociedade, decepcionado com a condescendência moral do século, o homem se volta para a natureza, para o exotismo, para encontrar uma resposta a suas inquietações, um complemento para a sua incompletude. Porém, essa natureza exterior, próxima ou distante, ele a procura e a vê através da afetividade: prazer da solidão, sentimento de melancolia e de mistério, religiosidade à flor da pele. Neste sentido, a geografia como “oxigênio da alma”, é uma das formas de humanismo (DARDEL, 2015, p. 82).

Um século depois da formação desta Geografia científica, o prazer das viagens amplia-se para outros horizontes e destinos²⁵. Portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses e franceses, sentem-se motivados a se deslocarem para outras terras, mas carregando um duplo objetivo: as expedições científicas e o desejo de conhecer outras culturas e preencher a existência com prazeres “exóticos”. Eça de Queirós inclui-se no grupo de escritores que viajou e travou contato com outras culturas e povos. Da sua viagem para o Egito, ficaram narrativas que ultrapassam categorias descritivas, em que a Terra e todas as suas nuances aparecem visceralmente ligadas ao sentimento de escritor, observador, jornalista e cosmopolita, títulos que sustentou ao longo da vida. Por meio de estilo próprio, com respaldos filosóficos e poéticos, o que se observa na obra de Eça é ponto fulcral nas convicções de Eric Dardel, ou seja, “a montanha ou o mar não são a montanha ou o mar de modo abstrato [...] elas revelam alguma coisa ao homem” (DARDEL, 2015, p. 87).

Tanto as análises de Gaston Bachelard sobre o espaço quanto as de Eric Dardel voltadas para a geograficidade surgem como pontos luminosos para a interpretação da experiência do escritor Eça de Queirós com a paisagem oriental. Isso porque a Literatura, segundo os dois estudiosos, apresenta espaços através de outras perspectivas, recorrendo à memória afetiva e a um olhar mais humanizado sobre a Terra. O método da fenomenologia, por sua vez, pode ser aplicado na Geografia Humanista Cultural, tendo como base os estudos de três contemporâneos entre si: Anne Buttimer, Edward Relph e Yi-Fu Tuan. A revisão teórica e conceitual sobre categorias importantes da Geografia como lugar, espaço e paisagem realizada por esses pesquisadores possui como principal percurso o humanismo. Longe de serem categorias estanques e separadas, observaremos que elas se entrelaçam ou se distanciam, dentro da própria incompletude e instabilidade que regem as Ciências Humanas, assunto a ser discutido na próxima subseção.

²⁵ Além das Américas, da África e da Ásia, já bastante conhecidos e explorados desde o século XVI, Dardel esclarece que expedições oceânicas, continentais e até polares se multiplicaram durante todo o século XIX (DARDEL, 2015, p. 86).

1.2 DESDOBRAMENTOS SOBRE ESPAÇO, LUGAR E PAISAGEM

Somente a partir da década de 1970, precisamente após a publicação dos estudos de Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph, a Geografia Humanista passa a ser reconhecida como campo autônomo da Geografia²⁶. Essência da Geografia Humanista, o conceito de lugar foi revisado e problematizado por esses três estudiosos que têm em comum os fundamentos teóricos da Fenomenologia e do Existencialismo. Ao fazer parte da existência de cada ser, através de lembranças, devaneios, símbolos e emoções (BACHELARD, 2018), o lugar, como “fenômeno da experiência” (RELPH, 2014,) proporciona um sentido de enraizamento, onde as vivências reverberam em cada espaço, seja ele um bairro, uma rua, um jardim ou até mesmo um cômodo íntimo da casa. Em relato sensível, Anne Buttimer evoca a sua infância na Irlanda rural e como o sentido de lugar reverbera até hoje em sua vida:

É difícil, para mim, encontrar palavras para descrever o que a experiência de viver na Irlanda ainda significa. É evocada uma experiência completa do meio: lembro-me da sensação da grama nos pés descalços, os cheiros e sons das várias estações, os lugares e tempos em que eu conheci amigos nas caminhadas, a decadência diária e o fluxo da hora da ordenha, refeições, leituras e pensamentos, dormidas e despertares. A maioria destas experiências não é conscientemente processada na minha mente – é por isso que é tão difícil encontrar palavras – porque este lugar viabiliza a mente e o coração, corpo e espírito, imaginação e vontade de ficar harmonizado e criativo (BUTIMMER, 2015, p. 9).

Com o advento da industrialização e a conseqüente urbanização de antigos bairros ou povoados campestres, o sentido de lugar ficou ameaçado, perdendo gradativamente a “história, a estética, a poesia e a maioria das conexões que as pessoas possuíam com regiões, cidades e ambientes naturais” (RELPH, 2014, p. 19). Entretanto, mesmo que esse grande desenvolvimento industrial tenha modificado o espaço a partir do século XX, “com projetos de arquitetura moderna, os quais olhavam para o futuro sem nenhuma conexão com a história local, o ambiente ou as tradições” (RELPH, 2014, p. 20), alguns escritores já sinalizavam para essa “perda” gradativa do lugar como aconchego e matriz de uma tradição em finais do século XIX e de todo século XX. Nesse sentido os textos narrativos serviram como forma de denúncia social, mostrando que a ambição e o capitalismo desenfreados utilizaram-se de meios eficazes

²⁶ Essas publicações tiveram como objetivo discutir os caminhos da Geografia Humanista. Em 1976 Tuan publicou “Humanistic Geography” e Buttimer, no mesmo ano trouxe à lume o texto “Grasping the Dynamism of Lifeworld”. Relph, por sua vez, revisou e publicou a sua tese de doutorado em livro, intitulado “The Phenomenon of Place” (HOLZER, 2016, p. 176).

para a desagregação²⁷ de antigos bairros e províncias. Eric Dardel já havia sinalizado também para essa perda gradativa de sentimento de pertença, considerando a urbanização ocorrida no século XX como principal motivo de certo “apagamento” do “desenho natural dos lugares”. Ele esclarece, ainda, que “imensas populações nascem e se movem na grande cidade, um número enorme de homens é, praticamente de “desenraizados”, sem ligações duráveis com a terra ou com um horizonte natural”; além disso, “o homem torna-se também construtor de espaços, abrindo vias de comunicação: caminhos, pistas, estradas, vias férreas, canais são maneiras de modificar o espaço, de o recriar” (DARDEL, 2015, p. 29). Essa urbanização desenfreada, propícia aos grandes centros urbanos, de fato contribuiu para a descaracterização de lugares hoje considerados históricos, nos quais a experiência vivida por antigos moradores ficou apenas na memória²⁸.

Assim como Relph, Anne Buttimer também problematizou a questão. Em ensaio de 1980,²⁹ traduzido para o português em 2015 para a *Revista Geograficidade*, ela pontua a profunda perda do sentimento de pertença a determinado lugar com o advento de novos meios de transportes, comunicação e urbanização que atingiram muitas regiões, especialmente aquelas da América do Norte e da Europa:

Os programas de renovação urbana, particularmente no Reino Unido e Estados Unidos, quase sempre encontraram seus primeiros alvos em áreas de “assentamentos precários” perto dos antigos centros das cidades – vítimas do sucesso do Distrito Central de Negócios como polo dominante dentro da cidade-império que esqueceu suas responsabilidades do serviço doméstico. As retroescavadeiras pouco respeitavam esses limites invisíveis de símbolos sagrados do espaço social (BUTTIMER, 2015, p. 7).

²⁷ Na Literatura Brasileira encontramos vários escritores que descreveram e problematizaram a questão. Dentre eles podemos citar: Lima Barreto, que nos finais do século XIX e início do XX, já alertava para a destruição de bairros antigos do Rio de Janeiro em detrimento da construção de novas avenidas, ruas e prédios no centro da cidade; Paulo Lins, que no romance *Cidade de Deus* contextualiza o nascimento da comunidade, denunciando a expulsão de antigos moradores do centro do Rio que tiveram que migrar para regiões distantes e decadentes, sem nenhuma estrutura decente de moradia e, por fim, Conceição Evaristo que, na auto ficção *Becos da memória*, aprofunda o sentido de (des)enraizamento ao problematizar o destino de muitos favelados negros que foram obrigados a deixar suas casas, memórias e afetos por conta da construção de novos projetos em favelas de alguma metrópole brasileira. Interessante pontuar que estes três escritores aqui citados fazem parte da literatura de autoria afro-brasileira, que tem como principal objetivo denunciar o sistema de exclusão, preconceito e injustiças do qual constantemente a população negra brasileira é alvo.

²⁸ Camila Nascimento (2021), em artigo intitulado “Narrativas que traduzem as vozes da cidade”, faz um estudo sobre as transformações sociais, econômicas, políticas e espaciais em torno da capital do Maranhão, São Luís. Através do olhar de alguns cronistas maranhenses, a autora problematiza a inquietação dos moradores da cidade em torno da degradação de seus lugares históricos como os casarões de arquitetura colonial que ano após ano vão perdendo aspectos memorialísticos.

²⁹ Tradução do texto “Home, Reach, and the Sense of Place”, publicada na coletânea *The Human Experience of Space and Place* (Nova York: St. Martin’s Press, 1980. p.166-187), editada por Anne Buttimer e David Seamon. Traduzido por Letícia Pádua.

Para a autora, a poesia, a música e as artes em geral procuram resgatar, mesmo em sentido metafórico, as lembranças de tempos passados com a família, preferencialmente em lugares que foram devastados pela “onda” da industrialização:

Muito da poesia e música modernas são perpassadas por tributos emocionalmente carregados sobre o significado de lugar. A nostalgia por algum estado real ou imaginário de harmonia e equilíbrio experimentado em ambientes rurais assombra a vítima de um meio urbano instável e fragmentado. Como muitos que procuram a sorte em meio às luzes da Broadway que ansiava por uma cabana simples perto de um riacho ondulante na volta para casa, suponho que alguém possa dizer “Você nunca dá valor ao que tem, até perder”. Músicas patrióticas sobre a terra e as florestas natais que construíram o espírito de nação em países europeus foram frequentemente escritas nas cidades da América do Norte e Austrália. E hoje, à medida que a singularidade dos lugares torna-se mais e mais ameaçada pela superficialidade homogeneizante da comercialização e da arquitetura padronizada, muitas pessoas anseiam pelo seu *hembygd e smultronställe*³⁰ (BUTTNER, 2015, p. 5, grifos da autora).

A Literatura foi, muitas vezes, meio de resistência encontrado por moradores ameaçados. Lamentando seu sentido de lugar, afinal “o antigo mosaico de distritos artesãos, mercados abertos e vilas burguesas começou a ser distorcido e desmantelado à medida que o antigo equilíbrio cultural e econômico abriu caminho para o novo dentro da própria cidade” (BUTTNER, 2015, p. 5), esses moradores se viram sensivelmente comprometidos com o sentimento de pertencimento e de identidade ao qual estavam acostumados, pois, nesse sentido, “o lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas” (BUTTNER, 1985, p. 228) e, como resultado de experiências humanas, pode também desenvolver sentimentos de afeto e apego, estabelecendo uma relação dialógica entre indivíduos e seus lugares.

Edward Relph aprofunda e detalha o tema. No ensaio intitulado “Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar”, enumera e comenta alguns dos mais importantes aspectos do lugar³¹, dentre eles o “Espírito de lugar”, como “lugares que têm uma identidade

³⁰ N. da T.: Literalmente, em sueco, “Herdade e local favorito”. O *hembygd* está relacionado à herança, ou legado advindo, geralmente, de uma propriedade rural grande, como uma fazenda.

³¹ São eles: “Lugar como reunião”; “Localização”; “Fisionomia do lugar”; “Espírito do lugar”; “Sentido de lugar”; “Raízes e enraizamento”; “Interioridade”; “Lar”; “Lugar-sem-lugaridade e não lugar”; “Nós”; “Exclusão/Inclusão”; “Sentido contaminado de lugar”; “Construção de lugar” e “Fabricação de lugar” (RELPH, 2014, p. 22-27).

muito forte”, “cuja presença pode ser reconhecida por meio de cerimônias religiosas e construções”, acrescentando ainda que “todos os lugares possuem uma fisionomia própria [a fisionomia do lugar], mas o espírito de lugar é associado apenas a lugares excepcionais” (RELPH, 2014, p. 23).

Em Eça de Queirós, observamos que Cairo, Jerusalém, Palestina, Rio Nilo, dentre outros lugares visitados pelo escritor, carregam aquele “Espírito de lugar” referido por Relph, haja vista suas construções arquitetônicas milenares, suas colinas, vales, ruas estreitas e costumes locais. Em “Fabricação do lugar”, Edward Relph desdobra o “Espírito de lugar” sinalizando para a questão do lucro que determinado lugar pode proporcionar, principalmente no mundo pós-moderno liberal. Nos oitocentos, o Egito já era um lugar propício para a exploração de seus recursos arquitetônicos, atraindo pessoas do mundo inteiro para visitá-lo. Desta forma “[...] lugar e identidade de lugar estão abertos à exploração, e as fisionomias de lugar podem ser treinamentos em decepção; histórias e geografias podem ser manipuladas e melhoradas” (RELPH, 2014, p. 27). Um misto de alegria e decepção se apoderou de Eça de Queirós no momento em que pisou o solo de Alexandria pois, imbuído de leituras orientalistas em que se descreviam esplendores e beleza em torno do Egito, não foi bem isso que o romancista português encontrou ao chegar lá. O Cairo, por exemplo, apareceu para Eça como um lugar profundamente ocidentalizado e artificial, perdendo gradativamente a essência de lugar histórico.

Um dos geógrafos mais representativos da linha interpretativa fenomenológica, Edward Relph aborda temas caros à Geografia Humanista, desconstruindo a visão positivista que perdurou durante um longo período nas aulas de Geografia. Ao resgatar a obra de Eric Dardel, Relph absorve e amplia vários conceitos geográficos que o professor francês desenvolveu em suas pesquisas e, somando-se a outras análises mais contemporâneas, o que temos é um amplo leque de debates entre a relação da Geografia com a vivência do homem na Terra, princípio básico da geograficidade:

Relph valorizava na fenomenologia a descrição das essências das estruturas temáticas, o exame dos modos como aparecem os objetos; o estudo da constituição dos fenômenos na consciência; as críticas ao cientificismo, seguidas de apelos do autor pela adoção de um aporte radical; a valorização da intersubjetividade e da intencionalidade; o reconhecimento de que este campo da filosofia tinha importância para o estudo do pensamento e do conhecimento, e na valorização de condutas de vida (HOLZER, 2003, p. 114).

Outro geógrafo humanista importante que se aprofundou nos diversos conceitos de espaço e lugar é Yi Fu-Tuan³². Contemporâneo de Anne Buttimer e Edward Relph, Tuan procura esclarecer em vários trabalhos a perspectiva humanista, que deve ser adotada nos estudos fenomenológicos voltados para o campo geográfico. Para isso, ratifica que cinco temas precisam ser constantemente atualizados e discutidos: conhecimento geográfico; território e lugar; aglomeração humana e privacidade; modo de vida e economia; e religião (HOLZER, 2016).

Ciente de que as relações humanas são inerentes às questões de espaço e lugar, Tuan afirma que a Geografia Humanista é uma área propícia ao estudo destes conceitos, haja vista a natureza interdisciplinar que a própria disciplina apresenta. Desta forma, “as disciplinas que estão no âmbito humanista são a história, a literatura, as artes e a filosofia, ou seja, as Humanidades” (HOLZER, 2016, p. 181). Ao abarcar estas disciplinas em suas pesquisas, Tuan abre um enorme leque para que outros estudiosos adentrem o campo da Geografia Humanista a partir delas, trazendo contribuições para esses campos do conhecimento e permitindo, assim, que horizontes científicos sejam expandidos e enriquecidos com análises múltiplas e sensíveis acerca de temas vastos e atemporais.

Em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, Yi-Fu Tuan acentua a vivência em determinado espaço como algo intrínseco aos seres humanos. Desta maneira, “um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva” (TUAN, 1983, p. 20). Segundo o geógrafo, os órgãos sensoriais como visão e tato corroboram para o desenvolvimento de sentimentos intensos em torno do lugar, como já foi visto nas análises de narrativas literárias feitas por Souza & Feitosa (2018)³³ e Oliveira (2002)³⁴. À medida em que o espaço adquire significado, seja ele simbólico ou afetivo, a partir da experiência de cada sujeito, ele vai se transformando em lugar, desenvolvendo fortemente a experiência cinestésica:

³² Werther Holzer destaca a influência destes geógrafos para a Geografia Humanista Cultural: “Na primeira metade da década de 70 podemos destacar os nomes de Tuan e de Buttimer como os que mais contribuíram na busca por uma identidade própria para a geografia humanista. Esses autores foram pioneiros na utilização dos conceitos de lugar e de mundo vivido, ambos associados a uma base teórica fenomenológico existencialista, aporte que mais tarde permitiria a identificação de seus trabalhos como humanistas” (HOLZER, 2016, p. 115).

³³ SOUZA, José de Mota de; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. O espaço rural ou campestre na poética cecilianiana. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*. v. 4, n. Especial, p. 423–435, 2018. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/10541>. Acesso em: 26 nov.2020.

³⁴ OLIVEIRA, Livia de. Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. *Scripta*, v. 5, n. 10, p. 234-242, 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12401>. Acesso em: 27 nov.2020.

O lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar [...] Mas “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado por músculos e ossos (TUAN, 1983, p. 198 – 203).

Em *Topofilia*: um estudo de percepção, atitude e valores do meio ambiente, publicado em 1980, Yi-Fu Tuan investiga “os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 2012, p. 107). Partindo da premissa de que o ser humano não é um mero expectador da realidade à sua volta, Tuan entende que de seu comportamento experiencial em torno dos lugares em que mora, ou do espaço que visita, o ser humano pode gerar comportamentos e consequências ambientais a depender da extensão ou da qualidade da experiência vivida. Para o geógrafo chinês a apreciação do cenário, seja ela feita rotineira ou brevemente, através de uma viagem, por exemplo, é que determina o comportamento emocionalmente forte que irá desencadear-se na mente do observador. E esse efêmero do prazer visual desdobra-se também por vários sentidos cinestésicos na medida em que eles são acionados no momento da admiração ou da repulsa por determinado espaço, pois

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra” (TUAN, 2012, p. 107).

Com relação ao estudo da paisagem, Tuan atenta para a subjetividade ligada à existência e à experiência do observador. Segundo ele, “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada por lembranças de incidentes humanos. Também perdura além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica” (TUAN, 2012, p. 110). Essa curiosidade científica animou os primeiros viajantes europeus que produziram relatos de viagem que mesclavam fantasia e realidade, espírito de aventura e ao mesmo tempo de propensão ao dever científico, deslumbramento, repulsa e interesse por espaços nunca vistos. Nos séculos XVIII e XIX, esse mesmo encantamento animou cientistas ingleses, franceses e alemães que desbravaram, observaram e quantificaram regiões “desconhecidas” através de expedições científicas, a países como o Egito, por exemplo. O resultado é uma profusão de

relatos de viagem, romances, contos, tratados geológicos e históricos nos quais a paisagem sempre está presente como objeto do olhar investigativo ou interessado.

Segundo Tuan, a paisagem não é um quadro ou uma pintura, cujo propósito relaciona-se diretamente com o deleite estético. Ela tem forma, cheiro, cor, vivacidade e sempre traz em sua essência as características sócio históricas do espaço ao qual pertence. Estabelecendo um novo enfoque para o estudo da paisagem, o autor de *Topofilia* agrega valores essenciais do ser humano como a atitude e a percepção na interpretação da paisagem:

A paisagem é mais que natureza superposta pelas expressões materiais da vida humana. Ela significa mais para nós do que a soma dos fatos materiais como montanhas e vales, campos, estradas, pontes, igrejas e casas: porque além da apreciação econômica e científica, nós imputamos à paisagem conteúdos que podem ser descritos apenas como psicológico, religioso estético e moral (TUAN *apud* PÁDUA, 2013, p. 75).

Sendo a paisagem uma fusão de diferentes perspectivas, Pádua (2013) reforça a sua natureza funcional e ao mesmo tempo estética, marcada ainda pela cultura, percepção e subjetividade de quem a observa. A imaginação, nesse sentido, torna-se uma mola propulsora para o desenvolvimento das narrativas de viagens queirosianas, tendo na análise das paisagens orientais motivo tanto para a apreciação estética, quanto para o desenvolvimento crítico do que ele observou sobre a sociedade, os costumes e o tipo de vida que as pessoas viviam naquela época.

Na próxima seção, daremos ênfase ao escritor Eça de Queirós e a sua experiência como jornalista, viajante e apreciador da paisagem oriental, nos primeiros anos de seu exercício como escritor, procurando sempre que possível integrar os estudos da Geografia Humanista Cultural às nossas análises literárias. Retomaremos assim aos estudos dos geógrafos humanistas em questão, sempre procurando ressonâncias entre a escrita queirosiana com os conceitos atualizados de paisagem, lugar e espaço.

2 O ORIENTALISMO E AS NARRATIVAS DE VIAGEM NO SÉCULO XIX

Desde os séculos XV e XVI, com as grandes navegações e a expansão marítima ibérica, o anseio por descobrir terras distantes e, conseqüentemente, conhecer costumes, línguas, culturas diferentes e se defrontar com o Outro motivou e encorajou os europeus a irem em busca do “desconhecido”. Associados àquele anseio, estavam o propósito de expansão da fé cristã, que muitas vezes significou aculturação do Outro e o objetivo de explorar as riquezas das terras descobertas, que implicou em subjugação e colonização dos povos “contatados”. Em *O outro livro das maravilhas: a peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Francisco Ferreira de Lima afirma sobre a alteridade:

Naturalmente a duração do fenômeno da alteridade é mínima, e não poderia ser diferente, já que se trata efetivamente de um gozo. Vivido o estágio, retomam-se os parâmetros, valores e códigos e a cintilação cede lugar à comparação, em que se medem a superioridade ou inferioridade do descoberto. Já não se trata mais de uma relação intersubjetiva entre descobridores, senão de um à outra entre sujeito e objeto, na qual o sujeito estuda atentamente seu objeto com o fim de dominá-lo ou seduzi-lo, a depender de como se ponha a correção de forças entre eles (LIMA, 1998, p. 62).

Conforme revela o excerto citado, observa-se que, independente do contexto histórico ou do século, é comum aos viajantes se deslumbrarem com o novo, mas, ao mesmo tempo, defenderem suas concepções étnicas e culturais. Assim comprovam muitas narrativas de viagem no início da Idade Moderna, como também os escritos do s. XIX. Ao refletir acerca da viagem, tanto em seu plano real, de deslocamento, quanto em seu plano simbólico, essas narrativas guardam especificidades de conteúdo, reflexão e autoria, na medida em que, enquanto uns escrevem com objetivos práticos, com informações sobre as terras “descobertas”, outros escrevem com tons mais subjetivos, evocando normalmente a memória de textos lidos sobre aquelas paragens distantes.

Além das Américas, as regiões do Médio e Extremo Orientes também exerceram grande fascínio nos europeus. Seja pelos seus aspectos históricos milenares ou pelas paisagens que os maravilhavam, seja pelo tipo de clima e solo, ou pela riqueza da arquitetura e costumes, a verdade é que essas civilizações despertaram a atenção dos viajantes europeus e das mais diversas formações intelectuais, como historiadores, religiosos, geógrafos, literatos, cientistas, exploradores e navegantes. Exemplo incomum de narrativa de viagem encontra-se na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, “o mais interessante livro de viagens do século XVI e

um dos mais interessantes da literatura mundial” (LOPES; SARAIVA, 1955, p. 309). Ao mesclar realidade e ficção, relatos vivos da sua aventurosa peregrinação pelo Extremo Oriente, o autor atrai os leitores pela escrita vivaz, audaciosa, revelando às mentes do s. XVI que existiam civilizações mais ricas, multiculturais e algumas vezes tecnologicamente mais avançadas que a Península Ibérica.

Francisco Ferreira de Lima, em seu estudo sobre a *Peregrinação*, atesta o estado de êxtase e deslumbramento do viajante português que se deparou com paisagens distantes daquelas normalmente vistas em Portugal. Além disso, sinaliza, como fazem outros estudiosos, o caráter profundamente híbrido das narrativas de viagem, um gênero singular e de difícil classificação devido à mescla de muitos textos em um só:

A popularidade e o prestígio desfrutados pela *Peregrinação* têm efetiva razão de ser. Espécie de livro-síntese, ele incorpora os principais modelos em voga no século XVI, a crônica, o relato de viagem, a novela de aventuras – para não falar nas tradições medievais, como as diversas formas, simbólicas e reais, de peregrinação e hagiografias. Incorpora-os e ultrapassa-os, é bem de ver, pois, sendo essas coisas todas, a *Peregrinação* não é nenhuma delas em particular, promovendo um verdadeiro baralhamento de fronteiras entre gêneros, nós que a história e a crítica literárias ainda não conseguiram desatar de todo (LIMA, 1998, p. 19).

Como demonstrado acima, a obra *Peregrinação* foi uma das pioneiras no modelo de “narrativas de viagens”. Francisco Ferreira de Lima sinaliza para os diversos gêneros textuais existentes na obra, enriquecendo o imaginário dos leitores daquela época que ainda desconheciam muitos lugares citados por Fernão Mendes Pinto. Ao mesclar realidade e ficção, observa-se também outros assuntos na obra, como informações geográficas, políticas e históricas de culturas distantes. Sucesso de público na época, *Peregrinação* provavelmente abriu caminhos para que outros textos deste gênero narrativo fossem publicados em séculos posteriores.

Tratando-se do Médio Oriente, em meados do s. XVIII, constata-se um interesse sistemático acerca desta região. Foi com a expedição francesa de Napoleão Bonaparte (1769-1821), composta por um séquito de estudiosos e cientistas, que essa região, especificamente o Egito, passou a ser conhecida pelo público europeu. Jean Vercoutter acrescenta que “[...] o Egito torna-se moda. De 1802 a 1830, uma dezena de viajantes de grande valor, franceses,

alemães, ingleses, suíços, vem conferir *in loco*, as maravilhas reveladas pelas obras *Voyage* e a *Description*³⁵ (VERCOUTTER, 2002, p. 54).

Sobre o contexto dessas viagens, a escrita foi uma ferramenta fundamental para registrar as vicissitudes do trajeto, as precárias condições de deslocamento e, especialmente, para propagar informações acerca do que os viajantes vivenciaram nas regiões distantes. Quatro séculos depois das grandes descobertas, observou-se que no s. XIX, muitos viajantes europeus ainda continuavam atraídos pela região oriental, em especial o Egito, produzindo-se uma profusão de textos publicados dos mais diferentes gêneros discursivos tais como romances, contos, ensaios, narrativas de viagem³⁶, tratados científicos, livros de imagens, artigos jornalísticos sobre o Oriente.

Edward Said, estudioso destes escritos, especificamente aqueles de autoria inglesa e francesa, afirma que essas produções estão afinadas com o contexto político, social e econômico do s. XIX, sendo responsáveis diretamente por disseminar impressões preconceituosas com relação à cultura do Outro³⁷. Essas impressões, por sua vez, foram decisivas para endossar a política colonial no Oriente, na qual os europeus, imbuídos de teorias científicas e de preconceitos sociais e culturais, divulgaram costumes considerados “exóticos” e inabituais para os olhares ocidentais.

O s. XIX foi marcado por transformações tecnológicas e científicas, a exemplo dos meios de comunicação, como o telégrafo – que surgiu de forma incipiente no s. XVIII e, logo a seguir, o telefone e o rádio; de transportes mais rápidos como o navio e comboio a vapor, além do automóvel; sem falar na intensa produção jornalística³⁸ e científica³⁹. A imprensa periódica ganhou visibilidade neste período, sendo responsável por publicar diversos textos, repletos de múltiplos significados tanto simbólicos quanto “reais”. O público, cada vez mais

³⁵ Jean Vercoutter, no livro *Em busca do Egito esquecido*, descreve com minúcia a rotina dos viajantes europeus durante suas estadas no Egito, além de fazer um mapeamento histórico e ilustrativo da famosa expedição de Napoleão Bonaparte, resultando na monumental obra *Description d’Egypt*.

³⁶ Os estudiosos nomeiam o gênero de diversas maneiras. Saraiva & Lopes (1955) definiram-nas como “Literatura de viagens ultramarinas”; Fernando Cristovão (2002), por exemplo, considera-as como “Literatura de viagem”; Machado & Pageaux (1988), conceituam como “Narrativa de viagem” e Todorov (2006), nomeia-as como “Relatos de viagem”. Para efeito de homogeneidade irei denominá-lo como “Narrativas de viagem”, diferenciando a etimologia quando se tratar das próprias citações destes teóricos.

³⁷ “De um lado estão os ocidentais, do outro os orientais-árabes: os primeiros são [...] racionais, pacíficos, liberais, lógicos, capazes de ter valores reais, sem desconfiança natural; os últimos não são nada disso” (SAID, 1990, p. 59).

³⁸ O folhetim, que teve seu primeiro desenvolvimento na França, foi um dos suportes eficazes para a propagação das ideias difundidas pelos viajantes no Oriente e em outros lugares do mundo. Nesse sentido, observa-se a publicação em grande escala de narrativas de viagem e artigos jornalísticos, primeiro publicados na imprensa periódica, para depois passarem para a publicação em outros meios de comunicação, como o livro, por exemplo.

³⁹ Várias doutrinas filosóficas e científicas também se desenvolveram no s. XIX, a exemplo do Darwinismo, Evolucionismo, Positivismo, Marxismo e Determinismo. Muitos escritores oitocentistas foram admiradores dessas teorias, como Eça de Queirós, em Portugal; Gustave Flaubert, na França, e Aluísio Azevedo, no Brasil.

ávido em conhecer essas experiências, foi o grande consumidor destes textos, e, devido ao grande interesse, as narrativas de viagens ganharam repercussão no meio social e acadêmico da época:

Não deve surpreender ninguém que seja tão amplo o leque de leituras oferecidas pelos editores durante séculos a um público cuja curiosidade pretendiam, simultaneamente, apaziguar e estimular. É que os relatos de aventuras e de desvendamento do desconhecido eram tão do agrado do homem renascentista, como do cidadão do século das Luzes. Tornou-se tão generalizado e exigente o consumo deste tipo de leituras que, para corresponder à insaciável procura dos leitores, a Literatura de Viagens absorveu e incorporou nos seus textos outras tradições culturais, sobretudo as afins, tais como as da Historiografia, Astronomia, Geografia, Cartografia, bem como as das diversas artes, com relevância para a Arquitetura, a Medalhística e a Museologia (CRISTOVÃO, 2002, p. 32).

Como se observa, há dificuldade em se determinar o gênero dessas narrativas, haja vista o seu lugar fronteiro entre ficção e não ficção, história e literatura, memórias ou textos referenciais⁴⁰. Soma-se a isso o fato de ser um gênero altamente complexo e subjetivo, levando-se em consideração que “o escritor-viajante [...] é o memorialista dos seus feitos e dos seus gestos, herói da própria história que inventa e que arranja à sua maneira, testemunha privilegiada em relação ao público sedentário” (MACHADO, PEGEAUX, 1988, p. 34). Em uma mesma narrativa, o leitor pode vislumbrar um leque de posicionamentos ideológicos por parte do narrador, além de temáticas variadas e um misto de gêneros textuais, como diários, memórias, cartas, tratados científicos, políticos e econômicos sobre o lugar retratado. Além disso, “o olhar, tanto pode ver como não ver, uma vez que, no ato de ver, *ver* é só uma parte de um complexo jogo de fatores, de que participam o sonho e o desejo, para além de todos os outros aspectos” (LIMA, 2004, p. 127, grifo do autor). Assim, deve-se levar em conta as impressões pessoais do escritor e como ele vislumbrou a questão da alteridade, afinal:

Não restam dúvidas de que a Literatura de viagens, cuja gênese remonta à época das grandes Descobertas, assumindo formas muito diversas – jornais de bordo, roteiros, mapas, itinerários, provindo dos mais diversos sujeitos enunciativos – navegadores, geógrafos, cartógrafos, médicos, missionários,

⁴⁰ Fernando Cristovão conceitua Literatura de viagens enfatizando o seu caráter múltiplo, as suas características discursivas híbridas e natureza interdisciplinar que engloba diversas áreas do saber: “Por Literatura de viagens entendem o subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de caráter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã” (CRISTOVÃO, 2002, p. 278).

etnólogos, antropólogos -, é a primeira que permitiu a emergência de um Universo – outro tipo de vista antropológico e cultural, criando um verdadeiro discurso da alteridade que evoca este primeiro encontro de civilizações desconhecidas, embora sejam (re) conhecidas as suas fragilidades do ponto de vista literário (CABETE, 2009, p. 128).

Em Portugal, muitos escritores oitocentistas viajaram por vários países e escreveram narrativas de viagem. Exemplo notável e incansável de viajante foi Ramalho Ortigão, amigo de Eça de Queirós. Das várias viagens que empreendeu, conhecendo países da América Latina, como Argentina e Brasil e da Europa, como Holanda, Itália, Suíça, Alemanha, Inglaterra, Espanha e a França, ficaram para a posteridade as suas impressões do estrangeiro, publicadas em livros, a exemplo de *Em Paris* (1868), *Pela terra alheia* (1867) e *John Bull* (1887). Outro amigo de Eça que viajou e coletou informações acerca desta experiência foi Oliveira Martins que, de maio a julho de 1892 viajou para a Inglaterra, publicando várias cartas no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro e que mais tarde foram publicadas em livro com o subtítulo *Cartas de um viajante* (MINÉ, 2000). No entanto, mesmo percorrendo tantos lugares, conhecendo culturas outras e, claro, comparando-as com o seu país, tanto Ramalho Ortigão quanto Oliveira Martins não tiveram oportunidade de conhecer o Médio Oriente, tarefa assumida pela pena talentosa do conterrâneo deles, através das suas Narrativas de viagem.

Segundo Said, “quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente – seja antropólogo, um sociólogo, um historiador ou filósofo – nos seus aspectos específicos ou gerais é um orientalista, e o que ele faz é Orientalismo” (SAID, 1990, p. 28-29). Tratando-se especificamente da literatura produzida na segunda metade do s. XIX, em Portugal, percebe-se que houve muitas representações do Oriente em diversos gêneros textuais⁴¹. Nesse sentido, duas visões sobre o Oriente podem ser marcadas nestes textos: aquela visão idealizada, alimentada pelo imaginário de um Oriente mítico e, de forma inversa, uma visão construída através de respaldos políticos imperialistas, que endossavam o Oriente como lugar bárbaro e antigo, que necessitava de certa ação “civilizadora”.

O termo Orientalismo liga-se ao processo histórico da colonização imperialista europeia, que teve como principais protagonistas os portugueses e espanhóis, no recuados séculos XV e XVI e, a partir do s. XVII, ingleses e franceses. Hélder Alexandre de Macedo,

⁴¹ Em tese de doutorado intitulada “Entre o passado e o presente: um estudo do orientalismo literário português na segunda metade do século XIX”, José Carvalho Vanzelli (2020) analisa a representação do Oriente nas obras de três escritores portugueses: Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco e Antero de Quental. A produção destes escritores acerca do Oriente foi densamente diversificada através de textos ficcionais e não ficcionais, como as novelas e os artigos jornalísticos

ao estudar os discursos dos ocidentais em torno do Oriente, esclarece-nos que eles procuravam propagar “sua superioridade frente às regiões designadas como orientais, tidas como atrasadas e deslocadas no tempo e espaço” (MACEDO, 2006, p. 8). Dessa forma, muitos escritos produzidos sobre o Oriente⁴² tiveram sua autoria marcada por homens brancos e provenientes de países economicamente dominantes, contribuindo assim para intensificar uma complexa rede de opiniões a respeito do Outro oriental. Foi notadamente a partir do s. XIX, com as intensas pesquisas em torno do Egito, que as imagens sobre este país foram divulgadas, através de pinturas, livros de viagens, contos, romances, crônicas e poesia, com forte repercussão na sociedade europeia.

Eric Hobsbawm (1998) emite sua opinião a respeito do inegável desenvolvimento da Europa no s. XIX, dando-nos uma ideia precisa sobre as investidas exploratórias dos principais reinos europeus em regiões distantes, a fim de consolidarem seus poderes hegemônicos. O historiador busca respostas históricas para a dominação europeia em regiões como o Egito, que foi invadido por Napoleão em 1798, e um século depois pela Grã-Bretanha. Acrescenta ainda que uma série de desenvolvimentos tecnológicos foi decisiva para incrementar a política de império organizada sistematicamente pela Europa.

Homi Bhabha, ao fazer a releitura da semiótica do poder orientalista, proposto por Said, aborda a questão do discurso produzido pelos europeus. Corroborando as ideias de Said, Bhabha também acredita que há uma “polaridade [...] no próprio centro do orientalismo [...] por um lado, um tópico de aprendizado, descoberta, prática: por outro lado, território de sonhos, imagens, fantasias, mitos e obsessões” (BHABHA, 1998, p. 112). Dessa forma, quando Eça de Queirós clama por um Oriente perdido, em busca da glória e da arquitetura monumental que esperava encontrar, ele está mergulhado no “território das imagens” pré-estabelecidas por suas leituras ocidentais. Bhabha explica mais claramente o pensamento de Said sobre o terreno dos sonhos e imagens da seguinte forma:

[...] dá-se a essa linha de pensamento uma forma análoga à da construção do sonho quando Said se refere explicitamente a uma distinção entre “positividade inconsciente”, que ele denomina *orientalismo latente*, e as visões e saberes estabelecidos sobre o Oriente que ele chama de *orientalismo manifesto* (BHABHA, 1998, p. 112, grifos do autor).

⁴² Como o escopo deste trabalho é a representação da paisagem oriental na obra de Eça de Queirós, toda vez que o termo “Oriente” for citado, estarei fazendo referência ao Médio Oriente, especificamente aos lugares em que o escritor esteve, a exemplo da Palestina, Alta Síria e Egito.

Os artistas europeus que visitaram o Oriente carregaram consigo saberes acerca da história da civilização antiga, costumes e conhecimentos sobre o povo e as condições de vida daquela região, mas todo o conhecimento livresco não se assemelhava ao que eles presenciaram em suas viagens. O Orientalismo latente e manifesto de que nos fala Said descreve bem a ambivalência do olhar de Eça de Queirós, repleto de fantasias sobre o Oriente, fruto de suas leituras preparatórias, ao mesmo tempo muito distinto do que revelam suas observações sobre o lugar e sua gente.

N´*O Egito*, por exemplo, há críticas de um lugar que ficou subordinado a uma política sanguinária e egoísta, denunciando que a ação do homem alterou significativamente uma cultura milenarmente próspera e diversificada. As mesquitas são descritas como um asilo de mendigos, abandonadas, com as suas paredes espoliadas e com as grades de túmulos despedaçadas, “é a imensa cidade escura, pobre e arruinada, caindo em pedaços” (QUEIRÓS, 1946, p. 115). O desencanto do romancista face à civilização que se esvaiu com o tempo e vem se desagregando com a série de disputas empreendidas pelo poderio imperialista europeu encontra-se em várias partes do livro:

Em redor, as casas caem em ruínas, abrem seus interiores como animais com o ventre rasgado; os soalhos inclinam-se para a rua e deixam escorregar toda a sorte de destroços. Aquilo está no chão, derrocado, decrépito, confuso, coberto de poeira, e aquelas casas velhas, com a sua cor triste, fazem um cortejo trágico à sombria e ascética mesquita de Hasan [...] Quem olha, porém, para o centro da mesquita o que vê? Miséria, mulheres sujas, pobres cheios de verrima catando-se ao sol, crianças rolando-se na lama, correndo com os cães, e velhas hediondas com os seios pendentes e negros, gritando e vociferando... Miséria, podridão e fome – e por cima bandos de abutres, voando no céu implacável! (QUEIRÓS, 1946, p. 114-118).

Eça de Queirós não poupou adjetivos fortes e incisivos para caracterizar tamanha desagregação na arquitetura das casas e mesquitas, além da triste sorte de seus moradores. A alusão aos “abutres” também denuncia a atmosfera de exploração e tristeza, enfatizando assim suas impressões sobre aquele lugar visitado. Contudo, quando a narração apresenta aspectos positivos da paisagem e da cultura locais, é através do passado mítico que este se elabora, afinal, “tudo aquilo assenta junto da paisagem sublime do Delta, entre a eterna fecundidade do Nilo e as lendas do passado, junto das Pirâmides e do Deserto, sob o mais puro, profundo e largo céu que possam desejar as orações dos homens” (QUEIRÓS, 1946, p. 116). Dessa forma, observamos “o oscilar de Eça entre o presente, decadente/imundo e o passado, luminoso/fantasia” (OLIVEIRA, 2001, p. 248). As suas Narrativas são marcadas por profundos paradoxos entre o ideal, fruto de um conhecimento intrinsecamente absorvido por

anos de leitura, e a realidade, quando Eça de Queirós deixa transparecer as mazelas de um país marcado pela ruína social e econômica:

Como viajante, o narrador oscila entre o encantamento da paisagem e a consciência crítica do civilizado experienciando novas culturas, novos modos de vida [...] À medida que os viajantes pisam em solo egípcio, uma inextricável mistura de verdade e ficção passa a governar o relato: nota-se a tensão entre o elemento lendário e a realidade, de que é testemunha o viajante, cujo olhar opera a contaminação do Egito da fábula – que tem por modelo um Oriente convenientemente idealizado – com o Egito real [...] Percebe-se como o narrador oscila entre a imagem estereotipada veiculada pelas lendas e narrativas maravilhosas e a averiguação local da ruína e da decadência (OLIVEIRA, 1997, p. 700).

Escritores europeus, notadamente franceses e ingleses, estavam conscientes do processo geopolítico perpetrado por seus países no Egito. Há de frisar que muitos deles, imbuídos por idealizações em torno de um Egito mítico, viajaram *in loco* para conhecer aquele país. Uma profusão de escritos sobre as mais variadas temáticas foi sendo produzida acerca das impressões de viagem destes escritores. Gerard de Nerval, Maxime Du Camp, Théophile Gautier, Ernest Renan e Gustave Flaubert estiveram no Egito e escreveram densas obras que alimentaram o imaginário ocidental por muito tempo. Em Portugal, por exemplo, muitos escritores fizeram a leitura desses textos orientalistas, construindo assim idealizações acerca da cultura egípcia. Eça de Queirós, por exemplo, leitor de textos franceses desde a infância⁴³, não hesita em conhecer a maior parte da literatura produzida por aqueles escritores, ocupando sua mente com os mais diversos assuntos sobre o Egito. Massaud Moisés, ao escrever sobre a Geração de 70 em Portugal, sinaliza para o gosto pelas viagens que animou os principais escritores do período, atestando que não apenas a leitura sobre outras culturas fez parte do cotidiano destes literatos, mas a própria visita *in loco* a paragens distantes:

Na mesma ordem de ideias, essa geração iconoclasta e irreverente procurou horizontes mais largos e cosmopolitizou-se, o que significou durante algum tempo um sentimento antijacobino, antibairrista. O resultado foi a superação

⁴³ Sobre a educação francesa de Eça de Queirós, A. Campos Matos, comenta: “Eça foi vítima do afrancesamento que desde tenra idade lhe inculcaram e que continuou durante todas as fases dos estudos até à obtenção do seu diploma de bacharel, adquirido através de noções transmitidas por livros franceses ou traduzidos do francês. Quando actor do teatro acadêmico de Coimbra, era francesa a maioria das peças aí representadas. Chegado a Lisboa, desde o Casino Lisbonense aos vestidos, às comidas dos hotéis, tudo era francês” (MATOS, 1988, p. 279-281). Álvaro Lins, outro estudioso da obra queirosiana, acrescenta: “Na sua página autobiográfica, *O Francesismo*, Eça conta que foi num ambiente francês que viveu desde menino. As histórias que ouviu nas pernas do seu velho escudeiro preto foram as de Carlos Magno e dos Doze Pares. Na escola inicia-se na leitura por intermédio de um livro francês, e em Coimbra os compêndios vinham dessa mesma fonte. Nos costumes, na vida política, no teatro, na literatura – a França, sempre a França diante dele [...] (LINS, 1966, p. 44).

dos limites pátrios através de viagens ao estrangeiro, em exílios voluntários para melhor ver a realidade portuguesa encharcada de mazelas morais de toda a natureza. Essa ânsia do desconhecido, do exótico, embora herança do Romantismo, configura-se largamente, então, na pena de Eça (*O Egito*), de um Ramalho Ortigão (*A Holanda*), e, principalmente, de um Venceslau de Morais [...] (*Dai-Nippon*, *Cartas do Japão* etc), cuja emigração se definiu em gradativa orientalização, inclusive pela filosofia da vida que passou a viver [...] O hábito de viajar e de contar o que se vê, remonta há muito longe na Literatura Portuguesa: pelo menos a Fernão Mendes Pinto, cuja *Peregrinação* revelou vários mundos a Portugal [...] O movimento realista, pelo cosmopolitismo típico, catalizou o ansioso gosto cósmico de tudo ver para em tudo encontrar o mesmo homem sufocado por iguais inquietações. Eça, Ramalho e Venceslau de Morais, representam de modo superior a literatura de viagens durante essa quadra, pondo a seu serviço uma curiosidade aguçada e um estilo apurado (MOISÉS, 2006, p. 173-174).

Massaud Moisés sinaliza que as viagens para diversos países ou continentes animou o gosto dos portugueses em vários contextos. No entanto, foi especificamente no s. XIX que elas ganharam mais popularidade, provavelmente pelas facilidades ocorridas pelo desenvolvimento dos transportes e dos meios de comunicação. Tratando-se especificamente dos escritores realistas, nota-se que o anseio em conhecer outros lugares, deveu-se, principalmente à vontade de “superação dos limites pátrios”, pois, em contato com diversas culturas, muitos intelectuais puderam alargar seus horizontes científicos e literários.

As narrativas de viagem constituíram um gênero textual híbrido e ao mesmo tempo importante para a propagação de várias culturas distantes, geograficamente, de Portugal. No século XVI, o país recebeu uma obra que se voltou para a descrição de costumes “diferentes” daqueles vivenciados no Ocidente, logo, o livro *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto revelou o Extremo Oriente para leitores curiosos e questionadores. Dois séculos depois, presenciamos outros escritos sobre o Médio Oriente, principalmente depois da invasão napoleônica no Egito. Nesse sentido, franceses e ingleses conheceram aquele país e, como fruto daquelas experiências, publicaram obras com as mais diversas temáticas. E, a partir do s. XIX, ainda notou-se que o gênero narrativa de viagem ainda vigorava no gosto do público leitor. Portugueses como Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, viajaram para outros países e também publicaram suas vivências por lugares diferentes. Após essa breve contextualização de algumas especificidades sobre o gênero narrativas de viagem, bem como as implicações geopolíticas em torno do Orientalismo e sua densa produção artística e literária que abrangeu todo o s. XIX, passemos para a análise da presença *in loco* do Oriente na vida de Eça de Queirós.

2.1 O EGITO NAS NARRATIVAS DE VIAGEM DE EÇA DE QUEIRÓS

O primeiro contato de Eça de Queirós com o Egito deu-se através das festas de inauguração do Canal de Suez, em 1869. Ao viajar para aquele país com o futuro cunhado, o conde Luís de Resende, Eça de Queirós, embevecido e ao mesmo tempo decepcionado com o que observou naquelas paragens distantes, escreve sobre sua experiência, sem, contudo, a intenção de publicá-la imediatamente. Suas Narrativas de viagem não foram revisadas nem publicadas pelo escritor, cabendo a tarefa a seus filhos que, após a morte do romancista, fizeram uma revisão daqueles escritos tentando manter os traços estilísticos do autor. Há de se notar que a tarefa de compilar as notas de viagem de Eça não foi simples, devido à sua letra irregular e minúscula, que dificultava a compreensão. É o que nos atesta o filho de Eça, José Maria, na introdução do livro *O Egito. Notas de viagem*:

Com efeito, decifrados os manuscritos, encontrava-me diante duma série de notas soltas, de descrições independentes – cidades, túmulos, mesquitas, pirâmides, arquiteturas, paisagens, danças, cantos, vestuários – todo um Oriente confuso e rutilante que era necessário organizar, dispor segundo um plano que desse coesão à viagem e unidade ao livro (QUEIRÓS, 1946, p. 6).

Além disso, existiam períodos incompletos, frases soltas e a própria condição material do papel era precária, visto que Eça de Queirós rabiscava em folhas pequenas, em papéis inadequados para um texto com tantas informações, além de um roteiro turístico que não seguia uma sequência lógica acerca dos lugares visitados, muito menos com datas precisas. Décadas depois da compilação feita pelos filhos de Eça, Beatriz Berrini ofereceu também a sua contribuição, compilando os relatos e publicando-os em uma obra completa pela editora Nova Aguilar⁴⁴. Atualmente, a equipe responsável por fazer a edição crítica de tais Narrativas de viagem ainda está em trabalho de execução, liderada pelos pesquisadores Carlos Reis e Ceila Martins⁴⁵.

Assim, as anotações produzidas por Eça em papéis avulsos foram primeiro publicadas pelo seu filho, José Maria d'Eça de Queiroz, cinquenta e sete anos depois, com o título *Egypto. Notas de viagem* (1926). Algumas décadas depois, vemos o esforço da sua filha, Maria Eça de Queiroz de Castro, que, em 1966, descobriu outros escritos sobre o Oriente, recolhendo notas

⁴⁴ QUEIROZ, Eça de. *Obra completa*. Organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias de Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 1, 2, 3 e 4.

⁴⁵ A edição crítica completa das Narrativas de viagem está prevista para terminar em 2023.

daquele material e publicando em livro com o título *Folhas Soltas*, do qual fazem parte breves relatos sobre a Palestina e Alta Síria.

Percorrendo os clássicos caminhos do Médio Oriente, conhecendo suas ruínas, mesquitas, templos, túmulos, museus e universidades, presenciando embevecido as danças, cantos e rituais religiosos, Eça de Queirós, a seu modo, imprimiu suas impressões de viagem, oferecendo ao leitor suas reflexões. A narrativa de viagem é gênero que possibilita a experiência vivida pelo escritor de seu encontro com o Outro, além de possuir, na sua essência, traços autobiográficos, resultando em uma escrita altamente subjetiva e memorialística.

Na Introdução ao *Egypto. Notas de viagem* (1926), o filho do escritor trata das dificuldades⁴⁶ para reunir as anotações do pai, afirmando todavia que encontrar alguns documentos oficiais do Conde de Resende, e do próprio Eça de Queirós, facilitou a reconstituição da presente obra, a exemplo do passaporte diplomático e dos vistos que o cobrem. Assim ele foi reconstituindo, na medida do possível, os passos de Eça de Queirós pelas tortuosas e estreitas ruas de Alexandria; pela magnitude paisagística do Nilo; observando a exuberância multicolorida do Cairo; ou se surpreendendo com a dicotômica região dos Bazares, dividida entre uma paisagem urbana, ocidentalizada, e uma paisagem ainda natural, pela planície desértica e desolada na base de Mokattam, legando-nos assim uma experiência documental, histórica e social sobre os costumes egípcios.

Indiscutivelmente, as reflexões que o romancista fez sobre a diversidade de assuntos, imagens e tudo o que excitou sua imaginação, durante todo o percurso no Oriente, foram transformando sua escrita em algo simples e ágil, capaz de captar perfeitamente o que o impressionava, produzindo, de sua experiência de viajante, um verdadeiro documento de seu tempo. As descrições sobre as ruas do Cairo, por exemplo, com as mesquitas, o ar sombrio, decadente e histórico são feitas de maneira direta, simples, quase coloquial. No estudo da existência do felá, com a sua rotina paupérrima, miserável e revoltante, o que interessa ao romancista é o caso típico da vida social, com seu significado coletivo.

Outro elemento fundamental para o estudo de suas Narrativas de viagem será a Paisagem, que funcionará no texto queirosiano como pano de fundo para suas indagações e reflexões a respeito da história de uma civilização antiga e diversa. Acompanhando a

⁴⁶ “Como e quando estas Notas foram escritas – realmente não o saberia dizer. Constam de três pequenos cadernos de bolso, em que os apontamentos nem sempre se sucedem cronologicamente, e de um grosso maço de tiras de papel almaço – o todo coberto de uma letra miudíssima, por vezes, indecifrável, ora a lápis, ora a tinta – aqui uma tinta esbranquiçada, um traço duro e incerto, em que se sente a pena ferrugenta e bárbara da hospedaria primitiva, além uma letra que nada perdeu a sua nitidez e que revela os confortos civilizados do “Sheaperd’s ou dos “Reading-rooms” dos grandes paquetes da Índia” (QUEIROZ, 1946, p. 11).

transformação do tempo e da sociedade egípcia, o texto de Eça de Queirós demonstra que a paisagem oriental não ficou inerte à ação do homem e de sua complexidade cultural, pois sendo “suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo [...], é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 1988, 68).

Amalgamando ficção e realidade, observa-se que as Narrativas de viagem de Eça de Queirós retratam o olhar de um escritor português atento a sua época e ao mesmo tempo com a imaginação voltada para o passado histórico, colhido de suas leituras sobre o Oriente. Assim, a viagem ao Oriente Médio deixou, no espírito do romancista, resquícios profundos pois, de regresso a sua terra natal, percebe-se que ele fixou suas anotações ao perpetuar, através da escrita ficcional, hagiográfica, jornalística e epistolográfica, a sua experiência. O caráter de obra artística das Narrativas de viagem deve-se à pena erudita do romancista, que soube aliar a descrição da realidade com referências de sua vasta bibliografia orientalista (SIMÕES, 1973, p. 208).

Nas descrições biográficas de santos⁴⁷, encontra-se a biografia de Santo Onofre, um eremita que viveu no Egito, no final do s. IV. Como monge, Onofre sente-se deslocado do conforto material oferecido pelo mosteiro e resolve partir para o deserto do Oriente, escolhendo viver uma existência de privações e solidão “apartando-se cada vez mais dos homens e dos seus pecados” (TUPIASSU, 1992, p. 75). A trama desta história é importante para o que vimos tratando, na medida em que há referências explícitas ao ambiente oriental, pois o narrador, logo nas primeiras páginas, informa a origem de Santo Onofre e descreve os lugares pelos quais a personagem transitou:

Onofre nasceu em Afrodite, cidade do Egito sobre a margem Arábica do Nilo [...] E quantas maravilhas ele vira no deserto! Os mosteiros, a longa fila de celas, mais pobres que ergástulos, espalhados pelo areal, onde os monges sob os seus negros capuzes oravam de braços abertos, folheavam grossos livros, fabricavam cestos de esparto, regavam hortas de legumes ou se fustigavam com um látigo (QUEIRÓS, p. 242, 1952).

O enredo de Santo Onofre também se aproxima de outros escritos como os contos “A morte de Jesus” e “O suave milagre”, além do romance *A relíquia*, visto que Eça de Queirós retoma um assunto que sempre o interessou, ou seja, a reconstrução de temáticas religiosas, especificamente envolvendo tempos recuados da história cristã, a exemplo da figura de Jesus,

⁴⁷ Santo Onofre encontra-se no volume *Últimas páginas* (1952), da edição Lello & Irmão Editores.

quase sempre presente nestas narrativas de cunho temático religioso. Desta maneira, o leitor se depara com um Eça diferente dos seus primeiros momentos realistas, pois, “ultrapassada a rigidez [...] dos anos naturalistas, a escrita queirosiana contempla elementos de natureza histórica, simbólica e mítica” (REIS, 2005, p. 31).

O conto “O suave milagre” possui como principal personagem Jesus. O tema do conto é a fama do Mestre Nazareno, de como ela se espalhou por todo o Egito e a Palestina, sendo requisitado pelos mais altos dignatários romanos. A dicotomia do enredo encontra-se na forma como Jesus preferiu atender aos simples e humildes, ao curar uma criancinha andrajosa, enquanto era procurado por personalidades poderosas como Publius Septimus, um centurião romano, e o riquíssimo Obed que, mesmo enviando tropas e servos para que o Nazareno o socorresse em seus problemas, não o encontrou. Neste conto, o leitor pode se deparar com a Galiléia e as “doces, luminosas margens do Lago Tiberíade”, pois o Oriente do cristianismo primitivo compõe espacialmente a narrativa:

Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados, passou no fresco vale, e anunciou que um novo Profeta, um Rabi famoso, percorria os campos e as aldeias da Galiléia predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E enquanto descansava, sentado à beira da fonte dos Vergéis, contou ainda que esse Rabi, na estrada de Magdala, sarara da lepra o servo de um Decurião romano, só com estender sobre ele a sombra das suas mãos; e que noutra manhã, atravessando numa barca para a terra dos Gerarénios onde começava a colheita do bálsamo, ressuscitara a filha de Jairo, homem considerável e douto que comentava os Livros na Sinagoga (QUEIRÓS, 1997, p. 1617).

“A morte de Jesus” aproxima-se do enredo de “O suave milagre” na medida em que “há nos dois contos a mesma posição ideológica de Cristo, a mesma intenção, concretizada em igual confronto pobreza x riqueza” (TUPIASSU, 1992, p. 25), além de vermos retratados em ambos os contos a ambientação histórica remontada ao tempo de Jesus. Nesse sentido, resquícios de um passado remoto são reconstruídos através da descrição pormenorizada de estradas, campos, aldeias, vilas, além da inclusão de personagens históricas e bíblicas, enfatizando assim a intenção de ilustrar essas Narrativas com elementos e paisagens do Cristianismo.

Além de manter pontos de contato com “O suave milagre”, percebe-se que “A morte de Jesus” relaciona-se com as Narrativas de viagem e *A relíquia*, na medida em que tratam diretamente de temas cristãos como a vida e a morte de Jesus, relatados no sonho de Teodorico. A narrativa do conto lembra-nos as anotações de Eça de Queirós durante o trajeto de sua viagem, ocupando assim, uma importante representação do *locus* oriental em sua obra. Mesmo incompleto, pois o escritor não finalizou a narrativa que tinha como principal conclusão a morte

de Jesus, o conto traz referências diretas a lugares como Jerusalém e as ruínas de Davi, além de evocar personagens bíblicas como Tomás, Mateus, Simão, Judas, João e Pôncio Pilatos.

Narrado em primeira pessoa, o conto nos dá uma dimensão de como se apresentava o cotidiano daquelas pessoas, a rotina do templo na época de Jesus, onde “se orava, se celebrava, se tratavam as questões civis, se julgavam os condenados, se estabeleciam as escolas rabinicas da lei, se discutiam os éditos de Roma” (QUEIRÓS, 1997, p. 1437). Também nota-se a comparação geográfica que o narrador faz entre a Galiléia, onde “tudo é fecundo, bem cultivado”, e Jerusalém, com suas “ruas estreitas e duras” (QUEIRÓS, 1997, p. 1433).

Eliseu, uma das personagens principais da narrativa, faz seu percurso oriental em busca de Jesus e se depara em terras como Jerusalém, as montanhas de Gallad, cidades de Israel, Jericó, Jordão e as colinas de Judá, lugares também visitados por Eça de Queirós e posteriormetne descritos no romance *A relíquia*. Nos textos aqui citados, observa-se que o escritor retomou e reaproveitou as anotações de suas experiências de viagem no Oriente para escrevê-los através de um processo nítido de intratextualidade⁴⁸. Mesmo incompleto, o conto “A morte de Jesus” possibilita-nos a oportunidade de perceber a importância que o Oriente ocupou na obra de Eça de Queirós. Publicada em folhetins, a narrativa não obteve o sucesso almejado, todavia, “o fracasso do conto não levou Eça a abandonar os temas bíblicos. Muitos anos depois, sob o disfarce de um sonho, a morte de Jesus seria de novo abordada [...] a cena apareceria em *A relíquia*, incluída num enredo apimentado” (MÓNICA, 2001, p. 84).

Em *A correspondência de Fradique Mendes*, observa-se a personagem homônima viajar para o Egito em 1871 e descrever os mais completos quadros sobre as civilizações orientais:

Com quanta profundidade e miudeza conhecia o Oriente, este patricio admirável! De todas aquelas gentes, intensamente diversas desde a cor até ao traje – ele sabia a raça, a história, os costumes, o lugar próprio na civilização muçulmana [...] Aqui Felás, ridentes e ágeis na sua longa camisa de algodão azul; além Beduínos sombrios, movendo gravemente os pés entapados em ligaduras, com o pesado alfange da bainha escarlata pendurado no peito; mais longe Abadiehs, de grenha de meda, eriçada de longas cerdas de porco-espinho, que os coroam de auréola negra [...] (QUEIRÓS, 1992, p. 43)

A partir do exerto acima, o leitor pode observar um vivo quadro de imagens acerca do Oriente. O narrador descreve a personagem Fradique como um homem cosmopolita e culto “com um ímpeto de ave solta, [que] viajara logo por todo o mundo, a todos os sopros do vento, desde Chicago até Jerusalém, desde a Islândia até o Saara” (QUEIRÓS, 1952, p. 59). Ao

⁴⁸ Processo no qual um autor utiliza-se de seus próprios textos para reescrevê-los (SANT’ANNA, 1985).

vivenciar esta experiência, a personagem descreve aspectos históricos dos povos e civilizações orientais, as mais variadas influências étnicas e culturais que compõe o mundo oriental. Além de dominar outras línguas como o inglês, o francês e o alemão, Fradique “conhecia também o árabe, que falava com abundância e gosto” (QUEIRÓS, 1952, p. 60). O fascínio que a cultura árabe despertou no espírito de Fradique Mendes pode ser ilustrado através da sua fluente escrita ao comentar sobre os mais variados temas, tais como a localização geográfica, as características físicas e climáticas dos lugares em que esteve, o cotidiano de suas populações nômades e suas caravanas, os solos que nunca deixavam de ser férteis e a riqueza do Rio Nilo.

N´*O Mandarin*, Teodoro faz um longo passeio pelas principais capitais da Europa, alargando seu percurso para o Oriente, sobre o qual afirma: “ergui a minha tenda diante das mulharas evangélicas de Jerusalém; e de Alexandria a Tebas, fui ao comprido desse longo Egito monumental e triste como o corredor dum mausoléu” (QUEIRÓS, 1952, p. 44). Interessante é a semelhança na descrição sobre o Egito, tanto nas Narrativas de viagem do escritor, quanto no livro *O Mandarin* – um país desolado, com arquitetura descuidada e triste. E no romance *Os Maias* encontram-se referências acerca do Oriente, quando Carlos da Maia, em suas numerosas viagens, visita o Rio Nilo. Mas é em *A relíquia*, que a persoangem principal, Teodorico Raposo, refaz mais longamente a viagem de Eça de Queirós ao Egito nos recuados anos de 1869, fazendo também referências à Palestina e Alta Síria.

Como se observa, desde os contos de temática religiosa como “O suave milagre” e “A morte de Jesus”, até as obras romancescas *O mandarin*, *A correspondência de Fradique Mendes*, *A relíquia* e *Os Maias*, brevemente aqui citadas, referências ao Egito encontram-se espalhadas também pela vasta bibliografia queirosiana, compondo crônicas, cartas pessoais e artigos jornalísticos. Destes, iremos analisar dois, pois neles, além de Eça de Queirós dissertar sobre as complexas relações entre as potências imperialistas no Egito, aponta também para a descrição de costumes, análise de sua gente e a paisagem circundante, prenunciando já o seu pendor realista. Mesmo não tornando públicas suas anotações de viagem, Eça de Queirós aproveitou-se delas para produzir novos textos, versando sobre temas múltiplos e compondo uma produção literária diversificada ao transitar por diversos gêneros textuais.

2.2 O EGITO EM ARTIGOS JORNALÍSTICOS: PRENÚNCIOS DE UM ESCRITOR REALISTA⁴⁹

Como dito anteriormente, Eça de Queirós empreendeu uma viagem ao Oriente em 1869, tendo como motivação sua presença à inauguração do Canal de Suez, no Egito. Em aproximadamente três meses de viagem – entre outubro, novembro e dezembro –, o romancista português reuniu observações e materiais que, posteriormente, utilizou em publicações para jornais com os quais colaborava, além de utilizar de sua experiência *in loco* para produzir futuros textos ficcionais. Os textos jornalísticos de Eça de Queirós revelam apurado senso crítico e são permeados de alusões à política imperialista de países europeus na região do Oriente próximo. Atentaremos aqui para dois artigos frutos dessa experiência: “De Port-Said a Suez: carta sobre a inauguração do Canal de Suez” e “Os ingleses no Egito”, publicados, respectivamente, nos prestigiosos *Diário de Notícias*, de Lisboa, e *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro⁵⁰.

Ao exercer suas funções de cônsul, além de escritor e jornalista, Eça de Queirós teve a experiência de viver em diversas cidades, como Havana-Cuba, Paris-França e nas cidades inglesas de Bristol e Newcastle. Esse trânsito por países diferentes permitiu ao escritor uma visão alargada sobre acontecimentos históricos de seu século, produzindo uma vasta correspondência⁵¹ que faz referência em alguns momentos à política perpetrada pelos países europeus para dominar e explorar as riquezas das regiões orientais, em especial do Egito.

O escritor palestino Edward Said pontua que uma profusão de textos, dos mais diversos gêneros discursivos e produzidos especialmente por franceses e ingleses, foi responsável por divulgar certa cultura oriental para a Europa oitocentista, lançando em seus escritos um Oriente distante, exótico e mítico. Escritores portugueses do século XIX, motivados pelas viagens para lugares distantes geograficamente de Portugal, foram leitores ávidos desses escritos, considerados como textos orientalistas e “vistos como um modo de escrita, visão e estudo

⁴⁹ Parte desta subseção foi publicada no livro *Iniciação a Eça de Queirós*, organizado por Cristiane Navarrete Tolomei (2022).

⁵⁰ “De Port-Said a Suez: carta sobre a inauguração do Canal de Suez” foi publicado no *Diário de Notícias*, de Lisboa, entre os dias 18 e 21 de janeiro de 1870. Recentemente, em 16/08/2020, o *Diário de Notícias*, por ocasião dos 120 anos da morte do escritor e dos 150 anos da publicação das cartas, voltou a publicar os quatro textos: <https://www.dn.pt/cultura/eca-de-queiroz-de-port-said-a-suez-11520956.html>. Por sua vez, o artigo “Os ingleses no Egito”, subdividido em seis cartas, foi publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 1882.

⁵¹ Na edição da obra completa de Eça de Queirós, organizada por Beatriz Berrini, o leitor poderá conhecer o quanto foi extensa a produção da epistolografia queirosiana. No volume 4 da presente edição, todas as cartas foram organizadas de maneira didática da seguinte forma: Carta para os amigos (p. 27-398); Correspondência com brasileiros (p. 399-441); Correspondência familiar (p. 443-731); Correspondência consular (p. 773-892); Cartas aos editores (p. 891-905) e Cartas enviadas a outros destinatários (p. 907-966). (Cf. BERRINI, 1997).

regularizados (ou orientalizados), dominados por imperativos, perspectivas e preconceitos ideológicos, ostensivamente adequados ao Oriente” (SAID, 1990, p. 209). A leitura de contos, romances, narrativas de viagem e tratados científicos produzidos por escritores ingleses e franceses⁵² delineou o olhar dos escritores portugueses, entre eles Eça de Queirós. O fato daqueles escritores geralmente serem cientistas e pesquisadores renomados, alguns com grande prestígio literário, produziu uma “aura” de respeito, um “valor” de verdade, acerca do que se publicava sobre o tema, conformando certa imagem ocidental do Oriente, afinal

Um orientalista do século XIX [...] podia ser tanto um erudito (um sinólogo, um islamista, um indo-europeísta), quanto um entusiasta de talento (Hugo em *Les orientales*, Goethe em *Westöstlicher Diwan*), ou mesmo ambos (Richard Burton, Edward Lane, Friedrich Schelegel) (SAID, 1990, p. 61).

Por outro lado, a inauguração do Canal de Suez – ligando o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho e este ao Oceano Índico, sem ter de contornar a África, encurtando assim a viagem da Europa à Asia Meridional, ao Oriente distante – foi acontecimento que chamou atenção das grandes potências europeias do século XIX e, um ano após este evento, em 1870, observa-se um “período de grande expansão colonial para o Oriente, que culmina na Segunda Guerra” (SAID, 1990, p. 36). Concomitante à ocupação europeia das partes orientais da África e do Médio Oriente, observa-se também o florescer de viagens e visitas artísticas e científicas para o Egito. Poetas, músicos, diplomatas e jornalistas estiveram na inauguração do Canal de Suez, em 1869, para também dar notícias aos seus sobre o evento. Eça de Queirós, além de participar da inauguração, esteve também ao lado de escritores, artistas e personalidades importantes da Europa⁵³.

Possuidor de talento invulgar, leitor assíduo e perene de jornais diários e dono de uma curiosidade por todos os assuntos que animaram os contemporâneos de sua época, desde muito cedo, Eça de Queirós sentiu necessidade de se envolver em questões de sua realidade e de seu tempo, e também nas de fora de seu país, iniciando assim sua carreira de escritor por vias jornalísticas⁵⁴, colaborando com periódicos portugueses e brasileiros, exercendo funções de “redator, cronista e correspondente” (MINÉ, 2000, p. 74). Além de exímio romancista e

⁵² Da vasta bibliografia oitocentista sobre o Oriente, destacam-se: Gerard de Nerval, com a obra *Voyage en Orient* (1851); Maxime Du Camp, que escreveu *Le Nil, Égypte et Nubie* (1854); Théophile Gautier, com a obra *Constantinople* (1885); Ernest Renan e sua *Vie de Jésus* (1863); e Gustave Flaubert, com *Salambô* (1862).

⁵³ Dentre as personalidades importantes que Eça de Queirós encontrou em sua estada no Egito, podemos nos referir a Teófilo Gautier, no Hotel Shepheard’s, e o diplomata Ferdinand de Lesseps, um dos responsáveis pela construção do canal de Suez (MÓNICA, 2001).

⁵⁴ Eça começou a sua carreira jornalística aos 21 anos como colaborador do jornal *O Distrito de Évora*. (MINÉ, 2000, p. 24).

contista, tenhamos em conta a intensa colaboração do escritor em textos de imprensa, tornando-se um jornalista efetivo de jornais como a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro⁵⁵ (1878-1897), além de escrever para jornais portugueses, a exemplo da *Gazeta de Portugal* (1866), *O Distrito de Évora* (1867) e a *Revista de Portugal*, fundada em 1889. Sobre as especificidades da escrita queirosiana publicadas nesses periódicos, Berrini acentua que

É possível perceber desde então a sua técnica na criação dos textos jornalísticos. Devorador de periódicos, lendo tudo quanto lhe caía nas mãos, conseguia apanhar dos textos o que mais o interessava e se ajustava à sua personalidade e aos fins que tinha em vista. Essas ideias, esses farrapos de lembranças, as fecundantes sugestões colhidas, quer das informações básicas assim obtidas quer das próprias experiências, tudo se amálgama num todo coerente, muito pessoal, muito queiroziano. Como sempre, o escritor *ecianiza* o que lhe passa pelos olhos e pela fantasia criadora. O resultado é um texto visceralmente queiroziano, em que pese a possível lembrança dos textos matriciais (BERRINI, 1997, p. 12, grifo da autora).

O jornalismo foi o primeiro suporte editorial importante na divulgação de suas ideias e opiniões sobre destacados e diversos temas da sociedade de seu tempo, não se restringindo a Portugal. Suas publicações jornalísticas “revelaram uma capacidade de análise de fenômenos sociais, uma notação sugestiva de cenários físicos, uma fina ironia e uma tendência para a descrição tipificadora de figuras humanas” (REIS, 1999, p. 152) que cruzavam constantemente com os modos da ficção, através de um diálogo rico e profícuo com a cultura de seu tempo. Nesta intensa fase jornalística do escritor, nada seria possível sem as profundas transformações ocorridas na esfera dos meios de comunicação, na medida em que:

Seguindo o telégrafo, a agência Reuters estabeleceu-se em Londres em 1851 e pelos anos 90 do século XIX tinha agentes na maior parte do mundo. Invenções relacionadas com a comunicação como a do telefone, do rádio, do automóvel, da bicicleta, da aviação, o fato enfim de o mundo já estar coberto por cadeias de comunicação, ausentes em 1800, propiciou a intensificação do interesse popular em conflitos e interdependências numa escala global e, conseqüentemente, um desenvolvimento gradativo da imprensa escrita, e, no seio destas, em matérias voltadas para o que ocorria em termos mundiais. (MINÉ, 2000, p. 17-18).

Colaborador incansável de periódicos do século XIX, a exemplo da citada *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (1880-1897), espírito curioso e sedento de informações políticas,

⁵⁵ Sobre a colaboração do romancista com o periódico brasileiro, Beatriz Berrini esclarece: “[...] em 1880, inicia Eça de Queiroz sua colaboração para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, que irá perdurar até quase o fim da sua vida, pois cessou somente em 1897” (BERRINI, 1997, p. 15).

econômicas e sociais do seu tempo, Eça de Queirós alimentava sua pena jornalística com notícias que ia recolhendo em Londres, Paris e Lisboa, preenchendo assim o cotidiano dos brasileiros com os últimos acontecimentos daquele contexto permeado de contradições políticas e injustiças de toda sorte, captando e refletindo um tempo histórico que, curiosamente, mostra-se atual. Há de se lembrar que, além de jornalista, Eça de Queirós foi cônsul em Bristol, Inglaterra, adquirindo uma “vivência do país em seu cotidiano, da leitura constante dos seus jornais e revistas, da observação não de um visitante estrangeiro, mas de um estrangeiro residente” (MINÉ, 2000, p. 110). A França também foi lugar em que Eça fixou moradia, inclusive vindo a falecer lá em 1900.

No século XIX, os jornais desempenhavam um importante papel nos principais núcleos urbanos europeus, transformando-se em poderoso instrumento de discussões políticas, compreensão e análise das questões socioculturais, além de ser uma ferramenta hábil e eficaz para informar os cidadãos da época sobre os principais eventos que ocorriam no mundo. A vasta bibliografia jornalística queirosiana encontra-se hoje em volumes intitulados *Cartas de Inglaterra*, *Ecos de Paris*, *Cartas familiares*, *Bilhetes de Paris* e *Notas contemporâneas*.⁵⁶

A motivação primeira de Eça de Queirós para a viagem ao Egito foi a inauguração do Canal de Suez, em 1869. Sobre o evento, que reuniu autoridades de todo Europa e Oriente próximo, Eça de Queirós irá publicar um texto no *Diário de Notícias* intitulado “De Port Said a Suez: carta sobre a inauguração do canal de Suez”. Todavia, a maravilha da engenharia de transportes que impressionava e atraía toda a gente não encheu os olhos do escritor português, pois “Eça [...] não fora ao Egito numa viagem de estudo, mas numa peregrinação romântica. Daí sua indiferença diante de uma das maiores proezas tecnológicas do século XIX” (MÓNICA, 2001, p. 81). Sobre o espetacular evento, ele diria só poder fazer um “relatório chato”:

As festas de Suez estão para mim entre duas grandes recordações – o Cairo e Jerusalém; estão abafadas, escurecidas por estas duas luminosas e poderosas impressões: estão como podem estar um desenho linear a lápis, entre uma tela resplandecente de Decamps, o pintor do Alcorão, e uma tela mortuária de Delaroche, o pintor do Evangelho [...] Talvez em breve diga o que é o Cairo e o que é Jerusalém na sua crua e positiva realidade, se Deus consentir que eu escreva o que vi na terra dos seus Profetas. Hoje faço-lhe apenas a narração trivial, o relatório chato das festas de Port-Said, Ismailia e Suez. (QUEIRÓS, 1951, p. 11).

⁵⁶ Beatriz Berrini, no volume III da obra completa de Eça de Queirós, organiza amplamente a maioria das contribuições jornalísticas do autor d’*A relíquia*. De forma didática, a estudiosa faz a seguinte divisão: Colaboração regular em periódicos (*Gazeta de Portugal*, *Distrito de Évora*, *As Farpas*, *A actualidade*, *Gazeta de Notícias*, *Revista de Portugal*, *Revista Moderna*) e Colorações avulsas. (Cf. BERRINI, 1997).

Entretanto, apesar da festa de inauguração não atrair o escritor, seu relato nada “trivial” já sinaliza o pendor crítico de sua futura obra, pois Eça de Queirós não esteve indiferente às desigualdades sociais que presenciou, nem tampouco aos acordos políticos travados entre os chefes locais e os países imperialistas, como a França e a Inglaterra. Olhar atento e curioso, é com ironia que descreve trechos do discurso político de um dos oradores do evento, a exemplo de Mr. Bauer que “dizia palavras de fraternidade entre o Oriente e o Ocidente, e esperança de uma humanidade mais unida por aquela ligação marítima” (QUEIRÓS, 1951, p. 17). Contudo, durante a construção do Canal, centenas de vidas foram ceifadas, a exemplo da epidemia do cólera que matou aproximadamente 125.000 operários⁵⁷. O crítico João Gaspar Simões afirma que a viagem ao Oriente possibilitou a Eça exercer seu talento de escritor crítico, sendo que a própria viagem foi uma verdadeira escola para o escritor (SIMÕES, 1973). Eça de Queirós não hesitou em denunciar as condições subumanas daqueles operários que trabalharam dia e noite para construir o canal porque “aquelas enormes máquinas a cada momento encalhavam, voltavam-se ou, quando o vento era violentamente contrário, para o impelir, para os equilibrar, eram necessários esforços sobre-humanos, onde sucumbiram muitos valorosos operários” (QUEIRÓS, 1951, p. 27).

“De Port Said a Suez” longe de figurar como mera descrição de evento, ou um banal relatório jornalístico, é importante relato histórico escrito por uma mente atenta a todos os pormenores circunstanciais. Na descrição do evento, Eça de Queirós primeiramente salienta a notável mobilização de personalidades do Ocidente e do Oriente para assistir à inauguração daquela proeza do século XIX: “estavam ali as esquadras francesas do Levante, a esquadra italiana, os navios suecos, holandeses, alemães e russo, os iates dos príncipes, os vapores egípcios, a frota do Pachá [...]” (QUEIRÓS, 1951, p. 15), testemunhando o imenso interesse que o empreendimento despertava pois, como nos diz Edward Said:

De Lesseps [empresário francês, idealizador do canal] e o seu canal finalmente destruíram a distância do Oriente, a sua enclausurada intimidade afastada do Ocidente, o seu duradouro exotismo. Assim como uma barreira terrestre podia ser transmutada em uma artéria líquida, o Oriente foi transubstanciado de uma hostilidade resistente a uma obsequiosa, e submissa, parceria. Após De Lesseps ninguém mais poderia falar do Oriente como algo que pertencia a outro mundo, estritamente falando (SAID, 1990, p. 101)⁵⁸.

⁵⁷ <http://www.batalhaosuez.com.br/historiaCanalDEsuezAtual.htm>. Acesso em 15 ago. 2020.

⁵⁸ Em perspectiva não muito distante de Said, Eça de Queirós também nos dá uma interessante configuração do empresário, remetendo-nos a seus romances realistas e suas descrições de personagens: “Lesseps é uma figura delgada e nervosa, bigode curto e brando, e dois olhos que faíscam em negro, cheios de inteligência e, sobretudo, um sorriso, que revelam tendência para as concepções abstratas, mas firmeza nas dificuldades da vida. É diplomata,

É este olhar mais presencial e próximo da realidade que encontramos no artigo jornalístico “De Port Said a Suez”. Ao comparar, por exemplo, as cidades de Ismailia e Port Said, Eça de Queirós vê em Port Said uma cidade improvisada, rude e repleta de oficinas com seus trabalhadores cansados e explorados, “uma cidade escura, miserável e decrépita [...] com um aspecto mortuário: o cólera e a peste aparecem, com efeito, ali frequentes vezes” (QUEIRÓS, 1951, p. 31). Ismailia, por sua vez, respira clima europeu, “cheia de chalets, de esboços de palácios⁵⁹, de passeios arborizados, de cais largamente construídos” (QUEIRÓS, 1951, p. 22). Chama atenção do escritor a ocidentalização do Oriente, com suas lojas refinadas, hotéis de luxo e costumes que tentam se aproximar cada vez mais de Londres e Paris, o que o leva a afirmar que Ismailia em breve viria a ser “a capital europeia do velho Egito” (QUEIRÓS, 1951, p. 22).

Nas descrições pormenorizadas dos monumentos históricos do Egito, Eça de Queirós exhibe sua erudição acerca de passagens bíblicas, de personagens lendários, de ruínas que remetem a um passado mítico, confirmando que a leitura daqueles viajantes ingleses e franceses orientou a construção de uma visão idealizada acerca daquelas paragens distantes:

Os lagos Amargos são os restos do antigo golfo Heropolita, águas do mar Vermelho que vinham até aqui. Foi neste lugar que passaram os hebreus, guiados por Moisés; foi aqui que ficaram sepultadas as legiões dos Faraós, quinze mil homens e mil e duzentos carros. Para o lado do Egito, a Lua branqueava uma vasta planície: era Gessen, a terra dos Patriarcas. Os Faraós tinham dado aquele lugar aos hebreus, lugar então cheio de culturas e de searas, hoje coberto de areias. Foi dali que eles partiram para o sul, para os desertos da Arábia e do Sinai, para evitar o encontro dos exércitos egípcios. Moisés conhecia bem aqueles lugares. A sua mocidade tinha-se passado no istmo. Demais, aquele lugar era tradicionalmente a passagem dos que vinham da Síria, pela Caldeia e pela Idumeia. Abraão, José, Jacob tinham ali passado nas suas viagens ao Egito. Foi por ali também, mas um pouco mais ao norte, a pouca distância do lago Timsah, que muitos séculos depois o descendente de tantos patriarcas e de tantos profetas, Jesus, passou levado por sua mãe que fugia para o vale do Nilo (QUEIRÓS, 1951, p. 28).

Na conclusão do relato, acompanhando o tom de denúncia social, Eça de Queirós pontua as vantagens da construção do canal, pois a cidade de Suez vivia completamente sem água,

orador, engenheiro, financeiro e soldado. Tem de tudo isto, e esta harmonia de qualidades é o segredo da sua inquebrantável força e do seu constante triunfo nesta obra de Suez.” (QUEIRÓS, 1951, p. 25 e 26).

⁵⁹ O próprio Eça de Queirós “hospedara-se num principesco palácio: o Sheppard’s Hotel” (SIMÕES, 1973, p. 214).

comprometendo assim a qualidade de vida de seus habitantes, “os ricos bebiam uma água meio-salubre e os pobres bebiam a água dos camelos, ou morriam de sede” (QUEIRÓS, 1951, p. 31).

Elza Miné sinaliza que Eça de Queirós colaborou por quase duas décadas para o jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*, em seções fixas e a partir de títulos variados como “Notas contemporâneas” “Colaboração europeia”, “Cartas familiares de Paris”, “Bilhetes d’aquém-mar” e “Bilhetes de Paris” (MINÉ, 1995, p. 179). Em seus textos, o autor d’*Os Maias* quase sempre recorria a eventos históricos ou políticos para tecer sua rede de considerações críticas e reflexões pontuais, como se observa em “Os ingleses no Egito”⁶⁰.

Beatriz Berrini, por sua vez, ao analisar o conteúdo temático dos textos jornalísticos queirosianos, especificamente para a *Gazeta de Notícias*, sinaliza para a constante atualização dos temas trabalhados pelo romancista português, que variavam desde os aspectos políticos, sociais e econômicos até, de forma mais leve e descontraída a assuntos triviais, voltados para o dia a dia. Assim, pontua a estudiosa:

Extensa e variada, a colaboração para o jornal carioca abordou múltiplos assuntos, nos mais diversos tons, desde a crônica ligeira sobre a vida parisiense no verão às considerações de ordem social, perante o confrangedor espetáculo oferecido pelos mais desamparados, no inverno parisiense; ou os estudos vigorosos tão bem fundamentados, que até hoje fascina o leitor pela sua atualidade – como é o caso dos artigos versando a questão da Irlanda, como também os que analisam a intervenção inglesa no Egito (BERRINI, 1997, p. 15).

Em 1882, 12 anos após a viagem de Eça de Queirós ao Oriente, o Reino Unido emitiu ordens para bombardear a cidade de Alexandria, tendo como um dos motivos a alta dívida contraída por Ismail Paxá, governador do Egito. Entusiasmado com o processo de modernização do país e com a conclusão dos trabalhos de construção do Canal de Suez, o Paxá assume uma dívida altíssima com os cofres ingleses e, não tendo condições de honrá-la, acaba sofrendo como represália o bombardeamento de Alexandria. Eça de Queirós detalha esse episódio histórico em seis cartas publicadas primeiro na *Gazeta de notícias* e, posteriormente, no livro *Cartas de Inglaterra*. Em seu relato denuncia a política exploratória e desumana

⁶⁰ Elza Miné chama atenção para o possível conhecimento dos fatos que Eça tinha ao escrever o artigo: “Dispondo-se a focalizar a questão dos ingleses no Egito, o correspondente Eça de Queirós encontrava-se numa situação privilegiada: visitara havia doze anos o Egito, tomara contacto directo com a sua civilização e a sua paisagem; na Inglaterra, onde estava a viver havia quase oito anos, podia acompanhar, no calor da hora, o desenrolar dos sucessos que envolviam as duas nações, através do registo que deles apresentava a imprensa inglesa” (MINÉ, 1986, p. 74).

perpetrada pela França e Inglaterra no Egito: “E na baía de Alexandria, perante o Egito, um dos grandes falidos do Oriente, as frotas unidas das duas altas civilizações do Ocidente representavam simplesmente a usura armada” (QUEIRÓS, 1951, p. 112)⁶¹.

Antes da denúncia, todavia, Eça de Queirós nos faz visitar Alexandria, a cidade histórica milenar, para onde eram atraídos anualmente milhares de visitantes vindos dos mais diversos países, na qual “podia ser descrita no estilo convidativo dos *Guias* de viajantes, como uma rica cidade de 2.500 habitantes, entre europeus e árabes, animada, especuladora, próspera, tornando-se rapidamente uma Marselha do Oriente” (QUEIRÓS, 1951, p. 107). Porém, a visão de cidade próspera engana o leitor desavisado. Alexandria, segundo Eça de Queirós, brilhou e fez história em tempos pregressos, quando foi, “depois de Atenas e Roma, o maior centro de luxo, de letras e de comércio, que floresceu no Mediterrâneo” (QUEIRÓS, 1951, p. 108). Todavia, a partir dos séculos XVIII e XIX, com a efetiva ocupação da Europa na região egípcia, observa-se gradativamente a deterioração de monumentos históricos ou a sua transferência para os principais centros europeus, além da política exploratória de seus recursos naturais e a presença maciça de funcionários públicos ingleses e franceses, ocupando o lugar dos egípcios nos altos cargos públicos, recebendo, conseqüentemente, excelentes salários e promoções hierárquicas constantes.

Eça de Queirós enfatiza que Alexandria tornou-se uma cidade desinteressante após os bombardeios, pois “do bairro europeu, da famosa praça dos Cônsules, dos hotéis, dos bancos, dos escritórios, das companhias, dos cafés-lupanares, resta apenas um confuso entulho sobre o solo” (QUEIRÓS, 1951, p. 109). A intimidade com que o romancista descreve os lugares da cidade deve-se a sua visita de há pouco mais de uma década para a inauguração do Canal de Suez, que lhe permite ainda detalhar ruas, monumentos, praças, hábitos e movimentação intensa de camelos, beduínos, comboios etc. Contudo, o artigo registra uma denúncia explícita contra a política imperialista da Inglaterra, na qual nosso escritor não poupa nomes nem datas para esclarecer o que aconteceu com a cidade de Alexandria:

Pode-se pensar, em presença de tal catástrofe, que passou por ali a cólera de Jeová [...] Mas desta vez não foi Jeová. Foi simplesmente o almirante inglês Sir Beauchamp Seymour, em nome da Inglaterra, usando com vagar e método,

⁶¹ Segundo Thomas Bonnici e Patrícia Ayres Pereira, “o Egito fora vigiado e tomado, de certa forma, pelos europeus porque estava altamente endividado com as burguesias financeiras de Paris e Londres e Eça diz que os estrangeiros eram uma espécie de agiotas armados, com a tutela oportunamente decorrida das finanças deficitárias do Egito [...]. Outrossim, mesmo que numa derradeira leitura, tal síntese nos possibilita confirmar a imposição ocidental no mundo oriental em diferenciados setores, num abuso de poder, embora que toda a questão recaísse sobre pretexto de um único fator: dívida financeira” (BONNICCI; PEREIRA, 2008, p. 69).

por ordens do governo liberal do Sr. Gladstone⁶², os seus canhões de oitenta toneladas (QUEIRÓS, 1951, p. 110).

Mais amadurecido nas suas ideias e pontos de vista, Eça de Queirós, doze anos após sua visita ao Oriente, percebe com mais nitidez as intenções políticas dos países ocidentais sobre o Egito:

[...] no Egito qualquer empregado europeu da alfândega, das docas, ou dos caminhos de ferro, que não ousaria erguer a mão para um carregão europeu, - retalha a pele dum egípcio, tão naturalmente e com tanta indiferença como se sacode uma mosca importuna [...] É que o europeu de Alexandria considerava o fellah egípcio como um ser de raça ínfima, incivilizável, mero animal de trabalho, pouco diferente do gado. (QUEIRÓS, 1951, p. 128, grifos nossos).

O fragmento acima acentua o tom de denúncia que vai acompanhar muitos dos textos jornalísticos queirosianos. Tratando-se especificamente do Oriente, observa-se claramente a denúncia do imperialismo inglês, com seus métodos rigorosos e suas funestas consequências para o povo egípcio. A crítica, embora dura, é diplomaticamente articulada. Para isso contribui o uso que faz da ironia, revelando já o estilo que marcará indelevelmente sua escrita, conforme pontua Elza Miné:

A sua tónica é indubitavelmente a ironia. Comparece na apresentação dos factos, embebe, dá vida e sabor aos comentários, plasma a apresentação de várias personalidades, é, enfim, a responsável directa pela criação de constante e peculiar atmosfera crítica que envolve e dá unidade ao conjunto das correspondências. Através dela afloram os juízos de valor, concretiza-se uma inegável participação emocional do narrador no relato, ganha corpo a visível intenção de influir no leitor, despertando-lhe simpatia para com o Egipto e repulsa pelas grandes potências em seus métodos de acção política (MINÉ, 1986, p. 83).

As cartas reunidas em “De Port-Said a Suez”, em 1869, apresentam em chave crítico-irônica as festas de inauguração do canal de Suez, como sucedeu o embarque dos inúmeros

⁶² William Ewart Gladstone (1809-1898), político liberal britânico que ocupou vários cargos no governo. Foi Primeiro Ministro do Reino Unido por quatro vezes. Eça descreve-o como injusto e cruel, não merecendo o título de “humanitário”, nem de “apóstolo da democracia cristã” pois: “Antes não ser ministro da Inglaterra! E foi o que pensou o venerável John Brighth, que, para não partilhar a cumplicidade desta brutal destruição duma cidade inofensiva, deu a sua demissão do gabinete, separou-se dos seus amigos de cinquenta anos, e foi modestamente ocupar o seu velho banco da oposição...” (QUEIRÓS, 1951, p. 111).

convidados ao grande evento, os louvores a De Lesseps, as intermináveis palestras que versaram acerca da festividade e, finalmente, o trajeto da intensa caravana de convidados, em procissão de navios que iam com destino a Suez. Capta-se, nos detalhes de sua escrita, o desenvolvimento de uma fina ironia jornalística somada ao talento para descrever personalidades políticas e monumentos históricos vistos durante aquela experiência no Egito, já revelando o incipiente talento do jornalista.

Em 1882, em “Os ingleses no Egito”, por sua vez, Eça de Queirós desnuda a situação de Alexandria sob ataque bélico e as consequências da sua ocidentalização, comparando seu passado longínquo, célebre por sua arte e por seu vasto comércio, e a sua decadência nos fins do século XIX, “cidade feia à vista, desagradável ao olfato, reles, insalubre” (QUEIRÓS, 1951, p. 106). Neste sentido, além de denunciar as péssimas condições de infraestrutura e abandono a que estava exposta a famosa cidade histórica e o quanto ela foi explorada pelos ambiciosos poderes do Ocidente, o escritor também reflete sobre o processo de invasão da vida moderna na cidade antiga, em que se observam lojas e cafés franceses por quase todas as ruas, perdendo, assim, sua “aura” de antiga cidade histórica e comercial. Afinal, “estruque francês nas fachadas, tabuletas francesas nas lojas, cafés franceses, lupanares franceses – como um *faubourg* de Bordéus ou de Marselha” (QUEIRÓS, 1951, p. 108, grifo do autor), tudo isso alterava o tom da cidade egípcia. Atravessando esse percurso de decadência, a causa presente e principal: a invasão imperialista inglesa e suas desastrosas consequências na vida dos habitantes de Alexandria.

Elza Miné defende que a colaboração intensa de Eça de Queirós para os mais variados jornais de sua época contribuiu intensamente para moldar sua escrita literária, afinal, “[...] não estranha que o jornal se constituísse num laboratório privilegiado da palavra e que a produção dessa *espécie de jornalista* que foi Eça de Queirós se incluía, de fato e de direito, no domínio do literário” (MINÉ, 1997, p. 180, grifos da autora). Desta forma, como frisado anteriormente, a viagem de Eça de Queirós ao Oriente, em 1869, além de refinar seu senso observador, contribuiu para que o romancista produzisse, com uma versatilidade surpreendente, diversos textos relacionados àquela experiência vivida em solo estrangeiro.

A produção de escritos jornalísticos, epistolares e ficcionais apenas ratifica a ideia do quanto foi “multifacetada a sua identidade artística” (REIS, 2005, p. 8). A viagem do jovem escritor e jornalista ao Oriente próximo, em 1869, legou-nos, além de muitos textos, um retrato

Das gentes, espaços, ritos e festas [que], ainda que salpicadas, aqui e acolá, do

olhar pitoresco ou orientalista oitocentista, ganham vivacidade e realismo, não só pela temporalidade histórica presente nelas registradas – e a despeito do Oriente fabuloso e idealizado que teima em cruzar as narrativas –, mas principalmente pela forte presença do homem (MUNIZ, 2020, p. 88).

Conforme sentencia o próprio Eça de Queirós, “a paisagem é intolerável, se lhe falta a nota humana” (QUEIROZ, 1997, p. 1962). Como se buscou acima demonstrar, é o homem egípcio, espoliado de seus bens mais fundamentais – liberdade, saúde, alimento, emprego, arte etc. –, que atravessa e rasura os relatos jornalísticos de Eça de Queirós, fazendo deles algo bem maior do que uma “narração trivial” das festas de inauguração do Canal de Suez. Em realidade, temos nessas cartas relatos vivos, lúcidos e críticos da aviltada população egípcia.

E será a presença humana, traço marcante na escrita de Eça de Queirós, que irá prevalecer durante todo o trajeto de viagem ao Egito, compondo também as suas Narrativas de viagem. A paisagem, por sua vez, não passará incólume aos olhos do romancista português, pois estará representada socialmente a partir dos vários sujeitos humanos aos quais o autor se deparou nessa travessia. Eça de Queirós, através das suas atentas observações, faz reflexões em torno da paisagem física ou urbana, aliando seus conhecimentos prévios sobre a cultura egípcia, sobre questões históricas, geográficas e sociológicas em torno do que presenciou.

3 PERCEPÇÕES ACERCA DA PAISAGEM NAS NARRATIVAS DE VIAGEM QUEIROSIANAS

Jean-Marc Besse, em um dos seus ensaios sobre paisagem e Geografia, afirmou que “o saber geográfico é a expressão das aventuras de um olhar viajante [...] a repercussão ou o prolongamento de uma experiência” (BESSE, 2006, p.82). Adepto das ideias de Dardel, o filósofo francês admite que o homem, antes de enveredar-se por uma ciência física, deve buscar relações com o mundo primitivo, em contato mais profundo com o natural. A temática da viagem sempre alimentou o cotidiano de muitos povos, independente da época, da classe social ou da formação acadêmica. Mares, céus, montanhas, florestas ou espaços humanamente construídos como parques, cidades industriais ou castelos medievais induziram à produção de relatos de experiência por aqueles viajantes que até hoje inspiram pesquisas em áreas interdisciplinares, como a Literatura e a Geografia, por exemplo. Mas, longe de serem quaisquer tipos de relatos, a perspectiva da experiência em torno da paisagem apresentada para o viajante é rica de pormenores, em que o olhar de quem capta a imagem sobressai ao meramente descritivo:

O espaço geográfico possui uma “solidez” que resiste às operações combinatórias do entendimento científico, mas também aos esforços da ação voluntarista. É um relevo, um céu, um modelo, uma cor, um horizonte, que, segundo Dardel, resistem a uma redução subjetiva, que não são construídos pelo homem, que não são queridos por ele, mas que, ao contrário, impõem-se uma tonalidade fundamental. Um relevo não é para Dardel uma simples representação produzida pelo sujeito; é uma forma, e se, na sua potência, esta forma vem animar a vida mental daquele que visualiza, ela o faz à maneira de um acontecimento ou de um movimento transpassante. Esta realidade geográfica é um evento [...], mais do que um “objeto” colocado diante de um “sujeito” [...] Este relevo, esta luz, mas também esta construção ou este aglomerado urbano, impõem à minha percepção a sua potência e estruturam de modo radical ou elementar não apenas minha experiência, mas também meu pensamento sobre o mundo a partir deste lugar (BESSE, 2006, p. 88).

A partir das reflexões propostas por Besse, observamos nas experiências de antigos viajantes do século XVI a admiração pela exuberância da natureza, principalmente nas narrativas que retrataram o Novo Mundo ou o Oriente. A *Carta* de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, já demonstrara o deslumbramento da percepção do cronista em torno da fauna, da flora, do clima, das “águas infindas” e de tudo o que o seu olhar viu no Brasil. Passados alguns séculos, observamos ainda a paisagem descrita por vários escritores de diferentes

nacionalidades sobre terras consideradas “exóticas”, a exemplo do Egito. Nesse sentido a Geografia como um “evento”, como algo atraente para o observador que se deslumbra com recantos diferentes do seu país natal, torna-se a pauta principal desses relatos.

Vale ressaltar ainda que o impacto causado pelas “descobertas” em torno de terras longínquas sinaliza para uma Geografia fenomenológica na medida em que ela “é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é o da nossa presença no mundo” (BESSE, 2006, p. 89). E esse espaço geográfico, que atrai e cria impactos subjetivos naqueles que o admiram e se propõem a escrever sobre tais experiências através de uma situação concreta, pode afetar o homem de diversas maneiras. A paisagem, por exemplo, inserida nas experiências de percepção do viajante é, segundo Besse, “um corpo de carne, um olhar encarnado, um olhar vivo, em outras palavras, um ímpeto, uma intencionalidade presente e que atravessa o espaço que se abre entre o aqui e o distante” (BESSE, 2006, p. 92). Por isso, sem a presença humana inserida na paisagem, esta deixa de ser motivo para contemplações e devaneios, afinal a “paisagem é essencialmente mais mundo do que natureza, ela é o mundo humano, a cultura como encontro da liberdade humana com o lugar do seu desenvolvimento: a Terra” (BESSE, 2006, p. 92).

Nesse sentido, podemos interrogar: o que Eça descobriu finalmente na contemplação da paisagem oriental? Quais valores foram buscados? O ficou dessa experiência em um país distante do seu? Qual o impacto que a paisagem oriental, juntamente com tudo o que a compõe, proporcionou ao crescimento intelectual do jovem escritor? Algumas respostas serão buscadas nas próximas reflexões sobre a experiência oriental de Eça de Queirós.

3.1 EGITO: “*UM IMENSO CELEIRO E UM IMENSO SEPULCRO*”, PAISAGENS DE VIDA E MORTE

A partir do pressuposto de que a Geografia Humanista Cultural valoriza a experiência do sujeito em determinado ambiente, podemos observar que Eça de Queirós alcançou emitir vivacidade, emoção e opinião crítica utilizando-se de sua própria percepção ao ler, entender e compreender o espaço geográfico oriental, especificamente o Egito, lugar no qual o escritor passou mais tempo durante sua viagem. A paisagem surge como uma vertente da geograficidade, proposta por Eric Dardel, atualizada e relida pelo geógrafo, pois ela não é algo

rígido e engessado, como se acreditava anteriormente, é “um fenômeno que muda, segundo o ponto de vista que se adota, e que cada sujeito reinterpreta em função não somente do que ele vê, mas do que ele sente, experimenta e *imagina*” (DARDEL, 2015, p. 18, grifo nosso). Compreende-se, assim, um olhar todo particular em volta do Oriente pelo romancista português, capaz de transmitir emoções vivíssimas sobre a cultura egípcia, reinterpretando a paisagem partindo de seu próprio ponto de vista, experiência e sensibilidade, afinal “é a estrutura da sensibilidade, aliada à memória⁶³ e experiência, que instaura o conceito, a noção de paisagem” (FIGUEREDO, 2010, p. 44).

Como foi abordado na segunda seção deste trabalho, a motivação de Eça de Queirós para conhecer o Egito se deu inicialmente por conta da inauguração do canal de Suez, evento marcante para o século XIX, que agregou diversas personalidades políticas e históricas e envolveu interesses materiais entre alguns países europeus e o próprio Egito. Eça, além de ter assistido à inauguração ao lado de grandes personalidades do seu tempo, já se mostrava um intelectual perspicaz em torno da observação dos costumes daquela região e do comportamento dos ocidentais que ali estavam para vivenciar aquele evento. Vianna Moog descreve detalhadamente a importância da construção do canal:

Um dos fatos mais sensacionais do século XIX foi a abertura do canal de Suez. Ligar o Mediterrâneo ao mar Vermelho constituiu sempre um dos maiores sonhos da humanidade. Sesóstris, Alexandre, César, Amru, Napoleão, todos os grandes conquistadores que já reinaram sobre o Egito tiveram a atenção voltada para a colossal empresa. O canal que existiu na antiguidade, unindo os dois mares por meio do Nilo, obra prima da engenharia ptolomaica, há séculos que se achava definitivamente abandonado. No entanto, a Europa se preparava agora para comemorar um feito de maior vulto: o corte do istmo. Era a junção direta dos dois mares, tal como a haviam desejado os venezianos do século XVI e os engenheiros da luzida comitiva de Bonaparte no Egito. Ao cabo de doze anos de lutas de toda a sorte, em que as maiores talvez não tenham sido as travadas contra a natureza, graças às suas inesgotáveis reservas de tenacidade e paciência, realizava o engenheiro Ferdinand Lesseps, de tão brilhante renome entre os republicanos da Europa, para espanto do mundo, o que os antigos faraós e imperadores não haviam conseguido” (MOOG, 1966, p. 102-103).

No entanto, não foram apenas as descrições das festas de Suez que alimentaram o espírito do escritor, levando-se em conta que o seu olhar se voltou também para o estudo do espaço ao seu redor, criticando a interferência humana na paisagem e suas consequências para o meio ambiente. Dessa forma, Eça de Queirós denuncia a desfiguração da paisagem natural

⁶³ A memória, nesse sentido, foi um recurso utilizado por Eça para compor o percurso cumprido pela personagem Teodorico Raposo, quando este refaz, em clave ficcional e paródica, a viagem do escritor ao Oriente.

como consequência da construção do canal e, a partir deste ponto, observamos a linha de interpretação do escritor português, na medida em que “na história de nossa civilização, o desenvolvimento da paisagem foi frequentemente acompanhado pelo indivíduo” (COLLOT, 2012, p. 12). E a denúncia não se limita apenas àquela destinada à construção do canal de Suez pois, durante o percurso da sua viagem pelos principais pontos históricos do Egito, o mesmo tom de inquietação em torno da paisagem degradada se faz notar:

O Cairo, visto da Cidadela, é o Cairo histórico, dramático, sombrio. É a imensa cidade escura, pobre e arruinada, caindo em pedaços. A vista mergulha naquela temerosa espessura e só encontra paredes que se desmoronam, largas alastrações de ruínas, aparências de miséria, recantos dolorosamente escuros [...]. Sente-se ali um passado antigo e cheio de história: as tributações dos conquistadores [...] os vestígios dos canhões de Kléber, dos incêndios, dos saques e das ruínas que deixaram as lutas entre sultões, quedivas e pachás. Ali, a história sangra. O Cairo morre de todas as feridas que lhe tem feito cada um dos governos, que lhe têm dado uma dentada – e que têm passado! E, para empregar as antigas comparações dos profetas, a cidade decadente tem o aspecto duma velha, que depois de se vender, de reinar, perdidos os direitos, cortados os cabelos, cheia de lepra, de rugas e de miséria, se cobre com pedaços de estofos que encontrou do caminho, e se estende ao sol, a catar os farrapos e a ouvir correr a água (QUEIRÓS, 1946, p. 115-116).

A intervenção humana na paisagem responde pela sua alteração e, em um sentido mais amplo e contemporâneo, implica em problemas ambientais refletidos nas diversas partes do globo terrestre. Além da crítica aos desmandos políticos que a cidade sofreu ao longo do tempo, observa-se que Eça possui um olhar complexo a respeito da percepção do espaço. Isso porque, ao avançarmos na leitura, encontramos no mesmo capítulo da citação anterior, denominado “O Cairo”, uma interpretação mais positiva e poética da cidade, vista através de um novo ângulo pelo escritor português:

O Cairo, visto da mesquita de Tulune, é, pelo contrário, a cidade-jóia, a cidade poética das *Mil e uma noites* [...] é um vasto quadrado, cercado de uma tríplice arcada, que a luz enche magnificamente. Do alto do minarete, a cidade mostra-se em toda a sua beleza oriental. Todos os tons brandos se confundem: as casas resplandecem à luz, aparecem ramos de palmeiras, e a multidão infinita dos minaretes ergue-se até ao horizonte (QUEIRÓS, 1946, p. 117).

Assim, Eça transita por dois caminhos que se interpõem constantemente em suas Narrativas de viagem: a idealização, influenciada pelas suas leituras preparatórias de viagem e a dura realidade deste ideal, ao observar também ruas imundas, arquitetura deteriorada pela ação do tempo. Sobre as leituras que influenciaram o nosso romancista, Beatriz Berrini pontua

que “[...] o Oriente que Eça persegue na sua viagem é [...] um Oriente “*dejà vu*”, um Oriente textual, criado pelo imaginário europeu, ao longo dos séculos [...] Um Oriente que, então, se revelou estranho, diferente da imagem familiar sedimentada por séculos de leitura, e reflexões” (BERRINI, 1993-94, p. 43). Acrescentando às informações da estudiosa, Luís Manoel de Araújo cita escritores e obras lidos pelo romancista português:

Flaubert e Renan foram escritores que fizeram parte dos hábitos de leitura ecianos, além das “experiências de viagem de Théophile Gautier, Maxime Du Camp, Gerard de Nerval, Edmond About, Hippolyte Taine [...] entre outros. Uma fonte de inspiração foi sem dúvida a Bíblia [...] Além de obras sobre a história da civilização egípcia [...] Serviram-lhe ainda as fotografias e gravuras mostrando os monumentos do passado faraônico, sobretudo dos locais mais famosos do Antigo Egito” (ARAÚJO, 2000, p. 69)⁶⁴

Fontes de inspiração para Eça, os escritores franceses fizeram um duplo papel no processo de leitura do escritor português: ao tempo em que viajavam também para o Oriente e retratavam suas vivências através de textos diversos, imprimindo assim produções um tanto quanto idealizadas e respaldando-se quase sempre ao passado de glórias orientais, os mesmos também enfatizaram que, em qualquer lugar, e em qualquer contexto, encontram-se também as mazelas da sociedade, sedimentando em Eça de Queirós uma certa maturação crítica para escritos futuros. Exemplo desta crítica realista ao Oriente pode ser encontrada em Gerard de Nerval que problematizou questões relacionadas a abandono e ruína da cidade de Alexandria: “O Egito é uma enorme sepultura; é a impressão que me causou ao atracar nessa praia de Alexandria, que, com suas ruínas e montículos, oferece aos olhos sepulturas espalhadas por uma terra de cinzas” (NERVAL, 1998, p. 144).

Outro dado interessante da linguagem eciana, nas suas Narrativas de viagem, diz respeito aos termos comparativos. Ao descortinar horizontes tão diferentes aos quais estava acostumado, Eça, assim como muitos viajantes, também traçou comparações entre a arquitetura egípcia, especialmente aquela voltada para as ruas e casas do Cairo, com a arquitetura europeia, além de comparar vestuários, rostos e comportamentos. Tudo ganha um aspecto de novo, original, diferente, especificamente quando o romancista detém o seu olhar sobre o Cairo:

⁶⁴ Ainda sobre estas leituras, outros estudiosos também trataram desta temática em estudos biográficos. Para um melhor aprofundamento desta questão, consultar os textos de Maria Filomena Mónica, capítulo “No Egito” do livro *Eça: vida e obra* (2001, p.73-74) e também de João Gaspar Simões, com os capítulos “A experiência oriental” e “Regresso do Oriente e encontro com Ramalho”, do livro *Vida e obra de Eça de Queirós* (1973, p. 198-237).

Aqueles que nunca saíram das ruas direitas e monótonas das cidades da Europa, não podem conceber a colorida e luminosa originalidade das cidades do Oriente. Aí, as ruas são direitas, ladeadas de largas fachadas, caiadas, inexpressivas como rostos idiotas. As figuras são triviais; as fisionomias vulgares, esbatidas, uniformistas pelo tédio e as dificuldades da vida; os vestuários são escuros, estreitos, econômicos [...] Tudo é correto, alinhado, perfilado, medido e policiado [...] Porém, para a imaginação do europeu, há uma região livre, abundante e cheia, nas ruas de uma cidade do Oriente: O Cairo [...] Todas as raças, todas as crenças, todas as superstições, ali se encontram, naquelas ruas estreitas [...] As casas apertam aquela fenda tortuosa, que é a rua, têm uma irregularidade, um imprevisto, um desdém de toda a correção, uma fantasia que encanta como um quadro e surpreende como uma pequena joia de imaginação (QUEIRÓS, 1946, p. 87).

A cidade do Cairo em 1869 possuía um fluxo intenso de pessoas das mais variadas regiões egípcias e dos mais diversos países que visitavam a capital, facilitando assim a diversidade de crenças e “raças” comentadas por Eça durante a sua visita na cidade. Em 1869, porém, Eça de Queirós conhecia apenas Lisboa que, ao ser comparada com o Cairo mostra-se “monótona”, com “figuras triviais” e “vestuários escuros”, muito diferente da “luminosa originalidade das cidades do Oriente”, daí a diversidade cultural, étnica e religiosa prevalecer como tema dominante nas suas observações sobre aquela cidade. Sendo um país de passagem, como o próprio escritor havia frisado em outros momentos da sua visita, O Egito mostra-se propício para que todas as pessoas, das mais diversas regiões e culturas, como a Pérsia e a Índia, transitem e troquem experiências com diversas civilizações, facilitando assim o “escoamento das populações ambulantes do Mediterrâneo e do Levante” (QUEIRÓS, 1946).

Mas, ao contrário do Cairo, que esbanja diversidade, movimentos e riquezas culturais, Port-Said, cidade improvisada para atender às demandas da construção do canal de Suez, é analisada pelo olhar visitante de Eça por um viés mais político. A paisagem, por exemplo, é interpretada em seus aspectos históricos, geopolíticos, sociais e filosóficos, onde estão explícitas a denúncia da ambição dos europeus em torno dos recursos naturais do Oriente, além das vantagens oriundas desta ligação comercial e, somando-se a isso, outras temáticas vêm à tona, como a situação dos operários na construção do canal e as relações de poder entre os paxás e os imperialistas.

Michel Collot sinaliza para a ideia de que a paisagem “não é apenas um meio natural, mas um bem cultural com múltiplos valores e significações”, afirmando ainda que a paisagem, portanto, “depende de uma percepção e/ou de uma representação” (COLLOT, 2005, p. 9, 12). Relacionando o pensamento do estudioso francês à percepção da paisagem oriental elaborada e

problematizada por Eça de Queirós, o resultado está na paisagem que revela História e implicações mercantilistas:

Port-Said é uma cidade improvisada no deserto. É uma cidade de indústria e de operários: estaleiros, forjas, serralharias, armazéns de materiais; aparelhos destilatórios. A sua construção foi determinada pela necessidade de haver um vasto posto, que fosse uma estação de navios, à entrada do canal, e primitivamente para que engenheiros, maquinistas, diretores de obras tivessem um centro [...] Apesar de seus doze mil habitantes, não há ainda ali um viver definitivo e regular. Não há estabelecimentos feitos na esperança de duração: não há comércio fixamente estabelecido: tudo tem o aspecto de uma feira, que hoje ganha e se anima, e amanhã se levanta e se dispersa (QUEIRÓS, 1951, p. 36).

A partir da citação acima observamos uma descrição “crua” pautada nas características de uma cidade improvisada. Eça de Queirós acentua o caráter provisório de Port-Said, um espaço instalado para receber as múltiplas funções capitalistas que o momento exigiu naquele contexto. A ação humana sobre o espaço se fez presente e, nesse sentido, “o homem torna-se construtor de espaços, abrindo vias de comunicação, seja através de caminhos, estradas ou vias férreas. Tudo isso são maneiras de modificar o espaço e recriá-lo” (DARDEL, 2015, p. 137).

Werther Holzer (1997) destaca a importância da fenomenologia existencialista para os estudos da paisagem pois, segundo o pesquisador, quando o homem se integra e emite valores sobre a paisagem ao seu redor, aciona mecanismos voltados para sua percepção, através do recurso da memória e da imaginação. Nas Narrativas de viagem queirosianas, esses mecanismos são acionados, na medida em que o autor português, ao emitir suas opiniões sobre as mais diversas experiências naquela viagem, envolve-se emocionalmente com elas, através de um fenômeno vivenciado por sentimentos, imagens e representações da cultura do Outro. Nesse sentido, textos como os de Eça de Queirós tornaram-se testemunhos importantes para a Geografia histórica dos lugares visitados por ele.

A desilusão de Eça de Queirós face a uma civilização que se esvaiu com o tempo e que se deteriorou ao longo dos séculos, encontra-se em vários fragmentos do *Egito*. Geralmente, quando a narração apresenta aspectos positivos da paisagem e da cultura locais, é através do seu passado mítico que este se elabora, através do “oscilar de Eça entre o presente, decadente/imundo, e o passado luminoso/fantasia” (OLIVEIRA, 2001, p. 248). Suas Narrativas, desta forma, são marcadas por comparações com um passado idealizado, construído a partir de uma base livresca (historiográfica e literária), e a realidade, quando o romancista deixa transparecer as mazelas do presente de um país marcado pela crise social e econômica.

Refletindo sobre a interação do homem com o espaço, Eric Dardel diferencia espaço geométrico de espaço geográfico:

O espaço geométrico é homogêneo, uniforme e neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. O relevo, o céu, a flora, a mão do homem dar a cada lugar a singularidade em seu aspecto. O espaço geográfico é único; ele tem “nome próprio”: Paris, Champagne, Saara, Mediterrâneo (DARDEL, 2015, p. 2).

Segundo Dardel, é a presença humana que dá verniz às descrições das paisagens, caracterizando percepções específicas, de acordo com o olhar de quem as emite. Na obra queirosiana é possível apontar para vários espaços orientais nos quais o autor imprimiu sua percepção acerca da paisagem: Alexandria, Cairo, Jerusalém, Suez, Cádiz, Gibraltar, dentre outros. Além disso, em suas Narrativas, a paisagem está intensamente vinculada aos seres sociais:

É a presença do homem que mobiliza a descrição em Eça de Queiroz, que a humaniza, e quando este homem é o outro, o diferente do homem europeu, o Oriental, a dimensão antropológica das descrições ganha maior potência, concedendo ao relato descritivo um sentido de busca por compreender e descrever um mundo histórico e temporalmente demarcado por sua gente [...] Mesmo quando dirige seu olhar para espaços mais amplos, como as ruas ou lugares que visita em Jerusalém, é ainda a presença dos seus habitantes e seus afazeres que atraem a atenção de Eça de Queiroz. Ficamos, por exemplo, a conhecer as ruas de Jerusalém pelos seres sociais que a habitam [...] Velhos mercadores, escribas, sapateiros judaicos, ferreiros árabes, o “camponês de Nazaré”, a “mulher de Siloé”, são alguns dos “tipos” que compõem a paisagem, em meio a seus afazeres e com suas vestimentas típicas, enfim, é a gente simples e seus costumes que conformam o retrato da Jerusalém que surge no relato de Eça. A paisagem é delineada pelo humano, seja pelas figuras seja por suas práticas (MUNIZ, 2020, p. 83).

Além da análise sobre a percepção da paisagem oriental elaborada por Eça de Queirós, faz-se necessária também a atenção do olhar sobre os seres sociais que ocupam as narrativas queirosianas. Como afirmou Márcio Muniz, é a presença humana na obra queirosiana que enriquece o texto e permite ao autor elaborar críticas, perfis e reflexões a partir da interação com o Outro. Mas não é qualquer presença humana no seu sentido genérico, são os tipos humanos mais diversos (“o camponês de Nazaré”, “sapateiros” “ferreiros árabes”, “escribas”) que o escritor encontra nas cidades orientais, potencializando assim a percepção e as reflexões que o viajante tece sobre o diferente, o diverso. A viagem do romancista para o Egito despertou

sua verve realista pois, ao lado das descrições de mesquitas, pirâmides e bazares, são as pessoas das mais variadas etnias que chamaram a atenção de Eça:

Diante do Egito, Eça não vê as construções modernas, as postíças instituições europeias, o pequeno círculo internacional da capital. Atravessa esta camada para encontrar o felá e a miserável organização social do país. O seu olho de romancista está agora aberto sobre o mundo [...]. Com esta viagem o que começa é a sua transformação, ou melhor, o aparecimento de sua verdadeira personalidade (LINS, 1966, p. 32 e 33).

Nota-se um entusiasmo contagiante do escritor quando retorna da sua viagem ao Oriente e o resultado disso foi uma produção diversificada sobre descrições biográficas de santos⁶⁵, elementos históricos e etnográficos, comportamento da mulher oriental⁶⁶, a Geografia do lugar e a história da civilização antiga, só para ficar em alguns dos muitos assuntos que alimentaram a escrita do romancista. Tratando-se especificamente das Narrativas de viagem intituladas *O Egito*, o elemento social estará quase sempre presente para dinamizar a sua escrita, possibilitando que o leitor perceba posições sociais injustas, como a dos felás, que despertou em Eça de Queirós o futuro e promissor escritor realista. Jaime Batalha Reis relata as impressões do escritor da seguinte forma:

Contou-nos casos das suas viagens, descreveu-nos tipos, cenas nos bazares do Cairo, no deserto egípcio, os guias, os sheiks, e à noite, em volta das fogueiras, os camelos, de “expressão humorística, sorrindo ironicamente”, e alongando as cabeças para escutar o narrador, por sobre os ombros dos beduínos atentos, graves e encruzados. Analisou, minuciosamente, as sensações que lhe dera, no Cairo, o uso do “Haschisch”, e as visões fantásticas que nos preparava – porque ele e o conde de Resende haviam-nos trazidos “Haschisch” misturado a geleia, a bolos, e a pastilhas que se fumavam nuns cachimbos especiais” (REIS, 1951, p. 48 e 49).

Para Batalha Reis e os outros amigos de Eça, aquela viagem ao Oriente abriu os horizontes críticos do nosso romancista, alargando ainda mais a sua percepção em torno das mazelas sociais do Oriente. Mas não foi apenas as leituras, a *viagem in loco* e a observação da

⁶⁵ *Lendas de santos* (S. Cristóvão, Santo Onofre e S. Frei Gil) encontram-se publicados postumamente no volume *Últimas páginas* (1952), da edição Lello & Irmão Editores. Décadas depois, Beatriz Berrini organizou e publicou sua edição crítica (Cf. a nota introdutória feita por Berrini, 1997, vol. 2, p. 1627-1632).

⁶⁶ No artigo “Fragmento da viagem do Cairo a Jerusalém”, publicado no Almanaque das Senhoras em 1872, Eça disserta sobre a relação da mulher com os homens árabes: “O árabe inteligente, imaginoso, viril e justo, conhece quanto a mulher árabe é imperfeita e perigosa; não a aceita como uma companheira, não faz dela a sua confidente; não a estima; raras vezes vem comer em companhia dela; não a admite ao ato mais sublime da vida de um muçulmano, à oração; exclui-a da mesquita, da escola, quase do pensamento; dá-lhe joias, vestidos, mas bane-a do seu coração e da sua consciência” (QUEIROZ, 1997, p. 1735 e 1734). Ainda nas narrativas sobre o Egito, Eça dedica um capítulo inteiro às condições de submissão impostas à mulher oriental. Cf. “A mulher no oriente” (QUEIRÓS, 1946, p. 123-139).

sociedade egípcia que despertaram no viajante a sua verve satírica. Basta lembrarmos que, nos tempos de Coimbra, ele já havia participado de algumas reuniões com Antero de Quental e Teófilo Braga, em que se discutia os rumos políticos e sociais do país. Em Lisboa, em meados de 1866, colaborou com periódicos e produziu folhetins para a *Gazeta de Portugal*, onde, naquela mesma época, conheceu Jaime Batalha Reis. E, em 1866, já no final do ano, coordenou um jornal de oposição no Distrito de Évora, abordando temáticas variadas como a conjuntura política do país, a correspondência internacional, a crítica voltada para Literatura e Arte além da produção de sua própria ficção. Portanto, nas observações que o nosso romancista fez em torno de problemas sociais, políticos e econômicos pontuados durante a sua viagem ao Oriente, já percebemos um olhar mais complexo e abrangente a respeito do que viu e experienciou, regressando a Portugal, portanto, repleto de novidades e, ao mesmo tempo, com vontade de utilizar a escrita, seja ela ficcional ou jornalística, como ferramenta para mudanças que a sociedade, especificamente a portuguesa, deveria passar.

3.1.1 “*Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bizantina, onde estás tu?*”: em busca das paisagens simbólicas

O entusiasmo e o fascínio que o Oriente exerceu em muitos escritores do século XIX, em especial pela região do Egito, resultou em muitas obras das mais diversas temáticas. Representações simbólicas, lendas, mitos, descrições de paisagens exuberantes, arquitetura milenar, mosaicos de culturas, ruas misteriosas, todos esses predicados alimentaram a mente e a imaginação de poetas, músicos, arquitetos, jornalistas e escritores. Nesse sentido, a partir do momento em que se entende que “paisagem é cultura antes de ser natureza, um construto da imaginação projetado sobre mata, água, rocha” (SCHAMA, 1995, p. 70), torna-se pertinente depreender que Eça de Queirós, alimentado de leituras sobre a paisagem oriental, transitou entre o fascínio e a decepção, imprimindo suas próprias visões sobre o que via e sentia. Exemplo disso encontra-se logo nas primeiras linhas da sua narrativa, quando chega à Alexandria e se depara com lugares-comuns da paisagem oriental:

Aproximamo-nos da entrada, terrível, com a sua muralha de rochedos cobertos de espuma. Ao fundo, via-se uma linha de areia, duma cor fulva, como os leões: era o Deserto. Junto à água erguia-se uma cidade de grandes edifícios

brancos, e ao longe, numa ponta de terra, recortavam-se palmeiras. Era enfim, Alexandria (QUEIRÓS, 1946, p. 39, grifo nosso).

Atente-se para o advérbio “enfim” a revelar a ansiedade do escritor ao chegar à grande cidade histórica. A expectativa em torno de uma paisagem mítica, puramente oriental, cresce na medida em que o romancista português desembarca, avistando ainda ao longe a coluna de Pompeu. Mas, logo que pisa o solo alexandrino, é o elemento humano que dá forma à paisagem, (SCHAMA, 1995), moldando, a partir daquele momento, os pontos de vista do escritor viajante, quando, “em redor do paquete, barcas árabes, tripuladas por figuras negras, ágeis, luzidias, de turbantes coloridos sobre *caras esfomeadas* e rostos estreitos, corriam rapidamente, inclinadas sob o vento” (QUEIRÓS, 1946, p. 39, grifos nossos). As “caras esfomeadas” que o nosso escritor vê e deixa ver já sinalizam o tom de críticas sociais que suas anotações tomarão durante todo o trajeto.

Eça de Queirós olha a paisagem e tece sua crítica à decadência da arquitetura, pois “via construções vastas, desmoronadas e negras, feitas do lodo do Nilo, um lugar enlameado e imundo, cheio de destroços, uma acumulação de edificações miseráveis e inexpressivas” (QUEIRÓS, 1946, p. 40). Mas o que de fato Eça de Queirós gostaria de encontrar no Egito? Quais imagens alimentaram sua imaginação? Quantas leituras preparatórias fez antes de desembarcar em Alexandria e o que o decepcionou?

Na descrição do passeio que faz pela cidade de Alexandria, por exemplo, observa-se uma certa tensão na escrita, principalmente com relação à ocidentalização da paisagem urbana e os resquícios de um Oriente ainda presente. O escritor descreve a Praça dos Cônsules como “enorme, cercada de vastas casas, hotéis, consulados, bancos, casinos e casas de negociantes levantinos” (QUEIRÓS, 1946, p. 42), revelando ao leitor a intensa urbanização europeia que algumas cidades árabes já sofriam, devido à influência francesa e inglesa. Segundo nosso autor, a presença maciça de europeus na cidade de Alexandria moldou certa paisagem mercantilista e sua crítica recai sobre o comportamento daquelas pessoas em torno de ambições:

É uma cidade baixamente mercantil. As colônias que a habitam, gregos, italianos, marselheses, estão ali de passagem: oprimem, sugam, engordam, alcançam escravas no Fayoum e encerram-se nas suas casas pretensiosas, cheios de comida, de agiotagem e de sensualidade. O movimento é todo comercial, rápido, precipitado. As ruas são ladeadas de armazéns; as carroças deixam sulcos na lama. O interesse, a aspereza do ganho, o estado de colonos espoliadores, dão um aspecto de brutalidade e de avidez àquela população (QUEIRÓS, 1946, p. 43-44).

Eça de Queirós escreve sua crítica social com relação aos interesses ambiciosos das potências europeias que, em parte, foram responsáveis pela descaracterização da essência de cidade oriental e histórica, ao mesmo tempo em que cita a presença de alguns resquícios desta mesma cultura que aos poucos vai se perdendo. Dessa forma o romancista descreve marcas de cidade oriental presentes ainda na Alexandria capitalista e cosmopolita do século XIX, na medida em que “sente-se ali o Oriente. Um sol pesado, e morno cobre o lago. Passam fileiras de camelos; felás, carregados, correm, com as túnicas azuis cheias de ar” (QUEIRÓS, 1946, p. 42).

Denis Cosgrove, ao estudar os aspectos simbólicos e culturais da paisagem, considera que o estudo de “pinturas, poemas, romances, contos populares, músicas, filmes e canções podem fornecer uma firme base a respeito dos significados que lugares e paisagens possuem, expressam e evocam, como fazem fontes convencionais ‘factuais’” (COSGROVE, 1998, p. 110, grifo do autor). Compartilhando da opinião do geógrafo britânico, podemos afirmar que Eça buscava ansiosamente por um Egito histórico, uma Alexandria ricamente ornamentada por uma arquitetura milenar, entretanto, a partir do momento em que não encontra o que tanto almeja, sua escrita passa a transitar entre o ideal e a triste realidade encontrada.

A presença humana, ao longo dos séculos, moldou a paisagem egípcia, contribuindo para a degradação de seu aspecto original, afinal, “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE, 1998, p. 108). E foi justamente essa alteração na paisagem, consequência de sucessivos conflitos bélicos ao longo do tempo, que sensibilizou os olhos observadores de nosso romancista:

Eu, entretanto, pensava que ia pisar o solo de Alexandria. Estávamos talvez na mesma água que outrora tinham fundeado as galeras de velas de púrpura, que voltavam de Actium! Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bizantina, onde estás tu? Ondes estão os teus quatro mil banhos, os teus quatro mil circos, e os teus quatro mil jardins? Onde estão os teus dez mil mercadores, e os doze mil judeus que pagavam tributos ao santo califa Omar? Onde estão as tuas bibliotecas, e os teus palácios egípcios, e o jardim maravilhoso de Ceres, oh! Cidade de Cleópatra, a mais linda das Lágidas? (QUEIRÓS, 1946, p. 40).

A partir do trecho acima, podemos apontar para a complexidade do olhar de Eça de Queirós a respeito do Oriente. O romancista utiliza-se do recurso da ironia para contrastar o discurso do passado heroico ao presente da pequenez mercantil, tendo como argumento suas leituras preparatórias de viagem: “onde estão os teus quatro mil banhos, os teus quatro mil

circos, e os teus quatro mil jardins” ?, são as indagações que o romancista faz para ilustrar o seu “desapontamento”. Beatriz Berrini salienta que outros escritores se sentiram decepcionados ao conhecerem o Egito. Alimentados constantemente por narrativas lendárias, a exemplo do clássico *As mil e uma noites*, esses escritores se frustraram gradativamente ao perceber que os sonhos tecidos durante as leituras preparatórias de viagem não correspondiam a suas expectativas:

Com frequência esse Oriente, tão presente no imaginário europeu, mostrou-se diferente do Oriente oitocentista, na medida em que os viajantes iam tendo contato direto com ele. O supostamente “*déjà vu*” apresentava-se como um Oriente inesperado e estranho, e por isso mesmo frustrante. Gérard de Nerval, por exemplo, chega a escrever ao amigo Th. Gautier, deplorando a perda do Oriente dos seus sonhos frente ao real que ia descobrindo na viagem. “Mas é o Egito que eu mais lamento ter afastado da minha imaginação, agora que eu o coloquei tristemente na memória”. E ainda: “Para alguém que nunca viu o Oriente, um lótus é sempre um lótus; para mim é apenas um tipo de cebola” (BERRINI, 1993/94, p. 44).

Beatriz Berrini sinaliza para a decepção que acometeu Gérard de Nerval quando este, alimentado pela imaginação das leituras preparatórias, pretende reconhecer os antigos lugares que lhe foram apresentados textualmente. Além de Nerval, podemos citar ainda o seu contemporâneo Gustave Flaubert que, quando esteve no Egito durante dois anos, se decepcionou com alguns templos em estado de degradação, a exemplo do que ocorreu em Midenet el-Fayoum: “Tumbas em ruínas, que parecem a do fundo do fracasso; das coisas miseráveis, dos ossos brancos aparecendo mesmo na terra, como uma galantina cortada pela metade” (FLAUBERT, 1986, p. 91). Contudo, devemos relativizar as impressões negativas que estes escritores tiveram a respeito do Egito, tanto os escritores acima citados quanto Eça de Queirós. Basta lembrarmos que muitos se empolgaram com paisagens como o Rio Nilo, descrito em várias passagens daquelas narrativas; com o colorido das roupas, especificamente usadas pelas mulheres; com o movimento dos bazares; com os diferentes meios de transportes utilizados tanto nas ruas do Cairo como nos arredores da cidade, além da arquitetura dos templos, pirâmides e palácios que deslumbrou muitos viajantes. Desta forma, são olhares complexos, subjetivos, opiniões diversas que não podem ser reduzidos à única forma de ver o Outro.

Retornando à descrição da paisagem de Alexandria produzida por Eça de Queirós, o que fica claro em suas Narrativas é sua evocação histórico-cultural de construções importantes,

como palácios e bibliotecas⁶⁷, jardins plenamente bem cuidados e também costumes de uma época bastante recuada. Esse *tempus fugit*, através da concepção do passado como paisagem, as descrições minuciosas de cada ambiente observado, caracterizam o olhar do escritor português sobre o espaço visitado, além das considerações de caráter artístico e cultural, alimentadas por constantes digressões. A paisagem, interpretada pelo ponto de vista pessoal e subjetivo de Eça de Queirós, ganha foros de sensibilidade, através de um estilo de narrar todo seu, em uma escrita plural, na qual perpassa a memória de textos lidos sobre aquele lugar e a sua representação real. Diante do exposto,

A narrativa da paisagem configura-se como construção simbólica do lugar; é uma tentativa de dar ordem ao mundo através de uma narração organizadora dos espaços. Nesta perspectiva, não se limita a ser a descrição de um espaço físico, mas antes um conjunto de ideias, sensações e sentimentos que enformam e oferecem substância imagética àquilo que se narra, àquilo que se vê (COUTINHO, 2019, p. 180).

No decorrer da narrativa sobre o Egito, Eça visita outros lugares de Alexandria, em busca de “curiosidades clássicas a examinar” (QUEIRÓS, 1946, p. 47), como a coluna de Pompeu, descrevendo-a como “alta coluna grega, de granito rosado, que se ergue sobre uma colina de areia” (QUEIRÓS, 1946, p. 48). Sentimentos de solidão, estado de espírito melancólico acometem o escritor naquela região, mas, logo descreve com tintas mais realistas “uma estátua de granito do tempo de Ramsés, meia enterrada na areia, coberta de imundícies” (QUEIRÓS, 1946, p. 48). Olha um cemitério árabe onde “pedras lisas espalham-se pela desolada areia, sem árvores, sem sombra, sem flores, ao acaso” (QUEIRÓS, 1946, p. 48). Entretanto, a par da descrição meramente física do cemitério, Eça avista mais uma vez o elemento humano, em uma paisagem degradada, deserta, sem nenhum atrativo físico. Neste caso, não são mulheres, nem felás, nem negros, mas crianças, “que brincam ali, sórdidas, com os olhos cheios de moscas” (QUEIRÓS, 1946, p. 48). Interessante considerar nas descrições acima, que a paisagem desolada acompanha também a miserabilidade e a solidão das crianças, como se o elemento natural compartilhasse de tamanha tristeza.

As Agulhas de Cleópatra foram a última curiosidade clássica que Eça descreveu no capítulo sobre Alexandria. Vale lembrar que estes dois obeliscos foram construídos há milênios

⁶⁷ Rica e com supostamente 700 mil volumes, possuía numerosas obras relativas ao Egito dos faraós, entre outras, a *Histoire de l'Égypte*, em 30 volumes, que Manéthon, um sacerdote egípcio, havia escrito em grego, a pedido de Ptolomeu I [...] A destruição da obra *Histoire de l'Égypte de Manéthon* é das mais lamentáveis. De fato, antes da invenção da imprensa, os livros existiam apenas em um único exemplar, depois recopiado à mão. Certamente, toda grande biblioteca, como a de Alexandria, possuía duplicadas as obras originais, que neste caso eram conservadas na biblioteca do templo de Serápis, na própria Alexandria (VERCOUTTER, 2002, p. 15).

e ainda estavam em Alexandria no momento em que o romancista português lá esteve. Hoje, sabe-se que estão expostas em Londres⁶⁸ e Nova York⁶⁹.

Fomos também ver, conscienciosamente, as Agulhas de Cleópatra. Encontramo-las numa horta cercada duma fileira de casas: uma, está de pé, nítida, de granito rosado; as outras jazem, deitadas no chão: em redor, crescem legumes. Aproximei-me, e depois de as ver e de me comenpenetrar de que tinham pertencido ao templo de Heliópolis, e de que haviam sido trazidas para Alexandria para serem colocadas dentro dum templo dedicado a Ceres, voltei os olhos e bocejei ... Oh! Querida Alexandria, cidade de Cleópatra, de Amrú e dos padres da Igreja, como tu nos foste fastidiosa e pesada”! (QUEIRÓS, 1946, p. 49).

Nessa última descrição sobre os monumentos visitados em Alexandria, a percepção da paisagem lhe causa certa estranheza. Certamente, porque os lugares que preencheram tanto sua imaginação não corresponderam a suas expectativas. Contudo, mesmo não descrevendo com muito entusiasmo o que viu em Alexandria, nota-se um tom informativo do escritor sobre a história daquela cidade através de descrições físicas de uma arquitetura milenar, que emerge através de uma escrita pautada em um olhar individual, subjetivo. Podemos assim refletir sobre a representação da paisagem em Eça de Queirós, compartilhando das ideias de Michel Collot, quando afirma que “a paisagem é uma interface entre o espaço objetivo e subjetivo: sua percepção põe em jogo, ao mesmo tempo, o reconhecimento de propriedades objetivas e a projeção de significações subjetivas” (COLLOT, 2012, p. 28).

Especificamente quando tratando de Alexandria, o leitor pode perceber que a paisagem interpretada por Eça teve sua “significação modelada tanto pela memória coletiva quanto pela iniciativa individual” (COLLOT, 2012, p. 28). Acrescenta-se ainda que a memória coletiva pode ser interpretada pelas leituras orientalistas que o nosso escritor fez antes e durante sua viagem ao Egito, moldando assim sua escrita através de várias digressões e interpretações críticas sobre o que vivenciou. A representação da paisagem oriental, por sua vez, além de agregar a “visão de mundo” do romancista português, articula-se ao imaginário social carregado

⁶⁸ “A agulha de Londres está localizada em Westminster. Foi um presente dado ao Reino Unido por Mehemet Ali, em comemorações às vitórias de Lord Nelson na batalha do Nilo e de sir Ralph John Abercromby na batalha de Alexandria em 1801. Apesar do governo britânico agradecer o gesto, não aceitou financiar do transporte até Londres, o que fez com que o obelisco permanecesse em Alexandria até 1877, quando sir Erasmus Wilson, patrocinou sua ida a capital inglesa. Foi erguida no Victoria Embankment (Londres), às margens do rio Tâmis” (www.pt.wikipedia.org/wiki/Agulhas_de_Cleópatra. Acesso em 22 nov.2020).

⁶⁹ “A Agulha de Nova Iorque está localizada no Central Park. Após a abertura do canal de Suez, em 1869, Ismail Paxá ofereceu um dos obeliscos aos Estados Unidos com a esperança de fomentar as relações comerciais, formalizando o feito do seu filho e sucessor, Teufique Paxá, em 1879. William Henry Vanderbilt financiou o transporte, e o obelisco acabou instalado no parque em 1881” (www.pt.wikipedia.org/wiki/Agulhas_de_Cleópatra. Acesso em 22 nov.2020).

de valores míticos sobre o espaço visitado, tendo como principal fundamento para essa elaboração imaginária as suas leituras orientalistas. Nesse sentido, os discursos figurativos, elaborados pela Literatura e demais artes plásticas sobre o Oriente, contribuíram para que Eça imaginasse um passado ainda repleto de idealizações que ao longo da história modelou o imaginário de viajantes e escritores que visitavam aquela região.

A busca romântica por lugares do Antigo Egito remonta desde a Antiguidade, se estendendo a partir do século XVIII, principalmente depois que Napoleão Bonaparte invadiu Alexandria em 1798. Desta forma, o Oriente tornou-se um centro catalizador de pesquisas científicas e descobertas culturais para o Ocidente, estimulando que novas viagens fossem empreendidas por diversas pessoas, notadamente franceses e britânicos. De acordo com Eric Hobsbawm (1977), essa curiosidade por lugares “exóticos”, que alimentaram tanto a vontade dos ocidentais, levou muitos pesquisadores a explorar regiões distantes, como os desertos da Arábia e do norte da África, repletos de odaliscas e guerreiros. Somando-se a isso tem-se todo um quadro de expectativas alimentado por aqueles viajantes, frutos de leituras orientalistas escritos por outros artistas, cronistas, pesquisadores e cientistas que lá estiveram anteriormente⁷⁰, fato que ocorreu ao romancista Eça de Queirós.

Avancemos na nossa análise sobre a paisagem oriental, observando o comportamento do escritor diante de uma das cidades mais movimentadas e multiculturais do Nordeste da África. o Cairo, onde “todas as raças, todos os vestuários, todos os costumes, todos os idiomas, todas as religiões, todas as crenças, todas as superstições, ali se encontram, naquelas ruas estreitas” (QUEIRÓS, 1946, p. 89).

3.1.2 “É Paris, é Londres, é Nápoles, invadindo o velho Cairo”: paisagens ocidentalizadas

O capítulo dedicado ao Cairo é um dos mais interessantes de *O Egito*. O escritor viajante sente-se empolgado ao se deparar com tamanha diversidade étnica, religiosa e cultural. Logo no início do capítulo, ele contrapõe esse mosaico de culturas à monotonia das cidades europeias, que limitam a imaginação do artista devido às arquiteturas retilíneas, com suas ruas sombrias e vestuários pesados, pois “aqueles que nunca saíram das ruas direitas e monótonas das cidades

⁷⁰ Em meados do século XIX, quase todo o Oriente já havia sido mapeado, resultando na publicação de algumas obras, como: *Viagem no Baixo e Alto Egito*, do barão Vivant Denon (1747-1825), *Descrição do Egito*, por ordem de Napoleão Bonaparte e *Sumário do Sistema Hieroglífico dos Antigos Egípcios*, de Jean-François Champollion (1790-1832).

da Europa, não podem conceber a colorida e luminosa originalidade das cidades do Oriente” (QUEIRÓS, 1946, p. 87).

Promovendo a comparação com as melancólicas cidades europeias com suas “casas estreitas e chatas, na violenta limitação imposta pela municipalidade” (QUEIRÓS, 1946, p. 88), o escritor enaltece o espaço amplo da natureza⁷¹ para a consolidação da imaginação do artista, e, nesse sentido, a paisagem mostra-se propícia para alguns devaneios, afinal, “a imaginação, no campo, na margem dum rio, entre uma floresta, toma um livre caminho, encontra alimento, vive, tem quem a escute, tem confidentes, tem companhia, pasta livremente, devagar, olhando, cismando...” (QUEIRÓS, 1946, p. 88). A seguir, a Narrativa enche-se de riqueza de detalhes e sente-se logo a empolgação do escritor diante das ruas do Cairo, afinal, a cidade é “o centro do Egito e a sua maravilha. A corte do Pachá chama o comércio e as caravanas. A mesquita de El-Azhar congrega os estudantes. O Vale do Nilo atrai todo o mundo” (QUEIRÓS, 1946, p. 89).

Ao contrário de Alexandria, foi no Cairo que Eça de Queirós encontrou, de forma mais intensa, os símbolos que remetem a um Oriente mítico, voltado ao passado. Isso pode ser observado através de minuciosas descrições de haréns, camelos, palmeiras, mesquitas, felás e túnicas. As ruas funcionaram como verdadeiro laboratório onde o escritor desempenhou o seu papel de observador atento, captando comportamentos diversos e imprimindo a suas Narrativas seus pontos de vista. Ao caminhar pelas ruas do Cairo, anotando observações, aguçando seu olhar para as múltiplas paisagens ao seu entorno, ao ouvir as mais diversas línguas, seus sentidos são aguçados:

A experiência é, intensamente, auxiliada pela acuidade dos sentidos e por algumas habilidades inatas e adquiridas pelo indivíduo com o conhecimento, tais como: a cognição, o espírito investigativo, a argumentação, o rigor dos processos de observação, a orientação, a direção e a capacidade de representação (FEITOSA, 2010, p. 39).

Antônio Cordeiro Feitosa atribui à experiência, ao conhecimento e aos sentidos os fatores preponderantes para a percepção da paisagem. Todos esses atributos são visíveis na linguagem queirosiana, confirmando a hipótese de muitos estudiosos ao afirmarem que foi no Oriente que Eça de fato desenvolveu seu talento para o jornalismo e para seus futuros romances

⁷¹ Ida Alves pontua que “a natureza é o lugar mítico, da origem, onde o homem poderia se sentir pleno, se não fosse o que é hoje: predominantemente urbano, transformando a natureza em cenário artificial, “locus horrendus” (ALVES, 2010, p. 92).

realistas. Assim, o viajante aproveitou os momentos passados nas ruas do Cairo para exercitar sua imaginação, vivenciando as possibilidades que estas ruas puderam oferecer, desde os movimentos de camelos, dromedários, caravanas, burros e carruagens, até mesmo um pequeno café em um bairro muçulmano, onde árabes, turcos e núbios se encontravam, em uma intensa pluralidade de pessoas. O movimento frenético das ruas, as diversas profissões⁷² exercidas pelos mais diversos sujeitos, a rotina cansada dos felás, o cotidiano das mulheres em suas casas ou durante seus passeios, quando elas “passam, voltam, tornam a passar, com o andar lento, pesado, fatigado, que indica o hábito de viverem sentadas” (QUEIRÓS, 1946, p. 102), tudo é visto, analisado e descrito por Eça, como se ele invadisse a intimidade daquelas famílias. A capacidade de representação, por sua vez sinalizada por Feitosa (2010), está clara em passagens queirosianas onde casas, palácios, mesquitas e haréns, constituem matéria para uma narrativa minuciosa e claramente literária, na qual a surpresa⁷³ o acompanha a cada minuto:

Ora o Cairo é o centro do Egipto e a sua maravilha. A corte de Pachá chama o comércio e as caravanas. A mesquita de El-Azhar congrega os estudantes. O vale do Nilo atrai todo o mundo [...] Nada mais fantasista do que uma casa árabe: a sua porta pequena, aberta no muro, ou se ergue sobre dois degraus, ou fica abaixo do nível da rua; o telhado levanta-se agudo ou gótico, ou se achata em largos terraços; os *mucharabiêhs*, dependuram-se em todas as posições; os travejamentos fogem para a rua, as pedras lutam com os tectos... E tudo aquilo se equilibra, pende, pouca, delicadamente no chão, parecendo que o vento a vai levar (QUEIRÓS, 1946, p. 89 e 91, grifo do autor).

O trajeto de Eça de Queirós é feito a pé pelas ruas do Cario, possibilitando uma observação mais demorada e atenta sobre hábitos e costumes tão diversos. Exemplo claro disso está na descrição das casas observadas pelo escritor, que são descritas em aspectos humanizados: “As casas lembram faces humanas, têm todas as expressões. Chegam quase a parecer seres vivos, tanta é a quantidade de intenção que as suas arquiteturas contêm” (QUEIRÓS, 1946, p. 93). Essa humanização das casas possibilita-nos atentar para o que a

⁷² “Vamo-nos aproximando mais dos bazares: as ruas são ainda orladas de pequenos nichos onde se vende toda a sorte de coisas: louças, armas, comestíveis, brocados. No chão, há filas de mulheres sentadas, encruzadas, tendo diante de si esteiras onde se amontoam bolos, toda a sorte de doces de formas simbólicas e estranhas” (QUEIRÓS, 1946, p. 102).

⁷³ Vera Chacham ilustra o embevecimento dos europeus que visitavam o Egito no século XIX da seguinte forma: “A originalidade da cidade oriental, de passagem, é construída na convivência de várias culturas, na multiplicidade cultural. Esta multiplicidade ou variedade do encontro é de certa forma desconhecida na Europa, pois sugere uma espécie de convivência étnica e também religiosa [...]. O exótico “multicultural” passa também pelas próprias palavras e nomes utilizados: copta, núbio, Samaria, albanês, búlgaro. O leitor “conhece”, assim, um ambiente extremamente exótico, variado, desconhecido e distante, povoado de lugares e homens dos quais muitas vezes ele nem ouviu falar e que estão lá junto ao pau de sicômoro e outras palavras” (CHACHAM, 1999, p. 131).

Geografia Humanista Cultural aborda em torno da paisagem, priorizando a experiência humana na percepção de cada objeto observado. E foi dessa experiência vivenciada por Eça que podemos também perceber que, no Cairo, ele encontrou a “essência” da cultura egípcia, a alteridade tantas vezes perseguida e esperada:

Entra-se na rua mais próxima dos haréns: áí a multidão é mais original [...] os coptas, com os seus turbantes negros, de fisionomias concentradas, passam lentamente; os núbios altos, delgados, nervosos [...] caminham a largos passos [...] ali, surge um judeu, de turbante negro, com a túnica traçada, os braços conchegados ao corpo de cabelo pendentes sobre a face, uma sordidez extrema no vestuário: vem de trocar, decerto, moedas no bazar, ou de concluir algum negócio de joias (QUEIRÓS, 1946, p. 97, grifos nossos).

Além de citar coptas e núbios, demora-se mais na descrição do judeu e sua antiga profissão de comerciante. Ratifica-se que a paisagem não se restringe apenas ao seu elemento natural, apenas ao espaço amplo e aberto da natureza, mas também pode ser percebida em seus mínimos detalhes, principalmente quando o sujeito nela inserido pode alargar as percepções do observador. Nesse caso, arquiteturas, ruas, comércios dos mais variados, casas, antigas universidades, profissões, ou qualquer lugar onde o indivíduo está presente são objeto de análise e percepção de Eça de Queirós, enriquecendo suas Narrativas de viagem através do interesse do viajante pela diversidade e descrições detalhadas.

A paisagem não envolve apenas os elementos geográficos dispostos no espaço, pois, numa determinada porção do espaço, não há um só conjunto de elementos que lhe dão forma, mas o resultado da combinação dinâmica de elementos físicos, biológicos e humanos, interagindo dialeticamente numa paisagem única e indissociável, em perpétua evolução (FEITOSA, 2010, p. 36, grifos nossos).

Como atento observador de costumes, Eça de Queirós acrescentou às suas percepções sobre a paisagem o elemento humano, que, somando-se aos elementos geográficos, possibilitou uma complexa rede de informações, reflexões e detalhes minuciosos sobre aquela gente. Dessa forma, conforme sinalizado por Feitosa, a paisagem é um conjunto complexo que envolve tanto o elemento humano, quanto os seus aspectos geograficamente físicos, onde se interagem mutuamente.

O capítulo referente ao Cairo caracteriza-se por dois planos narrativos. O primeiro, logo no início desta subseção, faz referência às diversas paisagens orientais que Eça leu nos seus estudos orientalistas, e pôde enfim conhecer durante sua passagem pelas ruas e pelos bairros da cidade, um lugar feito de vestígios, de algo remoto, alimentado pela imaginação histórica,

artística e geográfica. No segundo⁷⁴ plano da narrativa, observa-se, porém, a mudança brusca da paisagem. De um passado histórico repleto de tradições orientais, o leitor depara-se com a descrição de uma paisagem profundamente modificada, ocidentalizada, como se a Europa invadissem aquele território tão caro de imagens simbólicas. Dessa forma, a narrativa vai perdendo sua “aura” de coisas remotas para dar vazão aos costumes tipicamente ocidentais⁷⁵: são as ruas do Cairo iluminadas a gás; são as mesquitas cedendo o seu espaço para a implantação de fábricas; são as *lorettes*⁷⁶ ocupando o lugar das antigas dançarinas egípcias; são hotéis, casinos e consulados preenchendo antigos espaços orientais, onde “[...] ali vive e medra a população franco-levantina. [...] Ali estão os pequenos cafés gregos, os bilhares, os cabeleireiros, os fotógrafos e a antiga estação do trânsito da Índia, com a sua larga porta ogival [...]” (QUEIRÓS, 1946, p. 105).

Eça de Queirós observou o desenvolvimento de várias cidades europeias. Seu século, permeado por profundas alterações no espaço urbano⁷⁷, através do desenvolvimento da economia e das ciências em voga, além da intensa novidade dos vários meios de comunicação, proporcionou ao escritor uma leitura atenta dos costumes que iam aos poucos moldando a paisagem a seu redor. Pelas movimentadas ruas do Cairo, por exemplo, o romancista tece comparações entre as grandes metrópoles europeias, desenvolvendo assim sua percepção em torno da paisagem oriental. Apesar do contentamento do escritor ao encontrar resquícios de um Oriente remoto, através das intensas descrições sobre os costumes orientais na cidade do Cairo, sua escrita é permeada pela pluralidade de sentidos, contradições, desconstruções e idealizações. Isso porque, ao mesmo tempo em que Eça de Queirós se depara com um “velho

⁷⁴ Intitula-se “A cidadela” e é nesta parte da narrativa que a descrição da ocidentalização se torna mais contundente.

⁷⁵ Cesário Verde, poeta contemporâneo a Eça, reflete muito bem no poema “Sentimentos de um ocidental” esse estado de inquietação marcado pelo desenvolvimento urbano do século XIX que, além de atingir as principais capitais europeias, paulatinamente foi modificando Lisboa. Observemos um pequeno trecho: “Nas nossas ruas ao anoitecer/Há tal soturnidade, há tal melancolia/Que as sombras, o bulfício, o Tejo, a maresia /Despertam-me um desejo absurdo de sofrer /O céu baixo e de neblina /O gás extravasado, enjoa-me, perturba /E os edifícios, com as chaminés, e a turba /Toldam-me de uma cor monótona e londrina” (VERDE, Cesário. O sentimento de um ocidental. In: MOISÉS, 2002, p. 336).

⁷⁶ Tipo de “cortesã” francesa do século XIX.

⁷⁷ O romance *A cidade e as serras*, apesar de ter sido publicado muitas décadas depois da viagem de Eça ao Oriente, representa as grandes novidades que o personagem Jacinto Tormes, um rico português residente em Paris, aproveitou durante a sua estada naquela capital. Dessa forma, ruas alargadas são descritas, com seus bulevares luxuosos, cafés movimentados, praças arborizadas, transportes coletivos, paralelamente ao nascimento de novidades como elevadores, telégrafos e relógios públicos. Contudo, diante de tamanha “civilização”, o personagem Zé Fernandes, amigo de Jacinto, assim como ocorreu com Cesário Verde, no poema “Sentimentos de um ocidental”, desanima-se ao ver construções postiças e com feições artificiais: “Nessa mesma tarde, se bem me recordo, sob uma luz macia e fina, penetramos no centro de Paris, nas ruas longas, nas milhas de casario, todo de calça parda, erigido de chaminés de lata negra, com as janelas sempre fechadas, as cortininhas sempre corridas, abafando, escondendo a vida. Só tijolo, só ferro, só argamassa, só estuque: linhas hirtas, ângulos ásperos: tudo seco, tudo rígido. E dos chãos aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, comendo os muros, Tabuletas, Tabuletas...” (QUEIROZ, 1950, p. 44).

sheik do deserto, com a sua longa túnica listrada” (QUEIRÓS, 1946, p. 104) observa do terraço do Shepheard’s Hotel, “[...] consulados, casinos italianos e franceses, pequenos cafés gregos, bilhares, cabeleireiros, fotógrafos [...] onde, debaixo das árvores, se toma o café, se joga o dominó [...]” (QUEIRÓS, 1946, p. 105).

Esses costumes notadamente ocidentais não estavam provavelmente na expectativa de viagem do romancista português. Daí o desencanto, a decepção constante. A citação de jornais e revistas europeias como o *Fígaro*, a *Ilustração* e o *Times*, expostas nas mesas do hotel, além do hábito de tomar cerveja e jogar a roleta, convivem ao mesmo tempo em que “alguns felás dormem ao sol...” (QUEIRÓS, 1946, p. 106), contribuindo assim para a percepção de uma paisagem ricamente oposta, através da mistura de hábitos ocidentais e orientais. A caminho da Cidadela, torna-se patente a ocidentalização no Egito pois, à medida que Eça conhece mesquitas, templos e túmulos, percebe que a industrialização, já em pleno desenvolvimento na Europa, vai se tornando constante nas cidades orientais, em especial nas cidades muçulmanas⁷⁸, contribuindo assim para a descaracterização da paisagem “original”:

Os templos de Tebas são utilizados, e neles se lançam os alicerces das novas indústrias; os templos de Amrú são aproveitados para fábricas, e a mesquita maravilhosa de Kait-Bey e os túmulos dos Califas, caem em ruínas à beira das novas avenidas macadamizadas! Abrem-se largas ruas hirtas, direitas, derrubando-se, como o largo de Esbekiêh, casas árabes feéricas, de mucharabiêhs maravilhosos, cheias de arabescos, rendilhadas, bordadas, riscadas de listras vermelhas, com os finos versículos do Alcorão pintados nas suas fachadas. Ilumina-se a cidade a gás, macadamizam-se as ruas, estabelecem-se cafés onde as lorettes abancam, e a cantiga da Femme à Barbe mistura-se ao estalar da cerveja! É Paris, é Londres, é Nápoles, invadindo o velho Cairo (QUEIRÓS, 1946, p. 111, grifos nossos).

O que a Geografia Humanista Cultural tem nos mostrado, por meio de suas constantes pesquisas na área da paisagem e dos aspectos fenomenológicos inerentes a ela, é que o homem acompanha o progresso dos lugares nas suas mais diversas formas. Nesse caso, residências são destruídas para a construção de lojas ou indústrias, ruas são alargadas para um melhor tráfego de veículos, terrenos vastos de plantações das mais diversas espécies podem ser devastados para o pavimento de prédios. E a cultura, representada na arte, na arquitetura, na religião e nos costumes de cada país, pode também sofrer modificações, evoluções e substituições. Assim aconteceu na Europa, quando as estreitas ruas medievais foram se transformando ao longo do tempo; assim aconteceu também no Brasil, quando, durante o período imperial, o Rio de Janeiro

⁷⁸ Para um melhor aprofundamento deste assunto, conferir o artigo “Progresso e impureza: viajantes europeus descrevem a ocidentalização de cidades muçulmanas”, da professora Vera Chacham (2003).

passou por modificações profundas para se aproximar esteticamente das ruas parisienses, no intuito de se marcar a paisagem com “ares de progresso e civilização”. Não podia ser diferente no Egito que, invadido pelos mais diversos povos em busca de seus recursos naturais, ou visitado por turistas, egiptólogos, jornalistas e escritores, imprimiu uma atmosfera de multiculturalismo em cada paisagem. Assim também se deu a transformação das cidades históricas do país, através da industrialização nascente, da substituição de alguns costumes marcadamente tradicionais por outros mais ocidentais. Nesse sentido,

A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. A paisagem nos fornece um modelo para pensar a complexidade de uma realidade que convida a articular os aportes das diferentes ciências do homem e da sociedade (COLLOT, 2013, p. 15).

Conforme problematiza Collot, a paisagem acompanha a evolução histórica dos lugares, envolvendo na sua complexidade questões culturais, econômicas, sociais e geográficas. Longe de parecer como um aspecto “figurativo” a paisagem interage com a dinâmica social e aquele que a observa ou a vivencia no seu sentido mais profundo, é também convidado a emitir opiniões sobre as possíveis transformações ocorridas na sociedade e conseqüentemente na cultura do lugar.

Avançando na leitura das narrativas sobre o Cairo, encontra-se uma breve reflexão sobre a história da cidade. Mais uma vez, observa-se que a percepção da paisagem em Eça de Queirós é complexa e ao mesmo tempo interdisciplinar, haja vista a interação das suas análises com a Geografia, ao descrever o lugar, a paisagem e todos os elementos naturais e humanos que a cercam; a Arquitetura⁷⁹, nas minuciosas descrições de mesquitas; a Sociologia⁸⁰, quando analisa a situação da mulher oriental e também denuncia a exploração do felá; a Literatura Árabe⁸¹, ao fazer referências a leituras clássicas; a Religião⁸², voltada principalmente para o passado

⁷⁹ “A mesquita de Tulûme é uma das mais belas. Toda em ruínas, serve hoje de morada aos pobres. Devastada, remendada, o seu efeito é ainda extraordinário: é um vasto quadrado, cercado de uma tríplice arcada, que a luz enche magnificamente” (QUEIRÓS, 1946, p. 117).

⁸⁰ Eça de Queirós faz uma análise do comportamento das mulheres egípcias, denunciando sua condição de submissão e silenciamento ao longo dos séculos. Conferir o subcapítulo intitulado “A mulher no Oriente” (QUEIRÓS, 1946, p. 123-139).

⁸¹ “O Cairo, visto da mesquita de Tulûme, é, pelo contrário, a cidade-jóia, a cidade poética das *Mil e uma noites*” (QUEIRÓS, 1946, p. 117).

⁸² “Ao cimo duma pequena ladeira, mostram-nos um largo poço de antiga construção, profundo, negro, vasto, assombreado por sicômoros murmurosos onde cantam as rolas. Desce até ao nível do Nilo, e a tradição conta que foi edificado por José, filho de Jacob” (QUEIRÓS, 1946, p. 112).

bíblico; a Arte⁸³ em geral, reunida em torno das línguas, das danças e músicas árabes e também a História, quando, ao visitar “duas altas muralhas” na saída da Cidadela, arrisca-se em reflexões:

A porta está destruída, em derrocada. Ali, foram assassinados os Mamelucos. Tinham vindo com grande esplendor à festa do Pachá. À saída, ao descerem por aquele estreito caminho, encontraram fechada a grossa porta chapeada de ferro. Quiseram retroceder, mas nesse momento uma descarga cruel esmagou-os: os albaneses fazem fogo de trás da muralha! Apertados naqueles muros, a cavalo, numa confusão dolorosa, crivados de balas, ensanguentados, pereceram miseravelmente. Um único tinha ficado para trás: ouvindo os tiros, os gemidos, os gritos, desenrola o turbante, venda os olhos do cavalo e atira-se do alto da Cidadela. O cavalo chega a baixo morto, o Mameluco ferido. Daí a dias era agarrado e decapitado” (QUEIRÓS, 1946, p. 112).

O tom de narração sobre esse acontecimento histórico torna-se exemplar. As imagens fortes fazem o leitor imaginar um passado repleto de lutas sangrentas, injustiças, ambições desmedidas. Eça de Queirós se aproveitou da visita feita às muralhas do Cairo para dar espaço a sua prodigiosa memória, na qual a paisagem mais uma vez torna-se enriquecida pela presença dos sujeitos, mesmo que estes não sejam mais visíveis fisicamente, mas a partir da narração do escritor em torno de um específico acontecimento histórico.

O resultado desta visita ao Cairo é a percepção de uma paisagem que revela história, conflitos, marcas de degradação por toda a parte. O romancista percebe a paisagem oriental por meio da relação com a História daquele lugar, através das práticas de colonização predatória consumadas ao longo do tempo, dos intensos conflitos bélicos e religiosos e da presença do sujeito europeu que foi moldando e modificando a antiga paisagem, ao inserir elementos e comportamentos ocidentais.

A experiência do olhar de Eça de Queirós sobre a paisagem decadente e, ao mesmo tempo ocidentalizada, desestabiliza, em certo sentido, as ideias preconcebidas em torno de um Oriente mítico, “original”, idealizado, pois as “paisagens perdidas, vindas de uma memória clássica, acabam por refigurar uma visão crítica da contemporaneidade ante a ruína atual da relação homem e natureza [...]” (ALVES, 2010, p. 85). Seja através das movimentadas ruas do Cairo, ou nas silenciosas Pirâmides, seja na decadente Alexandria ou no esplendor do Rio Nilo, a percepção da paisagem oriental filtrada pelas lentes do escritor português está em contínuo processo de tensão, a partir de um mosaico de imagens ora idealizadas ora desconstruídas,

⁸³ Conferir o último capítulo das narrativas, intitulado “Noites feéricas”, onde está a descrição e análise das danças das Ghawazis (QUEIRÓS, 1946, p. 261-271).

instáveis. Nesse sentido, é importante considerar que o percurso da História é uma constante e ao mesmo tempo desconcertante presença nas Narrativas de viagem de Eça. Mas ainda restam lembrar que a paisagem sublime, sonhada e buscada tantas vezes por nosso escritor vai ser de fato descrita n’*O Egito*: trata-se do Rio Nilo, onde “água, verdura, cultura, trabalho e riqueza” são os grandes tesouros.

3.1.3. “A vida do Egito é o Nilo”: relação afetiva e simbólica em torno da paisagem

Ao nos debruçarmos sobre as Narrativas de viagem de Eça de Queirós, o Rio Nilo surge de forma recorrente. É notável o entusiasmo do escritor frente à esplêndida beleza do rio, contrastando com o tom de tristeza e decepção com relação a outros lugares visitados no Egito. Luís Manoel de Araújo, por exemplo, afirma que a palavra Nilo surge cento e sete vezes nas narrativas queirosianas. Ainda abordando a representação do Rio Nilo na obra *O Egito*, o egiptólogo acrescenta que o rio está “presente em praticamente todos os capítulos, e a ele dedica o escritor as suas impressões recheadas de envolvente poesia” (ARAÚJO, 1988, p. 78).

A experiência de Eça de Queirós no Rio Nilo relaciona-se ao sentimento de afeição (topofilia) ou aversão (topofobia) em torno do lugar, haja vista que “toda relação com o lugar produz sentimentos que podem levar a percepções diferentes sobre o espaço” (TUAN, 2012, p. 76). Mesmo admitindo que ele não passou muito tempo no Egito, deve-se levar em consideração que ele desenvolveu sentimentos afetivos, apesar de passageiros e entusiásticos, em torno de determinadas paisagens e o Rio Nilo, ao ser citado várias vezes e em diversos capítulos, é reflexo dessa afeição desenvolvida pelo escritor.

Eric Dardel, ao classificar o espaço aquático como algo vital, necessário para o desenvolvimento de todos os seres vivos, também faz referência à importância do sujeito como atento observador da dinâmica das águas, cuja escrita ultrapassa termos científicos, na medida em que, “[...] frente ao espaço das águas se mostra melhor a insuficiência de uma atitude meramente intelectual, de um saber que, instrumentado pela razão, reifica complacentemente os fenômenos” (DARDEL, 2015, p. 23). Assim, segundo o geógrafo, “é ao homem, antes de tudo, que se dirige a escrita movente das águas. Ele é o único ser para o qual pode ter um significado. Sem a presença do homem o mar não passa de um eterno monólogo” (DARDEL, 2015, p. 22). Acrescenta ainda que

[...] A água corrente, porque é movimento e vida, aplaina o espaço. Rimbaud evoca isso: “É um vão de verdura onde um riacho canta/A espalhar pelas ervas farrapos de prata” [...] O registro afetivo da alegria propõe seu vocabulário para qualificar o mundo aquático. O *riso* das águas, o trinado ou a canção do riacho, sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do grande rio. Apelo à alegria, vivacidade material do espaço, juventude transparente do mundo (DARDEL, 2015, p. 20, grifo do autor).

Relacionando os estudos de Dardel às diversas impressões que o Rio Nilo causou no espírito de Eça, vemos que o escritor português não poupa adjetivos, comparações e posições entusiásticas para moldar a sua escrita, aproximando-a ao máximo das suas impressões, afinal, “a paisagem é uma grande planície verde, marejada de água. Não há paisagem tão serena, tão humana, tão docemente fecunda: nenhum contraste, nenhuma violência de perfis de montes – tudo largo, liso, imenso e coberto de luz” (QUEIRÓS, 1946, p. 60). E as águas do Rio Nilo, que tanto seduziram o olhar do jovem viajante, é presença constante em suas Narrativas de viagem, através de um aspecto profundamente humanizado e poético:

A água penetra, corre, alarga-se por toda a parte, afoga a verdura das plantações, as searas, as culturas, numa fecundante abundância. Aquelas raízes estão saturadas: as águas são como estradas que se cruzam, como as inúmeras malhas duma rede. Restos de inundação cobrem os campos, e as palmeiras assombriam pequenos lagos, onde se banham os patos e as garças (QUEIRÓS, 1945, p. 61).

Lúcia Helena Batista Gratão, em seus estudos sobre a relação entre Geografia e Literatura, reflete que, “epistemologicamente, a imaginação é investida de uma importância superior à da razão clássica. Esse privilégio dado à imaginação é que vai repercutir no campo da poética geográfica” (GRATÃO, 2010, p. 143). Voltando nosso olhar para a linguagem queirosiana, especificamente suas impressões de viagem, podemos supor que, a imaginação, aliada ao conhecimento mítico e histórico em torno do lugar e à própria vivência do escritor, ampliou e qualificou sua percepção em torno da paisagem e o resultado é uma escrita poética e ao mesmo tempo crítica, pois não esquece de denunciar as condições sub-humanas dos felás na região do Nilo e a falta de cuidado com o rio, subjugado a dinastias seculares, pois

Os antigos conheciam sete ramos do Nilo: como o Pitão mitológico, o Nilo mergulhava as suas sete cabeças no mar. No entanto, o tempo, as areias, o desleixo das dinastias persas, a incúria turca, a inércia árabe, a falta de canais e de diques, fizeram com que cinco ramos se enludassem, secassem e se lhes perdesse os vestígios (QUEIRÓS, 1946, p. 51).

A citação acima inicia o segundo capítulo das Narrativas de viagem, intitulado “O Delta”. Apesar de Eça apresentar logo uma crítica sobre a falta de cuidados com o Rio Nilo, observa-se que, no decorrer do relato, o entusiasmo contagia o espírito do escritor e o que vemos é uma escrita com nuances de motivação, na qual a paisagem adquire novas cores, através de uma prosa poética fluida e repleta de significados simbólicos, afinal, “onde chega a sua água tudo floresce e germina” (QUEIRÓS, 1946, p. 52). Além da descrição sobre a importância do Rio Nilo para toda a região do Egito, Eça destaca que as funções do rio são muito mais abrangentes que as meramente naturais, pois, “[...] sendo o fundo da vida agrícola, é o fundo da vida civil. Tem instituições, legislações, festas, preces, guardas, pregões [...]” (QUEIRÓS, 1946, p. 53). Assim, o escritor pôde observar a intensa movimentação de pessoas das mais diferentes classes sociais em torno do Rio Nilo, ora trabalhando, durante os períodos de seca ou enchentes, ora simplesmente contemplando a sua paisagem ou até mesmo exercendo funções políticas. É o homem visceralmente arraigado à terra, à paisagem que o acolheu, como nos ensina Dardel.

A Geografia Humanista Cultural, que se faz a partir do encontro “[...] da ciência com a arte; da ciência com a filosofia; da ciência com a poesia [...]” (GRATÃO, 2010, p. 143) possibilita-nos perceber que o Rio Nilo, mais do que um simples ponto turístico visitado por Eça de Queirós, apresentou-se para o escritor como um lugar de múltiplas paisagens, onde permanece a História viva de toda uma civilização, guardada não só no imaginário dos seus habitantes nativos, mas também no imaginário de poetas, músicos, cientistas, estudantes, turistas e missionários. Munido de conhecimentos sobre as fases cotidianas do Rio Nilo, o entusiasmo do escritor reflete uma linguagem repleta de poesia:

Em Junho, quando o sol faísca no azul imóvel, o felá que a todo o momento olha, espreita o bom Nilo, seu antigo pai, começa a vê-lo perder a sua transparência: em toda a sua largura, há oscilações, contrações, como os movimentos dum monstro que principia a caminhar: é o Nilo que começa a crescer. Dentro em pouco, toma uma cor esverdeada e baça; depois, em toda a sua largura, aparece um tom vermelho, sanguíneo: a corrente é mais poderosa, a água sobe devagar, os campos próximos começam a ser afogados. Então amarram-se os barcos junto às aldeias; o felá toma a sua *durbaka* de cordas de metal, as mulheres reúnem-se em coros, batendo as mãos, e por todo o vale do Nilo começam os cantos, as festas em sua honra (QUEIRÓS, 1946, p. 52, grifo do autor).

Contudo, mesmo diante de tanto deslumbramento, ainda é possível observar que o futuro escritor realista, afeito às causas sociais defendidas na Universidade de Coimbra, não descuidava de imprimir sua pena crítica contra os governantes daquele lugar, afinal cada espaço

é marcado por transformações históricas que o singularizam enquanto parte constituinte da estrutura geográfica. O romancista, como atento observador de todas essas transformações ocorridas tanto no Egito quanto em outros lugares do mundo, advoga a seguinte ideia:

Daqui, uma ideia dolorosa: todo o Egito, de Alexandria à Núbia, a sua abundância rica ou as fomes e as pestes que o podem devastar, toda a sua sorte, depende, todos os anos, dos homens que governam o país do fundo dos seus haréns do Cairo. Se os canais de derivação estão bem lavados, bem conservados, desobstruídos; se os diques estão sólidos; se os regulamentos para a irrigação são executados com justiça, a inundação é útil, a vida sai da terra com uma poderosa energia. Se os canais, porém, andam esburacados e os diques cobertos de lodo ou rotos; se a rega é feita irregularmente, sem cuidado, então a inundação é contrariada na sua bondade natural, a sua fecundidade é neutralizada, e o Egito tem fome durante anos” (QUEIRÓS, 1946, p. 55).

Observa-se a preocupação do escritor com as consequências que uma má administração pode causar à vida de tantas pessoas que dependem do Rio Nilo para sobreviver. A crítica pautada em suas observações sobre a paisagem, bem como na análise da Geografia hídrica daquele lugar, faz com que a sua linguagem se mostre ora poética, sensível, repleta de adjetivos, quando observa a natureza em torno do rio -, ora contundente, firme, direta, ao apontar possíveis descasos do governo egípcio na administração dos seus canais.

A relação do felá com as diversas paisagens do Egito também foi um dos temas problematizados por Eça de Queirós. Assim, no início da viagem, o escritor já havia notado o estado de miserabilidade dos felás pelas ruas de Alexandria “com a cabeça embrulhada na túnica, encolhido, imóvel, como um saco num celeiro” (QUEIRÓS, 1946, p. 64). Ainda em Alexandria descreveu o estado físico das casas dos felás, “casebres de terra escura, cheios de fendas, baixos como covis, escuros, apoiados aos troncos das árvores” (QUEIRÓS, 1946, p. 64) e observou um felá sofrendo castigos físicos em público, “bastonado no cais de Alexandria” (QUEIRÓS, 1946, p. 64). Esse episódio, relatado anos depois no artigo “Os ingleses no Egito” é descrito da seguinte forma:

O primeiro episódio oriental que eu vi, ao desembarcar há doze anos em Alexandria, foi este: no cais da alfândega, faiscante sob a luz tórrida, um empregado europeu – europeu pelo tipo, pela sobrecasaca, sobretudo pelo boné agalaoado – estava arrancando o pêlo das costas dum árabe, com aquele chicote de hipopótamo, que lá chama *courbach* e que é no Egito o símbolo oficial da autoridade. Em redor, sem que esse espetáculo parecesse desusado ou escandaloso, alguns árabes transportavam fardos; outros empregados agaloados, de chicote na mão, davam ordens por dentre o fumo do cigarro... Saciado ou cansado, o homem do *courbach*, que era um magrizela, atirou um

derradeiro pontapé à anatomia posterior do árabe – como quem, ao fim dum período escrito com verve, assenta vivamente o seu ponto final – e, voltando-se para o meu companheiro e para mim, ofereceu-nos, de boné na mão, os seus respeitosos serviços (QUEIRÓS, 1951, p. 126).

O felá, inserido na paisagem urbana das principais cidades do Egito, torna-se um pária, um ser desprezado pela sociedade, vítima do descaso social e político, pois, “o europeu de Alexandria considerava o felá egípcio como um ser de raça ínfima, incivilizável, mero animal de trabalho, pouco diferente do gado” (QUEIRÓS, 1951, p. 128). Eça de Queirós descreve os abusos de autoridade dos europeus sobre os egípcios refletidos em práticas de violência física, ato desumano e cruel.

Além de observar os sofrimentos dos felás nas praças públicas, o romancista também, durante os seus deslocamentos para regiões mais distantes dos grandes centros, analisa a mesma situação de miséria e indiferença social, vendo-os “através das janelas do vagão, trabalhando nos canais, apartando ou ligando os molhos de trigo ou de linho e fazendo a sua oração, prosternado à beira dum regato” (QUEIRÓS, 1946, p. 64). Nada referente aos felás foi indiferente ao olhar queirosiano que, através de uma perspectiva nitidamente crítica, denuncia o estado de violência do qual foram vítimas há alguns séculos:

Todo o trabalho das culturas é feito pelo felá [...]. O felá não possui. Está na miserável condição do antigo servo feudal [...]. Possui o Pachá, possuem os Beys, possuem as Mesquitas. O felá trabalha, reza e paga. Não tem propriedade, nem liberdade, nem família. É inferior ao escravo. O escravo raras vezes era bastonado: representava um valor, um objeto mercantil, que se podia deteriorar, ficar com uma deformidade nas costas, uma chaga nas pernas: por isso, só o bastonavam nas solas dos pés [...] O felá, esse, é tomado livremente, amarrado a uma árvore, lançado a uma cova húmida e quando se revolta, encostam-no a uma parede, erguido sobre três tijolos, pregam-lhe as orelhas à parede – e tiram os tijolos! O corpo fica suspenso pelas orelhas ensanguentadas, rasgadas, distendidas, roxas! (QUEIRÓS, 1946, p. 65-66).

Apesar de o romancista esclarecer a seu leitor que tais castigos foram “levemente” modificados, o viajante percebeu que os felás ainda passavam por outros grandes sofrimentos no século XIX, morando em casebres precários, com apenas três metros tendo por teto “a palha de durah” com uma esteira, uma gamela e uma bilha; explorados injustamente nas “fortificações de Alexandria, nas minas do Sudão ou nos canais do Alto Egito” (QUEIRÓS, 1946, p.76) ou obrigados a pagar altos impostos ao Pachá. Sem dúvida, observando as condições de privações materiais e morais dos felás, Eça de Queirós aciona seu espírito crítico acerca das injustiças do mundo, e a sua linguagem pontual e reflexiva nos mostra o triste desfecho do camponês egípcio:

“Coitado! O felá não é feliz! Realmente as suas habitações são covis. A maior parte dos filhos morrem-lhe: é obrigado a trabalhar nas obras do Pachá... É levado para a Núbia, para Assuão, para o Sudão: a família dispersa-se. Os velhos expiram ao abandono” (QUEIRÓS, 1946, p. 69). Ao problematizar o cotidiano nas aldeias, o escritor também colhe informações sobre a forma como se alimentam, como formam famílias, como se vestem. Nesse caso “o lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza tais recursos” (CALLAI, 2000, p. 97). Imerso em uma política secular de servidão, o felá não se beneficia plenamente dos recursos naturais oferecidos pelo Rio Nilo, pois quase tudo é destinado aos pachás e demais autoridades daquele país:

De sorte que há no Egito imensas porções do país que são de Ismael-Pachá; feudos enormes confiados aos Pachás e aos Beys; e, de resto, aldeias pertencentes ao felá, onde existe, em princípio, a pequena propriedade. Este felá, legalmente pode vender os frutos e alienar a terra: mas veja como o monopólio realmente subsiste: em primeiro lugar, se o felá não paga escrupulosamente o imposto, o Pachá apodera-se da terra, vende-a, e mete as plastras no seu cofre; em segundo lugar, o Pachá, quando quer, compra a terra do felá (QUEIRÓS, 1946, p. 68-69).

Mesmo apontando alguns problemas sociais recorrentes àquelas populações que dependiam do Rio Nilo para sobreviver, no geral, a percepção sobre a paisagem sentida por Eça de Queirós se dá de maneira positiva. O sol, o largo horizonte, o imenso céu azul, as enchentes do rio que dinamizam a vida daquelas pessoas, são descrições que se repetem em muitos dos capítulos sobre o Egito. Mas não são apenas descrições que caracterizam o Rio Nilo pois, a cada detalhe observado, o romancista busca significações e reflexões diante de determinadas ações humanas em torno da paisagem e esta, por sua vez, “apresenta-se como uma unidade de sentidos, ela fala a quem olha” (COLLOT, 2012, p. 24). Vejamos o exemplo nas palavras do próprio Eça:

Sobre aquela linha de terra verde-negra e profunda, os homens e os animais destacam-se admiravelmente, como figuras recortadas sobre um fundo luminoso. Nada tão severo como aquela linha simples: tem um repouso, uma serenidade, uma harmonia inefável. A água, uma linha de terra, o céu: eis toda a paisagem egípcia. É duma simplicidade primitiva. As montanhas, os precipícios, as serras, os vales, os desfiladeiros, as torrentes, os largos horizontes, são, na paisagem, o que na vida são as paixões: têm uma beleza atormentada, desolada, romântica. Aqui, na sua serenidade, a paisagem consola e pacifica. As linhas grandiosas levam aos atos heroicos. A linha simples inclina aos sentimentos primitivos: lembra a tranquilidade, a

quietação, uma mulher de formas belas, a abundância (QUEIRÓS, 1946, p. 174-175).

Observemos na citação acima que a paisagem, descrita de forma humanizada, possui uma “beleza atormentada, desolada, romântica” sendo comparada aos sentimentos humanos. Os “precipícios, as serras, os vales, os desfiladeiros, as torrentes”, por exemplo, podem ser identificados como as grandes paixões humanas, enquanto a linha simples do horizonte sinaliza para a calma, a serenidade. As impressões de Eça sobre a paisagem do Nilo envolvem sentimentos, devaneios, múltiplas subjetividades, afinal, “nas paisagens simbólicas estão presentes não somente a materialidade da cultura e da Natureza, mas também os sentimentos, os valores em relação às paisagens” (RISSO, 2008, p. 72), sendo que cada observador desenvolve seus próprios pontos de vista acerca das paisagens vivenciadas.

A relação do homem com a paisagem se dá de maneira múltipla e ao mesmo tempo complexa. Eça de Queirós, jovem viajante, ansioso por conhecer novas culturas e poder problematizá-las, vivenciou intensamente a sua experiência no Egito, ao acompanhar as festividades do Canal de Suez, ao observar as ruas multicoloridas do Cairo, ao ficar indignado com as injustiças impostas ao felá. Conhecimentos históricos e geográficos acerca da cultura egípcia embasam as páginas que completam suas Narrativas de viagem, tornando-as um documento vivo sobre os mais diferentes assuntos referentes ao Egito Antigo e Contemporâneo. Dessa maneira, a implicação entre História, Geografia, Arte e Cultura aliada à percepção da paisagem desenvolvida pelo escritor, relaciona-se diretamente aos conceitos de geograficidade e historicidade, estudados por Eric Dardel. Nesse sentido, observamos que Eça de Queirós se inseriu nas discussões políticas do seu tempo e, mesmo estando em um país distante do seu, pôde classificar e problematizar questões políticas e sociais que permearam o Egito no século XIX.

Assim, pudemos observar que o escritor, inserido em um contexto histórico-cultural específico, acionou seus conhecimentos prévios acerca da História do Egito, ao mesmo tempo em que desconstruía conceitos fortemente arraigados e engessados, frutos das leituras orientalistas de seu século. Os estudos referentes ao felá constituem uma das mais ricas e profundas análises sociais desenvolvidas por Eça de Queirós em sua obra, enquanto que a descrição de mesquitas, túmulos e haréns sinalizam para lugares de intenso significado cultural. O romancista também percebeu que a paisagem de algumas cidades do Egito, como Alexandria e Cairo, foi se modificando bruscamente, acompanhando assim o desenvolvimento da industrialização europeia. Enfim, são impressões que, pelo mosaico de temas oferecidos ao

leitor, não se esgotam nesse estudo. Aqui, procuramos fazer um recorte de três aspectos paisagísticos contidos na obra *O Egito*, embora saibamos que as Narrativas de viagem queirosianas apresentam um rico painel de assuntos variados. Vestígios de cultura milenar, ocidentalização de ruas seculares, bazares que deslumbraram os olhos de Eça, tudo isso foi cuidadosamente observado, transcrito, analisado, estudado. A paisagem, funcionando como um elemento central, desencadeou um conjunto de sensações, percepções e lembranças no escritor, foi a companheira inseparável na composição daquelas Narrativas de viagens recheadas de cultura, simbologias, realismo e poesia.

Em ensaio intitulado “A paisagem dos geógrafos”, Paul Claval considera que o geógrafo, inserido no contexto da Geografia Cultural, deve lançar múltiplos olhares para a paisagem, percebendo-a como um construto social e simbólico e, ao mesmo tempo, “descobrimo as marcas globais de um povo sobre a paisagem que ele modelou” (CLAVAL, 2004, p. 46). Ao distanciar-se da Geografia física⁸⁴, postulada há alguns séculos, o estudioso da paisagem pode perceber que ela está visceralmente imbricada com o cotidiano específico de cada região, imprimindo suas marcas para a posteridade. Nesse sentido, Claval avança em sua análise, enfatizando que a “paisagem é obra de um sujeito, um povo, que persegue o seu destino e marca o espaço segundo modalidades que variam com sua divisão em grandes linhagens, com os diversos status de seus membros e com as oposições sociais e políticas que ali se desenvolveram” (CLAVAL, 2004, p. 460).

Ao analisar o cotidiano dos felás nas aldeias, Eça de Queirós sinaliza para essa divisão social de que nos fala Claval, enfatizando que, durante séculos, o Egito foi dividido em segmentos sociais bem específicos, pautado em uma rígida hierarquização. A paisagem, por sua vez, acompanha essa hierarquia social, na medida em que o escritor português descreve haréns luxuosos, indicando a moradia dos paxás e casebres sombrios, sinalizando a escassez dos felás. Além disso, pudemos perceber que a paisagem descrita por Eça acompanha, em certo sentido o destino das pessoas excluídas daquela região, basta lembrarmos da descrição de crianças brincando numa mesquita em ruínas, cobertas de moscas. Assim, a paisagem também pode ser lida “como um texto e atua como um instrumento de transmissão, reproduzindo a ordem social” (DUNCAN, 2004, p. 110).

Na próxima seção retornaremos a nossa análise sobre a paisagem através de outro olhar. Iremos percorrer, juntamente com o polêmico Teodorico Raposo, personagem do romance *A relíquia*, as paisagens desoladoras da Palestina e da Alta Síria. Dessa forma, a viagem pelas

⁸⁴ “Para a Geografia clássica, a paisagem resultava sempre do jogo de mecanismos físicos, biológicos ou sociais. Sua análise não se detinha absolutamente sobre o sentido que ela teria para os homens” (CLAVAL, 2004, p. 51).

terras do Evangelho continuará neste estudo, mas através de um olhar profundamente sarcástico, crítico, amadurecido pelo escritor, décadas após a sua viagem ao Oriente. Ao acompanhar o percurso de Raposo, iremos perceber que a paisagem irá passar por uma intensa transformação. Cenas de lugares luminosos, canais exuberantes do Nilo, intensos adjetivos para captar tamanha beleza, expostos na obra *O Egito*, cederão espaço para uma escrita pautada na indiferença, constituindo assim objetivos opostos entre Eça de Queirós, ainda jovem e deslumbrado por algumas paisagens egípcias, e sua criatura Teodorico, indiferente à cultura e à paisagem orientais. A viagem de fato continuará, mas através da trama ficcional de um dos romances mais polêmicos da Literatura portuguesa oitocentista.

4 E A VIAGEM CONTINUA: DIÁLOGOS PAISAGÍSTICOS COM A *RELÍQUIA*

Além da narrativa *O Egito* (1926), analisada e discutida em seções anteriores, as narrativas “A Palestina” e “Alta Síria”⁸⁵ também serão contempladas nesta pesquisa por fazerem parte da viagem de Eça ao Oriente, sendo também uma estratégia de produção para a futura composição do romance *A relíquia* (1887). Nesse sentido, as suas Narrativas de viagem possuem uma “função subsidiária em relação aos projetos literários do autor. Elas constituíam um acervo ou baú de onde poderia tirar, sempre que quisesse, imagens e impressões ali guardadas em estado bruto para serem aproveitadas em obras maiores de ficção” (OLIVEIRA, 2001, p. 243).

Na condição de textos inacabados, essas Narrativas mereceram atenção de outros estudiosos envolvidos em sua edição crítica. Carlos Reis, um dos coordenadores da edição crítica da obra de Eça de Queirós, aponta para a delicadeza de tal empreendimento, afinal, são nelas que se pode “vislumbrar um escritor em evolução, interpretando uma dinâmica de superação, por um lado, e de incorporação, por outro, de procedimentos de representação literária que nos revelam um Eça nos primórdios do Realismo” (REIS, 1999, p. 189). Não desmerecendo o trabalho e as boas intenções dos filhos de Eça que, primeiramente “desbravaram” os caminhos tortuosos da caligrafia do romancista, reconstituindo uma viagem importante para sua fortuna crítica e literária, fica visível que eles não se detiveram em questões que são essenciais para a publicação de uma obra póstuma. Segundo Carlos Reis, uma vertente indispensável para a edição de textos literários é a técnico-científica, que para ele constitui em apresentar “questões de ordem metodológica, directamente informada pelos ensinamentos da crítica textual e levando à configuração de concretas opções operatórias que condicionam a apresentação o texto a editar” (REIS, 1999, p. 187). Compartilhando das ideias de Carlos Reis, Ceila Ferreira Martins, elabora a seguinte questão:

[...] de que maneira deve ser editado um texto que perdeu boa parte da sua redação original, que é conhecido pelo público leitor com passagens e soluções que não encontraram nas páginas do manuscrito que lhe serviu de

⁸⁵ Inicialmente essas Narrativas de viagem foram publicadas com o título *Folhas soltas* por Maria Eça de Queiroz de Castro e estão subdivididas em quatro textos a saber: A Palestina e Alta Síria, Sir Galahad e Os Santos. Apesar de termos em mãos a edição da Lello, de 1986, preferimos citar, quando necessário, a edição da Nova Aguilar, organizada por Beatriz Berrini, haja vista a atualização, o cuidado filológico e a maior fidedignidade deste texto. Em nota preliminar a esta edição, a organizadora esclarece ao leitor as modificações que foram feitas para entregar ao público um texto mais conciso e claro do que a da transcrição anterior (Cf. BERRINI, 1997, vol. 3, p. 1953 e 1954).

base? Como e por que fazer falar textos que permaneceram durante anos e anos emudecidos num baú de ferro – talvez legados ao esquecimento ou destinados a serem notas ou estudos para a produção de outros textos – por seu próprio autor, Eça de Queirós? Talvez, se *O Egito* não tivesse sido publicado, em 1926, e da maneira como foi publicado, com sérias alterações e modificações, não haveria necessidade de o publicarmos, hoje, em uma edição crítico-genética que irá apresentar, ao leitor, o cotejo entre o manuscrito autógrafo, os textos em jornal e em almanaque e a já referida edição vulgata de 1926. Podemos dizer algo semelhante sobre *A Palestina* e *Alta Síria*, que foram publicadas em *Sir Galahad* e *Os santos*, numa edição também problemática, saída em 1966, que recebeu o nome de *Folhas soltas* (MARTINS, 2007, s/p).

Ceila Martins esclarece que, tendo em vista vários problemas ligados à publicação do *Egito* e *Folhas soltas*, faz-se necessário uma cuidadosa edição crítica destas obras. Como sinalizado por outros pesquisadores envolvidos na edição crítica da fortuna queirosiana, a alteração no manuscrito original, com supressões, acréscimos e sérias alterações comprometeu o conteúdo daquelas Narrativas, fazendo-se assim urgente uma revisão⁸⁶ cuidadosa e lenta.

A relíquia, por sua vez, não apresenta problemas de intromissão de terceiros comparada às Narrativas de viagem⁸⁷ queirosianas. Isso porque o romance em questão foi publicado enquanto Eça de Queirós estava vivo, no entanto, assim como outras obras do autor, também mereceu a sua Edição Crítica⁸⁸. Produzido em plena maturidade do escritor, *A relíquia* promove uma paródia sobre diversos assuntos, em destaque, porém a temática religiosa. Teodorico Raposo, protagonista de um enredo instigante e dessacralizador, em viagem ao Oriente e por meio de técnicas oníricas, narra a crucificação de Cristo segundo os seus próprios parâmetros de avaliação. Apesar do próprio Eça de Queirós considerar o romance como uma “paráfrase tímida do Evangelho de S. João, com cenários e fatos de teatro” (QUEIROZ, 1997, p. 205) o que o leitor pode observar é uma descrição da paisagem oriental com tons altamente sarcásticos, irônicos e debochados, bem diferente daquele olhar romântico e ao mesmo tempo crítico do escritor quando lá esteve em 1869. De todas as obras do romancista que fazem alusão ao

⁸⁶ Infelizmente ainda não tivemos a oportunidade de ler a Edição Crítica das Narrativas de viagem de Eça, nos limitando assim à publicação de 1926, editada pela Lello & Irmãos e a de 1997, editada, corrigida e comentada por Beatriz Berrini, pela Nova Aguilar. A professora Ceila Martins, uma das responsáveis pela Edição Crítica das Narrativas de viagem queirosianas, muito gentilmente, nos informou por e-mail, que estará concluída em 2023.

⁸⁷ Ressalta-se que as Narrativas de viagem não são a única obra de Eça de Queirós que possui intromissões de terceiros. *A cidade e as serras*, por exemplo, sendo semipóstuma, é considerada a mais problemática em termos de critérios adotados para a sua publicação. O principal responsável pelas intervenções no texto foi Ramalho Ortigão, escritor e amigo de Eça de Queirós, que, ao perceber que o romance não estava concluído, encarregou-se de corrigir, alterar e até completar certos episódios do enredo (REIS, 1999, p. 87).

⁸⁸ *A relíquia* já está com a sua edição crítica concluída. Foi organizada por Carlos Reis e Maria Eduarda Borges dos Santos e publicada em Lisboa pela Imprensa Nacional em 2021.

Oriente, é *A relíquia* a que mais demoradamente refaz o caminho de Eça no Egito, agora sob o prisma da paródia, da crítica à religião católica e do sarcasmo, afinal, “[...] é o Raposo [...] a personagem que vive ficcionalmente, de forma a mais completa a experiência do seu criador. Uma experiência verdadeiramente fecunda e inesquecível” (BERRINI, 1997, p. 1822, v. 3), em um nítido diálogo intratextual⁸⁹.

Desta maneira, nota-se que as intenções do Eça jovem, quando viaja ao Oriente, são bem diferentes das de seu personagem ficcional Teodorico Raposo, quando este foi criado décadas depois. O jovem escritor, movido pelo interesse em conhecer o velho Oriente, entusiasma-se com a viagem, ao passo que Teodorico, personagem de perfil satírico, é movido a conhecer aquele lugar apenas para herdar a fortuna da sua tia, afinal, “cada um encontra no Oriente o que procura. Teodorico procura apenas uma boa relíquia para apaziguar o fanatismo da Titi e conquistar o direito à herança” (LIMA, 1999, p. 75). Inclusive, há um episódio curioso que antecede a viagem de Teodorico à Terra Santa. Em jantar promovido pela tia Patrocínio das Neves, e perguntado sobre qual país desejava conhecer, definitivamente não é a terra do Evangelho que Teodorico escolhe, mas sim “Paris [...] com as suas serpentinas de ouro, as suas condessas primas dos Papas, as espumas do seu champanhe fascinante, embriagante, e adormentando toda a dor” (QUEIROZ, 1951, p. 71). No entanto, a capital francesa é rejeitada pela tia Patrocínio como “[...] uma região ascorosa, cheia de mentira, cheia de gula – onde um povo sem santos, com as mãos maculadas do sangue dos seus arcebispos, está perpetuamente, ou brilhe o Sol, ou luza o gás, cometendo uma relaxação” (QUEIROZ, 1951, p. 69).

Depois de ver suas expectativas frustradas na impossibilidade de conhecer Paris e quando recebe a notícia de sua viagem à Terra Santa, num ímpeto de revolta e desconhecimento geográfico, recorre a mapas e livros para situá-la. Em tons que mesclam ironia e descaso, o personagem anuncia o seu desinteresse ao viajar para tão longe, afinal:

Olha que tremenda espiga! Ir a Jerusalém! E onde era Jerusalém? Recorri ao baú que continha os meus compêndios e a minha roupa velha; atirei o Atlas, e com ele aberto sobre a cômoda [...] comecei a procurar Jerusalém [...] O meu dedo errante sentia já o cansaço de uma longa jornada [...] E de repente o nome de Jerusalém surgiu, negro, numa vasta solidão branca, sem nomes, sem linhas, toda de areias, nua, junto ao mar. Ali estava Jerusalém. Meu Deus! Que remoto, que ermo, que triste! (QUEIROZ, 1951, p. 76).

⁸⁹ O diálogo intratextual (SANT’ANNA, 1985, p. 12) acontece tanto nas narrativas de viagem intituladas *O Egito*, quanto no romance *A relíquia*, pois observa-se que o autor retoma a sua obra e a reescreve.

A descrição da paisagem feita através de um mapa, anuncia o que virá adiante. Em termos que denunciam desolação e tristeza e certo humor, a paisagem descrita por Teodorico dialoga com o seu estado de espírito, afinal o personagem gostaria de conhecer lugares agitados, voluptuosos, que se aproximassem da sua personalidade satírica. Entretanto, ainda no seu quarto, diante do Atlas para localizar a região oriental, surge uma esperança por uma viagem mais agradável, pois o personagem observa que, antes de chegar a Jerusalém, deveria passar por paisagens mais amenas e interessantes e, nesse sentido, a descrição imaginária da paisagem mostra-se mais positiva:

Mas então comecei a considerar que, para chegar a esse solo de penitência, tinha de atravessar regiões amáveis, femininas e cheias de festa. Era primeiro essa bela Andaluzia, terra de Maria Santíssima, perfumada de flor de laranjeira, onde as mulheres só com meter dois cravos no cabelo, e traçando um xaile escarlate, amansam o coração mais rebelde [...] Era adiante Nápoles – e as suas ruas escuras, com retábulos da Virgem, e cheirando a mulher, como os corredores dum lupanar. Era depois mais longe ainda a Grécia: desde a aula de Retórica, ela aparecera-me sempre como um bosque sacro de loureiros, onde alvejam frontões de templos, e, nos lugares de sombra em que arrulham as pombas, Vénus de repente surge, cor de luz e cor de rosa, oferecendo todo o lábio, ou bestial ou divino, o mimo dos seus seios imortais (QUEIROZ, 1951, p. 77, grifos nossos).

Espanha, Itália e Grécia surgem no imaginário de Teodorico Raposo como lugares atraentes, frescos, muito diferentes do que ele imagina que seja Jerusalém. Apesar do forte apelo sensorial, com desejos luxuriosos que fazem parte da sua personalidade, observa-se a descrição de uma paisagem rica, positiva e exuberante, onde laranjeiras, cravos, bosques e pombas preenchem o seu pensamento. Conhecidos por seus lugares históricos e multiculturais, onde paisagens naturais convivem naturalmente com castelos seculares, esses três países constituirão a rota inicial para a grande jornada de Teodorico. No entanto, o narrador-personagem não se detém em nenhum desses lugares, não conhece os seus pontos turísticos, não há descrição de que tenha estado lá, pois logo no segundo capítulo do romance o nosso viajante já está em Alexandria.

As descrições do personagem sobre o Oriente, quando de fato visita o lugar, serão acompanhadas de desânimo e frustração, bem diferentes do Eça de duas décadas atrás que “parece insaciável na sua sede de tudo ver e tudo compreender: aproveita cada momento, enchendo os seus dias com sensações novas, percorrendo avidamente a velha terra faraônica e as paisagens místicas do Evangelho” (QUEIROZ, 1946, p. 9 e 10). Há diferenças de interesses gritantes entre o Eça escritor e o Teodorico personagem. Ao chegar à Alexandria, por exemplo,

Teodorico quer apenas amar a inglesa Mary, renunciando a conhecer lugares clássicos como o Cairo, Nilo e a Esfinge, lugares estes analisados por Eça de Queirós nas narrativas de *O Egito*. Já o escritor, segundo seu filho, teve outros interesses:

Vemo-lo viajar de comboio, de barco, a cavalo. Incansável, corre de um lado para o outro: assiste às festas de Suez, galopa pelo deserto, escala serras, passa vales, percorre as ruas estreitas do Cairo equilibrado na alta sela dum burro egípcio, visita museus, templos, mesquitas, ruínas, passeia de caleche, trepa às pirâmides, navega o Nilo [...] medita junto do Santo Sepulcro, conversa, discute, filosofa, estuda, observa, vê tudo (QUEIROZ, 1946, p. 9 e 10).

A citação transcrita acima, feita pelo filho do escritor nas notas introdutórias d'*O Egito*, demonstra muito bem a intenção que moveu Eça de Queirós no Oriente, bem diferente de seu personagem: no escritor observa-se um apurado senso de observação que permeia toda a sua trajetória de viagem; no personagem está o protótipo do herói pícaro⁹⁰ e embusteiro, que possui como único objetivo se apossar da fortuna da Tia, pois, em “[...] Alexandria, a terra do oriente, sensual e religiosa [...] eu sentia, estranhamente, crescer o meu amor por esta terra de preguiça e de luz [...] desejava sem tardança, ir rezar e amar. Rezar era por intenção da tia Patrocínio [...] amar era por necessidade do meu coração, ansioso e ardido” (QUEIROZ, 1951, p. 91).

Nesse sentido, na segunda parte do romance está todo o trajeto da viagem de Teodorico ao Oriente. E como o personagem descreve as suas impressões de viagem? Que tipo de paisagem é descrita? Os costumes orientais o surpreenderam? De que maneira as Narrativas de viagem queirosianas se aproximam e se afastam do romance? Observemos que há uma longa digressão no enredo quando Teodorico Raposo tem um sonho sobre a crucificação de Jesus, inclusive acompanhando e se envolvendo com este fato. Jerusalém, como palco da condenação e crucificação de Cristo é descrita e problematizada durante o enredo. Por isso, torna-se importante que voltemos nosso olhar para as Narrativas “Palestina” e “Alta Síria”, embora “as notas dos dois livrinhos sejam rabiscos ligeiros e apressados, obra de um jovem de 24 anos completados durante a viagem, em meio às aventuras e surpresas do curioso percurso que empreendera [...]” (BERRINI, 1997, p. 1953, v. 3). Assim, ao analisar primeiramente as impressões de Eça de Queirós sobre esses dois lugares específicos, poderemos enfim, compará-las com as impressões da personagem Teodorico, especificamente no tocante à paisagem.

⁹⁰ Na minha dissertação de mestrado, intitulada “Visões do Oriente em Eça de Queirós: uma análise comparatista entre os *Relatos de viagem e A relíquia*”, dedico uma seção para analisar o romance *A relíquia* enquanto narrativa picaresca (GHIGNATTI, 2008).

4.1 A PAISAGEM DA PALESTINA E DA ALTA SÍRIA A PARTIR DO EÇA VIAJANTE

Em Nota Preliminar correspondente à edição da obra *O Egito*, Beatriz Berrini afirma que os escritos de viagem de Eça de Queirós serviram como um “manancial destinado a futuras reelaborações” (BERRINI, 1997, p. 1822, v. 3). O escritor produziu textos sobre o Oriente com os mais diversos assuntos, ora publicados em jornais, explicando a política e a economia daquela região, ora sendo publicados em romances, quando seus famosos personagens fizeram o mesmo trajeto do romancista, ou, até mesmo, através de hagiografias, quando as vidas dos santos oriundos do Oriente fizeram-se presentes na imaginação do autor.

Como estudado em seções anteriores, a obra *O Egito* foi postumamente publicada em 1926 pelo filho do escritor. Quarenta anos depois, a sua primogênita, Maria Eça de Queiroz de Castro, publicou outros inéditos de Eça, dentre eles dois caderninhos referentes ainda à viagem ao Oriente. *Folhas soltas* veio à lume em 1966 e a sua publicação, carregada de dificuldades relacionadas à interpretação da letra do escritor, além de rasuras, lacunas e desorganização textual constituiu um dos grandes desafios da filha de Eça, afinal “trata-se de fragmentos de escrita, com palavras duvidosas e, mesmo, linhas inteiras quase ou totalmente indecifráveis, a ponto do estudioso propor-se a questão se tais apontamentos deveriam ter sido dados à leitura do público em geral” (BERRINI, 1997, p. 1953, v. 3).

Polêmicas à parte, reconhecendo que a Edição Crítica destes relatos estará pronta em 2023, ficaremos por enquanto com a edição formulada por Beatriz Berrini, não nos eximindo, porém, de consultar a publicação feita em 1966 pela Lello & Irmão Editores. Como são textos breves, iremos citar alguns trechos nesta subseção para podermos, com isso, averiguar os caminhos percorridos pelo personagem Teodorico Raposo pela Palestina, observando ainda como Eça reaproveitou esses relatos para a composição ficcional do romance.

No primeiro relato, ao viajar para a Palestina, Eça descreve Jafa, uma das mais antigas cidades do mundo. Sendo portuária, a cidade é descrita pelo romancista em tons poéticos, onde “o sol alumia a água e tornava-a alegre” (QUEIROZ, 1997, p. 1955). No entanto, logo depois do otimismo exposto na descrição do autor, observam-se tons mais pessimistas como “cheiro infecto” e uma “solidão triste”. Jafa ainda lembra Alexandria e o Cairo, quando Eça de Queirós descreve a movimentação de “camelos e mercadores” e “uma pitoresca confusão de árabes”. Lembremos, no entanto, que ele esteve apenas de passagem por Jafa, não ocupando mais de uma página sobre este lugar. Logo depois depara-se com a parte montanhosa de Israel, a Judeia,

na qual a paisagem entra em conexão harmônica com a natureza e o céu é descrito em tons poéticos, como se o escritor estivesse diante de uma pintura:

Nada tão livre, tão largo, tão elevado, como este céu e esta larga e delicada luz que o enche. Se a alma se pode alegrar, nas suas concepções e nas qualidades, é ali, onde os profundos céus fogem a uma distância infinita, deixando a imperceptível humanidade, e a mesma planície. Aquelas planícies são cultivadas: vêem os solenes camelos puxando a charrua, um pequeno árabe de rosto vivo toca um rebanho (QUEIROZ, 1997, p. 1956).

A reconstituição de um quadro bíblico também faz parte deste relato sobre Sarfir, outro lugar que Eça descreve poeticamente quando “a sombra começa a cair – e duas estrelas dum resplendor infinito caminhavam diante de nós no pálido céu” (QUEIRÓS, 1997, p. 1956), lembrando a trajetória dos reis Magos a que o autor se referirá mais adiante. O respeito quanto à imensidade da paisagem acompanha também a imaginação do viajante e, mais uma vez, percebe-se o escritor divagando sobre colinas, lugares montanhosos e planícies, às vezes verdejantes, às vezes áridas: “O silêncio é absoluto: a planície perde-se na sombra e o céu é duma transparência infinita” (QUEIROZ, 1997, p. 1956). Ao contrário de Teodorico Raposo, que vez ou outra dessacraliza a paisagem, Eça de Queirós mostra-se sensível quanto aos assuntos bíblicos e a sua vivência na Palestina parece alargar a sua imaginação para histórias remotas, na medida em que “[...] lembra as antigas jornadas dos profetas, montados nos seus burros graves e possuídos do espírito divino” (QUEIROZ, 1997, p. 1956).

Contudo, a paisagem da Palestina, nas linhas seguintes começa a ser descrita de forma mais específica e menos idealizada, com suas “grandes colinas [...] estéreis, mortas, solitárias, silenciosas” (QUEIROZ, 1997, p. 1957). A natureza não atrai o escritor, porque tudo se mostra desolador e solitário, “sem florestas, nem açudes, nem os perfis pitorescos dos rochedos” (QUEIROZ, 1997, p. 1957). Neste momento o estado de espírito do viajante parece dialogar com a abstração da paisagem, à medida que “a vista vai seguindo melancolicamente aquelas ondulações infinitas, cobertas duma cor escura, e triste” (QUEIROZ, 1997, p. 1957). Veremos, mais adiante que a impressão de Teodorico Raposo diante da inóspita paisagem palestina mostra-se mais radical, através de um comportamento debochado e impaciente. Enquanto seguimos o Eça viajante descrevendo a paisagem com certo tom de respeito e, às vezes, de cumplicidade, observamos que a sua “criatura ficcional”, o personagem Teodorico Raposo, alimenta intenções bem diferentes do seu “criador”.

Entretanto, mesmo diante da esterilidade da paisagem, “no meio daquele áspero e desolado caminho” (QUEIROZ, 1997, p. 1959) prevalece, no texto, a tensão entre a idealização

do passado, especificamente bíblico, com o presente, no qual misturam-se adjetivos às vezes carregados de termos incisivos ou repletos de lirismo poético quando o observador depara-se com um “céu [...] carregado de doces estrelas [...] duma rica beleza nesta luz transparente [é] para elas que os velhos poetas árabes mandavam a voz dos seus sonhos” (QUEIROZ, 1997, p.1957) E, ainda no último parágrafo, o leitor mais uma vez encontra a referência aos profetas bíblicos: “Se aos nossos olhos modernos, positivos e filosóficos, pudessem ainda tornar-se perceptíveis as evocações de lendas poderosas, diríamos que ainda resplandecem sobre aquela escura terra as pegadas luminosas dos profetas e dos apóstolos” (QUEIROZ, 1997, p. 1957). Nesse sentido, ratifica-se que Eça muitas vezes interpretou a paisagem de Jerusalém através de uma ótica voltada para o mítico passado bíblico (LIMA, 1997).

Eric Dardel, na sua pioneira obra fenomenológica, problematiza sobre a experiência primitiva que acomete os homens quando entram em contato com a paisagem. Para o estudioso francês, essas experiências “não agem apenas sobre nossos receptores oculares, pois há uma experiência concreta e imediata, onde experimentamos a intimidade da crosta terrestre, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica” (DARDEL, 2015, p. 15, grifo do autor). Encontramos essa experiência primitiva em Eça de Queirós voltada, especificamente para a temática bíblica. As montanhas, por exemplo, que exercem um enorme fascínio no escritor, o aproximam da grandiosidade divina, ao mesmo tempo em que o fazem recuar para acontecimentos religiosos do tempo do Cristo, onde “tudo ali chama para o céu, para os cumes imateriais...” (QUEIROZ, 1997, p. 1958). Ao ampliar os seus sentidos físicos, Eça desenvolve percepções subjetivas em torno da paisagem que vão além de meras descrições físicas, haja vista que o seu repertório bíblico, cultural e humanístico se faz presente nas suas impressões de viagem. Nesse sentido, Jerusalém vai ser representada pelo autor a partir de seus conhecimentos religiosos, com base em referências cristãs tão ao gosto do século XIX, vinculados ainda aos ideais românticos de retorno ao passado, nesse caso às origens do cristianismo primitivo.

Observemos, através da fala do Dr. Margaride, amigo de D. Patrocínio, alusões às narrativas de viagem de escritores europeus do século XIX, trazendo ainda a Palestina como um lócus de peregrinação religiosa:

Ia à Terra Santa, D. Patrocínio! Ia à Palestina, minha Senhora! Ia ver Jerusalém e o Jordão! Queria eu também estar um momento de pé, sobre o Gólgota, como Chateaubriand, com o meu chapéu na mão, a meditar, a embeber-me, a dizer “salve!”. E havia de trazer apontamentos, minha senhora, havia de publicar impressões históricas. Ora aí tem V. Ex^a. onde eu ia... Ia a Sião (QUEIROZ, 1951, p. 72).

A cidade de Jerusalém, tão presente no imaginário ocidental e cristão, é evocada pelo Dr. Margueride que inclui sua opinião no senso comum do século XIX: conhecer regiões distantes, colher impressões de viagem e apresentar as suas experiências como muitos escritores da época fizeram, a exemplo de Chateaubriand. Observe-se que ele cita dois lugares famosos e simbólicos para a cristandade, o Rio Jordão, local em que Jesus Cristo recebeu o batismo; e o Gólgota, colina na qual Jesus foi crucificado. Até hoje Jerusalém é vista como um marco histórico e cristão, pois, a partir dos seus pontos turísticos é permitido fazer incursões históricas pelos lugares que possivelmente Jesus Cristo esteve, representando assim um lugar sagrado, de origem, cidade símbolo do Cristianismo.

Avançando pelo interior da Palestina, o leitor depara-se com a descrição do Santo Sepulcro feita pelo viajante Eça, que, em certa medida, se aproxima daquela realizada por Teodorico Raposo, quando o mesmo precisa encontrar uma relíquia para presentear a sua tia. Arquitetura sombria, com ruas enlameadas e casebres sujos, torna-se constante em quase todo o relato sobre essa parte específica de Jerusalém. Dessa forma o leitor acompanha a viagem do futuro escritor através de “ruas estreitas, sombrias, lajeadas de pedras, cheias de lama, escorridas, inclinadas, sujas e miseráveis” (QUEIROZ, 1997, p. 1960). O processo de intratextualidade mostra-se mais evidente quando constatamos que tanto Eça, viajante, e Teodorico Raposo, personagem, visitaram aquele lugar em dia nublado, chuvoso e triste, o que amplificou a visão pessimista que ambos tiveram do Santo Sepulcro:

Uma rua escura, ora em abóboda ora aberta, estreita, lamacenta, é na tradição cristã a Via Dolorosa. Por ali passou, durante o trânsito da Crucificação, Jesus [...]. Os peregrinos beijam aqueles sítios. Os padres ajoelham quando passam. Os sábios discutem a veracidade da tradição. Eu passei ali pela primeira vez num dia sombrio, que fazia a rua mais escura e mais desolada, e apenas sei que devia ser bem por uma rua assim que passou a doce e triste figura [...] No pátio velhos armênios e judeus vendem rosários, cruzes. São ainda mercadores à porta do templo (QUEIROZ, 1997, p. 1961).

Ora aqui estão os cavalheiros diante do Santo Sepulcro... Fechei o meu guarda-chuva. Ao fundo de um adro, de lajes descoladas, erguia-se a fachada duma igreja, caduca, triste, abatida [...] Um bando voraz de homens sórdidos envolveu-nos com alaridos, oferecendo relíquias, rosários, cruzes, escapulários, bocadinhos de tábuas aplainadas por S. José, bentinhos, frasquinhos de água do Jordão, círios, agnus-dei [...] E à porta do Sepulcro de Cristo, onde a titi me recomendara que entrasse de rastos, gemendo e rezando a coroa – tive de esmurrar um malandrão de barbas de ermitã, que se dependurara da minha rabana, faminto, rábido, ganindo que lhe comprássemos boquilhas feitas de um pedaço da arca de Noé. E foi assim, praguejando que me precipitei com o guarda-chuva, dentro do santuário

sublime onde a Cristandade guarda o túmulo do seu Cristo [...] Pensei que o Catolicismo, providente, estabelecera à porta do lugar divino uma loja de bebidas e águas-ardentes, para conforto dos romeiros [...] Fugi aturdido e confuso [...] De novo nos acometeu o bando esfaimado dos vendilhões de relíquias. Repeli-os rudemente: e saí do Santo Lugar como entrara – em pecado e praguejando (QUEIROZ, 1951, p.118)

As semelhanças encontradas em ambas as descrições sobre o Santo Sepulcro dizem respeito à geografia do lugar, à paisagem triste e sombria com seus dias nublados e ruas enlameadas. Contudo, ao contrário do relato feito por Teodorico, Eça procura descrever respeitosamente raças, costumes e bazares que antecedem a sua entrada no Santo Sepulcro pois, ao invés de descrever “dois mendigos chaguentos que roíam cascas de melões, assapados na lama e grunhindo” (QUEIRÓS, 1951, p. 117), como fez Teodorico Raposo, Eça preferiu retroceder no tempo e reconstruir, resumidamente, o trajeto de Jesus durante a crucificação. No entanto, diante do Santo Sepulcro, o jovem viajante não sente emoção, provavelmente porque ainda estava imbuído de ideias pré-concebidas sobre aquele lugar, na medida em que afirma tratar-se de “uma vasta construção de mármore, pesada, feia, sem arquitetura, sem elegância, sem pensamento, sem espiritualidade” (QUEIRÓS, 1997, p. 1965). E, mais adiante, ao dar os seus primeiros ensaios sobre o anticlericalismo, desenvolve a sua crítica implacável: “Diante do túmulo de Jesus o que se sente? – Nada. Tudo é teatro, arranjado, posição, artificial ...” (QUEIRÓS, 1997, p.1966).

O Eça viajante, desencantado com a arquitetura devastada, resolve refletir sobre a atuação dos homens no Santo Sepulcro, destacando que o lugar, além de ter se transformado em peregrinação para muitas etnias, foi alvo de depredações, falta de cuidado e de respeito com algo sagrado. Nesse sentido, o romancista distancia-se e muito da indiferença de Teodorico Raposo, pois enquanto o seu personagem desdenha do lugar sagrado, Eça desilude-se com algo que não esperava encontrar: pessoas que apenas soletram orações, fazem performances gestuais, mas não vivenciam a mensagem evangélica que Jesus deixou para a humanidade:

Quem nos pudesse mostrar, ó nobre inimigo do mal humano, o teu túmulo em ruínas, devastado, na agrura eriçada das colinas, cheio de vento, de chuva, de penas dos pássaros, e de musgos verdes? Talham um pedaço de mármore, polem-no, contorcem-lhe flores, flores copiadas de Madame de Pompadour, acumulam-se a prata e o ouro, os ornatos, as flores de cera, rezam sobre aquilo com a sua voz monótona e distraída, dizem que é o teu sepulcro, e encenam-no, e asseiam-no, e celebram-no, e no entanto a tua palavra divina anda exposta a todos os ventos da dúvida, e o teu nome vai-se apagando na memória dos homens, - ó sublime espírito, tu que amavas os simples, as crianças, as aves sem ninho (QUEIRÓS, 1997, p. 1966).

O Santo Sepulcro, segundo a interpretação de Eça, aparece com fins mercantilistas. Mais tarde, quando o autor escreve *A relíquia*, esta crítica aparecerá mais forte, pois foi através do exemplo de mercadores nos templos, nos bazares e nas ruas, tanto do Cairo, quanto de Jerusalém, que Teodorico perceberá um negócio atraente e proveitoso, pelo menos na Lisboa católica do século XIX, sustentando-se, assim, provisoriamente, quando perde a herança da tia. A partir da citação acima, podemos refletir ainda quanto à complexidade do olhar de Eça de Queirós, diante do Oriente: ora crítico, quando observa e problematiza as mazelas sociais do lugar; ora terno, quando refaz, através da imaginação, uma certa reconstituição histórica dos primeiros tempos bíblicos, ora irônico; longe de ser um viajante “surpreso” e “maravilhado” quando chega a um lugar desconhecido.

Com relação à paisagem, Eça não esquece de destacar a ação do tempo sobre o Santo Sepulcro, afinal séculos de existência, provavelmente, fizeram com que se perdesse a sua arquitetura original; por isso que o autor insistentemente faz críticas à situação degradante das muitas paisagens que encontra no Egito. Reitera-se mais uma vez que, as Narrativas de viagem queirosianas se constroem em torno de enredamentos temáticos e ideológicos: ao mesmo tempo em que se mostra um Eça crítico, combatente, que denuncia paisagens degradadas e esquecidas, o leitor se surpreende com uma escrita lírica, transfigurada, necessária para reconstruir o imaginário sobre um lugar idealizado e mítico. Nesse sentido, a paisagem oriental descrita, analisada e sentida por Eça de Queirós está longe de ser linear, imóvel ou simplesmente engessada em parâmetros convencionais, pois o romancista teve liberdade para recriar a paisagem conforme a sua experiência e a sua percepção de mundo.

A Geografia Humanista Cultural, além de analisar a configuração e desfiguração da paisagem, destaca também as ligações que as pessoas possuem com os lugares sagrados, sendo interpretados como espaços simbólicos e repletos de construções religiosas identitárias. O mito, nesse sentido, torna-se importante para sedimentar práticas e ações religiosas, pois, conforme assegura Tuan, “o espaço mítico é um constructo intelectual que difere dos espaços concebidos pragmática e cientificamente no sentido que ignora a lógica da exclusão e da contradição” (TUAN, 2013, p. 112). Desta forma, os centros de peregrinação, a exemplo do Santo Sepulcro, além de constituir um lugar sagrado para diversas religiões, é centro irradiador de práticas e rituais religiosos:

Há santuário de maior atração do que outros. Jerusalém é reconhecida como espaço sagrado que atrai adeptos de mais um credo religioso; Roma abriga a capital administrativa do catolicismo, enquanto Meca é o mais famoso centro do Islamismo. São espaços sagrados vivenciados por maior número de

devotos. Em seguida, vem centros de peregrinação da importância de Lourdes, na França, de Fátima em Portugal, Assis na Itália, Saint´Anne du Beaupré no Canadá, Nossa Senhora Aparecida e centenas de santuários espalhados pelo interior do Brasil e outros países. Ressalve-se que qualquer que seja a localização do espaço sagrado, a população, atraída em busca de satisfação espiritual e material, apresenta características singulares e repetitivas em seu comportamento (ROSENDAHL, 1995, p. 21).

Conforme atesta Zeni Rosendahl, os devotos em sua maioria buscam, naqueles lugares sagrados, vivências e experiências que reflitam suas práticas religiosas, através de comportamentos que se identifiquem com a crença de cada um. Especificamente tratando-se da experiência de Eça de Queirós, observa-se que o escritor não se enquadra em um comportamento tipicamente devoto, haja vista que ele esteve nos lugares sagrados de Jerusalém para satisfazer sua curiosidade de homem ocidental diante de culturas geograficamente distantes de Portugal. Nota-se, contudo, que, ao descrever e refletir sobre os lugares visitados, Eça ainda está imbuído de leituras orientalistas e religiosas voltadas para um passado mítico cristão, no qual, vez ou outra, sente necessidade de reconstruir o espaço por meio da imaginação e de uma linguagem mais subjetiva e poética.

Avançando nas suas visitas, o autor conhece a Mesquita de Omar, local de culto islâmico, inserida na Cidade Velha de Jerusalém e descrita pelo nosso escritor como “um centro sagrado dos muçulmanos que, depois da Meca e de Medina nada há tão respeitável para eles [...]” (QUEIROZ, 1997, p. 1967). Ao contrário do Santo Sepulcro, Eça tece considerações mais positivas, descrevendo o aspecto esplêndido da mesquita, mas ainda fazendo referências ao seu passado bíblico e sagrado. A paisagem mais uma vez dialoga com o passado, e as referências ao tempo do Cristo perfazem as suas linhas, pois “[...] devia ser por aquele dia que Jesus, cercado de discípulos, passara para os lados de Betânia por entre os altos trigos, e enchia o céu de parábolas e os homens de ideias, enquanto os seus discípulos apanhavam as espigas caminhando e escutando o Mestre” (QUEIROZ, 1997, p. 1967). Observemos que Eça transita, às vezes, por dois polos de descrições: a da paisagem, sua contemporânea, marcada muitas vezes por degradações físicas e pela ambição humana e a outra, mítica, quando divaga por meio da imaginação e reconstrói, segundo os seus paradigmas religiosos, a passagem de Jesus pelos lugares visitados.

Durante o percurso pela Mesquita de Omar, Eça de Queirós, impressionado com detalhes arquitetônicos e com a natureza mais solar, arrisca questionamentos: “[...] havia pois, nesta sombria Jerusalém, ascética e tenebrosa, um lugar assim de luz, penetrado de natureza?”

(QUEIROZ, 1997, p. 1968). E, numa embriaguez de sentidos, de descrições repletas de poesia, temos a paisagem representada em tons positivos, envolventes e detalhados:

E olha-se: uma árvore velha, rugosa, verde, com a sua folhagem toda penetrada de sol. Um muxarabiê, rendilhado, recortado, tapetado de folhas secas debaixo dum sicômoro cheio de sonho, e desenhando os seus arabescos numa graça infinita. Um espaço coberto de velhas árvores, calçado de pedras, vestido de relva, cheio numa frescura luminosa, tépida. Uma acácia, destacando-se no próprio céu e tão delgada, tão graciosa, que parece digna de ser incrustada no monumental azul. Um cipreste todo toucado de arabescos, onde um grupo de mulheres, vestidas de branco, dorme, na sombra, com um abandono primitivo, em belas atitudes que lembram, pelas pregas largas dos vestuários, os grandes quadros sagrados (QUEIRÓS, 1997, p. 1968).

Os elementos naturais descritos na citação acima personificam a paisagem. Nesse sentido, árvores, folhagens, pedras, relvas, acácias e ciprestes compõem um quadro luminoso e vivo, algo que o escritor não observou em outros pontos do Oriente, a exemplo de Alexandria ou do Santo Sepulcro. A capacidade de captar a paisagem e descrevê-la em tons poéticos, através do exercício da imaginação e da experiência vivida, fazem-nos lembrar da fenomenologia bachelardiana⁹¹ a qual se utiliza da paisagem para interpretar elementos subjetivos próprios da sua percepção acerca do lugar. Observamos que, mesmo estando em trânsito por determinados lugares do Oriente, Eça de Queirós trabalha a linguagem com certo refinamento e sensibilidade, através de um modo muito significativo de compreender a paisagem que o atraiu durante aquele percurso. Interessante notar ainda as comparações que Eça tece entre a arquitetura do Santo Sepulcro, “isolado da luz e da natureza, escondido nas suas abóbodas, cercado de muros e de construções escuras” (QUEIROZ, 1997, p. 1968), com a Mesquita de Omar, “belo templo [...] aberto às inundações do sol, entre árvores antigas que deram sombra aos soldados de Maomé (QUEIROZ, 1997, p. 1968).

No passeio pelo Monte das Oliveiras⁹², Eça promove uma reconstituição histórica das personagens bíblicas Marta, Lázaro, Maria e Jesus e, na descrição da paisagem, prevalece a temática evangélica, onde “aquele lugar com efeito é sereno; uma vegetação de figueiras, de oliveiras, [que] na terra mais fértil, com ar de frescura, torna-se um descanso no meio dos áridos arredores de Jerusalém” (QUEIRÓS, 1997, p. 1970). Betânia, mesmo no século XIX, é

⁹¹ O espaço, para o filósofo Gaston Bachelard, é visto como algo profundamente subjetivo e complexo, sendo que os arquivos da memória e o próprio tempo constituem um importante recurso para compor a topografia do lugar.

⁹² No romance *A relíquia* Teodorico Raposo minimiza a importância daquele lugar, indo apenas para descansar e fumar o seu charuto.

representada pelo viajante através de uma imagem “congelada” no tempo, pois o escritor refere-se a um lugar sagrado onde a figura do Cristo transformava a paisagem, as colinas e as pessoas: “Vede. Crianças cercam-nos enquanto nós olhamos, e nos seguem durante muito tempo. Surge um, com belos olhos vivos, inteligentes, falando, tem um doce ruído, é uma companhia feliz [...] Lembram-nos aquelas crianças, que por aquelas aldeias seguiam a doce figura de Cristo” (QUEIRÓS, 1997, p. 1970). A paisagem, tanto em seus aspectos exteriores (figueiras, oliveiras) quanto em seus aspectos interiores (casas, ruas, portas) é analisada, geralmente, de forma positiva, através de uma geografia imaginária, quando as figuras tradicionais cristãs entram em cena, pelo filtro criativo do escritor. No entanto, antes da reconstituição imaginária, a cidade não corresponde ao que Eça descreve e mais uma vez oscila-se a descrição entre o ideal e a realidade: “Betânia é uma aldeia de pequenas ruínas de casas onde ainda se habita. Paredes soltas, muralhas isoladas, é o aspecto – tudo pequeno, estreito, miserável” (QUEIRÓS, 1997, p. 1970).

Ao chegar a Belém, o escritor sinaliza para uma paisagem árida onde existe “[...] uma terra seca, queimada, rapada, [com] oliveiras espalhando-se tristemente pelas encostas, um pedaço de granito descarnado, que aparece de repente como um osso branco na anca rasgada dum cavalo” (QUEIRÓS, 1997, p. 1971). As figuras de linguagem parecem ser a tônica da construção literária queirosiana. A personificação, por exemplo, prevalece em quase todo o relato, principalmente no tocante à desfiguração da paisagem. No entanto, como existem também reflexões mais positivas sobre a paisagem, o escritor logo que envereda pela cidade de Belém, modifica o seu tom negativo para dá margem a características mais formosas do lugar, onde ele encontrou uma “Belém mais fértil, mais cheia de água, mais coberta de árvores, de todas as povoações que cercam Jerusalém” (QUEIRÓS, 1997, p. 1971). Além da personificação, outras figuras de linguagem como a sinestesia ilustram muito bem a sensibilidade de Eça de Queirós com relação à paisagem vista e sentida. Isso nos faz lembrar Eric Dardel, que enfatiza a importância da sensibilidade que pode despertar naquele que observa a paisagem. Afinal,

Quem tem razão aqui, a ciência que tende a reduzir o mundo a um mecanismo ou a experiência vivida que se apropria do mundo exterior ao nível do fenômeno? E como rejeitar, sem mais restrições, como falsas aparências essas que surgem ao nosso encontro, [...] despertando nossa sensibilidade ao fantástico do mundo? (DARDEL, 2015, p. 23).

Conforme a citação acima, Dardel secundariza o aspecto puramente matemático da Geografia de seu tempo, para priorizar o aspecto da experiência do Homem com a Terra e, conseqüentemente, com a paisagem que o encantou. Concebendo ainda a paisagem como um texto, seus aspectos mais subjetivos sobressaem em detrimento da análise empírica, na medida em que “[...] o desenho das costas, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto” (DARDEL, 2015, p. 2). É nesse sentido que vemos o jovem viajante Eça de Queirós se debruçar sobre as mais formosas paisagens da Palestina, imprimindo nas Narrativas de viagens a sua sensibilidade, além dos recursos estilísticos que servem para embelezar textualmente o que ele vivenciou naquele período.

James Ducan (2004) também esclarece que a paisagem pode ser analisada como um sistema de criação simbólica. O geógrafo compartilha das mesmas ideias de Eric Dardel ao analisar a paisagem como criações textuais de múltiplos significados, enfatizando que tanto os recursos intertextuais quanto os de retórica e a inserção de figuras de linguagem na análise da paisagem podem ser vistos como reprodutores de práticas sociais e ideológicas sobre determinado lugar. Nesse sentido, Ducan pontua que alusões, signos, símbolos, ícones e tropos foram recursos fundamentais para enfatizar as diversas paisagens ressignificadas ao longo do tempo. As figuras de linguagem também são determinantes “[...] no uso da paisagem como prática retórica” (DUCAN, 2004, p. 113) e, dentre aquelas analisadas pelo estudioso, podemos citar a alegoria, a sinédoque e a metonímia, recursos textuais e estilísticos que servem como funções ideológicas em certos contextos específicos. Vejamos um exemplo que Ducan nos oferece para a metonímia:

A metonímia é outra relação figurativa onde uma palavra ou um ícone representa algo ao qual está relacionado por contiguidade. Os exemplos mais comuns envolvem designações, como quando o nome de uma parte da cadeia sintagmática completa de objetos é empregado para referir-se ao conceito que essa cadeia representa. Deste modo, a coroa é um elemento de um conjunto completo de objetos simbólicos que se referem ao monarca ou ao poder de um monarca. Nos Estados Unidos, uma referência à “Casa Branca” é reconhecida prontamente como uma referência ao poder da presidência, ao “staff” do executivo, ou ao governo dos Estados Unidos (DUCAN, 2004, p. 115, grifos do autor)

Ao voltarmos o nosso olhar para a construção da linguagem queirosiana, especificamente em suas Narrativas de viagem, observamos que os lugares tradicionalmente bíblicos da Palestina podem trazer essas “referências simbólicas” que Ducan esclarece. Entretanto, não encontrando a arquitetura original, pois muitas edificações foram desgastadas com o passar dos séculos, Eça amplia o seu olhar para o passado bíblico, utilizando-se de figuras

de linguagem para caracterizar o seu texto. A exemplo de Belém e do Santo Sepulcro, lugares respectivamente de nascimento e morte de Jesus, o leitor observa que as figuras de linguagem, como hipérboles, metáforas e personificação, foram utilizadas pelo escritor para dar ênfase às suas análises. Embora muitos críticos queirosianos afirmem que as suas impressões de viagem foram escritas às pressas, o que se percebe é um certo valor ideológico e estilístico presentes nesses textos. A “coroa de espinhos”, por exemplo, é uma referência simbólica para todo o sofrimento que Jesus passou durante a sua crucificação. Veremos adiante, que Teodorico Raposo utilizará da personificação para dá vida aos galhos retirados de uma das árvores encontradas no seu percurso de “peregrino”, comprovando assim que o valor simbólico refletido na “coroa de espinhos”, teria, caso fosse entregue para a sua tia, uma importância significativa e impactante para os seus anseios de mulher católica e “virtuosa”.

Além da análise subjetiva da paisagem feita pelo romancista português, o leitor atento ainda observa que essa mesma paisagem serviu de base para reflexões religiosas e também sociológicas. Pois, mesmo diante da beleza do quadro bíblico reconstituído na imaginação do escritor, Belém é descrita por Eça de Queirós como um lugar propício à exploração da fé, se “[...] vive de fazer cruzeiros e rosários e [...] explora o Monte das Oliveiras” (QUEIRÓS, 1997, p. 1972). O viajante se surpreende ainda ao sair dos altares subterrâneos - um dos lugares que supostamente Cristo nasceu -, para encontrar, na saída da igreja, “uma nuvem de crianças” vendendo rosários. Embora fazendo críticas à exploração da fé cristã, Eça de Queirós constrói em tons líricos o encontro com essas crianças, quando observa “[...] lindos rostos orientais, olhos de uma admirável inocência luminosa” (QUEIRÓS, 1997, p. 1973). E, ao dar seus primeiros ensaios para as questões positivistas do seu tempo, o viajante arrisca a seguinte hipótese: “[...] a raça é espontânea, viva, bela, completa, e quanto ao meio em que se desenvolveu, as dificuldades, as misérias do trabalho, os horrores da vida social, os deformam, os comprimem, os abafam, os imobilizam no fatalismo e na indiferença” (QUEIRÓS, 1997, p. 1973). Mais adiante faz ainda reflexões com tons de denúncia, ao afirmar que os pais daquelas crianças “[...] não poderão este ano ceifar o seu trigo porque o governo turco lhe pede mais que todo o seu trabalho” (QUEIRÓS, 1997, p. 1973). Assim, muito além de uma simples descrição da paisagem, observa-se nas Narrativas de viagem uma problematização de cunho geográfico humanístico, além de reflexões em torno de questões religiosas, históricas e sociológicas.

Yi-Fu Tuan afirma ser a paisagem uma construção da mente, acrescentando ainda que “[...] para os europeus de épocas anteriores e para os povos com outras tradições, as montanhas e as florestas eram paisagem do medo” (TUAN, 2005, p. 13). As montanhas do Moab, por exemplo, que constituem uma faixa de terra montanhosa localizada na Jordânia foi descrita por

Eça de Queirós durante a sua visita a Jerusalém. Nos arredores daquelas montanhas, o autor antropomorfiza a natureza, estratégia queirosiana utilizada em muitas circunstâncias da sua viagem para incrementar as suas impressões:

“Mais longe são montanhas do Moab, cheias de cores rosadas e parecendo de mármore. Além, à esquerda de Jerusalém, é o monte do Mau Conselho. É um corcovo estéril, seco, hostil, onde se ergue uma estranha árvore solitária, que tem a aparência de um esqueleto. Era ali a casa de campo de Caifás, onde se deliberou matar Jesus. Vêm-se sobre a colina as estradas que levam a Damasco, a Jafa, a Jericó. Para o fundo o deserto da Judeia [...] O sol põe um troféu cheio de setas – uma nuvem melancólica cobre a planície – a grande sombra alarga-se. O verde torna-se profundo – os tons das montanhas acentuam-se – parece que se vai preparar um mistério e que vão sendo horas de acender a tocha de Judas (QUEIRÓS, 1997, p. 1978).

Sendo a paisagem uma criação da mente (Tuan, 2005), observa-se que Eça aproveita-se da esterilidade e da aridez do lugar para dá propensão à sua imaginação criadora, tendo ainda como mote a temática bíblica. Nesse sentido, o monte do Mau Conselho, por exemplo, é descrito por Eça com uma certa encenação paisagística, preparando o leitor para maus presságios. Expressões como “árvore solitária, que tem aparência de um esqueleto”, além de “nuvem melancólica” ou “a grande sombra alarga-se” são recursos estilísticos utilizados pelo autor para criar o ambiente de suspense em torno da morte de Jesus. A paisagem árida, hostil e sombria, nesse sentido, dialoga com os objetivos do autor: recriar uma atmosfera de medo para imaginar, através de um retorno ao passado, cenas⁹³ da crucificação de Jesus.

Pode-se constatar que na maior parte das Narrativas sobre a Palestina e Alta Síria, o tema da desolação da paisagem ocupa um espaço considerável. A imagem da paisagem seca, inhospita suscita no viajante reflexões acerca do modo de vida daquelas pessoas, que dependem da terra para sobreviver. Muitos elementos importantes ligados à geograficidade estão presentes naquelas impressões, a exemplo do Vale do Cedron, visitado durante a sua estada na Palestina. O próprio significado geográfico para o termo “vale” como uma depressão alongada da superfície terrestre nos faz imaginar algo perigoso e inabitado. Especificamente o seu significado bíblico remete para situações antigas e de conflito, simbolicamente retratando algo difícil, que necessitasse de uma certa intervenção divina:

O Cedron está seco, - o seu leito está sem pedras, de cascalho, de ramos secos, e de esqueletos, de grandes vértebras de camelos. Um cão às vezes passa, farejando aqueles restos de ossos. Vai-se caminhando assim pelo vale de Josafat, tendo-se sempre à esquerda os cemitérios judeus, pedras oblongas

⁹³ A encenação da crucificação do Cristo ocupará mais de uma centena de páginas do romance *A relíquia*.

lançadas vagamente pela colina, em profusão, e à direita o Cedron, seco, e o monte de Moriah, e muralhas de Jerusalém que se [?]⁹⁴ em cinzas” (QUEIROZ, 1997, p. 1979).

No fragmento acima é possível observar alguns elementos importantes que se referem à geograficidade da paisagem palestina: leito sem pedras, de cascalho e ramos secos, além de esqueletos provenientes de vértebras de camelos, imprimindo a ideia de morte, aridez. A imagem do cão faminto nos remete à fome, à privação de expectativas de vida naquele lugar. Dessa forma, pode-se afirmar que expressões e palavras como “cascalho”, “ramos secos” e “esqueletos” além de estarem geograficamente retratando características físicas daquele lugar, sugerem também uma realidade inóspita, pouco atraente e raramente digna de ser habitável por alguém. O mesmo vai acontecer na descrição sobre o deserto de Judá, quando Eça de Queirós, ao passar por Betânia, avançar pelo Mar Morto mas antes percorrer “todos aqueles caminhos pedregosos e escabrosos” (QUEIRÓS, 1997, p. 1980) sinaliza:

A superfície das colinas, escalvada, rapada, e às vezes vagamente escura, com tufos de uma vegetação baixa que de longe tem o aspecto de bolor. O seu cume uniforme dá às nossas almas um peso triste. Nenhuma árvore, nenhuma ruína, nenhum penedo corta as suas linhas quebradas, a lúgubre monotonia daquele horizonte. Nem água, nem sombra, nem cores suaves, nem ruídos. O silêncio absoluto (QUEIRÓS, 1997, p. 1980).

Observa-se que na frase “o seu cume uniforme dá às nossas almas um peso triste”, o autor analisa a paisagem de forma subjetiva, como se todo aquele conjunto geográfico interferisse e impactasse de forma muito particular na experiência vivida naquelas paragens. O elemento humano insere-se na descrição, mas mesmo assim, é desprovido de vivacidade, haja vista que Eça visita o interior pastoril da Palestina, em meados do século XIX, ambiente por si só pobre e árido do deserto:

⁹⁴ O ponto de interrogação exposto na citação refere-se à análise feita pela professora Beatriz Berrini. Como não tive acesso aos manuscritos do autor, estou reproduzindo as citações feitas pela pesquisadora, que esclarece o seguinte: “A leitura árdua de muitos trechos (em especial aqueles que foram suprimidos na edição de 1966), é por isso mesmo marcada por interrogações, quando não houve certeza de minha parte, a respeito do significado original; interrogações ou palavras entre colchetes multiplicam-se também, a indicar seja a impossibilidade de decifração ou a necessidade de um acréscimo que tornasse a leitura inteligível” (Cf. BERRINI, 1997, v. 3, p. 1953 e 1954).

A princípio ainda a vida se pressente. As ruínas de uma fonte reúnem em sua volta pastores beduínos. Um pobre lavrador com a áspera esterilidade da terra. No alto um pastor imóvel cercado de seu rebanho, com a grande capa às riscas traçada majestosamente: um árabe do deserto passa a cavalo, mulheres caminham sob o peso de molhos de lenha. Os corvos voam nos vales sob a luz com resplendores metálicos de aço [...] Nem água, nem sombra, nem cores suaves, nem ruídos. O silêncio absoluto (QUEIRÓS, 1997, p. 1980, grifos nossos).

A simbologia popular do corvo remete a mau presságio, solidão e morte. A imagem que Eça de Queirós passa em seus escritos, particularmente voltados para a Palestina, é de um lugar estéril, marcado por tristezas e desolação. A paisagem e os animais dialogam, nesse sentido para reverberar uma atmosfera de escassez, mesclando acontecimentos tristes como a crucificação de Jesus, por exemplo.

Eric Dardel pontua sobre a importância do espaço aquático para a sobrevivência dos seres vivos. Nesse sentido, águas marítimas, lagoas, lacustres e fluviais, por ocuparem um domínio continental preponderante, fazem toda a diferença para a diversidade das espécies e das vegetações. Acentua ainda uma maior concentração de habitantes em lugares onde existam vales, lagoas ou lugares verdejantes, “sorridentes”, onde “o domínio das águas, inseparável do espaço verde, está do lado da vida” (DARDEL, 2015, p. 20). No entanto, ao contrário da abundância de água, o deserto, segundo o geógrafo humanista, “[...] tem algo de incompleto, de anormal: o deserto, a superfície árida dos platôs calcários, sugerem naturalmente a ideia de morte [...]” (DARDEL, 2015, p. 20). Por isso a ênfase de Eça de Queirós em caracterizar o deserto da Judéia, o Vale do Cedron ou quaisquer outras paisagens da Palestina que remetem à ideia de aridez ou obscuridade, com expressões contundentes.

Embora percebamos todo o aspecto desolador da Judeia, o viajante, quando avança por outros lugares do seu trajeto e, ao se deparar com o Rio Jordão, emite tons mais positivos em torno daquela paisagem, acionando mais uma vez a sua bagagem bíblica sobre o que observa. Dessa forma, a narrativa muda de tom, pois o narrador-viajante dará ênfase a um lugar mais agradável e abundante:

É este bem o lugar de refúgio, de oração, de tristeza de S. João. Compreende-se quantos doces pensamentos devem nascer das contemplações das suas margens. Vaguear ali deve ser um sonho para os espíritos repelidos pela aspereza da Judéia. Vê-se que colorido de doçura o Jordão devia ter dado àquela ideia que os desertos e as planícies da Judeia [?] e tão absolutas e tão ascéticas [...] O Jordão é o único rio da Judéia. Em que qualidade ele entrou no cristianismo, pela impressão que fez no fundador, quem o sabe? Quem sabe se é ao Jordão e às suas margens doces no meio da aspereza de tudo, que o

Evangelho tem aquela doçura de aurora? Aqui, só palavras doces deviam ter inspirado Cristo [...] (QUEIRÓS, 1997, p. 1982).

Para caracterizar o Rio Jordão, Eça selecionou adjetivos adequados, as mais delicadas descrições, tendo como mote o quadro evangélico. Ocupando quase três páginas de relato, o famoso Rio é enaltecido pelo escritor, e adjetivos como “majestoso, vasto, sereno”, além de “vegetações luminosas e cores suaves”, dão a tônica da percepção que o autor esteve envolvido em torno desta paisagem específica. Natural também observarmos mudanças na linguagem queirosiana quando o viajante se deparou com paisagens aquáticas como o Rio Nilo, detalhado na obra *O Egito* ou o Rio Jordão, na Narrativa *A Palestina*. Soma-se a isso, a recorrência de Eça de Queirós também a fatos históricos milenares referentes à paisagem descrita. As meditações que S. João fazia, por exemplo, em torno do Rio Jordão, ou o próprio lugar escolhido para o batismo de Jesus Cristo são exemplos de que Eça se valeu para enriquecer a descrição da paisagem com fatos do cristianismo primitivo, afinal, “[...] toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento” (DARDEL, 2015, p. 33).

Após uma descrição afetiva do Rio Jordão, Eça rompe a escrita para logo depois retomá-la na Alta Síria. As impressões de viagem em torno da Alta Síria, porém, são breves e objetivas. Comparando-se à obra *O Egito* e a outros textos jornalísticos que fizeram referência à política, sociedade, religião, economia e a diversos comportamentos envolvendo os povos daquela região, o que o leitor observa na descrição da paisagem do Líbano é breve. A própria Beatriz Berrini reconhece a dificuldade na transcrição do relato, haja vista a letra indecifrável do autor e as constantes lacunas que Eça deixou, afinal, “[...] os apontamentos da viagem à Palestina e à Alta Síria concentram-se em dois caderninhos, escritos em geral a lápis, mas também à tinta em alguns trechos. A minha transcrição omitiu as duas primeiras páginas, por indecifráveis” (BERRINI, 1997, p. 1985, v. 3). Somam-se a isso alguns sinais de interrogação colocados pela pesquisadora, atestando assim a dificuldade para interpretar a letra de Eça. No entanto, ainda podemos captar algumas impressões que o escritor teve ao chegar a Beirute. O destaque maior será dado ao clima chuvoso, oferecendo um reflexo intenso de desolação e impossibilitando assim uma maior exploração em torno do lugar pois “tínhamos de nos limitar aos lugares da serra, vizinhos de Beirute, sem poder penetrar nos cimos históricos, e nas gargantas profundas

do interior, cheio já aqueles montes de neve e dos desastres de inverno” (QUEIRÓS, 1997, p. 1986).

Com relação à paisagem, como se trata de um país montanhoso e ao mesmo tempo litorâneo, Eça deu destaque às suas montanhas de neve, serras de granito e cavernas que se abrem na rocha. A paisagem analisada pelo autor parece evocar sentimentos de surpresa e medo, visto que “[...] a rocha é valente, dura, altiva, cheia de [...], de cavernas, de precipícios, de incoerências, vertiginosamente despedaçada” (QUEIRÓS, 1997, p. 1986). Como nos relatos anteriores, o autor vale-se da personificação para engrandecer ainda mais suas impressões, quando, por exemplo, se detém na observação de rochas, rios e planícies, onde “[...] vegetações raras, como restos dum cabelo arrancado, pendem às vezes ao comprido das duas dilacerações do penedo” (QUEIRÓS, 1997, p. 1986) ou, quando se surpreende com o mar, “[...] que estende-se sob a chuva e o vento, numa inquietação atormentada, e atirando a sua espuma ao rochedo. Nada tão áspero, tão solitário, tão bárbaro, como aquele lugar” (QUEIRÓS, 1997, p. 1987)

Analisando as impressões queirosianas através do prisma da paisagem, lembremos mais uma vez dos estudos de Eric Dardel, pois, além de avaliar as paisagens aquáticas como os lagos e os rios, o estudioso nos convida a fazer um passeio paisagístico pelos mares, através da sua vivência como geógrafo. Para o pesquisador humanista, o mar é uma potência enriquecedora que acalma e ao mesmo tempo amedronta o homem. Lugar de descobertas, de avanços tecnológicos ou de ambições sem medidas, pois a “ciência moderna revelou seu extraordinário volume e suas profundidades prodigiosas” (DARDEL, 2015, p. 21), é também uma presença superior, indecifrável, onde o homem, por mais instruído e experiente que seja, sente-se impotente diante de tamanha grandeza. Afinal, “talvez seja frente ao espaço das águas que se mostra melhor a insuficiência de uma atitude puramente intelectual, de um saber que, instrumentado pela razão, reifica complacentemente os fenômenos” (DARDEL, 2015, p. 23). Assim, ao se deparar com o mar em Beirute, Eça também analisa a grandiosidade da paisagem marítima, que, em certo sentido se aproxima da geograficidade proposta por Dardel:

O mar dobra, numa perpétua vindicta e nos horizontes poderosos. A rocha dá-lhe a desolação, a esterilidade, a dureza. A água o lamento eterno. Talvez com a luz, com a alegria do dia aquele lugar seja suave, fresco, no áspero clima da Síria. Mas naquele ocaso, ao cair do dia, cheio de sombra, da névoa, e da vizinhança da noite, com o mar tempestuoso, a chuva monótona, a tristeza do vento, aquele vale solitário, eriçado de pedras, abafado entre dois montes de rocha, áspero, implacável, tinha um aspecto indefinidamente triste e poderoso (QUEIRÓS, 1997, p. 1987).

Observa-se ainda a dicotomia por meio da qual o autor relaciona a noite ao dia. Ao se deparar com o mar, por exemplo, em um clima chuvoso e frio, as suas impressões são as piores possíveis em torno do lugar. Chegando a Beirute, porém, o cenário se modifica, pois a paisagem ganha luz, diversidade de plantas e vivacidade, “[...] com plantações de pinheiros, pequenos, mas dum verde profundo, dum verde úmido, luminoso e vivo” (QUEIRÓS, 1997, p. 1991), elementos ausentes nos lugares anteriores que Eça visitou. O escritor utiliza o recurso estilístico da comparação para aproximar essa paisagem específica do Oriente com a do Minho, em Portugal. Considerada como uma das regiões mais tradicionais do país, cercada por rios, casas brasonadas, zonas verdes, pontes medievais e exuberantes florestas de carvalhos, o Minho atrai centenas de turistas ao longo do tempo. Como se sabe, estratégias de comparação são recursos típicos das narrativas de viagem, pois é muito recorrente o viajante se deslumbrar com paisagens nunca vistas e, ao mesmo tempo, lembrar das paisagens que deixou no seu país de origem. Foi o que aconteceu com Eça, ao vislumbrar paisagens que se aproximaram de um dos recantos de Portugal, tendo o clima, a vegetação, “córregos ao pé da montanha”, “caminhos pedregosos” e “terras escuras lavradas” como elementos de aproximação:

E para além dos cactos, vê-se a terra escura, úmida, fresca, tendo um cheiro de plantação. Sente-se a presença doce da relva. A água corre em pequenos regatos. Os campos têm paisagens de árvores, de sombra e de água. Há pequenos caminhos como nas pequenas aldeias do Minho, povoados de silvado. Para além cultiva-se, rega-se, cava-se. As flores de cores delicadas, frescas, podem estar no balcão, num vaso, na cruel presença do sol. As casas aparecem feitas de pedra esbranquiçada, com que se constrói na Síria, com os seus terraços lisos, livres (?) ao ar como um areal, tendo árvores ao pé, vegetação, e florescências da terra (QUEIRÓS, 1997, p. 1989).

A geografia acidentada da Síria também lembrou alguns lugares do Minho, pois “[...] ali a terra é já acidentada, com a vizinhança das serras. Os campos têm níveis, degraus, e os caminhos têm subidas e voltas pedregosas. Quando começa a subir-se a cultura começa a acabar. Logo ao começo a montanha é talhada pelo habitante em imensos degraus” (QUEIRÓS, 1997, p. 1990). Além da paisagem natural, Eça esquadrinha pontos turísticos históricos, que também lembram o Minho: dessa forma, igrejas, conventos, tetos da capela, púlpitos e altares são vistos, observados e analisados pelo escritor. A intensa presença das amoreiras também chama a atenção do romancista pela beleza e pela “decoração” que imprime à paisagem.

Talvez uma das passagens mais marcantes destas Narrativas de viagem é quando Eça sobe determinada colina do Líbano. O autor embriaga-se com o espetáculo da paisagem, faz

comparações com outros lugares⁹⁵ que conheceu durante o percurso no Oriente. Mas está convencido de que o Líbano, para ele, foi a grande descoberta que o fascinou:

Nada tão viril, tão masculino, tão simples e tão forte como aquele espírito que exala aquele monte. Uma terra fortemente erguida, árvores frescas, sóbrias, duras, que deixam penetrar ar à plena e vasta luz, e passar as massas do vento. Uma verdura luminosa, úmida, cheia de poderosas energias da erva. Um forte cheiro saudável dos pinheiros bravos, das ervas úmidas. O [?], céu, o mar, as mais belas coisas da terra, tudo ali se tem [...] O Líbano de mais é uma beleza da natureza, e é um lugar notável do homem. A população que habita aquela montanha, a religião que ali se acostuma (?), as raças que o possuem, as guerras que ali se fazem, o estranho viver daquelas [?], fazem daquela montanha fortemente lançada através da Alta Síria, uma região profundamente original (QUEIRÓS, 1997, p. 1991).

Em outros trechos das suas Narrativas, observamos que o desejo de liberdade exerce um fascínio no escritor, além de proporcionar-lhe uma visão panorâmica de toda a paisagem vista e analisada por ele. Nesse sentido, “[...] a montanha responde a uma geografia ascensional da alma, uma vocação para ‘elevação’ e pureza [...] o homem demanda à montanha um simbolismo da altura moral, ao mesmo tempo que a satisfação de uma vontade de escalar e ascender (DARDEL, 2015, p. 17, grifo do autor). O sentido de geograficidade, cunhado por Dardel, está implícito, desta maneira, nas impressões que a paisagem exerce em Eça de Queirós, seja em torno da paisagem telúrica, seja em torno da paisagem aquática, quando ele admira as águas do Mar Vermelho. Ao subir as colinas do Líbano, Eça sente um desejo de liberdade. E mais uma vez, como acontecera em vários episódios das suas Narrativas, o autor ocupa-se em fazer reflexões de cunho histórico e religioso em torno das montanhas do Líbano:

O velho cume cheio de cedro que Salomão mandou cortar para a edificação do templo, os tempos fenícios em que sobre cada cimo havia um templo, - as lutas religiosas entre califas até hoje, os massacres dos drusos, os emires poéticos, os fortes refúgios das seitas, as recordações da Bíblia: lembram a recordação da epopeia do grande monte e admiram-se os pequenos flocos, a decoração azul, que cresceu entre a erva. E olha-se a [?] do alto, trazido largamente pelo livre ar da serra, sente-se o som dum sino. É um convento (QUEIRÓS, 1997, p. 1992).

O autor encerra bruscamente suas anotações sobre a Alta Síria, dissertando resumidamente a respeito do Convento dos Maronitas. Refletindo em seu passado de glórias,

⁹⁵ Montes do Cairo, cadeia Líbica, montes de Jerusalém, montes de El-Ataka, colinas de Judá, montes de Moab são alguns dos lugares que Eça conheceu, citou e comparou com o Líbano, que, por sua vez, venceu em beleza e esplendor.

Eça sinaliza que aqueles lugares foram “escolhidos pelos fenícios para os seus templos, altos montes, perdidos no profundo azul’ onde as suas “inúmeras colunas eram o símbolo daquele Deus”. No entanto, como normalmente acontece com construções milenares, o convento atinge um período de decadência e ruína com uma “acumulação de construções irregulares, feias, conventuais, escuras, miseráveis” (QUEIRÓS, 1997, p. 1994), restando apenas ruínas do antigo templo fenício. Assim, a degradação da paisagem histórica, como frisado em seções anteriores, permeia também as impressões do viajante.

A análise que Eça de Queirós apresenta em torno da paisagem oriental nos remete a vários significados e simbologias. Ao mesmo tempo em que o autor se embevecia diante de lugares nunca vistos, também utilizava sua pena para articular ideias em torno de tempos remotos, como a inserção de personagens históricas bíblicas que, de alguma forma, acionavam os seus conhecimentos sobre o Cristianismo primitivo. Além do tema religioso, lembremos ainda que o nosso autor refletiu sobre dados históricos contemporâneos do século XIX, quando observava a situação de exclusão social de muitas pessoas em Alexandria, no Cairo ou em Beirute. Nota-se, por fim, que mesmo diante das dificuldades de empreender aquela viagem e por escrever muitas vezes apressadamente em lombos de cavalos ou em hospedarias que não ofertavam nenhum recolhimento ou silêncio, Eça de uma forma ou de outra, articula ideias, promove reflexões e estimula o leitor a adentrar em um mundo até então desconhecido.

De paisagens amenas e agradáveis a outras sombrias e desérticas, os elementos naturais descritos por Eça não passaram incólumes. A geograficidade se fez presente em muitos momentos descritos, pois a paisagem, além de dialogar com o estado de espírito do viajante, foi também fundamental para acionar conhecimentos históricos e sociais sobre os lugares visitados. Além disso, diante de uma possível paisagem árida, Eça utilizou de figuras de linguagem para enriquecer suas impressões, não esquecendo ainda os elementos simbólicos reconhecidos e problematizados em alguns lugares visitados.

Na próxima e última subseção desta pesquisa, iremos analisar o romance *A relíquia*, como uma produção que foi fruto daquela viagem empreendida pelo escritor português. No entanto, como este trabalho privilegia o estudo da paisagem na perspectiva da Geografia Humanista Cultural, faremos um recorte apenas dos capítulos segundo e terceiro do romance, nos quais o personagem Teodorico Raposo visita o Egito e os lugares santos da Palestina, fazendo assim um contraponto dialógico entre a ficção e as experiências de viagem do escritor.

4.2 A PAISAGEM ORIENTAL SOB O OLHAR DE TEODORICO RAPOSO

A relíquia, com relação a referências ao Oriente, talvez seja a obra que mais se aproxima das Narrativas de viagem produzidas por Eça de Queirós. Alusões a lugares, ruas, vielas, costumes, variedade de credos religiosos e clima ocupam mais de uma centena de páginas do romance, quando Teodorico Raposo, em viagem à Terra Santa, refaz de maneira satírica o percurso de Eça. O diálogo intratextual está presente não apenas durante a visita do personagem à Palestina, mas até mesmo antes e depois da sua viagem. Isso porque ele procura informações geográficas sobre o lugar que iria visitar e, quando regressa do Oriente, sem meios de sobreviver, já que perde a fortuna da tia, resolve vender relíquias, ideia que obteve das suas recordações de viagem – basta lembrarmos que tanto Eça quanto Teodorico abordam a rotina dos vendedores de relíquias nos templos religiosos.

Dessa forma, aproximadamente dezoito anos após a sua viagem ao Oriente, o romancista português cria um personagem que irá refazer o seu caminho pela Palestina, no entanto em clave nitidamente paródica e ficcional, pois, em carta ao amigo, o conde de Ficalho, Eça faz questão de frisar o caráter imaginário da sua obra quando busca material bibliográfico para a recriação ficcional: “respondo de Londres, onde vim indagar sobre pedras, nomes de ruas, mobílias e *toilettes* para minha Jerusalém. Digo minha – e não de Jesus [...] como pedia a história – porque ela realmente me pertence, sendo, apesar de todos os meus estudos, obra de minha imaginação” (QUEIRÓS, 1951, p. 87). Em estudo sobre o romance, Lyslei de Souza Nascimento aborda o caráter de flexibilidade atribuído ao próprio Eça para *A relíquia*, quando este insere elementos paródicos, burlescos e jocosos à sua narrativa:

Então, a especificidade desse romance de Eça pode ser apontada como um trabalho que parece abandonar a imposição de ser a ficção uma espécie de escrita especular; e traz, para dentro do texto a possibilidade do jogo, da ironia, enfim, da ficção se confessar fingimento e arte [...] A casa de Titi é uma extensão do teatro e Teodorico representa fora e dentro da casa. Todos os espaços são propícios para a dramatização e para o engano. Configura-se também, nesse personagem, o estatuto caricatural com que Eça de Queirós realiza o projeto realista e o amplia a partir de efeitos cômicos na narrativa (NASCIMENTO, 1997, p. 610 e 611).

Apesar de Nascimento se referir a espaços voltados para Lisboa, a exemplo da casa da tia Patrocínio, o tom de “teatro”, ironia e deboche irá acompanhar Teodorico também pelas suas andanças pelas terras do Evangelho. A duplicidade deste personagem por meio de encenações caricaturais relacionadas tanto a personagens da cristandade, quanto aos próprios

costumes orientais será a tônica do romance, no qual a hipocrisia e o fingimento ocupam a maior parte das suas páginas. Há de lembrar ainda que o próprio Eça, na introdução ao romance, deixa claro as fronteiras tênues entre História e Ficção, quando afirma, a partir das memórias de Teodorico o seguinte: " [...] eu o revelo aos meus concidadãos nestas páginas de repouso e de férias, onde a realidade sempre vive, ora embaraçada e tropeçando nas pesadas roupagens da História, ora mais livre e saltando sob a caraça vistosa da Farsa". (QUEIROZ, 1951, p. 12)

No entanto, apesar de Eça ter enfatizado o caráter imaginário e ficcional da obra, uma leitura mais atenta permitirá o leitor perceber que, mesmo diante de tantas pesquisas históricas pelas bibliotecas londrinas, há um entrelaçamento dialógico muito forte entre as Narrativas de viagem e os percursos de Teodorico Raposo pela Palestina. A firmeza nas descrições paisagísticas, o natural diálogo de Teodorico com os seus companheiros de viagem, a exemplo do egiptólogo alemão Topsius, as referências exatas a museus, montes, vales, mesquitas e conventos, nos fazem perceber que ele se apropriou de suas próprias impressões para compor o romance.

Considerada polêmica para a sua época, a narrativa ficcional aborda o ambiente interesseiro e corrupto a respeito do catolicismo, analisado agora de forma jocosa e burlesca. No terceiro capítulo, por exemplo, quando Teodorico, na Terra Santa, tem um longo sonho sobre os bastidores da crucificação de Jesus, observamos uma espécie de reescritura, em tons paródicos, dos evangelhos tradicionais, pois a inclusão de um anti-herói, como Teodorico Raposo, protagonista daquele episódio bíblico, subverte a historiografia oficial cristã. Assim, com a publicação deste romance, o escritor despertou várias polêmicas quando escreveu o sonho do personagem. A mais famosa delas envolveu o então deputado Pinheiro Chagas que, na época, justificou a rejeição da obra ao prêmio oferecido pela Academia das Ciências de Lisboa:

Um pateta moderno, um devasso reles, vicioso e beato, mantido por uma tia no culto piegas de Nossa Senhora da Conceição e no sagrado horror das saias e fazendo às furtadelas as suas incursões pelo campo do amor barato não podia alçar-se às alturas do sonho da crucificação de Cristo tal como Eça o descreve, devia era dar um Evangelho burlesco, isso é que seria verossímil [...] quem adormece é Teodorico e quem sonha é o autor (CHAGAS *apud* MATOS, 1988, p. 553 e 554).

Pinheiro Chagas duvida da capacidade de um personagem como Teodorico Raposo narrar os detalhes da crucificação de Jesus, atribuindo ao escritor a autoria de tal feito. Além de Pinheiro Chagas, diversos contemporâneos de Eça também criticaram a obra como um todo, a

exemplo de Mariano Pina, Camilo Castelo Branco⁹⁶ e do próprio amigo do escritor, Oliveira Martins. Um século depois, observamos que outros estudiosos da obra queirosiana também teceram críticas ao romance, a exemplo de João Gaspar Simões, que se referiu à obra como “uma experiência malograda” (SIMÕES *apud* Matos, 1988, p. 554). Beatriz Berrini, ao analisar o personagem Teodorico Raposo, questiona a veracidade dos fatos narrados da paixão de Cristo. Porém, a estudiosa segue linhas interpretativas diferentes propostas pelos contemporâneos de Eça:

Preciso refletir um pouco a respeito da credibilidade do narrador e da espécie de adesão que é solicitada do leitor. Teodorico crê ter testemunhado, de forma natural ou sobrenatural, a paixão de Cristo; ter ouvido relatos de algumas testemunhas sobre a “ressurreição”. Quer conquistar a confiança do leitor quanto ao relato de que presenciou ou ouviu? Não me parece. Ao despertar após o “sonho”, e daí para frente, o pormenor fundamental da ressurreição é esquecido, como se não tivesse importância, ou ele Raposo, nisso não tivesse interessado. Além disso, pode ou deve o leitor confiar num tal informante? Claro que não, pelas características de sua personalidade e pela índole da obra. Ao criar o pícaro Raposo, ao lhe dar a função de narrador da paixão de Cristo, não pretendeu o autor, evidentemente, captar a confiança cega do receptor da mensagem para o que iria ser contado. É a própria ambiguidade da personagem que atribui as incertezas do texto: terá ou não sido um “sonho”? Ou consequência da excessiva absorção de bebidas? Ou realmente um fato extraordinário? Resolver tais dúvidas, aliás, pouca importância tem. O destinatário pode não aceitar o discurso de Teodorico, porém adere às propostas do autor, subjacentes, de saboroso humor e cheias de mordacidade crítica (BERRINI, 1993/94, p. 48 e 49).

Berrini apoia-se em pesquisas fundamentadas na narrativa picaresca para analisar a personalidade de Teodorico Raposo. Somente um personagem com características farsantes, burlescas e hipócritas poderia subverter a historiografia oficial cristã sem pensar nem se preocupar com as consequências advindas desse fato. E Berrini atesta isso com o fato de que, logo depois do longo e minucioso sonho, Teodorico Raposo parece não se importar com o conteúdo narrado, pois não lhe dedica mais atenção.

⁹⁶ Mais contundente que a crítica de Pinheiro Chagas é a do escritor Camilo Castelo Branco, principalmente quando se refere ao sonho de Teodorico Raposo sobre a Paixão de Cristo: “*A Relíquia* essa é uma variegada urdidura de fios do estilo rendilhado de Edgar Quinet, cartonada em pedaços do velho cenário burlesco de Paul de Kock e Crébillon figurações e tramoias de peça mágica. A alma esplêndida do livro, metida em corpo assaz deformado de gibosidades, é o sonho da Paixão de Jesus de Nazaré, um 5º. Evangelho, sonhado pelo pulha Dom Raposo, desbragado garoto. Em que miolos tão reles, hipnotizados em todos os alcouces daquém e dalém mar, o refulgente frasista sugeriu um sonho de transcendente ascese com 150 páginas! [...] Que desgraçada ideia romancear uma novela da Paixão de Cristo por conta de plangente cantor dos fadinhos da Adélia! A filosofia racionalista da Península dá isto e mais nada para os modernos estudos da Cristologia” (CASTELO BRANCO *apud* RIBEIRO, 1949, p. 224-225).

Diversos estudos apontam para outras vertentes críticas a respeito da personalidade de Teodorico. A coletânea *A relíquia do mandarim*, que reuniu diversos estudiosos que se debruçaram sobre os dois romances queirosianos, traz análises mais atualizadas das obras queirosianas, pautadas inclusive em crítica textual e em teorias literárias mais recentes. Eduino José de Macedo Orione, por exemplo, defende o personagem tantas vezes “atacado” pela crítica oitocentista, ao possibilitar uma vertente mais humana para Teodorico, quando afirma que “[...] podemos constatar que ele não se comove religiosamente e sim humanamente com o padecimento deste que chama de “incomparável amigo dos amigos”, ao ver que “para sempre se apagava aquela pura voz de amor e de espiritualidade” [...]” (ORIONE, 2020, p. 310, grifo nosso). Breno Góes, por sua vez, ratifica a “relação de alteridade e ambiguidade que se estabelece entre o episódio do sonho e o todo da obra” (GÓES, 2020, p. 152), desconstruindo assim o que a crítica oitocentista havia levantado, de forma apressada, talvez, sobre os motivos que levaram Eça a escrever o sonho.

Possivelmente o que não tenha ficado claro para os contemporâneos do escritor foi exatamente o caráter de farsa do romance, já que “[...] a duplicidade e a inconstância ético-moral parecem ser estigma indelével desta personagem” (REIS, 1999, p. 121). O sonho de Teodorico, por exemplo, considerado como “o maior alcance da paródia picaresca” (GROSSEGESSE, 1997, p. 777), foi presumivelmente a parte da obra que mais críticas recebeu. Isso porque o personagem desenvolve uma releitura dos fatos da historiografia oficial cristã, apresentando ao leitor uma reflexão sobre as mais diversas versões que um fato histórico pode trazer. Dessa forma, “o aspecto mais polêmico do romance é a versão da crucificação e morte de Jesus Cristo relatada pelo Raposo, quando se considera a obra do ponto de vista do catolicismo dominante na nação portuguesa naquela época” (BERRINI, 1997, p. 842, v.3).

Como o foco desta pesquisa recai nos estudos da paisagem oriental em uma perspectiva geográfica, deixemos a polêmica sobre o sonho de Teodorico para a crítica especializada, que, diga-se de passagem, já está bem consolidada sobre o assunto⁹⁷. Contudo, ao darmos prosseguimento aos nossos estudos sobre a paisagem, vez ou outra, poderemos nos valer do sonho do personagem queirosiano, quando observarmos comentários e análises voltados, especificamente para a paisagem da Palestina. Desta forma, nos eximiremos de analisar o sonho

⁹⁷ Muitos foram os queirosianos que se debruçaram sobre a polêmica exposta no sonho de Teodorico, a exemplo de Beatriz Berrini (1993/94), no artigo “Teodorico Raposo: o peregrino, o historiador, o memorialista”; Ernesto Guerra da Cal (1971), com o ensaio-conferência “*A relíquia: romance picaresco e cervantesco*” e Maria João Simões (1973), com o texto intitulado “Viagem e inversão: a paródia satírica n’*A relíquia* de Eça de Queirós”. Conferir as referências completas no final desta pesquisa.

através do conteúdo religioso e crítico para focarmos apenas no estudo da paisagem cultural refletida nos capítulos segundo e terceiro, quando Teodorico de fato pisa o solo egípcio.

4.2.1 “*Bruteza, segura, sordidez e entalho*”: o (des)encanto com a paisagem

Teodorico Raposo pisa pela primeira vez o cais de Alexandria em um domingo, dia de S. Jeronimo. Significativas são as alusões que o personagem faz a diversos santos e padroeiros da Igreja Católica durante quase toda a narrativa, refletindo assim o ambiente profundamente católico no qual convivia com a tia, dona Patrocínio das Neves. Em companhia de Topsisus, alemão instruído e pesquisador de escavações históricas, que logo ao chegar no Egito articula frases emblemáticas, como “– Egito! Egito! Eu te saúdo, negro Egito! E que me seja em ti propício o teu Deus Ftas, Deus das Letras, Deus da História, inspirador da obra de Arte e da obra de Verdade” (QUEIRÓS, 1951, p. 85), denotando assim a empolgação de investigador, o leitor se depara com atitudes contrárias,⁹⁸ refletidas no comportamento de Teodorico, que, ao criticar o “zumbido científico” do seu colega, lança a sua verve satírica ainda no cais de Alexandria: o “[...] banal e sujo barracão da Alfândega” (QUEIRÓS, 1951, p. 85). Dessa forma, será logo nos primeiros parágrafos do segundo capítulo da narrativa, que o leitor irá acompanhar as aventuras e desventuras do personagem, que se desilude o tempo todo com o que encontra, através de um discurso muitas vezes mesclado por ironia e amargura.

Entretanto, é diante da desilusão que o acomete logo na entrada da cidade egípcia, que Teodorico Raposo conhece a inglesa Mary, iniciando assim um intenso relacionamento amoroso e renunciando conhecer os principais pontos turísticos do Egito, como o Cairo, o Nilo e a Esfinge, para enfim, poder aproveitar os seus dias em Alexandria. Os passeios de caleche, em companhia tanto da inglesa quanto do seu amigo Topsisus, são luminosos, alegres e descontraídos, quando o leitor observa a paisagem dialogar estreitamente com o estado de espírito de Teodorico, na medida em que “[...] as palmeiras da margem fronteira recortavam-se

⁹⁸ No decorrer da narrativa, Teodorico explica como conheceu Topsisus e esclarece ao leitor a diferença de personalidade entre ambos, bem como os objetivos diversos que os levaram a Alexandria. Assim, enquanto Topsisus busca material para a sua pesquisa, Teodorico quer apenas conhecer a cidade para preencher o seu tempo com os prazeres da carne: “Encovado na gola, de guedelha caída, o nariz agudo e pensativo, a calça esguia, - o meu erudito amigo parecia-me uma cegonha, risível e cheia de letras, com óculos de ouro na ponta do bico. Mas já a minha animalidade reverenciava a sua intelectualidade: e fomos beber cerveja” (QUEIRÓS, 1951, p. 87, grifos nossos).

no poente amarelo – como feitas em relevo de bronze sobre uma lâmina de ouro” (QUEIRÓS, 1951, p. 94).

Porém, quando os dias em Alexandria estão chegando ao fim, e, conseqüentemente, a separação amorosa se faz iminente, Teodorico muda o seu discurso, pois chegou “a véspera sombria de partirmos para Jerusalém” e, denunciando já o seu interesse pela herança da tia, desabafa com o conterrâneo Alpedrinha: “[...] E, por amor do seu ouro, lá tinha de ir à negra Jerusalém, ajoelhar diante de oliveiras secas, desfiar rosários piedosos ao pé de frios sepulcros” (QUEIRÓS, 1951, p. 95, grifo nosso). A duplicidade do personagem será predominante na narrativa a partir do momento em que se sente “obrigado” a fazer o papel de peregrino católico no percurso para Jerusalém. Ao mesmo tempo em que finge idolatrar imagens, vestígios de uma era passada ou monumentos religiosos, ele desdenha disso tudo para dar propensão a seu caráter embusteiro e picaresco.

Nota-se, no entanto, que às vésperas da partida para Jerusalém encontramos ainda um “terno” Teodorico planejando o seu futuro com Mary. Nesse sentido, a paisagem mostra-se bela e atraente, conectando mais uma vez os planos de ventura do personagem com uma idealização paisagística, quando sonha em adquirir uma casa “toda branca e poética⁹⁹” para passar os restos dos seus dias com a inglesa onde: “[...] Do céu só me importaria a luz anilada, que banhasse a minha vidraça; da terra só me importariam as flores abertas no meu jardim, para aromatizar a minha alegria” (QUEIRÓS, 1951, p. 97). Esses são um dos raros momentos em que vimos o personagem dialogar, de maneira positiva com a paisagem oriental. Ou seja, quando o assunto versa para as obrigações religiosas exigidas pela tia, o que vemos é um Teodorico grosseiro, debochado e irônico em relação a elementos orientais, e, por fim, todo o arcabouço cultural e milenar que essa peregrinação poderia causar no personagem, parece ser constantemente desconstruído: “[...] breve, avaramente breve, foi essa noite estrelada do Egito! [...] Cedo, amargamente cedo [...] já fumegava na baía, áspera e cheia de vento, *el paquete*, ferozmente chamado o *Caimão*, que me devia levar para as tristezas de Israel” (QUEIRÓS, 1961, p. 98, grifos do autor).

⁹⁹ Um diálogo intratextual evidente nestas expressões podemos encontrar na narrativa *O Egito*, quando Eça de Queirós, embevecido com a paisagem ao seu redor, cita: “Por vezes sinto o desejo de ficar aqui, ter um búfalo, uma mulher egípcia, descendentes dos velhos donos do solo, e lavar o meu campo de durah no meio da serena paisagem do Nilo, entre coisas abundantes e saudáveis e a imensa claridade do horizonte (QUEIRÓS, 1946, p. 152). Esse é mais um trecho que confirma a hipótese, ventilada por vários críticos e leitores, de que a viagem ao Egito rendeu muitas reminiscências em suas obras posteriores.

Em outra passagem do romance, ainda observamos um Teodorico passeando seu olhar pela paisagem oriental. É quando chega a Jerusalém, em companhia do guia Pote¹⁰⁰ e do sábio Topsius e, antes de se hospedarem no Hotel do Mediterrâneo, depara-se com estradas e pomares repletos de perfume que caracterizam o ambiente:

Na luminosa meiguice da tarde, a estrada alongava-se através de jardins, hortas, pomares, laranjais, palmeirais, terra de Promissão, resplandecente e amável. Por entre as sebes de mirtos perdia-se o fugidio cantar das águas. O ar todo, duma doçura inefável, como para nele respirar melhor o povo eleito de Deus, era um derramado perfume de jasmims e limoeiros. O grave e pacífico chiar das noras ia adormecendo, ao fim do dia de rega, entre as romanzeiras em flor. Alta e serena no azul, voava uma grande águia (QUEIRÓS, 1951, p. 112).

Apesar da descrição inicial acenar para uma paisagem fértil, com pomares e laranjais diante de um Céu azul, “na luminosa meiguice da tarde”, logo depois encontramos um personagem desanimado, ao chegar à Palestina. O clima agradável logo cede espaço para um tempo escuro, nublado, simbolizando a chegada dos viajantes ao famoso lugar de peregrinação, jejuns e crenças católicas, o qual a tia Patrocínio sempre venerou. Todavia, ao contrário da crença fervorosa da tia, Teodorico faz pouco caso do que iria encontrar, já que “[...] Topsius estudava o mapa da Palestina, enquanto eu, de chinelos, passeava, limpando as unhas [...] Nós tínhamos chegado nessa tarde, sob uma chuva triste e miúda, à cidade do Senhor” (QUEIRÓS, 1951, p. 113, grifos nossos).

Como observado anteriormente, são poucos os momentos em que Teodorico vê a paisagem sob um ponto de vista positivo. Quando se estabiliza em Jerusalém, o enfoque começa a ser outro, com tintas mais “realistas” diante de telhados “lúgubres e cor de lodo” ou numa “encosta atulhada de casebres sórdidos [...] com uma viela esgalgada” [...] e, por cima o Céu pardacento (QUEIRÓS, 1951, p. 114).

A entrada ao Santo Sepulcro, por sua vez, talvez seja a passagem que mais Teodorico critica, desconstruindo a aura de santidade do lugar. Sendo o ambiente que a tia mais ansiava conhecer, enviando assim o seu sobrinho para tal comedimento, é com um comportamento debochado e impaciente que o personagem adentra o “santo lugar” dos cristãos, destacando tanto a degradação da paisagem quanto o tom de deboche e ironia típicos do personagem:

¹⁰⁰ Teodorico descreve Paulo Pote como um guia extremamente alegre, simpático e prestativo: “[...] Jesus, que alegre matalote! A alegria faiscava-lhe na pupila azul clara; a alegria cantava-lhe nos dentes incomparáveis; a alegria estremecia-lhe nas mãos buliçosas; a alegria ressoava-lhe no bater dos tacões. Desde Ascalon até aos bazares de Damasco, desde o Carmelo até aos pomares de Engadi – ele era o *alegre Pote*” (QUEIRÓS, 1951, p. 110-111, grifos do autor)

Fechei o meu guarda-chuva. Ao fundo de um adro, de lajes descoladas, erguia-se a fachada duma igreja, caduca, triste, abatida, com duas portas em arco: uma tapada já a pedregulho e cal, como supérflua; a outra timidamente, medrosamente entreaberta. E aos flancos débeis deste templo soturno, manchado de tons de ruína, colavam-se duas construções desmanteladas [...] Calcei então as minhas luvas pretas. E imediatamente, um bando voraz de homens sórdidos envolveu-nos com alarido oferecendo relíquias [...] E à porta do Sepulcro de Cristo, onde Titi me recomendara que entrasse de rastos, gemendo e rezando a coroa – tive de esmurrar um malandrão de barbas de ermita, que se dependurara da minha rabona, faminto, rábido, ganindo que lhe comprássemos boquilhas feitas de um pedaço da arca de Noé (QUEIRÓS, 1951, p.118, grifos nossos).

Além da degradação do ambiente, Teodorico tece considerações sobre o comércio de relíquias intenso que existe em qualquer lugar de peregrinação. O contraste de opinião faz-se presente, porque, enquanto a tia Patrocínio idealiza um lugar sagrado, silencioso, onde o seu sobrinho deveria prestar reverência, Teodorico banaliza o ambiente diante do que encontrou: “um bando voraz de homens sórdidos [...] oferecendo relíquias”. O seu comportamento é diferente, pois não entra orando e sim esmurrando “um malandrão de barbas de ermita” que lhe oferece “boquilhas feitas de um pedaço da arca de Noé”. A igreja também é descrita como “caduca, triste, abatida”, denunciando o aspecto envelhecido e deprimente da arquitetura local sob o olhar de Teodorico.

Não muito diferente da descrição anterior é a da Pedra do Calvário, que o personagem/narrador descreve com suas “capelas cavernosas” de “[...] rocha bruta e brava, com uma fenda alargada e polida por longos séculos de beijos e de afagos beatos” (QUEIRÓS, 1951, p. 123). Além do anticlericalismo de Teodorico Raposo está também a descrição de mais uma paisagem sombria, sem muitos atrativos para ver ou se divertir. E, num tom de revolta e desconsideração, observamos o personagem reclamar: “[...] Saí do Santo Lugar como entrara – em pecado e praguejando” (QUEIRÓS, 1951, p. 123).

A intensa movimentação de pessoas no Santo Sepulcro, o comércio de relíquias bem como a diversidade étnica e cultural de toda aquela gente, vinda das mais diferentes regiões, a exemplo dos romeiros russos, que o personagem cita, chamam a atenção do nosso viajante. O ecletismo cultural e religioso, o trânsito constante de frades, peregrinos, padres coptas, sacristães gregos e latinos, ilustram muito bem que objetivos diferentes alimentavam os ideais de cada viajante/peregrino naquele famoso lugar.

Em ensaio intitulado “De romarias, peregrinações e outras viagens”, Francisco Ferreira de Lima esclarece a diferença entre estes tipos de viagem que caracterizavam o século XVI,

circunstância histórica na qual os deslocamentos constantes para descobrir novas e “estranhas” culturas animavam os espíritos curiosos e científicos daquela época. Assim, segundo o estudioso, “a peregrinação é a viagem mais complexa e multifacetada de todas elas, porque soma nela mesma, curiosidade, técnica, religiosidade, capacidade de observar, de analisar, de comparar e de registrar o observado” (LIMA, 2018, p. 234). Mesmo passados três séculos, o termo “peregrinação” ainda possuía algumas semelhanças com aquelas problematizadas no século XVI. Por exemplo, quando se anuncia a viagem de Teodorico Raposo à Terra Santa, a sua tia Patrocínio das Neves faz questão de fazer disso um grande acontecimento, espalhando a notícia por toda a Lisboa e convidando alguns membros do clero para um jantar durante o qual, com grande prazer, daria a “grande” notícia da viagem do seu sobrinho. O próprio Teodorico Raposo sente-se lisonjeado e orgulhoso por saber que iria conhecer um lugar famoso e ao mesmo tempo distante, tendo o financiamento da sua tia, que lhe comprara roupas novas, luvas, botas, chapéus e toda a parafernália que uma longa viagem exige, além de poder hospedá-lo nos melhores hotéis do Egito. Inclusive, quando retorna para seu país de origem e é deserdado, o seu negócio de relíquias apresenta um certo prestígio, mesmo que momentâneo, porque a sua autoridade de ter ido à Terra Santa pessoalmente já o diferencia dos seus outros contemporâneos que não tiveram a mesma oportunidade. Desta forma, é como um peregrino¹⁰¹, no sentido lato do termo, que Teodorico se considera, ou seja, um viajante que faz uma longa viagem, conhece culturas diferentes, analisa costumes e volta para contar sobre as suas descobertas e experiências pelas terras do Evangelho, afinal a viagem para lugares santos envolve espaço e tempo fixos – os lugares sagrados – e fluxo – a peregrinação, ainda que a de Teodorico seja feita e descrita em chave satírica, farsesca. Nesse sentido, “as peregrinações constituem um fenômeno notável, comum à maioria das religiões, inserindo-se assim em diferentes contextos culturais” (ROSENDAHL, 1996, p. 6).

Antes dos personagens visitarem o Rio Jordão, outro ponto turístico que está no roteiro do peregrino Teodorico Raposo e tão importante para a cristandade, Topsisius faz uma digressão histórica sobre a família de Herodes, foco de pesquisa do historiador alemão, e toda a trama que envolveu o governador da Galileia com Herodíade e Salomé. A narrativa engrandece-se de fatos históricos, lendas bíblicas e tramas políticas na voz do amigo de Teodorico, já que este pouco se interessa em pesquisar sobre a história antiga daquele lugar. Dr. Topsisius ainda esclarece as causas do assassinato de S. João Batista, que envolveu diretamente a família de Herodes

¹⁰¹ Beatriz Berrini publica em 1993 na *Revista Queirosiana* um interessante ensaio em que também considera o personagem como um peregrino. Trata-se do texto “Teodorico Raposo: o peregrino, o historiador, o memorialista” (BERRINI, 1993, p. 39-59).

quando, bruscamente, rompendo com a conversação, os personagens se deparam com fios de água cristalina e nova paisagem se ergue em torno deles. Nesse momento, na voz de Teodorico Raposo, o leitor acompanha o suposto interesse do protagonista ao afirmar que “[...] avistamos ao longe, na areia fulva, uma sebe de verdura triste e da cor do bronze. Pote gritou: “o Jordão! o Jordão!” E arrebatadamente galopamos para o rio da Escritura” (QUEIRÓS, 1951, p. 139). A partir daí Teodorico, Topsius e Pote descansam em um aprazível sítio perto do rio sagrado e observamos a longa descrição que Raposo faz do lugar, destacando características positivas da natureza, mas sempre em detrimento de algum relato bíblico antigo, demonstrando mais uma vez a conexão da paisagem oriental com o passado da religião cristã, analisada nas Narrativas de viagem queirosianas:

E aí passamos as horas quentes, recostados num tapete, lânguidos, e bebendo cerveja, depois de bem esfriada nas águas do rio santo [...] Por sobre nós rumorejavam as folhas dos altos choupos da Pérsia: entre as ervas balançavam-se flores desconhecidas, das que toucavam outrora as tranças das virgens de Canaan em manhãs de vindima; e na escuridão fofa das ramagens, onde já as não vinha assustar a voz terrível de Jeová, gorjeavam pacificamente as toutinegras. Defronte elevavam-se, azuis e sem mancha, como feitas dum só bloco de pedra preciosa, as montanhas de Moabe. O Céu branco, mudo, recolhido, parecia descansar deliciosamente do duro tumulto que o agitou quando ali vivia, entre preces e mortandades, o sombrio povo de Deus: e onde constantemente batiam as asas dos Serafins, e flutuavam as roupagens dos profetas arrebatados pelo Altíssimo, era calmante ver agora passar apenas uma revoada de pombos bravos, voando para os pomares de Engaddi (QUEIRÓS, 1951, p. 140)

A citação acima, enfatiza o processo claro de intratextualidade entre a ficção e a experiência de viagem de Eça de Queirós, porque as descrições ricas de imagens, o lirismo ao descrever cada detalhe da paisagem, composta por pássaros diversos, folhas, montanhas e céu muito claro nos remetem ao que o romancista experienciou décadas atrás, sobressaindo assim a experiência de viagem do escritor. No entanto, esses episódios de raro lirismo são poucos na narrativa ficcional, pois o que prevalece de fato é o deboche diante das coisas santas vistas e analisadas por Teodorico. Isso está claro quando ele se banha nas águas do Jordão e incorpora a sua verdadeira personalidade ao afirmar que:

Obedecendo a recomendação da titi, despi-me, e banhei-me nas águas do Baptista. Ao princípio, enleado de emoção beata, pisei a areia reverentemente como se fosse o tapete dum altar-mor: e de braços cruzados, nu, com a corrente lenta a bater-me os joelhos, pensei em S. Joãzinho, sussurrei um Padre-Nosso. Depois ri, aproveitei aquela bucólica banheira entre árvores; Pote atirou-me a

minha esponja; e ensaboei-me nas águas sagradas, trauteando o fado da Adélia (QUEIRÓS, 1951, p. 140-141).

Diante do rio sagrado, era, como esperado e recomendado pela tia Patrocínio, que o seu sobrinho rezasse e meditasse seriamente diante das suas águas cristalinas. Porém Teodorico se banha nas águas não como um crente fervoroso, mas como um viajante que anseia por diversão e riso. Ao apreciar o rio, os visitantes não meditam, nem tecem teorias em torno da água batismal, mas tomam cerveja recostados num tapete macio e confortável. Assim como acontece no Santo Sepulcro, nada do que Patrocínio das Neves pede, Teodorico faz, pelo contrário, ele subverte as recomendações da titi e desrespeita os lugares considerados sagrados.

Independente das intenções do nosso personagem durante o banho nas águas do Rio Jordão, torna-se oportuno fazer uma análise breve em torno da paisagem aquática que Eric Dardel nos oferece. O simbolismo aquático, fruto da geografia mítica nos revela que “[...] em todas as religiões, a água intervém como fator de regeneração, de aumento no potencial da vida [...] possuindo o mais alto poder de “começar”, de manter todas as virtualidades, de renovar a energia vital dos seres que nela mergulham” (DARDEL, 2015, p. 50). Sendo assim, o batismo, que utiliza a água como fator de cura e renascimento é essencial para algumas religiões cristãs. Observemos que, num primeiro momento, Teodorico ainda está imbuído de um certo respeito em torno das águas do Rio Jordão, pois adentra de modo compenetrado, lembrando da educação católica que desde criança fez parte de sua vida. Ele entra devagar, reverencia as águas, ora com relativo fervor, mas, logo depois, se despoja de tudo o que o rio representa para a comunidade cristã e se revela como é: debochado, irônico e hipócrita, pois, mesmo diante de um espaço sagrado para os cristãos, enquanto se banha pensa na amante Adélia e logo depois toma cerveja em companhia de Topsisus.

A Religião e a Geografia, através da análise do espaço aquático, interpenetram-se nesse trecho da narrativa, salientando assim a conexão cultural que ambas carregam com os seus mitos, sonhos, fantasias e símbolos. Dessa maneira “[...] um centro de convergência religiosa está inserido no espaço de abrangência de uma determinada fé; o circuito de uma procissão no interior de um centro de peregrinação, por sua vez, pode ser visto como parte da vivência do espaço sagrado” (ROSENDAHL, 1996, p. 3). Observamos assim, essa convergência em várias circunstâncias da obra, quando, por exemplo, Teodorico adentra o Santo Sepulcro, se banha nas águas do Rio Jordão ou quando resolve fumar no Horto das Oliveiras. Lembramos ainda que todos esses pontos religiosos sempre estão carregados de símbolos, crenças e de pessoas das

mais diversas etnias e comportamentos, apresentando a paisagem, nas suas mais diversas formas como lugares para meditações, divagações e interpretações para qualquer viajante.

Após a passagem pelo Rio Jordão, a narrativa retoma a alguns pontos sobre a curiosidade histórica de Topsius, que estudava as ruínas de Jericó, enquanto Raposo pensava em seus antigos relacionamentos amorosos – em Lisboa, com Adélia e, recentemente, em Alexandria, com a inglesa Mary. Há também lapsos de recordações da rotina em Lisboa com referências recorrentes à tia Patrocínio, tecendo o seu terço ou indo para a missa de Sant’Ana. Rompendo bruscamente com essas digressões, Teodorico Raposo retoma para o seu lugar de visitante e peregrino das terras do Evangelho e mais uma vez a paisagem dialoga com o seu estado de espírito:

E de repente, olhando, achei-me, como perdido, num sítio de grande solidão e de grande melancolia. Era longe do regato e dos aromáticos arbustos de flor amarela; já não via as nossas tendas brancas; e diante de mim arredondava-se um ermo árido, lívido, de areia, fechado todo por penedos lisos, direitos como os muros dum poço – tão lúgubres que a luz loura da quente manhã do Oriente desmaiava ali, mortalmente, desbotada e magoada. Eu lembrava-me de gravuras, assim desoladas, onde um eremita de longas barbas medita um infólio junto de uma caveira. Mas nenhum solitário aniquilava ali a carne em heroica penitência. Somente, ao meio do fero recito, isolada, orgulhosa, com um ar de raridade e de relíquia, como se penedias se tivessem amontoado para lhe arranjar um resguardo de Sacrário – erguia-se uma árvore tão repelente, que logo me fez morrer nos lábios o resto do fado triste (QUEIRÓS, 1951, p. 143, grifo nosso).

No início do trecho acima o personagem sente-se “perdido, num sítio de grande solidão e de grande melancolia” quando, mais adiante, recorre a suas memórias livrescas sobre o lugar visitado e se lembra de “gravuras assim desoladas, onde um eremita de longas barbas medita um infólio”. Edward Said, no prefácio do *Orientalismo*, já havia sinalizado que “O Oriente era quase uma invenção europeia, e fora desde a Antiguidade um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis (SAID, 1990, p.13).” Quando observamos Teodorico Raposo fazendo alusão a um “eremita de longas barbas”, advogamos a ideia de que, provavelmente o personagem estaria vinculado aos ideais românticos de retorno ao passado, mais especificamente um passado bíblico, cristão, já que a sua “bagagem” cultural se vincula diretamente a esta temática. A paisagem árida e solitária dialoga também com a solidão do eremita que Teodorico imagina, mas que na verdade não está lá. São as ideias preconcebidas sobre o Oriente, lugar considerado “exótico”, que alimentaram a imaginação do europeu, segundo Said. No final deste monólogo vemos uma árvore ocupar a

atenção de Teodorico, “isolada”, “orgulhosa”, com um “ar de raridade e relíquia” que, de tão especial para as ideias que ele estava amadurecendo, ganha forma e se personifica.

A famosa árvore de espinhos, que o personagem fingidamente supõe das passagens bíblicas, serviu de pretexto para a lembrança daqueles santos lugares, quando resolve extrair um de seus galhos para levar a Portugal. E, pelo seu aspecto tenebroso, “repelente [...] uma árvore que segundo os autores é mesmo de arrepiar”, Teodorico dá um verniz todo especial, exagera nas descrições, faz menção às suas antigas aulas de catequese no colégio dos Isidoros e uma imagem, talvez o ponto culminante da narrativa, se faz presente nessa passagem: “E logo uma ideia sulcou-me o espírito, com um brilho de visitação celeste... Levar à titi um desses galhos, o mais penugento, o mais espinhoso, como sendo a relíquia fecunda em milagres, a que ela poderia consagrar seus ardores de devota” [...] (QUEIRÓS, 1951, p. 145).

Outra passagem significativa do romance é quando, diante da árvore, Teodorico dialoga e questiona com os seus galhos, em nítido processo de personificação: “[...] rondando então em torno à Árvore de Espinhos, interroguei-a, sombrio e rouco: “Anda, monstro, dize! És tu uma relíquia divina com poderes sobrenaturais? Ou és apenas um arbusto grotesco com um nome latino nas classificações de Lineu?” (QUEIRÓS, 1951, p. 146). Topsisius, por sua vez, seguindo a mesma linha de fingimento do seu companheiro de viagens e utilizando-se de sua autoridade intelectual, afirma sim, que é uma relíquia valiosa, histórica e que merecia ser levada para a tia Patrocínio. E foi assim, diante daquela árvore tão triste e ao mesmo tempo tenebrosa, que Teodorico arrancou um dos seus galhos para fazer a famosa coroa de espinhos, imitação grotesca daquela que Cristo usou.

Depois daquele episódio, inicia-se o terceiro capítulo do romance, já com o sonho do personagem. É o início da longa digressão, quando Teodorico Raposo incorpora vestimentas, costumes e cenários de um passado que retrocede há mil e oitocentos anos,¹⁰² na Jerusalém do tempo de Jesus. As indagações do personagem são recorrentes: “Que estranhos caminhos ia eu então trilhando? Que outros homens, dissemelhantes de mim, no falar e no traje, bebiam ali, sobre a proteção de outros deuses, o vinho em ânforas do tempo de Horácio”? (QUEIRÓS, 1951, p. 156/157). O leitor que acompanha atentamente ao sonho também observa que a paisagem vai mudando bruscamente quando o personagem, num arroubo de surpresa, exclama:

Ah! Que diferente do áspero caminho por onde tínhamos descido a Canaan, faiscante e cor de cal, através de colinas onde o tojo escasso semelhava, na irradiação da luz, um bolor de velhice e abandono! E tudo ao redor me parecia diferente também, a forma das rochas, o cheiro da terra quente, até a palpitação

¹⁰² Lembremos que o romance foi publicado no século XIX.

das estrelas... Que mudança se fizera em mim, que mudança se fizera no Universo? (QUEIRÓS, 1951, p. 155-156).

A idealização de um passado remoto e bíblico assim como foi apresentado por Eça de Queirós nas suas Narrativas sobre O Egito, A Palestina e Alta Síria continua durante o longo percurso onírico de Teodorico, uma realidade bem distante da sua contemporânea, quando “[...] sentimos o alívio de penetrar enfim numa região culta, piedosa, humana e legal. A água abundava: sobre as colinas erguiam-se fortalezas novas: pedras sagradas delimitavam os campos [...]” (QUEIRÓS, 1951, p. 158). Observemos, contudo, que, assim como Eça de Queirós possui um olhar complexo a respeito da paisagem oriental, Teodorico Raposo também, pois, ao mesmo tempo em que ele critica a paisagem, a aspereza das estradas e o abandono de tudo o que observa, em outros trechos do romance vemos a mudança brusca de percepção:

De novo galopamos. A estrada de basalto findou; e penetramos entre arvoredos, num aroma de pomares, através de abundância e frescura. Oh, que diferentes se mostravam estes caminhos, estas colinas, que eu vira dias antes, em torno à Cidade Santa, dessecadas por um vento de abstracção, e brancas, da cor das ossadas... Agora tudo era verde, regado, murmuroso, e com sombras. A mesma luz perdera o tom magoado, a cor dorida, com que eu sempre a vira, cobrindo Jerusalém: as folhas dos ramos de Abril desabrochavam num azul, moço, tenro, cheio de esperança como elas. E a cada instante se me iam os olhos longamente nesses vergéis da Escritura, que são feitos da oliveira, da figueira e da vinha, e onde crescem silvestres, e mais esplêndidos que o rei Salomão, os lírios vermelhos dos campos! Enlevado e cantarolando, eu trotava ao comprido duma sebe toda entrelaçada de rosas (QUEIRÓS, 1951, p. 160).

A partir da citação acima, observamos que Eça de Queirós idealizou e reconstruiu uma paisagem antiga pois, naquele momento de digressão, “tudo era verde, regado, murmuroso e com sombras”. A descrição da paisagem acompanha a reconstituição da Cidade Santa, quando a estrada de basalto termina para dá lugar a “arvoredos, num aroma de pomares, através de abundância e frescura”. As suas leituras preparatórias de viagem em 1869, os seus conhecimentos bíblicos e as suas pesquisas em Londres para compor *A relíquia* ficaram indeléveis na sua memória, a ponto de utilizá-las para descrever o sonho de Teodorico. Não esqueçamos ainda que a própria viagem do escritor ao local, tornou-se um mecanismo literário para o sonho do personagem, na medida em que ruínas, templos, mesquitas e todo um mundo antigo sobressai na narrativa. A digressão histórica através do sonho, nesse sentido, parece “forjar” uma idealização paisagística, daí as colinas serem descritas de forma positiva, as árvores, antes secas e infrutíferas serem agora verdosas e robustas onde “[...] um tapete viçoso,

de relva bem lisa, estendia-se em declive até a uma álea de alfazema [...] e, em redor, entre canteiros de rosas, de açucenas, orladas de mirto, resplandeciam nobres vasos de mármore coríntio, onde se enrolavam folhas de acanto [...]” (QUEIRÓS, 1951, p. 161).

Diante de tanta riqueza paisagística e de descrições minuciosas de costumes e comportamentos de um mundo muito antigo, sobressai ainda a crítica à ambição dos cônsules romanos que escravizavam e cobravam altos impostos à comunidade. Evidente que se ergue a voz do escritor Eça e não a do seu personagem Teodorico, quando, nessa passagem está a denúncia social da sociedade hipócrita e ambiciosa de tempos remotos:

Mas os largos celeiros, cobertos de colmo, os lagares, os vinhedos, diziam as riquezas feitas de duros tributos: no pátio dez escravos não bastavam a guardar os sacos de trigo, odres, carneiros marcados de vermelho, recolhidos em pagamento do dízimo nesse dia de Páscoa. Junto à estrada, com uma piedade ostentosa, caiada de fresco, reluzia, ao Sol, entre roseiras, a sepultura doméstica (QUEIRÓS, 1951, p. 162).

O anúncio da chegada a Jerusalém é pautado por uma descrição positiva da paisagem quando os nossos personagens Topsius e Teodorico Raposo deparam-se com “[...] frondosos cedros, - tão cobertos de pombas brancas voando, que eram como duas grandes macieiras, na Primavera, que um vento estivesse destoucando das flores [...] O Sol banhava-a, sumptuosamente!” (QUEIRÓS, 1951, p. 164). Observa-se que a cidade é anunciada com tons primaveris, com o sol radiante, bem diferente da visita ao Santo Sepulcro¹⁰³, quando uma chuva insistente e melancólica teimava em ocupar aquele espaço. No sonho de Teodorico, o clima bem como a paisagem natural e os monumentos religiosos que perfaziam os arredores de Jerusalém parecem ser ressignificados, muito diferente do que Eça e o seu personagem descreveram no século XIX, na medida em que “[...] o Templo, sobre os seus alicerces eternos, parecia dominar toda a Judeia, soberbo esplendor, murado de granitos polidos, armado de mármore, como a refulgente cidadela dum Deus!...” (QUEIRÓS, 1951, p. 164).

Há uma clara idealização paisagística a respeito de Jerusalém e frases de impacto como “Tu és perfeita! Quem te ama conhece a abundância!” ou “Jerusalém, que resplandecia lá em baixo, formosa, toda branca na luz...” são recorrentes durante o percurso até a chegada à cidade. Não apenas Teodorico se deixa envolver pelo esplendor de Jerusalém, mas uma caravana de pessoas das mais diferentes regiões que também ia visitar a cidade possui o mesmo

¹⁰³ Como já foi analisado neste trabalho, a visita ao Santo Sepulcro tanto por Eça de Queirós, relatada nas suas *Narrativas de viagem*, quanto por Teodorico Raposo, no romance *A relíquia*, é descrita de forma muito melancólica, tendo como pano de fundo a atmosfera pesada por nuvens aguaceiras.

comportamento. Lugares famosos são citados e enaltecidos como o túmulo de Raquel, os terraços do Templo, a torre das Fornalhas e orações fervorosas são pronunciadas diante dos lugares santos de Israel. Interessante notar que na viagem “real” de Teodorico não acontece esse estado descritivo da paisagem quando ele chega na Terra Santa, pois, como visto anteriormente, a Jerusalém do século XIX é descrita com adjetivos pejorativos, com clima sombrio, chuvoso, bem diferente daquela descrita no sonho.

Porém, quando é anunciada a morte de Jesus, nos parágrafos seguintes, o sonho ganha uma proporção histórica maior, pois o leitor irá de fato mergulhar em um mundo cheio de personagens bíblicas que passaram para a posteridade. Um detalhe muito curioso n’*A relíquia*, que já foi observado também durante as Narrativas de viagem, é que a descrição da paisagem muda conforme as circunstâncias temporais e fatuais, pois, ao noticiar a prisão de Jesus, a paisagem, antes luminosa e serena, dá espaço a uma “[...] rua da antiga Jerusalém [...] íngreme, tortuosa, poeirenta, com casas baixas e pobres de tijolo [...]” (QUEIRÓS, 1951, p. 171).

As pessoas do lugar, por sua vez, também são descritas de forma muito realista com suas vidas limitadas a nenhuma perspectiva de futuro promissor, a exemplo das “[...] crianças de ventre enorme que rolavam nuas pela poeira, roendo vorazmente cascas de abóbora crua [...] com grandes olhos ramelosos onde fervilhavam moscas [...]” ou aos “[...] uivos de cães, maldições de mendigos, amontoados juntos no escuro” [...] (QUEIRÓS, 1951, p. 172 e 173).

E a reconstituição histórica continua durante o sonho. Os personagens, por exemplo, ao visitarem a casa de Gamaliel, descrevem os costumes daquele tempo. os vestuários com suas túnicas de linho alvo e o luxo ornamental do teto de cedro. Da janela, Teodorico se deslumbra com uma paisagem aprazível, com o “ar tão doce e macio, que só o sentir a sua carícia enchia de paz o coração” (QUEIRÓS, 1951, p. 177). Jardins, pomares e vales são descritos de maneira muito terna e, ao se deparar com o Mar Morto, o personagem o descreve como “uma chapa de prata”. As montanhas de Moabe, segundo Teodorico, ultrapassam qualquer descrição superficial, são “[...] dum azul apenas mais denso que o do Céu” (QUEIRÓS, 1951, p. 177). Além da deslumbrante paisagem vista da janela, o elemento humano não foge à descrição, quando Teodorico avista uma “[...] rapariga, ligeira e delgada, com os braços nus e erguidos, chamava um bando de pombas que esvoaçavam em redor” (QUEIRÓS, 1951, p. 177).

Voltando para os bastidores da crucificação de Jesus, nos quais Teodorico e Topsius são agora personagens oculares de toda a trama, longa discussão sobre o destino do Nazareno com Gamaliel, Manassés e Osanias acontece na presença de Teodorico e Topsius, E, após esse episódio, o leitor acompanha seus personagens pela antiga Jerusalém, passando por um rico jardim de rosas, por lojas aromatizadas, por um chão “juncado de erva doce e de folhas de

anémonas” e, adiante, uma praça, com uma “poeira grossa e branca”. O destino de ambos era o Pretório, para onde haviam levado Jesus. A descrição deste lugar, como já foi sinalizado anteriormente, acompanha o episódio que antecedeu a crucificação de Jesus, agora um ambiente sombrio, deteriorado pelo tempo, com arcadas antigas e paredes enegrecidas, onde Teodorico exclama: “Entramos: e logo um terror me envolveu” (QUEIRÓS, 1951, p. 180). Após avistar Jesus e outros longos acontecimentos fazerem parte deste sonho do personagem, como a sentença da crucificação, é diante do calvário que vemos o desconforto do personagem quando afirma que: “[...] nenhuma vantagem espiritual obteria minha alma, nenhuma inesperada aquisição enriqueceria o saber de Topsius – por irmos contemplar no alto dum morro, entre urzes, Jesus atado a um madeiro e sofrendo: era apenas um tormento para a nossa sensibilidade” (QUEIRÓS, 1951, p.236). A circunstância triste conecta-se diretamente com a paisagem, dialogando através da seguinte descrição:

Antes de penetrar uma sórdida, andrajosa rua que se ia torcendo sob velhos toldos de esparto, voltei-me para o Templo: agora só via a imensa muralha de granito, com bastiões no alto, sombria e irredutível: e a arrogância da sua força e da sua eternidade encheu de cólera o meu coração. Enquanto sobre uma colina de morte, destinada aos escravos, o homem de Galileia incomparável amigo dos homens, arrefecia na sua cruz, e para sempre se apagava aquela pura voz de amor e espiritualidade – ali ficava o Templo que o matava, rutilante e triunfal, com o balar dos seus gados, o estridor dos seus sofismas, a usura sob os Pórticos, o sangue sob as Aras, a iniquidade do seu duro orgulho, a importunidade do seu perene incenso... então, com os dentes cerrados, mostrei o punho à Jeová e à sua cidadela, e bradei: - Arrasados sejais! (QUEIRÓS, 1951, p. 237).

Uma das mais significativas passagens do romance *A relíquia*, a citação acima resume, além da descrição paisagística sombria, em diálogo com a crucificação de Jesus, a crítica que o personagem faz aos homens que praticaram a injustiça de crucificar uma pessoa que só pregava o amor, a paz e a caridade. A colina de morte envolta em um véu de tristeza contrasta com a imponência do Templo, onde os valores materiais, além do orgulho de casta, estão acima da transcendência espiritual que Jesus Cristo pregou. No final da descrição, já farto de tudo, Teodorico resolve bradar contra a cidade antiga, expectadora e ao mesmo tempo protagonista das injustiças e dos crimes perpetrados pela cúpula religiosa daquele tempo. Mais adiante a paisagem aparece novamente em diálogo com os eventos tristes os quais Teodorico Raposo presenciou, no entanto, ao contrário da citação anterior, a descrição da paisagem que iremos ler é bem mais emblemática, sombria e tenebrosa, na medida em que o personagem não poupa adjetivos fortes para caracterizá-la:

Dum lado cavava-se o Vale do Hinom, abrasado e lívido, sem uma erva, sem uma sombra, juncado de ossos, de carcaças, de cinzas. E diante de nós o morro ascendia, com manchas leprosas de tojo negro, e a espaços furado por uma ponta de rocha polida e branca como um osso. O córrego, onde os nossos passos espantavam os lagartos, ia perder-se entre as ruínas dum casebre de adobe: duas amendoeiras, mais tristes que plantas crescidas na fenda dum sepulcro, erguiam ao lado a sua rama rala e sem flor, onde cantavam asperamente cigarras, desgrenhadas, com rasgões de luto nas túnicas pobres, choravam como um funeral (QUEIRÓS, 1951, p. 240).

Geograficamente o Vale do Hinom está localizado ao sul de Jerusalém. No Antigo Testamento, ficou conhecido como um lugar de castigos eternos, onde pessoas eram punidas com suplícios físicos ou, na pior das hipóteses, queimadas vivas. Com o decorrer do tempo, o lugar foi se transformando em uma espécie de aterro ou depósito de animais mortos, ou de corpos de pessoas assassinadas que não mereciam um enterro apropriado. Eça de Queirós, na voz de Teodorico Raposo, descreve o lugar de forma muito realista, destacando-o como ermo, triste e sem vida. Nesse sentido, tanto o vale quanto as suas intermediações como o morro, o córrego e suas ruínas recebem descrições altamente negativas e até as duas amendoeiras, únicas plantas citadas na descrição, apresentam-se ralas e sem flor. As figuras de linguagem também fazem parte desta descrição paisagística, enriquecendo ainda mais a atmosfera de solidão, tristeza e morte, destacando-se principalmente a personificação, quando as “cigarras, desgrenhadas, com rasgões de luto nas túnicas pobres, choravam como um funeral” (QUEIRÓS, 1951, p. 240).

Yi-Fu Tuan (2005) problematiza que os europeus, em épocas remotas, assim como os povos de outras tradições consideravam montanhas, florestas, bosques e vales como paisagens do medo, consideradas ainda tanto em seus estados psicológicos quanto também ao meio ambiente real. Nesse sentido, “as montanhas são lugares de clima turbulento. Não é surpreendente que elas, outrora, fossem consideradas como o habitat de bruxas, demônios e dragões” (TUAN, 2005, p. 127). Teodorico Raposo descreve assim o Vale do Hinom: como um lugar sombrio, repleto de carcaças e, no alto o seu morro com “manchas leprosas” o que potencializa uma paisagem extremamente assustadora que sensibiliza o olhar do leitor.

Após descrever e analisar a paisagem ao seu redor, além de entabular diálogos com personagens bíblicas e presenciar os últimos acontecimentos que marcaram a vida de Jesus, os personagens passam por uma “[...] praça rodeada de pálidos arcos, triste e fria, com erva entre as fendas das lajes dessoldadas, como numa cidade abandonada” (QUEIRÓS, 1951, p. 265), ratificando ainda mais o tom de tristeza e desolação já descritas nas passagens anteriores.

Anuncia-se assim o fim do capítulo mais longo e minucioso do romance, no qual o escritor faz emergir, através da sua talentosa narrativa, histórias antigas, que ocorreram há mais de mil e oitocentos anos. É o fim do sonho de Teodorico, quando Topsius, seu inseparável companheiro de viagens e aventuras, exclama: “– Teodorico, a noite termina, vamos partir de Jerusalém! ... A nossa jornada ao Passado acabou... A lenda inicial do cristianismo está feita, vai findar o mundo antigo!” (QUEIRÓS, 1951, p. 265).

Nessa análise sobre a percepção da paisagem vista por Teodorico Raposo observamos, inicialmente, descrições mais realistas, quando se depara com “cidades abandonadas”, “andrajosas ruas” e “capelas cavernosas” dialogando assim com a complexidade de opiniões emitidas por Eça de Queirós quando esteve no Oriente em 1869. No decorrer do percurso, porém, sabemos que o personagem, fruto de uma educação católica e carola, muda de opinião em torno da paisagem oriental quando utiliza-se do sonho para narrar a crucificação de Jesus. Nesse momento da narrativa, através da digressão histórica, o viajante retrocede no tempo para delimitar um período histórico: os primórdios do Cristianismo. Por isso expressões mais positivas, voltadas especificamente para a Jerusalém daquele tempo, como “a refulgente cidadela dum Deus”, “frondosos cedros”, “largos celeiros”, onde “tudo era verde, regado, murmuroso e com sombras”, simboliza o espírito do lugar.

Em “Paisagem literária: imanência e decadência”, Helena Buescu problematiza que a paisagem “é uma forma de evidência do lugar que está longe de se confinar a uma visão idílica de seus componentes” (BUESCU, 2012, p. 11). Para fundamentar os seus estudos sobre a paisagem, a autora atribui a natureza histórica presente em qualquer lugar, além da presença humana, capaz de interpretá-la através de uma complexidade de opiniões e circunstâncias. Desta forma “uma paisagem nunca se limita a “estar aí”. Ela constitui-se como um acontecimento que o sujeito constrói na história” (BUESCU, 2012, p. 2). Partindo do conceito destas perspectivas acerca da paisagem, elaboradas por Buescu, partilhamos da opinião que Eça de Queirós, seja através dele próprio, enquanto jovem viajante em busca de novidades no velho Oriente, ou de seu personagem, enquanto burguês, irônico e em trânsito pela Palestina buscaram interpretar a paisagem, acompanhando sempre a História daquele lugar, seja voltada para questões políticas e sociais, que interessaram tanto ao incipiente escritor, seja a História captada pelo filtro da religião, aproximando-se assim dos objetivos que motivaram a viagem de Teodorico pela Palestina. O elemento humano, também problematizado por Buescu não passou despercebido nem por Eça nem por Teodorico que, além de apreciarem e/ou criticarem a paisagem, captaram também a vivência e os costumes das pessoas do Médio Oriente.

A ambiguidade do personagem acompanha também a sua interpretação em torno do que viu e presenciou durante o percurso de viagem pela Terra Santa. Teodorico mostra-se cínico, debochado, irônico, ao mesmo tempo em que finge uma santidade que não possui. A paisagem acompanha esse percurso, pois ora mostra-se “decadente”, ora “abundante” sempre a depender das circunstâncias pelas quais o nosso personagem irá passar. Perceberemos que, desiludido e cansado da peregrinação pela Palestina, o desencanto será completo, pois a pressa para regressar e rever seu país de origem irá ocupar as últimas páginas do seu itinerário pelo Oriente.

4.2.2 “*Fica-te pocilga de Sião*”: o desencanto com a viagem

Voltando a nossa análise para o romance *A relíquia*, encontramos o personagem nos seus últimos dias de viagem, preparando-se já para o retorno a Portugal. Cansado e desiludido, Teodorico Raposo imprime tons de ironia, deboche e descrições negativas em torno da paisagem, dos costumes, do clima e de tudo o que ele vivenciou nas terras do Evangelho e, sempre rosnando ou bocejando, afirma que “[...] a graça dos vales foi-me tão fastidiosa, como a santidade das ruínas” (QUEIRÓS, 1951, p. 270), acrescentando ainda que “[...] sempre o Tédio marchou a meu lado como companheiro fiel, que a cada passo me apertava ao seu peito mole, debaixo do seu manto pardo” (QUEIRÓS, 1951, p. 270). Dos últimos acontecimentos relatados sobre a Paixão de Cristo durante o sonho, sai de cena como “S. Teodorico”, para voltar a ser o Raposão de sempre: ocidental, moderno, burguês. A cidade de Nazaré, por exemplo, é descrita como um “ramalhete pousado na pedra duma sepultura” (QUEIRÓS, 1951, p. 271) e nada parece mais satisfazer os caprichos do personagem, nem mesmo as “lindas judias, por quem se banhou de ternura o coração de Santo Antonino” (QUEIRÓS, 1951, p. 271).

Durante todo o percurso de viagem de Raposão, o leitor observa a complexidade existente em torno da interpretação da paisagem, ora idealizada, ora realista, e, muitas vezes irônica. Especificamente a paisagem bíblica da Palestina vai se apresentar para os olhos de Teodorico de acordo com os conhecimentos que adquiriu nas aulas de catequese e durante sua convivência com D. Patrocínio, através de uma rotina de rezas, jejuns e idas constantes às igrejas de Lisboa. Ao chegar a Jerusalém, no final da sua viagem, o personagem, confuso e desiludido, reflete:

Eu ia avistar Jerusalém! Mas – qual? Seria a mesma que vira um dia, resplandecendo sumptuosamente ao Sol de Nizam, com as torres formidáveis, o Templo cor de ouro e cor de neve, Acra cheia de palácios, Bezetha regada

pelas águas do Enrogel? [...] Galopei a tremer... E logo a vi, lá em baixo, junto à ravina do Cedron, sombria, atulhada de conventos e agachada nas suas muralhas caducas – como uma pobre, coberta de piolhos, que, para morrer se embrulha a um canto de farrapos do seu mantéu (QUEIRÓS, 1951, p. 273).

Teodorico, com o espírito já dominado pela desilusão, reflete sobre a Jerusalém “real e contemporânea” que encontra logo à frente: “sombria, atulhada de conventos e agachada nas suas muralhas caducas”. Ele contrapõe a sua visão de observador a uma outra Jerusalém, vista no sonho ou lembrada pelas passagens bíblicas colhidas de suas leituras como um lugar celestial, cidade iluminada e glorificada. Nesse sentido, “tudo parece levar a crer que Eça de Queirós quis reservar para o espaço do sonho as imagens positivas e amáveis de Jerusalém, como que a dizer-nos que o cristianismo [...] teria sido um sublime ideal para a humanidade, uma perfeita religião, se fosse praticável [...]” (GARCEZ, 1997, p. 378).

Bruscamente, após refletir sobre a paisagem da Jerusalém ideal com a sua contemporânea, Teodorico já se encontra no Hotel do Mediterrâneo e, despojando-se das suas antigas lembranças de um mundo antigo, adentra na civilização do mundo ocidental e burguês, ao avistar um inglês lendo o seu *Times*. Ao entrar no quarto, apalpa a sua cama fofa e abre o seu guarda-roupa de mogno, lamentando o tempo perdido nas “[...] estradas abrasadas de Samaria” (QUEIRÓS, 1951, p. 273). Outras circunstâncias fazem o personagem tomar aversão à viagem ao Oriente. É quando Topsius, maravilhado com mais uma descoberta histórica na Galileia, convida Teodorico para acompanhá-lo. Porém, num ímpeto de revolta e total descaso, responde: “Não quero! [...] Estou farto! ...Irra! E aqui lho declaro, Topsius, solenemente: de hoje em diante não torno a ver nem mais um pedregulho, nem mais um sítio de Religião... Irra! Tenho a minha dose: e forte, muito forte, doutor!” (QUEIRÓS, 1951, p. 275).

Nos últimos dias em Jerusalém, Teodorico se encarrega de arrumar as malas, organizar as relíquias e administrar os preparativos para o retorno à Lisboa. Interessante notar, na próxima citação, a oposição paisagística entre as cidades antigas da Terra Santa com o seu país natal, quando o personagem, já antevendo a sua partida, exclama:

E enchendo o cachimbo, eu sorria aos meus pensamentos. Sim! Ao outro dia deixaria essa cinzenta cidade, que lá em baixo se agachava entre os seus muros fúnebres, como viúva que não quer ser consolada... Depois uma manhã, cortando a vaga azul, avistaria a serra fresca de Sintra: as gaivotas da pátria vinham dar-me o grito de boa acolhida, esvoaçando em torno aos mastros: Lisboa pouco a pouco surgia, com as suas brancas calças, a erva nos seus telhados, indolente e doce aos meus olhos... (QUEIRÓS, 1951, p.279).

O personagem antevê o momento em que voltará para Portugal. O lugar escolhido para suas lembranças foi Sintra, considerado por muitos como paradigma de uma cidade romântica, com a sua “serra fresca”, onde nascem violetas selvagens e que possui uma abundância de flores, frutos e folhagens das mais diversas. Além de Sintra, surge também Lisboa na imaginação do personagem, descrita com as “suas brancas caliças” em contraste com a Jerusalém “cinzenta” e agachada. Lembremos ainda que, de volta ao seu país natal, Teodorico resolve compor as suas memórias de viagem e compara mais uma vez Portugal com Jerusalém. Em algumas passagens, por exemplo, o Rio Jordão é descrito como “fio de água barrento” inferior a “esse claro e suave Lima, que lá baixo banha as raízes dos meus amieiros [...]” (QUEIRÓS, 1951, p. 8). O Alentejo também se mostra superior às paisagens da Palestina quando o nosso personagem afirma que, “de resto esse país do Evangelho, que tanto fascina a humanidade sensível, é bem menos interessante que o meu seco e paterno Alentejo: nem me parece que as terras, favorecidas por uma presença Messiânica, ganhem jamais em graça ou esplendor” (QUEIRÓS, 1951, p. 6). A desconstrução de um espaço considerado sagrado para a cristandade ainda percorre as páginas d’*A relíquia*, quando Teodorico, durante as suas reflexões sobre a viagem tece o seguinte comentário:

Nunca me foi dado percorrer os Lugares Santos da Índia em que Buda viveu - arvoredos de Migadaia, outeiros de Veluvana, ou esse doce vale de Rajagria, por onde se alongavam os olhos adoráveis do Mestre perfeito (...). Também não visitei a caverna de Hira, nem os devotos areais entre Meca e Medina, que tantas vezes trilhou Maomé, o Profeta Excelente, lento e pensativo sobre o seu dromedário. Mas desde as figueiras de Betânia até às águas caladas da Galiléia, conheço bem os sítios onde habitou esse outro intermediário divino, cheio de enternecimento e de sonhos, a quem chamamos Jesus-Nosso-Senhor: e só neles achei bruteza, secura, sordidez, soledade e entulho (QUEIRÓS, 1951, p. 7)

A paisagem descrita por Teodorico revela um total desencanto pelas terras do Evangelho, pois, enquanto os Lugares Santos da Índia são descritos como “doces vales” e “devotos areais”, a perspectiva em torno de Jerusalém é totalmente contrária, afinal “bruteza, secura, sordidez, soledade e entulho” são os adjetivos que o personagem usa para classificar a cidade. Outra passagem interessante é quando a caravana dos viajantes já está na porta do Hotel Mediterrâneo, com todos os apetrechos de viagem e, montados nos animais para partirem, Teodorico olha ao seu derredor, coloca uma rosa vermelha no peito e, ao pisar pela última vez a Via-Dolorosa, enfaticamente exclama: “Fica-te, pocilga de Sião” (QUEIRÓS, 1951, p. 281), despedindo-se assim, jocosamente, do berço do Cristianismo. Durante o longo trajeto de

retorno, quando observa que o pacote que os levaria já estava atracado no Egito, mais uma vez torna-se enfático e resume a sua viagem da seguinte maneira: “Ainda bem, que estava farto do Oriente!... Irra! Que não apanhei aqui senão soalheiras, traições, sonhos medonhos e botas pelos quadris! Estava farto!” (QUEIRÓS, 1951, p. 288). O longo sonho que preenche o terceiro capítulo, com todos os detalhes de uma reconstituição histórica, com seus questionamentos inclusive sobre o que supostamente ocorreu ou não no tempo de Jesus, relativizando fatos e personagens bíblicas, e pelo qual Eça paga um alto preço, principalmente com relação ao clero conservador do seu país, é tratado depois por Teodorico como um “sonho medonho”, minimizando assim a sua experiência de viagem.

Apesar de *A relíquia* inserir-se no gênero romance, acreditamos que também o gênero “narrativa de viagem” esteja subentendido na longa aventura do personagem Teodorico Raposo. Tendo a capacidade de não apenas relatar o deslocamento físico, com todos os seus detalhes como data da partida, horários, meios de transportes, locais de hospedagem e roteiro dos pontos turísticos que seriam futuramente visitados, engloba toda uma representação simbólica, afetiva e, em algumas vezes, preconceituosa em torno do que se vivenciou em culturas múltiplas como aquelas experienciadas tanto por Eça de Queirós, quanto por seu personagem ficcional. Destaca-se ainda, como já foi relatado em seções anteriores, que uma viagem real, aquela empreendida pelo escritor em 1869, para a visita à inauguração do Canal de Suez, facilitou a composição de uma obra prima literária com todas as nuances que a Literatura reflete: ficção e realidade, através de recursos da verossimilhança presentes em ambas as narrativas; ironia, deboche, história, memória e, o mais importante: fatos bíblicos narrados sob o “manto diáfano da fantasia”, tendo a paisagem como uma das temáticas principais.

Nos últimos dias de Teodorico Raposo em Jerusalém, tornam-se constantes, quase repetitivas, as comparações paisagísticas que o personagem fez entre Portugal e a Terra Santa. A viagem, nesse sentido, tornou-se diversa em sua configuração, à medida em que não foi apenas uma viagem no sentido *lato* do termo, com seus deslocamentos por estradas, mares, rios e montanhas, mas também pela complexidade psicológica que o próprio personagem queirosiano carrega: encantado e surpreendido com algumas belezas paisagísticas de Belém, por exemplo, mas ao mesmo tempo impaciente, debochado e altamente crítico com alguns roteiros religiosos como a visita ao Santo Sepulcro. Cansado de ver ruínas, templos e coisas antigas, (num determinado momento da narrativa só encontramos Topsius motivado), Teodorico anseia por regressar para o seu país natal. Por isso as constantes comparações com o clima, a vegetação e os costumes que separam as duas regiões. Isso demonstra a riqueza do

texto literário, quando ao mesmo tempo em que está imerso na ficção, pode se alargar para outros gêneros narrativos e temáticos, nos quais vemos, especificamente em Eça de Queirós uma dupla associação - com objetivos que se aproximam e se distanciam ao mesmo tempo -, entre o escritor e o seu personagem, tendo a temática da viagem como seu *leitmotiv*:

Na narrativa de viagem, o escritor-viajante é ao mesmo tempo produtor da narrativa, objecto, por vezes privilegiado, da narrativa, organizador da narrativa e encenador da sua própria personagem. Ele é assim narrador, actor, experimentador e objecto da experiência. Ou ainda, o memorialista dos seus feitos e dos seus gestos, herói da própria história que inventa e que arranja à sua maneira, testemunha privilegiada em relação ao público sedentário (MACHADO; PAGEAUX, 1988, p. 34).

Observe-se que na citação acima está uma explicação sobre a autoria das narrativas de viagem, de um modo geral. No entanto, voltando ainda para o romance *A relíquia*, Teodorico Raposo também se faz o memorialista de suas andanças pelo Oriente, onde, por trás de toda a trama ficcional, estão as lembranças do romancista Eça de Queirós, que recriou ficcionalmente e em clave nitidamente paródica a sua viagem ocorrida anteriormente.

Quanto à paisagem, tanto nas Narrativas de viagem quanto no romance *A relíquia* existem pontos de afastamento e aproximação. Afastamento com relação à atitude mais radical e debochada do personagem Teodorico com os pontos turísticos visitados, especificamente aqueles voltados para a religião e ao rebaixamento da historiografia oficial cristã, ao narrar, por meio de sonho, a Paixão de Cristo. Vemos assim uma perspectiva com alto nível de dessacralização diante de monumentos e cidades consideradas “santas” pelas escrituras sagradas. Enquanto que em Eça de Queirós, o jovem viajante de 1869 ainda encontra-se embevecido diante da novidade proporcionada pela viagem, basta lembrarmos da atenção voltada para o Rio Nilo, por exemplo. Todavia, ambos se aproximam e compartilham opiniões comuns quando a análise do real, do elemento humano, se faz presente. Notam-se descrições de crianças famintas, idosos solitários e pobres, homens explorados pelos poderes políticos locais, presentes em ambas narrativas.

As leituras orientalistas que animaram os escritores do tempo de Eça de Queirós foram também degustadas por ele, por isso a oscilação entre o real, com suas paisagens degradantes, e o ideal – aquilo que gostaria de ver e que estavam na sua imaginação: monumentos, museus, templos e paisagens férteis como descritas pela historiografia oficial e resgatadas no sonho de Teodorico Raposo. Entretanto, a par de algumas divergências entre o romancista e a sua criatura ficcional, o que fica para o leitor são narrativas complexas, tanto com relação à

discussão de temas políticos e sociais (vistos e analisados na obra *O Egito*), quanto com relação à exposição de paisagens ricamente descritas, ora em tons míticos, que preenchem o imaginário do leitor, ora em tons poéticos, que enriquecem a narrativa, ora em tons debochados, não perdendo a verve crítica que sempre caracterizou Eça de Queirós. A viagem, nesse sentido, tanto a imaginária pela vertente ficcional do romance *A relíquia*, quanto a real, quando em 1869 o romancista pisa em solo egípcio, guarda assim a sua importância para a carreira do escritor:

O Oriente agiu sobre Eça despojando-o do que havia nele de contrário às suas próprias tendências. Os mundos antigos, os mundos aparentemente mortos, contêm esta força inexplicável de colocar o homem diante de si mesmo. Há de ter sido poderosa a repercussão em Eça desse espírito das cidades antigas que pousa suavemente sobre nós cheio de um sentido que nem sequer explicamos e todo feito de mistérios. Um sentido que aniquila o tempo e nos dá a possibilidade de viver outras vidas, muitas vidas, em outras épocas, em séculos distantes e esquecidos. A emoção de andar devagar, indiferente ao tempo; de olhar as ruas e as casas que não mudam e que não mudarão nunca; de entrar numa velha igreja, fugindo de tudo o mais – tudo isso, que só será possível nas cidades antigas, deixa marcas definitivas (LINS, 1966, p. 33).

Conhecer o Oriente, com todo o seu esplendor e miserabilidade foi decisivo para Eça, pois, conforme atestou Lins (1966), a viagem possibilita-lhe vivenciar outras vidas, outras experiências de tempos remotos. No terreno da ficção, Eça de Queirós agiu, através da sua verve satírica e ao mesmo tempo lírica, a possibilidade de buscar nos seus arquivos de memória, nos seus livros orientalistas e na sua vivência *in loco*, a possibilidade de vivenciar mais uma vez a antiga experiência através do seu personagem Teodorico. Se ainda formos mais profundos nas nossas reflexões, a viagem de Teodorico, através do mecanismo onírico, nos fez perceber que o Oriente foi descrito e imaginado em dois tempos históricos muito diferentes e recuados: o século XIX, burguês, ocidental, do Teodorico Raposo, como um viajante/peregrino em busca de novas experiências e o Oriente bíblico, religioso e decisivo para toda a cristandade: o episódio da crucificação de Jesus Cristo, vivenciado por S. Teodorico, personagem ocular de acontecimentos ocorridos há mais de mil e oitocentos anos e narrados por ele mesmo. Tudo isso em uma única obra, rica por si só de detalhes paisagísticos em diálogo com outras áreas do conhecimento como a História, a Filosofia, a Geografia, a Religião e a Sociologia. Não foram apenas descrições paisagísticas emitidas por um personagem, mas toda uma gama de elucidações e reflexões sociológicas reinterpretadas pelo seu criador, afinal, como o próprio Eça afirmou: “Esta jornada à terra do Egito e à Palestina permanecerá sempre como a glória superior da minha carreira”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa pesquisa, refleti sobre o desafio de novamente estudar as obras de Eça de Queirós, autor canônico e reconhecido, que sempre teve a sua obra analisada por inúmeros pesquisadores das mais diversas áreas. Pude comprovar, diante da sua vasta fortuna crítica, que o conjunto de contos e romances ainda se mostra presente em discussões acadêmicas, sendo foco de análises em diversos simpósios e congressos, além de ser selecionado para pesquisas de dissertações de mestrado e doutorado. Estudar as Narrativas de viagem queirosianas deu-nos um certo conforto nesse sentido. Ainda pouco conhecidas pelo grande público leitor, as suas impressões de viagem me possibilitou reconhecer a sua obra como multifacetada, dialógica, interdisciplinar e híbrida. Os seus temas não se esgotam em nenhuma pesquisa, pois, dono de estratégias narrativas sofisticadas e ao mesmo tempo com temáticas atemporais, escolher qualquer obra de Eça para fins de pesquisa é sempre válido. Oportuno destacar ainda que, se o autor d’*Os Maias* é reconhecido por ser o grande escritor realista da Literatura Portuguesa, a vereda aberta por outra perspectiva, estudar as suas Narrativas de viagem, pode nos levar a novas análises da obra queirosiana, evitando assim que o romancista seja incluído em classificações literárias limitantes.

Outro desafio que se impôs nesta pesquisa foi adentrar em uma área nova de conhecimento (pelo menos para mim, que sempre estudei Literatura em diálogo com textos críticos e teóricos voltados para a área de Letras) a da Geografia Humanista Cultural. Comecei a me familiarizar com estudos na área de Literatura e Paisagem através do primeiro simpósio sobre o tema, ocorrido no Congresso da ABRALIC em 2008¹⁰⁴ e, até o momento presente, confesso que foi uma travessia repleta de desafios mas ao mesmo tempo de satisfação, pois, ao perceber um campo propício para novas relações entre textos literários e geográficos, não pude mais parar de pesquisar, ler, analisar e refletir sobre como inserir as quatro obras queirosianas, *corpus* desta pesquisa, nos conceitos propostos pela Geografia Humanista Cultural. Após uma década de amadurecimento pude, finalmente, reler as Narrativas de viagem de Eça de Queirós tendo como apoio teórico os estudos de paisagem ressignificados pela GHC.

¹⁰⁴ Refiro-me aqui ao Simpósio “Literatura e outros saberes”, que teve em uma de suas mesas o subtema “Estudos de paisagens em literaturas de língua portuguesa”, coordenado pelas professoras Ida Maria Santos Ferreira Alves (UFF) e Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA), no qual apresentei a comunicação “Eça de Queirós e a paisagem oriental”. O XI Congresso Internacional da ABRALIC ocorreu na USP nos dias 13 a 17 de julho de 2008.

Ao abraçar novamente as obras *O Egito, A Palestina, Alta Síria e A relíquia*, já estudadas no mestrado, e aprendendo conceitos geográficos, necessário foi, nesta pesquisa, apresentar uma seção teórica que fundamentasse as minhas hipóteses nas relações entre literatura e paisagem, memória e imaginário, política e religião, sociedade e alteridade, temas que fazem parte tanto das Narrativas de viagem de Eça quanto do seu romance *A relíquia*. Foi assim que, na primeira seção da presente tese, procurei esclarecer que era sim, possível, analisar os textos queirosianos a partir do que a Geografia Humanista Cultural tem a oferecer: um diálogo entre os mais diversos campos de conhecimento, além da sedutora proposta fenomenológica de Eric Dardel (2015) de apresentar a paisagem através de análises poéticas, subjetivas e simbólicas. E Eça de Queirós, observador das paisagens orientais, soube captar e transcrever, em “rápidos rascunhos de bolso”, muitos dos costumes orientais que observou daquela viagem de 1869, acrescentando informações geográficas do Médio Oriente, como o clima, a vegetação, o solo, em uma perspectiva física e, ao mesmo tempo a paisagem, o lugar e espaço, em perspectiva humana.

Ao apresentar os principais estudiosos da Geografia Humanista Cultural e suas possíveis conexões com o texto literário, procuramos, na seção seguinte nos dedicar ao tema do Orientalismo em conexão com as narrativas de viagem do século XIX. Para tanto, nos propomos a contextualizar a expansão marítima ocorrida no s. XVI com a “descoberta” de regiões distantes dos centros europeus e como os primeiros “desbravadores” utilizaram a escrita para fins de divulgação e conhecimento, nascendo assim uma categoria literária que se popularizou nos séculos seguintes: narrativas ou relatos de viagem.

O Médio Oriente, por sua vez, um dos temas desta pesquisa, sempre foi descrito, analisado, e dominado pelos europeus, principalmente com a invasão napoleônica ocorrida no s. XVII. Edward Said (1990) sinaliza que este domínio se deu em vários campos de atuação, tanto na política, em busca da apropriação de seus territórios, quanto na literatura, quando se estabeleceu uma proposta de inferir textualmente a superioridade europeia em detrimento da inferioridade oriental. Nesse sentido, uma vasta produção bibliográfica começou a sedimentar imagens, perspectivas e preconceitos em torno daquela região, se estendendo até o s. XIX, época em que o nosso escritor Eça de Queirós esteve inserido.

Como leitor assíduo de escritores franceses que também conheceram o Egito, Eça sedimentou os seus conhecimentos sobre aquele lugar, primeiro travando contato com obras francesas como as de Gustave Flaubert e Gérard de Nerval, para depois, ao pisar em solo egípcio, tirar as suas próprias conclusões daquela visita *in loco*. Apesar de vários estudos concluírem que Eça chegou ao Oriente abastecido com leituras orientalistas e um tanto quanto

sedimentadas em estereótipos acerca do Outro, procuramos nesta vertente dialogar com outras perspectivas. É nesse sentido que está presente as nossas hipóteses em torno da relação do escritor português com a percepção da paisagem oriental: a sua demolidora crítica sobre o imperialismo, quando assistiu à inauguração do Canal de Suez; a sensibilidade aguçada ao observar a pobreza dos felás; a observação atenta e minuciosa para o elemento humano marcado por diversidade étnica e cultural; além de voltar o seu olhar para a degradação da paisagem e ao mesmo tempo para a abundância dos seus rios (a análise do Rio Nilo ocupa várias páginas das suas narrativas), nos fazem reconhecer que Eça de Queirós construiu interpretações bem complexas sobre os mais diversos assuntos que chamaram a sua atenção.

Infere-se, assim, que Eça não ficou restrito apenas ao que o imaginário europeu escreveu e catalogou sobre o Oriente, mas tirou as suas próprias conclusões quando lá esteve pessoalmente, problematizando assuntos em torno da política local, divagando sobre o seu passado de glórias milenares ou até mesmo refletindo acerca do cotidiano daquelas pessoas que viviam na movimentada cidade do Cairo ou na tranquila margem do Nilo. Assim, o romancista transita por vários pontos de vista a respeito do Oriente: às vezes, procurado como um lugar idealizado, movido por suas antigas concepções românticas em torno de lugares míticos; outras vezes, criticado por suas ruas e casebres miseráveis, reflexo de governos despóticos e ambiciosos, ou também movido por um certo entusiasmo quando se depara, por exemplo, com as vestimentas coloridas de seus habitantes e seus diversos falares. Suas impressões foram tão ricas e complexas que aqueles escritos guardados na bagagem serviram de apontamentos e reflexões para futuras produções ficcionais e jornalísticas, como foi apontado ainda na segunda seção, com a análise de alguns contos, como o “Suave milagre” e a obra ficcional *A correspondência de Fradique Mendes*.

A produção jornalística de Eça de Queirós foi densamente cultivada do início ao fim da sua carreira como escritor. Colaborador incansável de jornais portugueses e brasileiros, além de leitor assíduo dos principais veículos de informação da França e da Inglaterra, Eça fez da tarefa jornalística um verdadeiro sacerdócio. José Carlos Siqueira destaca o talento incomparável do romancista, na medida em que os seus textos jornalísticos foram “capazes de articular os diversos artigos com a dinâmica histórica e os processos sociais de sua época” (SIQUEIRA, 2007, p. 156). Especificamente voltados para a sua experiência de viagem no Oriente, destacamos dois artigos escritos por Eça que na época tiveram uma grande repercussão. Trata-se de “Os ingleses no Egito” e “De Port-Said a Suez: carta sobre a inauguração do Canal de Suez”, publicados em dois jornais de grande circulação. Sobre o assunto, Breno Góes (2019) ao fazer uma análise do artigo “Os ingleses no Egito” ressalta que, longe de configurar-se como

textos estritamente jornalísticos, com técnicas de narração típicas do gênero, aqueles redigidos por Eça foram muito além disso:

Há a alusão a um ponto de vista subjetivo (“Alexandria visitava-se à pressa, ao trote de uma tipoia, e depressa se apagava da memória”); há a aproximação entre um registro concreto (os “íbis brancos”) e um simbólico (“deuses”); há o uso de hipérboles (“mil cafés concertos” e “mil lupanares”); e há, finalmente, uma subversão das expectativas do leitor com a reviravolta súbita e misteriosa sofrida pelo cenário urbano na parte final do trecho citado (que, de “rica cidade”, se torna um “imenso montão de ruínas”) (GÓES, 2019, p. 300)

Como sinalizado na tese, “Os ingleses no Egito” foi publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, com o intuito de esclarecer aos leitores cariocas sobre o bombardeamento de Alexandria pelos ingleses, ocorrido semanas antes. Porém, para redigir a notícia, Eça de Queirós se valeu de divagações literárias, com o uso de figuras de linguagem e uma escrita subjetiva que levasse o seu leitor a desenvolver pontos de vistas mais humanizados e, ao mesmo tempo críticos, em torno do ocorrido. Nesse sentido, o romancista português afasta-se dos paradigmas técnicos dos jornais da época, que possuíam geralmente uma linguagem telegráfica e “fria”, para desenvolver uma escrita toda particular, que já se destacava daquela utilizada pelos seus contemporâneos. E é a partir dessa maneira específica de narrar, quando o escritor “*ecianiza* o que lhe passa pelos olhos” (BERRINI, 1997, p. 12, grifo da autora), que esclarecemos as especificidades da linguagem e o do conteúdo presentes nas Narrativas de viagem, ancoradas nos fundamentos da Geografia Humanista Cultural.

Atentamos para a ideia do recurso fenomenológico para a interpretação da paisagem. Quando Eça de Queirós vivencia na sua experiência de viagem o elemento humano, como a rotina dos felás¹⁰⁵ ou dos mercadores, ou a diversidade étnica daqueles povos, a paisagem que ele vislumbra está intimamente conectada ao exercício da memória, da emoção e da imaginação. Nesse viés, os sentimentos reverberados pela interpretação do viajante são os mais complexos possíveis, pois, enquanto se deslumbrava com a paisagem do Rio Nilo, por meio de uma linguagem ternamente¹⁰⁶ trabalhada, se entristecia com a falta de recursos materiais daquela população, utilizando-se assim de uma linguagem mais incisiva. Outro exemplo que podemos lembrar foi da sua chegada a Jerusalém. Enquanto esperava vislumbrar a “bem edificada” cidade, descrita pelos salmos evangélicos, o que observou foi uma cidade feia e

¹⁰⁵ Isabel Pires de Lima (1996) no ensaio “Os Orientes de Eça de Queirós” analisa de maneira mais aprofundada as impressões do escritor sobre as condições de miserabilidade dos felás.

¹⁰⁶ Lembremos aqui do conceito de topofilia desenvolvido por Yi-Fu Tuan (2012).

decadente, que mais tarde será ironizada com mais ênfase por Teodorico Raposo. Dessa forma, além da problematização da paisagem, a análise dos mais diversos perfis humanos, enredados em classes sociais bem divididas chamou a atenção do viajante. A presença do Outro, nesse sentido, potencializou a sua escrita tornando-se instrumento para suas reflexões pautadas na crítica social e de costumes, conforme sinalizaram Carlos Reis (1999) e Márcio Muniz (2020).

Na última seção desta pesquisa, interagimos com as quatro narrativas de Eça de Queirós sobre o Oriente, tendo *A relíquia* como escolha importante para concluirmos nossas ideias acerca das impressões de viagem de Eça de Queirós. Isso porque é impossível lermos esse romance sem nos reportarmos aos textos *O Egito*, *Palestina* e *Alta Síria*, lugares os quais o escritor conheceu, problematizou questões variadas, se sensibilizou e se entristeceu diante do que viu. Assim, observamos também o personagem Teodorico Raposo refazer o percurso do seu criador, escolhendo, no entanto, outras opções de interpretação. A relação entre História, Religião e Geografia prevaleceram nas nossas análises sobre *A relíquia* levando em consideração a formação católica do personagem. E é nesse sentido que surgem as características burlescas e paródicas do romance: o rebaixamento, através do anticlericalismo de Raposo, das coisas sagradas presentes na arquitetura, na paisagem e nos costumes da Palestina, além da desconstrução dos discursos bíblicos narrados pelo personagem durante o sonho da Paixão de Cristo.

Estudar mais uma vez Eça de Queirós, após uma década de amadurecimento, me fez pensar em várias possibilidades de leitura. A primeira delas é que o autor continua com a sua fortuna crítica em estado permanente de releitura; a segunda é que, independentemente do contexto no qual um artista está inserido, é sempre válido retomar a sua obra para diversos fins: estudo sob um viés crítico ou investigativo; conhecimento sobre lugares e costumes de um tempo passado, mas que pode ter reflexos no presente (levemos em consideração as ideias de Eça de Queirós sobre política, cultura e sociedade); ou apenas por fruição estética, quando a qualidade linguística e literária do artista ultrapassa dois séculos de pesquisas!

A produção de uma tese de doutorado, que envolve exigências acadêmicas como a escolha de uma fundamentação teórica que se adeque ao nosso objeto de pesquisa foi outro tema de reflexão na fase final da presente pesquisa. Concluimos que Eça de Queirós, como um escritor dono de uma profícua variedade de temas, percursos estilísticos específicos e gêneros textuais diversos, pôde ser analisado à luz de uma vertente geográfica ainda nova nas pesquisas contemporâneas: a Geografia Humanista Cultural. Isso nos mostra a potência da escrita queirosiana que se insere em diversos campos de atuação, tanto teóricos quanto analíticos, abertos para as mais diversas áreas do conhecimento. Escolher esse escopo teórico para analisar

a obra queirosiana, no início foi desafiador, mas depois, tornou-se atraente e prazeroso. Afinal, fica-nos aqui a vontade de mais uma vez nos aventurar por outros escritos de Eça tendo o tema da paisagem e da viagem como mote para novas reflexões e encaminhamentos críticos e teóricos. Quem sabe *O mandarim* não esteja nos esperando com as suas paisagens do Extremo Oriente, para que novas travessias e diálogos renovem mais uma vez a já consolidada e inesgotável fortuna crítica de Eça?

REFERÊNCIAS

ALVES, Ida. Geografias da emoção: poesia e fado em Lisboa. In: ALVES, Ida (Org.). **Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários**. Niterói: EDUFF, 2019, p. 161-175.

_____. Paisagens mediterrâneas na poesia portuguesa contemporânea: Sophia de M. B. Andresen e Nuno Júdice. In: ALVES, Ida ; FEITOSA, Márcia (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: EDUFF, 2010, p. 81-98.

ARAÚJO, Luís Manoel de. **A viagem oriental de Eça**. Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas. Lisboa, abr.-set. 2000, n. 9-10, p. 68-74.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BERRINI, Beatriz. Eça de Queiroz Jornalista. In: **Eça de Queiróz Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 3, p. 11-19.

_____. Teodorico Raposo: o peregrino, o historiador, o memorialista. **Revista Queirosiana**. Porto, 1993/94, n. 5-6, p. 39-59.

_____. Nota preliminar à Palestina e Alta Síria. In: **Eça de Queiroz Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 3, p. 1953-1954.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. 3 ed. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

BONNICI, Thomas & PEREIRA, Patrícia Ayres. Eça de Queirós e os Ingleses no Egito: na mira do Orientalismo. **Revista Estação Literária**: Londrina, PR, vol. 1, p. 66-73.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. Franca, SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BUESCU, Helena Carvalhão. Paisagem literária: imanência e transcendência. In: **Uma coisa na ordem das coisas: estudos para Ofélia Paiva Monteiro**. REIS, Carlos; BERNARDES, José Augusto e SANTANA, Maria Helena (Coord.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 194 -203.

BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**. v. 5, n. 1, p. 4-16, 2015. Acesso em dez. 2021. Disponível em <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/46341>

_____. Hogar, Campo de Movimiento y sentido del Lugar. In: **Teoria Y método em la geografia anglosajona**. Maria Dolores Garcia Ramón (org.), Barcelona, Ariel, 1985, p. 227-241.

CABETE, Susana Margarida Carvalheiro. **A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade nacional.** 2009, 737 f. Tese (Doutoramento em Literatura Comparada) Universidade Nova de Lisboa/Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, 2009.

CHACHAM, Vera. Progresso e impureza: viajantes europeus descrevem a ocidentalização de cidades muçulmanas. **Revista de Ciências Humanas.** Florianópolis: EDUFSC, n. 33, p. 25-48, abril de 2003.

_____. Encanto e desencanto da cidade oriental. **Boletim do CESP**, v. 19, n. 25, jul./dez. 1999.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2016, p. 1-28.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORREIA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 13-74.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem.** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007

COLLOT, Michel. Pensamento e paisagem. Paisagem e literatura. In: **Poética e filosofia da paisagem.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

_____. Rumo a uma geografia literária. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2º semestre, 2012.

_____. Pontos de vista sobre a percepção das Paisagens. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v.20, n.39, p.22- 31, 1990.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens urbanas. In: CORREIA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 92-122.

COUTINHO, Alexandre Montauray Baptista. Experimentar a paisagem: A Selva, de Ferreira de Castro. In: ALVES, Ida (Org.). **Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários.** Niterói: EDUFF, 2019, p. 177-189.

CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma Teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens: estudos e bibliografias.** Coimbra: Almedina, 2002, p. 13-15.

DAL GALLO, Priscila.; MARANDOLA JR. Eduardo. O pensamento heideggeriano na obra de Eric Dardel: a construção de uma ontologia da geografia como ciência existencial. **Revista da ANPEGE**, v. 11, n. 16, p. 173–200, 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6430>. Acesso em: 10 nov. 2020.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FEITOSA, Antônio Cordeiro. O conhecimento e a experiência como condição fundamental para a percepção da paisagem. In: ALVES, Ida & FEITOSA, Márcia (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: EDUFF, 2010, p. 31-42.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. **A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão**. São Luís: Café & Lápis, 2018.

_____. A expressão do lugar em Sophia de Mello Breyner Andresen: a poética do mar em Portugal. In: MARANDOLA JR., WERTHER Holzer, OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar? : geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 155-172.

_____. Literatura e geografia: relato de experiência, reflexão teórico-metodológica, aproximação entre arte e ciência. **Revista da ANPEGE**, v. 16 , n. 31, p. 150–162, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12346>. Acesso em: 16 nov. 2020.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. Lima Barreto e a paisagem na terra ‘onde tudo o que se planta dá’. In: ALVES, Ida (Org.). **Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários**. Niterói: EDUFF, 2019, p. 145-159.

FLAUBERT, Gustave. **Flaubert in Egypt**. STEEGMULLER, Francis (Org.). Londres: Penguin, 2006.

GARCEZ, Maria Helena Nery. Visões de Jerusalém. In: **Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos**. São Paulo: FFLCH/ USP, 1997, p.374-380.

GHIGNATTI, Rosana Carvalho da Silva. **Visões do Oriente em Eça de Queirós: uma análise comparatista entre os “Relatos de viagem” e A relíquia**. Dissertação de Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 2008, 138 f.

GHIGNATTI, Rosana Carvalho da Silva; MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. O jornalismo de Eça de Queirós e o Oriente. In: TOLOMEI, Cristiane Navarrete (Org). **Iniciação a Eça de Queirós**. 1 ed. São Paulo: Mentis abertas, 2022, p. 205-221.

GÓES, Breno. Raposão no divã – A relíquia lida em 1945. In: **A relíquia do mandarim**. SIQUEIRA, A. M.; SOUZA, J. C. (Orgs.). Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020, p. 143-153.

_____. Tornar presente Alexandria: metáfora, responsabilidade e julgamento em um texto de imprensa de Eça de Queirós. In: **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro, n. 42, p. 298-313, jul. – dez, 2019. Disponível em: convergencialusiada.com.br Acesso em: 10 dez. 2022.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. O “Rio” – Araguaia! Pela perspectiva da geopoética. In: ALVES, Ida & FEITOSA, Márcia (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: EDUFF, 2010, p. 139-162.

GROSSEGESSE, Orlando. Das leituras do Oriente à aventura da escrita: a propósito de *O mandarim* e *A relíquia*. In: **Eça de Queiroz Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 1, p. 767-780.

GUERRA DA CAL, Ernesto. **A relíquia**: romance picaresco e cervantesco. Lisboa: Grêmio Literário, 1971.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos impérios**. 10 ed. Tradução: Sieni Maria Campos & Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista**: sua trajetória 1950-1990. Londrina: EDUEL, 2016.

_____. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia cultural**: uma antologia, volume I. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

_____. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 141-159.

_____. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de espaço, lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**. v. 2, n. 3, p. 77-85, jul./dez. 1997. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03_6_holzer.pdf. Acesso em: 10 de out. 2020.

_____. O conceito de lugar na geografia cultural humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**. Ano V, n. 10, p. 113-123. 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/40757>. Acesso em: 15 de out. 2020.

LIMA, Francisco Ferreira de. **O outro livro das maravilhas**: a peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Rio de Janeiro: Reluma Dumará; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1998.

_____. Os atropelos do olhar: Caminha e as maravilhas de Santa Cruz. In: **Légua & meia**: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS v. 3, n. 2, 2004, p. 126-138.

_____. De romarias, peregrinações e outras viagens. In: **O real e o avesso**: o mar em Camões e Pessoa & outros temas. Salvador: Rio do Engenho; Feira de Santana: UEFS, E-Book.Br, 2018, p. 229-249.

LIMA, Isabel Pires de. Os Orientes de Eça de Queirós. **Revista do Real Gabinete Português de Leitura**. Rio de Janeiro, 1996, n. 13, p. 68-77.

LINS, Álvaro. **História literária de Eça de Queiroz**. 6 ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

MACEDO, Hélder Alexandre de. Oriente, Ocidente e ocidentalização: discutindo conceitos. **Revista da Faculdade de Seridó**, Currais Novos, RN, v. 1, p. 1-22, 2006.

MACHADO, Álvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988

MACHADO, Álvaro Manuel. **O mito do Oriente na Literatura Portuguesa**. Lisboa: ICALP, 1983.

MARANDOLA Jr. Eduardo. Prefácio à Edição Brasileira. In: **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 12-14.

_____. Prefácio: a história de uma obra. In: **A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: EDUEL, 2016, p. 7-13

_____. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Revista de Geografia**. Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009. Acesso em 17 nov. 2022. Disponível em www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br

MARANDOLA Jr. Eduardo & GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

MARANDOLA Jr. Eduardo & OLIVEIRA, Livia de. Caminhos geográficos para a literatura. In: ALVES, Ida & FEITOSA, Márcia (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: EDUFF, 2010, p. 121-138.

MARTINS, Ceila. Para uma edição de crítica textual: o caso da edição crítico-genética de *O Egito e Outros relatos* de Eça de Queirós. In: II Congresso virtual do Departamento de Literaturas Românicas. **Anais do Congresso virtual de edição de textos da Universidade de Lisboa**, 2007.

MATOS, A. Campos de (org.). **Dicionário de Eça de Queiroz**. Lisboa: Caminho, 1988.

MINÉ, Elza. **Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX**. São Paulo: Ateliê, 2000.

_____. **Eça de Queirós: jornalista**. 2 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

MOISÉS, Massaud. **Presença da literatura portuguesa: romantismo e realismo**. 9 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006, vol. 3.

_____. **A literatura portuguesa através dos textos**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

MÓNICA, Maria Filomena. **Eça: vida e obra de José Maria Eça de Queirós**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MOOG, Vianna. **Eça de Queirós e o século XIX**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

MOTA, Mauro. **Geografia Literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

MUNIZ, Márcio R. C. *A Relíquia e O Egito*: virada realista pela história. In: **A relíquia do mandarim**. SIQUEIRA, A. M.; SOUZA, J. C. (Orgs.). Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020, p. 77-91.

NASCIMENTO, Camila Maria Silva. Narrativas que traduzem as vozes da cidade. In: **A cidade nas literaturas de Língua Portuguesa**: imagética, plural, transfigurada. FEITOSA, Márcia Manir Miguel & SANTOS, Silvana Pantoja dos. (Orgs.). Teresina: Cancioneiro, 2021, p. 39-59.

NASCIMENTO, Lyslei de Souza. A construção da ficção em *A relíquia*: caricaturas e cenário. In: 150 anos com Eça de Queirós. **Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos**. São Paulo: FFLCH/USP, 1997, p. 609-612.

NERVAL, G. de. **Voyage em Orient**. Préface d'André Miguel. Paris: L'Harmattan, 1998.

OLIVEIRA, Livia de. Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. **Revista Scripta**, v. 5, n. 10, p. 234-242, 21 mar. 2002. Acesso em 17 nov. 2020. Disponível em www.periodicos.pucminas.br

_____. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., WERTHER Holzer, OLIVEIRA, Livia de. (Orgs). **Qual é o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 3-16.

OLIVEIRA, Livia de; MARANDOLA JR., Eduardo. Caminhos geográficos para a literatura. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Orgs.). **Literatura e paisagem**: perspectivas e diálogos. Niterói, RJ: EDUFF, 2010, p. 121-138.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. O Oriente como fonte de imaginação em Eça de Queirós. In: **Os centenários**: Eça, Freyre e Nobre. SCARPELLI, Marli Fantini; OLIVEIRA, Paulo Motta (Orgs.). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001, p. 239-250.

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. Riquezas rutilantes: o relato de *O Egito*, de Eça de Queirós. In: **150 anos com Eça de Queirós**. Anais do III encontro internacional de queirosianos. São Paulo: FFLCH/USP, 1997, p. 697-703.

ORIONE, Eduino José de Macedo. A dimensão paródica em *A relíquia*. In: **A relíquia do mandarim**. SIQUEIRA, A. M.; SOUZA, J. C. (Orgs.). Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020, p. 303-313.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A Geografia de Yi-Fu Tuan**: essências e permanências. 2013, 208 f. Tese (Doutorado em Geografia Física pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

PINTO, Flávia Alexandra Pereira. **Espaço e identidade**: a percepção da paisagem na produção literária de José Saramago. Dissertação de Mestrado. São Luís: UFMA, 2012.

QUEIROZ, José Maria D'Eça de. Introdução ao Egipto. In: **O Egipto**: notas de viagem. Porto: Lello & Irmão, 1926, v. 23, p. 5-20.

QUEIROZ, Eça de. **O mandarim**. Edição crítica por Beatriz Berrini. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992

QUEIROZ, Eça de. **Obra Completa**. Beatriz Berrini (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 4.

_____. **Obra completa**. Beatriz Berrini (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 3.

QUEIROZ, Eça de. **O Egipto**: notas de viagem. Porto: Lello & Irmão, 1946, v. 23.

_____. **Notas contemporâneas**. Porto: Lello & Irmão, 1951, v. 13.

_____. **Últimas páginas**. Porto: Lello & Irmão, 1952, v. 17.

_____. **A correspondência de Fradique Mendes**. Porto: Lello & Irmão, 1952, v. 9

_____. **Cartas de Inglaterra**. Porto: Lello & Irmão, 1951, v. 12.

_____. **A relíquia**. Porto: Lello & Irmão, 1946, v. 4

_____. **A cidade e as serras**. Porto: Lello & Irmão, 1950, v. 10.

REIS, Carlos. **Estudos queirosianos**: ensaios sobre Eça de Queirós e sua obra. Lisboa: Presença, 1999.

_____. **O essencial sobre Eça de Queirós**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005

REIS, Jaime Batalha. Introdução às Prosas bárbaras. In: **Prosas bárbaras**. Porto: Lello & Irmão, 1951, v. 13, p. 48-49.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** : Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

RIBEIRO, Aquilino. Camilo e Eça frente a frente. **Camões, Camilo, Eça e alguns mais**. 3. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1949. p. 224-225.

RISSO, Luciene Cristina. Paisagens e cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. **Revista Espaço e Cultura**. UERJ, n. 23, p. 67-76, jan./jun. de 2008.

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RAEGA**: o espaço geográfico em análise. n. 13, p. 19-

27, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/7670> Acesso em: 3 set. 2020.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e Religião: uma proposta. In: **Espaço e cultura**: UERJ, Ano 1, p. 45-74, 1995. Disponível em: www.e-publicações.uerj.br Acesso em: 20 set. 2022.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. 3 ed. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAID, Edward. **Cultura e resistência**. Tradução: Bárbara Duarte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. **Cultura e imperialismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Humanismo e crítica democrática**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & Cia**. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 1988.

SARAIVA, Antônio José & LOPES, Oscar. **História da literatura portuguesa**. 12 ed. Porto: Porto Editora, 1955.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SERPA, Ângelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SIMÕES, João Gaspar. **Vida e obra de Eça de Queirós**. Lisboa: Bertrand, 1973.

SIMÕES, Maria João. Viagem e inversão – a paródia satírica n' *A relíquia* de Eça de Queirós. In: **Actas do 2º Congresso da APLC**. Porto: Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 1996, p. 539-549.

SILVA, Valéria; CARRETO, Carlos. O imaginário entre a geografia e a literatura. **Revista Sapiência**: sociedade, saberes e práticas educacionais. v.9, n.1, p.219-236, 2020. Acesso em 16 nov.2022. Disponível em: www.rum.unl.pt

SOUZA, Jose Carlos Siqueira de. **Eça ensaísta**: estudo sobre o trabalho jornalístico de Eça de Queirós para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, ao final do século XIX. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://ge.ffe.usp.br/teses-e-dissertacoes> Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUZA, José de Mota; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. O espaço rural ou campestre na poética ceciliana. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, v. 4, p. 423–435, 2019.

Disponível <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/10541>. Acesso em: 16 nov. 2022.

TUAN, Yi – Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 2013.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2012.

_____. **Paisagens do medo**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005

TODOROV, Tzevetan. A viagem e seu relato. **Revista de Letras**. São Paulo: UNESP, v. 46, n. 1, p. 231-244, jan. /jun. 2006.

TUPIASSU, Amarilis. **Eça de Queirós e os desassossegos da santidade**. Belém: EDUFPA, 1992.

VANZELLI, José Carvalho. **Entre o passado e o presente: um estudo do Orientalismo Literário Português na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2020, 311 f.

_____. **Portugal e o Oriente: Antero de Quental – Camilo Castelo Branco – Eça de Queirós – Pinheiro Chagas**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2021.

VERCOUTTER, Jean. **Em busca do Egito esquecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

WRIGHT, John K., *Terrae incognitae: O lugar da imaginação na geografia*. **Geograficidade**, v.4, n.2, Inverno 2014 [originalmente publicado em 1946].